

“Um mistério envolvente sobre o sequestro de uma mulher e também a história do seu difícil retorno à vida e à liberdade – tudo isso contado por uma heroína inesquecível.”

GILLIAN FLYNN,
autora de *Na própria carne*

IDENTIDADE ROUBADA

CHEVY STEVENS





O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

CHEVY STEVENS

IDENTIDADE
ROUBADA



Título original: *Still Missing*
Copyright © 2010 por René Unischewski
Copyright da tradução © 2011 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução

José Roberto O'Shea

preparo de originais

Felipe Harrison

revisão

Hermínia Totti e Luis Américo Costa

projeto gráfico e diagramação

Ilustrarte Design e Produção Editorial

adaptação de capa

Miriam Lerner

imagem de capa

vidro: fotostock / Superstock

cabana: Jon Browning / Arcangel Images

mulher: Clayton Bastiani / Trevillion Images

geração de ePub

Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S867i

Stevens, Chevy
Identidade

roubada

[recurso

eletrônico] /

Chevy Stevens

[tradução de

José Roberto

JOSÉ ROBERTO
O'Shea]. São
Paulo:
Arqueiro, 2011.
recurso digital
Tradução de:
Still missing
Formato:
ePub
Requisitos
do sistema:
Multiplataforma
Modo de
acesso: World
Wide Web
ISBN 978-
85-8041-036-5
(recurso
eletrônico)
1. Ficção
policia

canadense. 2.
Livros
eletrônicos. I.
O'Shea, José
Roberto, 1953-.
II. Título.

11-7487

CDD: 819.13
CDU: 821.111(71)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

A V I S O

Esta obra foi postada pela equipe [iOS Books](#) em parceria com o grupo [LegiLibro](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é **totalmente condenável** em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras.

Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nossos sites:

[iOS Books](#)

[LegiLibro](#)

*Para minha mãe,
que me deu imaginação.*

PRIMEIRA SESSÃO

Sabe, doutora, esta não é a primeira vez que tento fazer terapia desde que voltei. O cara que foi recomendado pelo médico da minha família logo depois que cheguei em casa era uma figura. Ele se comportava como se não soubesse quem eu era. Que idiotice! Só alguém cego e surdo não saberia. Droga, parece que para onde me viro tem algum imbecil saindo de trás da moita com uma máquina fotográfica. Mas, antes que essa merda toda acontecesse, a maioria das pessoas nunca tinha ouvido falar de Vancouver Island, muito menos de Clayton Falls. Hoje, basta mencionar a ilha a qualquer pessoa e aposto que a primeira coisa que ela vai dizer é: “Não foi lá que aquela corretora de imóveis foi sequestrada?”

Até o consultório do cara era desestimulante: sofás de couro preto, plantas de plástico e uma mesa de metal cromado com tampo de vidro. É assim que se deixa um paciente à vontade? E todos os objetos ficavam perfeitamente alinhados sobre a mesa. Os dentes dele eram a única coisa desalinhada naquele consultório. Quer saber, só pode haver algo errado com um sujeito que tem a necessidade de alinhar tudo sobre a mesa, mas que não conserta os próprios dentes.

De saída, ele perguntou sobre minha mãe e então me pediu que pegasse lápis de cor e representasse meus sentimentos no papel. Quando eu disse que aquilo parecia gozação, ele respondeu que eu estava reprimindo minhas emoções e que precisava “abraçar o processo”. Que se danem ele e o processo. Não passei de duas sessões. Fiquei a maior parte do tempo me perguntando se devia acabar com a vida dele ou com a minha.

Por isso, só em dezembro – quatro meses após minha volta – resolvi tentar de novo essa coisa de terapia. Estava quase conformada a ficar ferrada para sempre, mas a ideia de passar o resto da vida daquele jeito... O seu texto no site é bem engraçado para uma terapeuta e seu rosto me pareceu amigável... e com dentes bonitos, por sinal. E mais, você não tem um monte de siglas – que só Deus sabe o que significam – depois do nome. Não faço questão do especialista mais conhecido do mundo. Isso é sinônimo de um ego enorme e de uma conta maior ainda. Também não me importo de dirigir uma hora e meia até aqui. A viagem me afasta de Clayton Falls, e até hoje não encontrei nenhum repórter escondido no banco traseiro do carro.

Não me leve a mal. O fato de você parecer uma avó – devia estar tricotando, não anotando o que os outros falam – não quer dizer que eu goste de estar aqui. E por que eu deveria chamá-la de Nadine? Não sei aonde quer chegar, mas tenho um palpite: ao usar seu nome, seria como se fôssemos grandes amigas, logo poderia contar coisas das quais não quero me lembrar... e muito menos falar a respeito! Desculpe, não estou lhe pagando para ser minha amiguinha, então é

melhor aceitar que eu a chame de doutora.

E, já que estamos acertando os ponteiros, vamos estabelecer algumas regras básicas antes de começarmos nossa brincadeira. Vai ter que ser do meu jeito. Isso quer dizer que você não vai perguntar nada. Nem mesmo “Como se sentiu quando blá-blá-blá...?”. Vou contar a história desde o começo e, quando quiser ouvir *sua* opinião, eu peço.

Ah! E, caso queira saber, não, nem sempre fui uma pessoa amarga.



Naquela manhã do primeiro domingo de agosto fiquei na cama até mais tarde, enquanto Emma, minha golden retriever, roncava no meu ouvido. Eram poucas as minhas horas de descanso. Naquele mês eu vinha me matando de trabalhar para ter exclusividade na venda de um condomínio à beira-mar. Nos padrões de Clayton Falls, um complexo de 100 unidades é algo fora do comum, e àquela altura a concorrência havia se reduzido a outro corretor e eu. Não sabia quem era meu concorrente, mas o construtor tinha me telefonado na sexta-feira, dizendo-se impressionado com minha apresentação e informando que a decisão final seria anunciada em poucos dias. Eu me senti tão perto do sucesso que podia até saborear o gostinho do champanhe. Na verdade, eu tinha provado champanhe uma única vez, numa festa de casamento, e acabei trocando a bebida por uma cerveja: não existe nada mais chique do que uma dama de honra bebendo cerveja no gargalo. Mas eu tinha certeza de que aquela venda me transformaria numa mulher sofisticada. Algo do tipo “da água para o vinho”. Ou, no caso, da cerveja para o champanhe.

Depois de uma semana de chuva, o sol finalmente apareceu e a temperatura subiu o bastante para eu usar meu tailleur favorito. Era amarelo-claro e feito de um tecido bem leve. Eu adorava como a tonalidade do conjunto suavizava o castanho dos meus olhos. Em geral evito saias, pois, com um pouco mais de um metro e meio de altura, eu fico parecida com uma anã. Mas algo no corte daquela saia alongava minhas pernas. Resolvi usar salto. Eu tinha acabado de aparar os cabelos, que balançavam com perfeição na altura do queixo. Depois de uma última olhadinha no espelho do hall de entrada, à procura dos fios brancos – eu havia completado apenas 32 no ano anterior, mas os desgraçados sempre chamam a atenção no meio dos fios pretos –, assobiei para mim mesma, me despedi de Emma com um beijo... tem gente que bate na madeira, eu beijo minha cadela... e sai porta afora.

O único compromisso era um plantão de vendas em que o imóvel ficaria aberto à visitação de possíveis compradores. Seria melhor tirar o dia de folga, mas os proprietários da casa estavam ansiosos por vendê-la. Era um casal alemão tranquilo, e a mulher fazia bolos de chocolate para mim. Assim, não me

importava em dedicar algumas horas à felicidade deles.

Meu namorado, Luke, ia jantar na minha casa depois que saísse do restaurante italiano do qual é dono. Na noite anterior, ele havia trabalhado até tarde, então escrevi um e-mail dizendo que esperava vê-lo na noite seguinte. De início, quis mandar um daqueles cartões que ele sempre me enviava, mas as opções eram muito infantis: coelhinhos, sapinhos ou esquinhos se beijando. Então decidi mandar um simples e-mail. Ele sabia que eu era mais de agir do que de falar, porém eu andava tão concentrada no condomínio à beira-mar que não vinha “agindo” muito com o pobre rapaz, que sem dúvida merecia mais atenção. E ele não reclamava, nem quando eu precisava cancelar um compromisso em cima da hora.

Meu celular tocou quando eu tentava enfiar a última placa de venda no portamalas do carro sem sujar a roupa. Peguei o telefone dentro da bolsa, na esperança de que fosse o construtor.

– Você está em casa?

Oi, mãe, eu vou bem, obrigada...

– Estou de saída para o plantão da corretora.

– Você ainda vai dar plantão hoje? A Val disse que não tem visto suas placas.

– Você falou com a tia Val?

A cada dois meses minha mãe tinha uma briga com a irmã e jurava “nunca mais falar com ela”.

– Primeiro, ela me convida para almoçar, como se não tivesse me ofendido na semana passada... até aí, tudo bem. Então, antes de fazermos os pedidos, ela resolve me dizer que sua prima vendeu uma casa na beira da praia. Você acredita que a Val vai pegar um avião até Vancouver amanhã só para comprar roupa com ela na rua Robson? Roupas *de marca*.

Beleza, tia Val! Eu me seguro para prender o riso.

– Sorte da Tamara... Além do mais, tudo o que ela veste cai bem – comentei.

Eu não via minha prima desde que ela havia se mudado para o continente depois de concluir o ensino médio, mas tia Val sempre nos mandava fotos por e-mail que pareciam dizer: vejam as façanhas dos meus filhos incríveis.

– Eu disse à Val que você também tem algumas roupas boas. Só que é... um pouco antiquada.

– Mãe, eu tenho *muitas* roupas boas, mas...

Resolvi ficar de boca fechada. Ela estava me provocando e, se eu mordesse a isca, ela não iria me poupar. Longe de mim querer ficar 10 minutos discutindo a roupa mais apropriada para o trabalho com uma mulher que usa salto 10 e vestido para ir até a esquina. Eu não chegaria a lugar nenhum. Minha mãe tem pouco mais de um metro e meio, só que perto dela eu me sentia ainda menor.

– Antes que eu me esqueça – emendei –, você pode deixar minha máquina de cappuccino lá em casa mais tarde?

Ela fez silêncio durante um tempo e respondeu:

– Você quer a máquina *hoje*?

– Foi por isso que eu pedi, mãe.

– É que eu *acabei* de convidar umas amigas para um café amanhã. O seu timing é perfeito, como sempre.

– Desculpe, mãe, mas o Luke vem para cá hoje e quero preparar um cappuccino no café da manhã. Pensei que vocês fossem comprar uma... Vocês não queriam só experimentar a minha?

– Nós íamos comprar, mas seu padrasto e eu estamos um pouquinho enrolados. Vou ser obrigada a telefonar para as meninas e explicar tudo.

Maravilha. Agora eu me sentia a própria chata.

– Tudo bem, eu pego a máquina na semana que vem ou qualquer outra hora.

– Obrigada, Annie querida.

Agora eu era Annie querida.

– De nada, mas ainda vou precisar dela...

Ela desligou.



Dei um suspiro e coloquei o telefone na bolsa. Quando não queria escutar o que eu tinha a dizer, minha mãe nunca me deixava completar a porcaria da frase.

No posto de gasolina da esquina, parei para comprar um café e algumas revistas. Minha mãe adora revistas de fofocas, mas eu só compro para ter o que fazer caso nenhum cliente apareça para dar uma olhada no imóvel. Uma delas trazia na capa a foto de uma mulher desaparecida. Olhei aquele rosto sorridente e pensei: era apenas uma jovem que tocava a própria vida, e agora todo mundo acha que sabe tudo sobre ela.



O plantão foi meio fraco. Acho que a maioria das pessoas estava aproveitando o dia ensolarado... o que eu também deveria ter feito. Cerca de 10 minutos antes de encerrar as atividades, comecei a arrumar minhas coisas. Quando saí para guardar alguns folhetos no porta-malas, uma van marrom nova estacionou bem atrás do meu carro. Um sujeito de uns 40 e poucos anos veio na minha direção, um sorriso nos lábios.

– Droga! Você já está indo embora. É bom para eu aprender... mas o melhor sempre fica para o final. Será que tem problema se eu der uma olhadinha rápida?

Por uma fração de segundo pensei em argumentar que não dava mais tempo. Algo me dizia para ir logo para casa, e eu ainda precisava comprar algumas

coisas no mercado, mas, enquanto não me resolvia, ele apoiou as mãos nos quadris, deu dois passos para trás e examinou a fachada.

– Que beleza!

Olhei o homem de cima a baixo. A calça cáqui estava muito bem passada, o que me agradou. Para mim, passar roupa se resume a esticar a peça dentro da secadora. Os tênis eram reluzentes de tão brancos e ele usava um boné com o emblema de um clube de golfe local. O paletó bege, de tecido leve, ostentava o mesmo emblema à altura do peito. Se era sócio do clube de golfe, então tinha dinheiro. Normalmente, plantões de venda de imóveis atraem moradores da vizinhança ou pessoas que saem para passear aos domingos. Mas, ao olhar de relance para a van marrom, vi a revista da nossa imobiliária sobre o painel. Ora bolas! Eu não morreria se ficasse mais alguns minutinhos.

Sorri e disse:

– Não tem o menor problema, é para isso que estou aqui. Meu nome é Annie O’Sullivan.

Estendi a mão e, quando ele deu um passo para me cumprimentar, tropeçou na calçada de pedras. Para não cair de joelhos, apoiou as mãos no chão, elevando o traseiro. Tentei ajudá-lo, mas ele deu um salto e ficou de pé, rindo e tirando a poeira das mãos.

– Meu Deus! Você está bem?

Os grandes olhos azuis naquele rosto tranquilo brilhavam de alegria. Quando ele ria, pequenas rugas surgiam no canto dos olhos, espalhavam-se pelas faces coradas e formavam vírgulas ao lado de um largo sorriso de dentes brancos. Fazia tempo que eu não via um riso tão franco, então não pude deixar de retribuir.

– Sei entrar em cena, não sei? Permita que me apresente: meu nome é David. – disse ele, fazendo uma mesura teatral.

– Prazer em conhecê-lo, David – respondi, com uma pequena reverência.

Ambos rimos, e ele completou:

– Fico muito grato, e prometo não tomar muito do seu tempo.

– Não se preocupe... pode olhar quanto quiser.

– É gentileza sua, mas sei que você deve estar ansiosa por ir embora e aproveitar este dia lindo. Não vou demorar.

Cara... que maravilha encontrar um comprador em potencial que trata o corretor com tamanha consideração. Geralmente, os clientes agem como se estivessem fazendo um favor.

Levei o homem para dentro e mostrei toda a casa, cujo estilo era típico da região, com pé-direito alto, paredes de cedro e uma deslumbrante vista para o mar. Atrás de mim, ele fazia comentários tão entusiasmados que eu me sentia como se também estivesse vendo a casa pela primeira vez, e me animei para destacar as qualidades do lugar.

– O anúncio diz que a casa tem dois anos, mas não menciona a construtora – disse ele.

– É uma firma local, a Construtora Corbett. A garantia ainda vale por mais alguns anos e, claro, acompanha a escritura.

– Isso é ótimo. Todo cuidado é pouco com essas construtoras. Não se pode confiar em ninguém nos dias de hoje.

– Quando foi que você disse que deseja se mudar?

– Eu não disse, mas também não tenho pressa. Quando encontrar o que estou procurando, não terei dúvida.

Olhei para trás, e ele sorriu.

– Se precisar de financiamento, tenho alguns nomes.

– Obrigada, mas pretendo comprar à vista.

As coisas estavam melhorando.

– O quintal é cercado? – perguntou. – Tenho um cachorro.

– Ah! Adoro cachorros... Qual a raça?

– Um golden retriever, com pedigree, e ele precisa de espaço para correr.

– Sei como é. Eu também tenho uma golden, que me dá um trabalhão quando não passeia. – Abri a porta de correr envidraçada para mostrar a cerca de madeira. – E qual o nome do seu cachorro?

No segundo que esperei pela resposta, percebi que ele estava muito perto de mim. Algo rígido pressionou minha região lombar.

Tentei me virar, mas ele agarrou meus cabelos e puxou minha cabeça para trás, com um gesto tão rápido e doloroso que parecia arrancar meu couro cabeludo. Meu coração ficou espremido entre as costelas, e o sangue subiu à cabeça. Eu queria que minhas pernas chutassem, corresse... que fizessem alguma coisa... mas elas não conseguiam se mexer.

– É, Annie, isto aqui é uma arma. Então, escute bem. Vou soltar seu cabelo e você vai ficar calminha, enquanto vamos até o carro. E quero ver esse sorriso bonito até chegar lá, está bem?

– Eu... eu não consigo...

Eu não consigo respirar.

– Respire fundo, Annie – disse-me ao pé do ouvido, com voz calma e pausada. Enchi os pulmões.

– Solte devagar.

Expirei lentamente.

– Mais uma vez.

A sala voltou a entrar em foco.

– Isso, menina.

Ele soltou meus cabelos.

Tudo parecia acontecer em câmera lenta. Ele me empurrou com a ponta da arma, como se atravessasse minha coluna. Obrigou-me a sair pela porta da

frente e descer os degraus da entrada, enquanto cantarolava. No momento em que caminhávamos até a van, ele sussurrou no meu ouvido:

– Fique tranquila, Annie. É só prestar atenção ao que eu disser e não teremos o menor problema. Não se esqueça de sorrir.

Enquanto nos afastávamos da casa, olhei em volta. Alguém devia estar vendo aquilo... mas nenhum sinal. Eu nunca tinha percebido a quantidade de árvores ao redor da casa, nem as duas fachadas vizinhas voltadas para a lateral.

– Que bom que o sol veio nos brindar. O dia está lindo para um passeio de carro, não acha?

Ele tem uma arma e fica falando sobre *o tempo*?

– Annie, eu fiz uma pergunta.

– Sim.

– Sim o quê, Annie?

– O dia está bom para um passeio de carro.

Parecíamos vizinhos conversando, cada um de um lado da cerca. Eu pensava: esse cara não vai conseguir fazer isso em plena luz do dia. Eu estava num plantão de venda de um imóvel... pelo amor de Deus! Há uma placa na frente da casa e um carro vai estacionar ali a qualquer momento.

Chegamos à van.

– Abra a porta, Annie.

Não me mexi. Ele pressionou a arma contra minha lombar. Abri a porta.

– Agora, entre.

A arma fez mais pressão. Entrei e ele fechou a porta.

No instante em que ele se afastou, dei um puxão na maçaneta e forcei a tranca várias vezes, mas a coisa não funcionava. Bati com o ombro na porta. *Abre! MERDA!*

Ele passou na frente do carro.

Puxei a tranca, apertei o botão de controle da janela, forcei a maçaneta. A porta do motorista se abriu e eu virei. Ele segurava uma chave de acionamento a distância.

Mostrou a chave e sorriu.



Enquanto o carro dava marcha a ré e a casa ficava cada vez menor, eu mal podia acreditar no que estava acontecendo. Aquele sujeito não era real. Nada daquilo era real. Antes de embicar na rua, ele parou rapidamente para ver se vinha algum carro. Minha placa tinha desaparecido. Olhei para a parte traseira do carro e lá estava ela, e as outras duas que eu tinha afixado no fim da rua.

De repente, me dei conta. Aquilo não era por acaso. Ele deve ter lido o anúncio e vigiado a rua.

Eu tinha sido escolhida.

– E aí, como foi o seu dia de trabalho?

Bom, até ele chegar.

Será que eu conseguiria arrancar a chave da ignição? Ou ao menos apertar o botão que destrava a porta e me atirar do carro antes que ele pudesse me agarrar? Lentamente, comecei a esticar a mão esquerda, mantendo-a abaixada...

A mão dele pesou sobre meu ombro e os dedos agarraram minha clavícula.

– Perguntei como foi seu dia, Annie. Você não costuma ser tão mal-educada.

Fixei o olhar nele.

– O dia de trabalho?

– Foi... foi fraco.

– Então você ficou feliz quando eu apareci?

Exibiu o sorriso que eu tinha achado tão franco. Enquanto ele aguardava a resposta, o sorriso começou a murchar e a pressão dos seus dedos aumentou.

– Sim, sim, foi bom ver alguém.

O sorriso voltou. Ele esfregou meu ombro no ponto onde tinha acabado de colocar a mão e em seguida apertou minha bochecha.

– Tente relaxar e curtir o sol. Você está muito estressada. – Quando voltou a olhar para a rua, segurou o volante com uma das mãos e repousou a outra sobre minha coxa. – Você vai gostar de lá.

– De lá... onde? Aonde está me levando?

Começou a cantarolar.

Pouco tempo depois, entrou numa estrada lateral e parou o carro. Eu não fazia a menor ideia de onde estávamos. Desligou o motor, virou para mim e sorriu, como se aquilo fosse um encontro amoroso.

– Agora falta pouco.

Desceu, deu a volta pela frente da van e abriu a porta do carona. Hesitei um instante. Ele pigarreou e ergueu as sobrancelhas. Saí do carro.

Passou o braço sobre meus ombros, segurando a arma com a outra mão, e caminhamos até a parte traseira do veículo.

Respirou fundo.

– Hummm... sinto o cheiro do ar. Incrível!

Tudo estava quieto, uma calma típica das tardes quentes de verão, quando é possível ouvir o zumbido de uma libélula a três metros de distância. Ao lado da van, passamos por um grande arbusto carregado de framboesas quase maduras. Comecei a chorar e a tremer tanto que mal conseguia andar. Ele baixou a mão apoiada no meu ombro e me segurou pelo antebraço. Continuamos a caminhar, mas eu não sentia minhas pernas.

Ele me soltou por um instante, enfiou a arma no cinto e abriu o porta-malas do veículo. Tentei correr, mas ele me agarrou pelos cabelos, virou-me de frente e me levantou no ar até que meus pés apenas roçassem o chão. Tentei chutar suas

pernas, mas ele era bem mais alto que eu e ficou fora do alcance dos meus pontapés. A dor era insuportável. Eu só conseguia chutar o ar e socar o braço dele. Gritei com todas as forças.

Com a mão livre, ele tapou minha boca e disse:

– Que besteira é essa, Annie?

Agarrei o braço que me erguia no ar e tentei suspender o corpo, para diminuir a pressão sobre o couro cabeludo.

– Vamos fazer mais uma tentativa. Eu vou soltar você, que vai entrar no carro e deitar de bruços.

Lentamente, ele baixou o braço até meus pés tocarem o chão. O salto de um dos meus sapatos tinha quebrado enquanto eu tentava chutá-lo. Perdi o equilíbrio e tropecei para trás. Bati os joelhos no para-choque e caí sentada dentro da van. Havia um cobertor esticado na mala do veículo. Fiquei ali parada, olhando para o homem, tremendo a ponto de bater os dentes. O sol brilhava atrás dele, obscurecendo sua fisionomia e desenhando sua silhueta.

Ele me empurrou violentamente pelos ombros, pressionou minhas costas e disse:

– Vire-se!

– Espere... a gente não pode conversar um minuto? – Ele sorriu para mim como se eu fosse um cachorrinho que roesse os cadarços dos seus sapatos. – Por que está fazendo isso? – perguntei. – Você quer dinheiro? Se voltarmos, posso pegar minha bolsa e lhe dar a senha do cartão... tenho mais de 1.000 dólares na conta. E meus cartões de crédito têm um limite alto.

Ele continuou a sorrir.

– Se nós conversarmos, sei que vamos chegar a um acordo. Eu posso...

– Não preciso do seu dinheiro, Annie. – Esticou a mão para pegar a arma. – Eu não queria usar isso, mas...

– Pare! – Estendi as mãos diante de mim. – Desculpe, não falei por mal. É que não sei o que você quer. É... é sexo? É isso que você quer?

– O que foi que eu pedi para você fazer?

– Você... me pediu que ficasse de bruços.

Ergueu uma das sobrancelhas.

– Só isso? Você só quer que eu me vire? O que vai fazer comigo se eu me virar?

– Eu já pedi duas vezes com educação.

A mão dele acariciava a arma.

Virei de bruços.

– Não entendo por que você está fazendo isso. – Minha voz falhou. Droga! Eu precisava manter a calma. – Já nos encontramos antes?

Ele se posicionou atrás de mim, com uma das mãos apoiada no meio das minhas costas, imobilizando-me.

– Desculpe se fiz alguma coisa que ofendeu você, David. Eu juro. É só falar o que eu preciso fazer para me redimir, está bem? Deve haver um jeito...

Calei a boca e fiquei escutando. Ouvi ruídos atrás de mim e percebi que ele estava fazendo alguma coisa, preparando algo. Esperei o estalo do gatilho. Meu corpo tremia de pavor. Seria minha hora? Minha vida acabaria daquele jeito: deitada de bruços na traseira de uma van? Senti a picada de uma agulha na parte posterior da coxa. Eu me contraí e tentei esticar a mão para alcançar a agulha. Um calor subiu pela minha perna.



Antes de encerrarmos esta sessão, doutora, acho que vale a pena mencionar uma coisa. Se vou embarcar no trem que não permite papo-furado, tenho que seguir até o fim da linha. Quando eu disse que estava ferrada, eu quis dizer fodida e mal paga. Tipo: tenho que dormir todas as noites dentro do closet.

Foi difícil à beça logo que voltei e fui para a casa da minha mãe, onde fiquei no meu antigo quarto. De manhã cedo eu saía do closet, para ninguém perceber. Agora que estou na minha casa, essa merda fica mais fácil, pois tenho tudo sob controle. Mas não entro num edifício se não souber onde ficam as saídas. Ainda bem que seu consultório fica no térreo. Eu não estaria aqui se esta sala ficasse numa altura de que eu não pudesse pular.

À noite... bem... à noite é pior. Não consigo confiar em ninguém. E se alguém destrancar a porta, deixar uma janela aberta? Se eu já não estivesse maluca, o fato de correr pela casa verificando tudo enquanto tento impedir que os vizinhos vejam o que estou fazendo valeria um atestado de insanidade.

Logo que voltei para casa, cheguei a pensar que seria bom conhecer pessoas que sentissem o mesmo que eu sentia... Babaca que sou, procurei um grupo de apoio. Só que não existe a associação UIMSA (Um-Imbecil-Me-Sequestrou Anônimos). E mais, o anonimato é pura conversa fiada quando a pessoa foi capa de revista, manchete de jornal e entrevistada em programas de TV. Mesmo que encontrasse um grupo, aposto que algum dos “tão compreensivos” participantes iria faturar em cima da minha desgraça assim que eu virasse as costas. Venderia minha dor a algum jornal sensacionalista e com o dinheiro embarcaria num cruzeiro ou compraria uma TV de plasma.

Nem preciso dizer que detesto falar sobre isso com estranhos, especialmente com repórteres, que sempre distorcem tudo. Mas você nem imagina quanto as revistas e os programas de TV se dispõem a pagar por uma entrevista. Eu não queria dinheiro, mas eles insistem e, droga, eu preciso. Não tenho mais condições de vender imóveis. É possível ser corretora quando você tem medo de ficar sozinha com um estranho?

Às vezes, volto ao dia do sequestro... repasso mentalmente minhas ações até os momentos finais do plantão, cena por cena, como um filme de terror que nunca

acaba, um filme em que a gente não consegue impedir que a jovem abra a porta ou entre num prédio vazio... e me lembro da capa daquela revista, na lojinha do posto de gasolina. É bizarro pensar que neste exato momento alguma mulher está olhando minha foto, achando que sabe tudo a meu respeito.

SEGUNDA SESSÃO

Quando eu estava vindo para cá hoje, uma ambulância apareceu atrás de mim, a sirene ligada... O cara devia estar a mais de 100 por hora. Quase tive um enfarte. Odeio sirenes. Quando não me matam de medo, o que não é muito difícil hoje em dia – que droga, até um chihuahua é mais controlado que eu –, elas me lembram o passado da minha família. Prefiro um enfarte.

E antes que você comece a salivar, perguntando-se o que está por trás desse meu horror a ambulâncias, supondo que em pouco tempo vai dar um jeito na minha cabeça, é melhor ficar fria. A gente só começou a cavar minha sujeira. Espero que você tenha uma pá bem grande.

Quando eu tinha 12 anos, meu pai foi buscar minha irmã Daisy no ginásio onde ela treinava patinação artística... Isso foi na fase da minha mãe com a culinária francesa, e ela estava fazendo sopa de cebola naquele dia. A maioria das minhas lembranças da infância está cercada de aromas e sabores da comida do país cuja cozinha minha mãe estava aprendendo no momento, e minha capacidade de apreciar certas comidas depende dessas lembranças. Não consigo tomar sopa de cebola... Não suporto nem o cheiro.

Naquela noite, enquanto sirenes passavam diante da nossa casa, aumentei o volume da TV para não ouvir o barulho. Mais tarde, descobri que todo aquele tumulto era por causa da Daisy e do meu pai.

No caminho de casa, meu pai parou na lojinha da esquina. Enquanto atravessavam o cruzamento, um motorista bêbado avançou o sinal vermelho e bateu neles de frente. O imbecil amassou nossa van como se fosse um lenço de papel. Passei anos me perguntando se eles ainda estariam vivos caso eu não tivesse implorado a meu pai que comprasse sorvete para sobremesa. Só consegui ir adiante porque tive certeza de que a morte deles era a pior coisa que poderia acontecer na minha vida. Puro engano.



Depois da injeção na perna e antes de perder os sentidos, tenho duas lembranças: o cobertor áspero roçando meu rosto e um suave perfume.

Ao despertar, levei um susto, pois não senti a presença da minha cadela ao meu lado. Então abri os olhos e vi uma franha branca. As minhas eram amarelas.

Eu me sentei com um movimento tão brusco que quase perdi os sentidos. Minha cabeça girava e tive vontade de vomitar. Com olhos arregalados e ouvidos atentos ao menor ruído, examinei o ambiente à minha volta. Eu estava num chalé com pouco mais de 50 metros quadrados e, da cama, era possível ver quase todo

o espaço. Ele não estava lá. Meu alívio durou apenas alguns segundos. Se não estava lá, onde estaria?

Dava para ver parte da cozinha. Na minha frente, havia uma pequena estufa e uma porta à esquerda. Achei que fosse noite, mas não tinha certeza. As duas janelas à direita da cama tinham persianas, ou então estavam cobertas com ripas de madeira. Havia duas lâmpadas acesas no teto e outra numa luminária fixada à parede ao lado da cama. Meu primeiro impulso foi correr até a cozinha e procurar uma arma. Mas o efeito da droga que ele tinha injetado ainda não havia passado. Minhas pernas pareciam uma geleia e eu me sentia grudada ao chão.

Fiquei deitada durante alguns minutos e então me arrastei e consegui ficar de pé. A maioria das gavetas e armários, inclusive a geladeira, tinha cadeado. Apoiando-me com dificuldade no balcão, vasculhei a única das gavetas que consegui abrir, mas não encontrei nada mais letal do que um pano de prato. Respirei fundo, uma ou duas vezes, e tentei encontrar algum indício que me apontasse o lugar onde eu estava.

Meu relógio tinha sido arrancado, e no chalé não havia relógio nem janela, de modo que eu nem sequer podia saber as horas. Não fazia ideia da distância que estava de casa, pois não sabia quanto tempo tinha ficado inconsciente. Minha cabeça parecia estar sendo apertada num torno. Fui até o canto no fundo do chalé, entre a cama e a parede, tentei me enfiar ali de costas e cravei os olhos no chão.



Acho que fiquei agachada durante horas. Sentia frio por todo o corpo e não conseguia parar de tremer.

Será que Luke estava chegando na minha casa, ligando para meu celular, mandando um torpedo? E se ele achasse que mais uma vez eu tinha ficado trabalhando até tarde, me esquecido de avisar e então fosse embora? Será que tinham encontrado meu carro? E se depois de várias horas ainda nem estivessem me procurando? Será que alguém havia chamado a polícia? E minha cadela? Eu pensava em Emma sozinha dentro de casa, com fome, precisando dar uma volta lá fora, chorando.

Os seriados de suspense a que assistia na TV passaram pela minha mente. O *CSI Las Vegas* era meu favorito. Grissom já teria chegado àquele chalé onde eu era mantida em cativeiro e, observando o interior e analisando um punhado de terra do lado de fora, saberia exatamente o que tinha acontecido e onde eu estava. Eu me perguntei se Clayton Falls teria uma unidade do tipo CSI. Só se via a Polícia Montada canadense na TV em desfiles militares ou em operações de repressão ao cultivo e venda de maconha.

Cada segundo que o Maníaco – assim eu o chamava em pensamento – me

deixava sozinha, eu ficava imaginando mortes cada vez mais brutais. Quem daria a notícia à minha mãe quando encontrassem meu corpo mutilado? E se meu corpo nunca fosse localizado?

Eu trazia na memória os gritos da minha mãe quando ela recebeu o telefonema com a notícia do acidente, e desde aquela época era raro vê-la sem um copo de vodca. Mas só me lembro de poucas ocasiões em que a vi completamente bêbada. Em geral, ela ficava apenas “alterada”. Minha mãe ainda é bonita, mas parece, a meu ver, um quadro cujas cores, antes vibrantes, desbotaram e se misturaram.

Lembrei o que talvez tivesse sido nossa última conversa, uma discussão sobre uma máquina de cappuccino. Por que não dei logo a droga da máquina a ela? Fiquei tão irritada... e agora eu faria tudo para ter aquele momento de volta.



Eu estava com cãibra nas pernas por ficar tanto tempo na mesma posição. Era hora de me levantar e explorar o chalé.

O lugar parecia velho, como aquelas cabanas da brigada de incêndio localizadas nas montanhas, mas tinha sido reformado. O Maníaco havia pensado em tudo. A cama não tinha molas. Dois colchões macios, de espuma, haviam sido esticados sobre uma base de madeira maciça. Um grande armário de madeira ficava à direita da cama, mas não havia chave na fechadura. Tentei forçar as portas, mas elas não se moveram. A estufa ficava atrás de uma tela fechada com cadeado. As gavetas e os armários da cozinha eram de metal, pintado para parecer madeira. Era impossível arrombá-los com pontapés.

O chalé não tinha forro nem sótão, e a porta era de aço. Tentei girar a maçaneta, mas estava trancada por fora. Tateei as bordas da porta, examinando as dobradiças, em busca de qualquer coisa que pudesse ser desmontada, mas não encontrei nada. Encostei o ouvido no chão, porém nem uma única nesga de luz penetrava por ali e, quando passei os dedos pelo piso, não senti vento, golpe de ar, nada. O isolamento térmico daquela porcaria parecia perfeito.

Quando toquei nas persianas, o som era metálico, e não vi tranca nem dobradiça. Tateei as toras de madeira à procura de sinais de decomposição, mas todas pareciam em bom estado. Abaixo do batente da janela do banheiro, encontrei um ponto de umidade. Arranquei alguns pedaços do isolamento térmico e encostei o olho no buraco, cujo diâmetro era o de um lápis. Enxerguei um borrão esverdeado e concluí que era fim de tarde. Recoloquei o isolamento, cuidando para não deixar qualquer vestígio no chão.

A princípio, o banheiro, com uma velha banheira e um vaso sanitário branco, me pareceu normal, mas logo percebi que não havia espelho e, quando tentei levantar a tampa do vaso, ela não se mexeu. Uma vara de aço sustentava uma cortina de plástico cor-de-rosa, com pequenas rosas estampadas. Dei um puxão

na vara de aço, mas ela estava bem chumbada. O banheiro tinha porta. Nada de tranca.

No meio da cozinha havia uma mesa, com duas banquetas de bar aparafusadas ao chão, uma de cada lado. Os utensílios eram de aço inoxidável, nada baratos, e pareciam novos em folha. O branco da pia esmaltada e do tampo da bancada brilhava e o ar cheirava a água sanitária.

Quando tentei acender uma das bocas do fogão, que parecia funcionar a gás, ouvi apenas um clique. Provavelmente, ele tinha fechado a tubulação. Tentei desmontar o aparelho, mas não consegui retirar as bocas, e, quando examinei o interior do forno, constatei que as prateleiras haviam sido removidas. A gaveta na base do fogão estava trancada com cadeado.

Eu não tinha como me proteger, nem como sair. Era preciso me preparar para o pior, mas eu nem sequer sabia o que o pior poderia ser.



Percebi que estava tremendo novamente. Respirei fundo algumas vezes e tentei me concentrar nos fatos. Ele não estava lá, e eu ainda estava viva. Em breve, alguém me encontraria. Fui até a pia e enfiei a cabeça embaixo da torneira para beber água. Antes de dar o primeiro gole, ouvi a chave rodar na fechadura, ou ao menos no que parecia ser a fechadura. Meu coração deu um salto quando a porta se abriu, lentamente.

Ele não estava usando o boné, e pude ver que seu cabelo era louro e ondulado. O rosto não tinha qualquer expressão. Examinei seus traços. Como pude achá-lo simpático? O lábio inferior era mais carnudo que o superior e formava um pequeno bico. No mais, eu via apenas olhos azuis e vazios e um rosto atraente, embora não fosse do tipo que chama a atenção à primeira vista, muito menos inesquecível.

No momento em que pôs os olhos em mim, o rosto inteiro se abriu num sorriso. Eu agora via um homem bem diferente. E entendi. Era o tipo de cara que sabia se fazer notar ou não.

– Que bom, você acordou! Cheguei a pensar que tinha exagerado na dose.

Com um passo saltitante, veio em minha direção. Corri até o canto oposto do chالé, ao lado da cama, e me agachei. Ele parou.

– Por que você está se escondendo aí nesse canto?

– Que merda de lugar é este?

– Eu sei que você não está se sentindo cem por cento, mas aqui não se diz palavrão. – Ele foi até a pia. – Esperei bastante pela nossa primeira refeição juntos, mas você dormiu e perdeu a hora do jantar. – Retirou do bolso um grande chaveiro, abriu um dos armários e pegou um copo. – Espero que você não esteja morrendo de fome. – Deixou a água escorrer por alguns segundos e então encheu o copo. Fechou a torneira e virou de frente para mim, dando as costas à

bancada.

– Não posso quebrar a regra da hora do jantar, mas vou ser um pouquinho flexível hoje. – Estendeu-me o copo. – Você deve estar com a boca seca.

Minha garganta estava mais áspera do que uma lixa, mas dele eu nada aceitaria. Sacudiu o copo.

– Nada como água das montanhas.

Esperou alguns segundos, com uma sobrancelha erguida, em sinal inquisitivo. Então deu de ombros e virou-se para despejar a água na pia. Enxaguou o copo, suspenhou-o no ar e deu uma leve batida com os nós dos dedos.

– Não é impressionante que isto seja plástico? As coisas nem sempre são o que parecem, não é?

Secou o copo com cuidado e recolocou-o no armário, trancando a porta. Em seguida, deu um suspiro e sentou numa das banquetas, espalmando as mãos acima da cabeça.

– Ufa! Como é bom poder relaxar, finalmente.

Relaxar? Eu gostaria de saber o que ele fazia quando queria sentir emoção.

– Como está sua perna? Dolorida por causa da agulha?

– Por que estou aqui?

– Ah! Ela fala. – Apoiou os cotovelos na mesa e cruzou os dedos sob o queixo.

– É uma excelente pergunta, Annie. Trocando em miúdos, você é uma garota de sorte.

– Não acho que ser sequestrada e drogada seja sorte.

– Você não acha possível que uma pessoa possa chegar à conclusão de que algo supostamente negativo que lhe aconteça na vida tenha sido, na verdade, algo extremamente positivo, considerando a alternativa?

– Qualquer alternativa seria melhor do que esta.

– Qualquer, Annie? Mesmo se, em vez de passar um tempo ao lado de um cara legal como eu, a alternativa fosse um acidente de carro, depois que você deixasse o plantão... digamos, que batesse no carro de uma jovem mãe, na saída de um supermercado... um acidente que resultasse na morte da família inteira? Ou talvez de apenas uma das crianças, a favorita dessa mãe?

Minha mente saltou para a cena da minha mãe soluçando e murmurando o nome de Daisy no enterro. Será que esse nojento era de Clayton Falls?

– Sem resposta?

– A comparação não é justa. Você não sabe o que poderia ter acontecido comigo.

– Pois é... aí que você se engana. Eu sei. Sei exatamente o que acontece com mulheres como você.

A coisa estava indo bem. Eu precisava fazê-lo falar. Se conseguisse descobrir seu motivo, eu poderia achar um meio de fugir.

– Mulheres como eu? Você conheceu alguém como eu antes?

– Você já deu uma olhada em volta? – Ele passou os olhos pelo chalé, com um sorriso. – Acho que ficou muito bom.

– Se alguma garota magoou você, eu sinto muito... sinto mesmo... mas não é justo que eu seja punida. Nunca fiz nada contra você.

– Você acha isto aqui uma punição? – Seus olhos se arregalaram, em sinal de surpresa.

– Não se pode sequestrar uma pessoa e levá-la para... seja lá onde for. Não se pode fazer uma coisa dessas.

Ele sorriu.

– Detesto afirmar o óbvio, mas eu fiz. Olhe, que tal eu revelar um pouco do mistério? Estamos numa montanha, num chalé escolhido a dedo para nós. Cuidei de todos os detalhes, para você ter toda a segurança.

O cara me faz vítima da porra de um sequestro e agora me fala em *segurança*.

– Demorou um pouco mais do que eu pretendia... mas, enquanto cuidava dos preparativos, pude conhecê-la melhor. O tempo foi bem utilizado, eu acho.

– Pôde me conhecer melhor... mas eu nem conheço você. David é seu nome verdadeiro?

– Você não acha David um nome legal?

Era o nome do meu pai, mas eu jamais revelaria esse fato. Tentei falar num tom sereno, agradável.

– David é um nome ótimo, mas acho que você está me confundindo com outra garota. Então, por que não me deixa ir embora... tudo bem?

Sacudiu a cabeça, devagar.

– Quem está confundindo as coisas não sou eu, Annie. Na verdade, nunca tive tanta certeza na vida.

Voltou a tirar o chaveiro do bolso, abriu o armário, pegou uma caixa rotulada “Annie” e a levou até a cama. Dentro dela havia folhetos de casas que eu tinha vendido. E até alguns dos meus anúncios classificados. Ele me mostrou um deles. Era o do plantão de vendas.

– Este é meu favorito. O número da casa coincide perfeitamente com a data em que vi você pela primeira vez.

Em seguida, me passou uma pilha de fotografias.

Eu, caminhando com Emma de manhã cedo. Eu, indo para o escritório. Eu, comprando café na lojinha da esquina. Numa delas, meu cabelo estava mais comprido. Eu nem tinha mais a blusa que estava usando naquela ocasião. Será que ele tinha entrado na minha casa e roubado aquela foto? Ele jamais teria passado por Emma: só poderia ter roubado a foto na imobiliária. Pegou novamente as fotografias, estirou-se na cama, apoiado num cotovelo, e as espalhou.

– Você é bastante fotogênica.

– Há quanto tempo você está me seguindo?

– Eu não diria *seguindo*. Observando, talvez. E não me enganei, pensando que você estaria apaixonada por mim... se é isso que está pensando.

– Tenho certeza de que você é um cara legal, mas eu tenho namorado. Peço desculpas se de alguma forma deixei você confuso, mas não sinto o mesmo que você. Quem sabe... a gente possa ser amigo...

Ele sorriu com delicadeza.

– Você está me obrigando a ser repetitivo. Não estou confuso. Sei que mulheres como você não se apaixonam por homens como eu... Mulheres como você nem me enxergam.

– Eu enxergo, mas acho que você merece alguém que...

– Alguém que o quê? Que esteja disposta a morar comigo? Talvez uma bibliotecária gorducha? É o máximo que eu posso esperar, certo?

– *Não foi isso* que eu quis dizer. Tenho certeza de que você tem muito a oferecer...

– O problema não sou eu. As mulheres gostam de dizer que querem alguém sempre ao lado delas... um amante, um amigo, um parceiro. Mas, depois que conseguem, jogam tudo fora pelo primeiro sujeito que as trata como lixo. Ah, e não importa o que o cara fizer, elas continuam correndo atrás dele.

– Algumas mulheres são assim, mas muitas não. Meu namorado é meu parceiro e eu amo muito ele.

– O Luke? – As sobrancelhas dele se ergueram. – Você acha que *o Luke* é seu parceiro? – Deu uma risadinha e balançou a cabeça. – Ele seria descartado assim que um homem de verdade aparecesse. Você já estava ficando meio entediada.

– Como sabe o nome do Luke? E por que está falando no passado? Você fez alguma coisa com ele?

– Está tudo bem com o Luke. O que ele está passando agora não se compara ao que você faria ele passar. Você não respeitava seu namorado. A culpa não é sua... você poderia ter arrumado coisa muito melhor. – Ele riu. – Ah, sim, você acaba de arrumar...

– Olha, eu respeito você, sei que é um cara especial, que não está fazendo isso de propósito, e, se me deixar ir embora, nós...

– Por favor, não me venha com condescendências, Annie.

– Então, o que você quer? Você ainda não me disse por que estou aqui.

Ele começou a cantarolar.

– O teeeemmpo está do *meu* lado. – E em seguida cantou os primeiros versos da música dos Rolling Stones.

– Você quer ganhar tempo? Ganhar tempo comigo? Tempo para conversar?

Tempo para me estuprar, tempo para me matar?

Ele apenas sorriu.

Quando uma abordagem não funciona, é preciso tentar outra. Eu me levantei,

sai da segurança do meu canto e fiquei de pé diante dele.

– Escute, David... ou seja qual for seu nome... você precisa me deixar ir embora.

Ele passou as pernas pela lateral da cama e sentou de frente para mim. Abaixei a cabeça e me aproximei do rosto dele.

– As pessoas vão começar a me procurar... muita gente. Vai ser mil vezes melhor você me deixar ir embora logo. – Apontei o dedo para ele. – Não quero fazer parte da sua brincadeirinha doentia. Isso é *loucura*. Você precisa entender...

A mão dele agarrou meu rosto com tanta força que meus dentes pareciam ter sido triturados. Centímetro por centímetro, ele me puxou. Perdi o equilíbrio e quase caí no colo do meu sequestrador. O único ponto de apoio era a mão no meu maxilar.

Com a voz trêmula de raiva, ele disse:

– Nunca mais fale comigo desse jeito, entendeu? – Puxou meu rosto para cima e para baixo, apertando cada vez que fazia força para baixo. Meu maxilar parecia prestes a se desfazer.

Então me soltou.

– Olhe à sua volta... você acha que foi fácil montar tudo isto? Acha que estalei os dedos e tudo apareceu?

Agarrando a parte da frente do meu blazer, ele me puxou e me deitou na cama. As veias da testa dele estavam inchadas e o rosto, vermelho. Deitado em cima de mim, ele voltou a apertar meu maxilar com força. Os olhos, injetados, me encaravam. Aqueles olhos seriam minha última visão antes de morrer. Tudo estava ficando preto.

Então toda a raiva desapareceu daquele rosto. Ele me soltou e beijou meu maxilar, no ponto onde segundos antes os dedos estavam cravados.

– Por que me obrigou a fazer uma coisa dessas? Estou tentando, Annie. Estou mesmo, mas minha paciência tem limite. – Acariciou meus cabelos e sorriu.

Fiquei deitada em silêncio.

Saiu da cama. Ouvi barulho de água correndo no banheiro. Cercada por minhas fotos, fixei os olhos no teto. Meu maxilar latejava. Lágrimas escorriam do canto dos meus olhos, mas nem me dei ao trabalho de enxugá-las.

TERCEIRA SESSÃO

Vi que você não tem muita bugiganga de Natal, só a guirlanda na porta. Isso é bom, considerando que, segundo dizem, as festas de fim de ano têm os maiores índices de suicídio e que os seus pacientes já estão provavelmente à beira do abismo.

Que droga! Se existe alguém capaz de entender por que tanta gente entra em parafuso nesta época do ano, esse alguém sou eu. Quando eu era criança, o Natal era uma porcaria. Não era fácil ver meus amigos ganharem um monte de coisas que eu só podia olhar nas vitrines das lojas ou nas páginas dos catálogos. Bem, o Natal anterior ao meu sequestro? Foi bem legal. Gastei uma nota com enfeites espalhafatosos e luzes. Claro que não consegui escolher um tema específico, e por isso, quando acabei a decoração, cada cômodo da casa parecia um carro alegórico num desfile de Natal cafona.

Luke e eu fizemos longas caminhadas, travamos uma guerra de bolas de neve, penduramos linha com pipoca e amora na árvore, bebemos chocolate quente com rum e, alegrinhos e desafinados, cantamos músicas natalinas. Parecia a merda de um espetáculo de TV.

Este ano, estou pouco me lixando para as festas. Aliás, atualmente não estou nem aí para quase tudo. Quando fui ao banheiro antes da nossa sessão de hoje, olhei minha cara no espelho. Antes de essa droga toda acontecer, eu não podia passar na frente de uma vitrine sem olhar meu reflexo. Agora, quando me olho no espelho, vejo uma estranha. Os olhos da mulher que vejo parecem feitos de lama seca e o cabelo despenca nos ombros, sem vida. Preciso ir ao cabeleireiro, mas só em pensar nisso já fico exausta.

Pior ainda... virei *uma delas*... uma daquelas pessoas que vivem se lamentando, depressivas, que não têm a menor dificuldade em contar para você que vivem na maior merda. Num tom de voz que deixa nítido que elas estão na pior. Que droga! Deve ser o mesmo tom de voz em que estou falando agora. Quero dizer que as lojas estão lindas e que nesta época do ano as pessoas ficam mais amáveis. Tudo isso é verdade, mas só consigo usar palavras negativas.

Ter dormido dentro do closet na noite passada não melhora minha atitude, nem as olheiras. Comecei a noite na cama, mas rolei tanto de um lado para outro que a cama parecia uma zona de guerra. E não me senti segura. Então me arrastei até o closet e me enrolei no tapete, enquanto a Emma se deitava do outro lado da porta. A pobre cadela pensa que está tomando conta de mim.



Quando saiu do banheiro, o Maníaco apontou o dedo na minha direção, sorriu e

disse:

– Eu nunca perco os horários.

Cantarolando uma melodia – eu não saberia lhe dizer que melodia era, mas, se ouvir aquilo de novo, ponho os bofes para fora –, ele me puxou da cama, me rodopiou e me fez sentar no joelho dele. Primeiro, o cara parece que vai quebrar meu queixo, depois, age como se fosse Fred Astaire. Com uma risada, ele me pôs de pé novamente e me conduziu até o banheiro.

Velas estavam acesas sobre a bancada e o ar tinha cheiro de cera derretida e flores. Havia uma nuvem de vapor sobre a banheira e pétalas de rosas boiavam na superfície da água.

– É hora de tirar a roupa.

– Eu não quero.

As palavras saíram com um sussurro.

– Está *na hora*.

Ele me encarou com vontade.

Eu tirei.

Ele dobrou a roupa e levou para fora do banheiro. Meu rosto queimava. Um braço sobre os seios, outro sobre a virilha. Ele afastou meus braços e fez sinal para que eu entrasse na banheira. Quando hesitei, seu rosto ficou vermelho e ele deu um passo à frente.

Entrei na banheira.

Com o chaveiro, ele abriu um dos armários e pegou uma navalha.

Suspendeu minha perna direita, apoiou meu calcanhar na borda da banheira e lentamente passou a mão pela minha canela e pela minha coxa. Foi a primeira vez que prestei atenção nas mãos dele. Não tinham um pelo sequer e as pontas dos dedos eram lisas, como se tivessem sido queimadas. Um pavor percorreu meu corpo. Que tipo de pessoa queima a ponta dos próprios dedos?

Eu não conseguia tirar os olhos da navalha, vendo aquilo se aproximar da minha perna. Eu nem conseguia gritar.

– Suas pernas são tão fortes... como as de uma bailarina. Minha mãe era bailarina. – Virou-se para mim, mas eu encarava a lâmina. – Annie, estou falando com... – Então se abaixou. – Está com medo da navalha?

Fiz que sim, com um sinal da cabeça.

Suspendeu a navalha, deixando que a luz refletisse nela.

– As novas não cortam muito rente. – Em seguida, deu de ombros e sorriu. Depois, inclinou-se e começou a raspar minha canela. – Se você se abrir a esta experiência, vai descobrir muita coisa a seu respeito. Saber que alguém tem o poder total sobre sua vida pode ser a mais erótica das experiências. – Ele me olhou fixamente. – Mas você já sabe como a morte pode ser libertadora, não sabe, Annie? – Quando não respondi, ele correu os olhos entre mim e a navalha.

– Não... não sei... como assim?

– É claro que você se lembra do que aconteceu com a Daisy.

Olhei para ele sem vacilar.

– Quantos anos você tinha mesmo? Doze, não era? E ela, 16? Perder um ente querido assim tão cedo... – Ele sacudiu a cabeça. – Coisas desse tipo podem fazer uma pessoa mudar totalmente.

– Como é que você sabe da Daisy?

– Já seu pai morreu a caminho do hospital, não foi? E a Daisy, como foi mesmo que ela morreu? – Ele sabia. O filho da mãe sabia.

Eu fiquei sabendo no enterro, quando ouvi minha tia explicar a alguém por que minha mãe não quis que o caixão da filha ficasse aberto. Durante meses, minha irmã me aparecia em sonhos, o rosto sangrando, implorando minha ajuda. Durante meses, acordei gritando.

– Por que está fazendo isso? – perguntei.

– Raspando suas pernas? Você não acha isso relaxante?

– Não estou falando das pernas.

– Ah, a Daisy? É bom falar nessas coisas, Annie.

Mais uma onda “isso não pode estar acontecendo” atravessou meu corpo. Não é possível que eu esteja numa banheira de água morna, com um maluco raspando minhas pernas e dizendo que preciso falar sobre meus sentimentos. Em que mundo uma merda dessas pode acontecer?

– Levante-se e apoie o pé na lateral da banheira, Annie.

– Desculpe, vamos conversar um pouco mais. *Por favor*, não me obrigue a fazer isso...

O rosto dele ficou inexpressivo. Eu tinha visto aquele olhar antes.

Eu me levantei e pus o pé na borda da banheira.

Tremendo no ar frio, vi que um vapor com perfume de rosas exalava do meu corpo. Detesto cheiro de rosa, sempre detestei. Mas e o Maníaco?

Começou a cantarolar.

Eu queria empurrá-lo. Dar uma joelhada na cara dele. Mas meus olhos não desgrudavam da lâmina reluzente. Ele não estava me machucando. Apenas cravava as unhas com força nas minhas nádegas para me posicionar. Mas o pavor era imenso, uma pressão tremenda me rasgava o peito.

Anos antes eu tinha ido a um médico, um sujeito de idade avançada, com quem eu só havia me consultado uma vez. Quando voltei ao consultório dele, tive que fazer um exame de Papanicolau, e eu ainda me lembrava de ter ficado deitada, de barriga para cima, e o sujeito com a cara enfiada entre minhas pernas. O médico era piloto de fim de semana e tinha fotos de avião espalhadas por todo o ambiente. Enquanto enfiava dentro de mim um instrumento frio, ele disse: “Pense em aviões.” E foi o que fiz enquanto o Maníaco me raspava. Pensei em aviões.

Depois que me enxaguou, ele me ajudou a sair da banheira e me secou

delicadamente. Então, abriu o armário, tirou um grande frasco de hidratante e começou a passar o creme no meu corpo.

– Gostoso, não?

Minha pele ficou rija. As mãos dele percorriam meu corpo, deslizando, esfregando o creme.

– Por favor, pare. *Por favor...*

– Ora! Por que eu faria uma coisa dessas? – perguntou ele sorrindo. Não estava com pressa, e não deixou de cobrir nenhuma parte do meu corpo.

Quando acabou, ele me deixou ali, de pé sobre um ridículo tapete felpudo rosa, parecendo uma porca untada e com aquele maldito cheiro de rosa. Não esperei muito até que ele voltasse com algumas roupas.

Ele me fez vestir uma calcinha branca, apertada... não era fio dental nem tanga, era uma calcinha comum... e um sutiã meia taça, que fazia conjunto com a parte de baixo. Deu um passo atrás, me olhou de cima a baixo e bateu palmas, parabenizando a si próprio pelo trabalho benfeito. Em seguida, entregou-me um vestido... uma peça branca, nova, algo de que provavelmente eu teria gostado numa vida anterior. Que droga! Era um vestido bonito e parecia caro. Lembrava aquele famoso da Marilyn Monroe, porém menos sensual, a versão para uma menina bem-comportada.

– Dê uma voltinha.

Como não me mexi, ele ergueu uma sobrancelha e fez um gesto circular com o dedo.

O vestido flutuava ao meu redor enquanto eu girava. Ele fez um sinal de aprovação com a cabeça e levantou a mão, indicando que eu parasse.

Quando me conduziu para fora do banheiro, vi que havia guardado todas as minhas fotos e que a caixa tinha desaparecido. À meia-luz, velas espalhadas pelo chão, lá estava ela, enorme: a cama. Pronta... à espera.



Eu precisava descobrir um jeito de manipulá-lo. De ganhar tempo até que alguém me achasse. Alguém iria me achar.

– Se esperarmos até nos conhecermos melhor – falei –, vai ser mais especial.

– Relaxe, Annie, não precisa ter medo.

Ele parecia um senhor de respeito, dizendo que o dia está perfeito para matar toda a vizinhança.

Virou-me de costas e começou a abrir o zíper do vestido. Desatei a chorar. Nada de soluços, apenas um ganido idiota. Enquanto despiam minhas costas, ele beijava meu pescoço. Fiquei trêmula. Ele riu.

Deixou meu vestido cair no chão. No momento em que abriu o fecho do meu sutiã, tentei me afastar, mas ele me segurou, enlaçando meu abdômen. Esticou a

outra mão e me abraçou, alcançando meu seio. As lágrimas encharcavam meu rosto. Quando uma delas escorreu sobre sua mão, ele me virou de frente.

Levou a mão aos lábios e cobriu o ponto úmido com a boca. Ficou assim por um instante.

– Salgada – disse sorrindo.

– Pare. Por favor, pare com isso. Estou com medo.

Virou-me novamente e me fez sentar na lateral da cama. Em momento algum me olhou nos olhos... olhou apenas para meu corpo. Uma gota de suor escorreu pelo rosto dele e pingou na minha coxa. Minha pele queimou, eu quis desesperadamente enxugá-la, mas tinha medo de me mexer. Ele ajoelhou no chão e começou a me beijar.

Tinha um gosto rançoso de café velho.

Eu me contorcei e tentei me afastar, mas ele pressionou os lábios contra os meus, cada vez com mais força.

Finalmente, deixou minha boca em paz. Agradecida, enchi os pulmões de ar, que ficou preso na minha garganta, pois ele havia se levantado e começava a tirar a roupa.

Não era muito forte, mas tinha músculos definidos como os de um atleta, e o corpo não tinha um fio de cabelo sequer. A pele lisa brilhava à luz das velas. Ele me olhou como se esperasse que eu dissesse algo, mas o máximo que eu conseguia fazer era olhar para ele, enquanto tremia violentamente. O pau dele começou a ficar mole.

Agarrou-me pela parte posterior dos joelhos e me empurrou de costas na cama. Enquanto usava o joelho para forçar a abertura das minhas pernas, prendeu um dos meus braços entre o corpo dele e o meu e segurou o outro, acima da minha cabeça, com a mão esquerda, mantendo o cotovelo pressionado sobre meu bíceps.

Tentei escorregar, erguendo os quadris, mas ele prendeu minha coxa com a canela. A mão que estava livre começou a puxar minha calcinha.

Minha mente não parava de trabalhar, buscando freneticamente tudo o que eu sabia sobre estupradores. Era algo relacionado a poder. Eles precisavam se sentir poderosos, mas existiam diversos tipos de estupradores e nem todos queriam as mesmas coisas. Eu não conseguia me lembrar. Por que não me lembrava? Se não pudesse fazer com que ele parasse, será que conseguiria ao menos fazer com que usasse preservativo?

– Pare! Eu tenho... – O tórax dele pressionou meu punho contra meu estômago. Completei, arfando: – uma doença. Uma doença venérea. Você vai se contaminar se...

Arrancou minha calcinha. Comecei a me contorcer, enlouquecida. Ele sorriu.

Sem ar, parei de me debater e respirei fundo. Eu precisava pensar, me concentrar, achar um meio de...

O sorriso começou a desaparecer.

Então, entendi. Quanto mais eu reagia, mais ele se divertia. Eu me forcei a parar de tremer. Parei de chorar. De me mexer. Pensei em aviões. Não demorou muito para ele notar.

Fez tanta pressão com o cotovelo que achei que meu braço fosse quebrar, mas não emiti um som sequer. Arreganhou minhas pernas e tentou me penetrar, mas tinha perdido a ereção. Notei uma mancha em seu ombro, com um único fio de cabelo espetado.

Ranquei os dentes, tensionou os maxilares e gemeu:

– Diga meu nome.

Eu não disse. Sem chance de eu chamar aquele maluco pelo nome do meu pai. Ele podia controlar meu corpo, mas eu não deixaria que controlasse minhas palavras.

– Diga o que você está sentindo.

Continuei a encará-lo.

Virou meu rosto de lado.

– Não olhe para mim.

Tentou me penetrar mais uma vez. Pensei na mancha com o fio de cabelo. O corpo inteiro era raspado, exceto aquela mancha. Um pavor imenso tomou conta de mim, transformando-se em histeria, e logo comecei a rir. Ele poderia me matar, mas eu não conseguia parar de rir. O riso se transformou em gargalhada.

Ficou imóvel em cima de mim. Meu olhar estava longe, voltado para a parede. Com a mão que estava livre, tentou me amordaçar. Virou meu rosto de volta para ele, comprimindo meus lábios contra os dentes. Aumentou a pressão da mão. Senti um gosto salgado.

– Cachorra! – gritou, expelindo saliva no meu rosto. Então sua fisionomia voltou a se alterar. Ficou sem vida. Ele pulou da cama, apagou as velas e foi para o banheiro. Logo depois, ouvi o barulho do chuveiro.

Corri até a porta da frente e tentei girar a maçaneta. Estava trancada. O chuveiro foi desligado. Meu coração tornou a disparar e corri de volta para a cama. Com o rosto virado para a parede, chupei o sangue do lábio machucado e chorei. Lágrimas e sangue se misturaram. A cama cedeu quando ele se deitou ao meu lado.

Suspirou.

– Deus do céu! Adoro este lugar. É tão tranquilo... reforcei o isolamento térmico. Não dá nem para ouvir os grilos.

– Por favor, me leve para casa. Eu não conto para ninguém. Juro. *Por favor.*

– Aqui, eu tenho sonhos fantásticos.

Aproximou-se de mim, passou a perna por cima da minha e segurou minhas mãos, até cair no sono. Fiquei ali deitada com aquele maluco nu me abraçando, querendo que a cama se abrisse e me engolisse inteira. Meu braço doía, meu

rosto doía, meu coração doía. Chorei até pegar no sono.



Ainda temos um tempinho, mas para mim chega. Ah! Sim, lembro que semana que vem não vai ter sessão, por causa do Natal. Tudo bem... preciso mesmo dar um tempo dessa bosta. Quer saber? Preciso voltar lá. A rejeição é tão mais fácil... pelo menos, posso me enganar, pensar que é mais fácil... durante meio segundo. Rejeitar essa merda é como represar um rio turbulento. Filetes de água começam a vazar pelas rachaduras e de repente a comporta estoura. Agora que estou deixando a água escoar um pouco, será que a represa vai ceder? Se soltar tudo que está aqui dentro, será que vou descer com a enxurrada? Por enquanto, acho que vou é para casa, tomar uma ducha. E, depois da primeira, provavelmente vou tomar outra.

QUARTA SESSÃO

Como foi o Natal, doutora? Espero que Papai Noel tenha trazido um bom presente. Lidar toda semana com uma pirada como eu deve garantir um lugar cativo na lista dele. Eu? Apesar de evitar qualquer tipo de comemoração, a coisa veio bater à minha porta. Literalmente. Um grupo de escoteiros apareceu vendendo árvores de Natal e – talvez inspirada pela guirlanda no seu consultório ou pela coragem deles, ao bater na única porta sem qualquer enfeite de Natal – acabei comprando uma árvore. Sempre tive uma queda por rapazinhos de uniforme.

O problema é que minha mãe tinha se desfeito de todos os meus enfeites natalinos, e cada vez que eu pensava em ir até uma loja... mesmo que as pessoas não olhassem mais para mim como se eu tivesse um elfo pendurado no pescoço... eu achava que seria preferível dançar descalça sobre cacos de bolas de Natal a ir às compras nesta época do ano. Fiquei tão cansada de olhar a droga da árvore pelada, no canto da sala, que acabei levando-a até o abrigo dos sem-teto no centro da cidade. Achei que alguém iria curtir a árvore.

Que droga! Não haveria presente algum embaixo daquela árvore. Eu disse aos meus amigos e à família que não queria presente, e não fui a nenhuma festa de Natal. Com isso fiz um bem à população. Eu não precisava deixar ninguém deprimido. Em comparação com o ano passado, as festas este ano foram um tremendo sucesso.



Na manhã seguinte ao dia em que tentou me estuprar, o Maníaco me obrigou a ir para debaixo do chuveiro com ele. Então me banhou como uma criança, sem se esquecer de um único centímetro do meu corpo. E depois me obrigou a fazer o mesmo com ele... o corpo inteiro.

Eu tinha que ficar de frente para a parede enquanto ele se raspava. Como eu queria aquela navalha! Eu queria cortar o pau dele fora. Daquela vez, ele não me raspou.

– Raspar é só na hora do banho de banheira – disse ele. Depois que saímos, ele me trouxe algumas roupas.

– O que você fez com meu tailleur?

– Não se preocupe. Nunca mais você vai precisar ir à imobiliária.

Sorriu. A roupa do dia era mais uma vez calcinha sexy, branco nupcial, e um vestido leve, estampado com pequenos corações rosa sobre um fundo creme. Um vestido que eu jamais usaria... fofo e bonitinho demais para meu gosto. Depois de me dar um par de sandálias, ele me fez sentar na banquetela, enquanto

preparava o café da manhã: mingau com amoras secas. Enquanto eu comia, sentou diante de mim e explicou todas as regras. Antes de tudo, fez questão de me mostrar que eu estava ferrada.

– Estamos a quilômetros de distância de qualquer ser humano. Você não sobreviveria lá fora mais do que alguns dias. Se estiver preocupada com nossa sobrevivência, não há motivo. Tomei todas as medidas necessárias. Vamos viver da terra, e você só vai ter que ficar sozinha quando eu sair para caçar, ou para ir à cidade comprar mantimentos. – Eu me animei... “ir à cidade” implicava um veículo.

– Você nunca vai conseguir encontrar o carro e, mesmo que encontre, não vai conseguir dar a partida.

– Quanto tempo você pretende me deixar aqui? Em algum momento vai precisar de dinheiro. – O sorriso dele se alargou. – Eu não mereço isso, minha família não merece. Diga o que eu preciso fazer para você me soltar. Eu faço... juro... seja lá o que for.

– Já entrei no jogo de muita mulher antes e sempre me dei mal. Então não vou repetir o erro.

– O cheiro de perfume no carro, no cobertor... tem alguma outra mulher? Você...

– Você não percebe a dádiva fantástica? Isto aqui é sua *redenção*, Annie.

– Não percebo *nada*. Nada faz o menor sentido. Por que você está fazendo isso comigo?

Ele deu de ombros.

– Surgiu uma oportunidade e você estava disponível. Às vezes, coisas boas acontecem com pessoas boas.

– Isso *não é* uma coisa boa. Isso está errado. – Arregalei os olhos. – Você não pode me afastar de tudo o que...

– Do que exatamente eu afastei você? Do seu namorado? Nós já falamos sobre ele. Da sua mãe? Em geral, acho as pessoas muito chatas, mas... vocês duas almoçando juntas... as pessoas revelam muita coisa por meio da linguagem corporal. A sua única relação sincera é com sua cadela.

– Eu tenho uma *vida*.

– Não, você tinha apenas uma existência. Mas estou lhe dando uma segunda chance e sugiro que você preste bem atenção... não haverá uma terceira. Todas as manhãs, depois do café, será a hora dos exercícios. Depois, do banho. Hoje o banho foi antes do café, mas a programação jamais será alterada no futuro.

Foi até o armário e destrancou a porta.

– Eu escolho suas roupas todos os dias.

Mostrou alguns vestidos, em estilo semelhante ao que eu estava usando: um estampado de corações azul-marinho sobre um fundo azul-claro, outro liso, num tom rosa pálido. Minha aversão ao rosa se tornava cada vez mais intensa. Pilhas

do que parecia ser o mesmo modelo de vestido, em várias cores, entupiam a prateleira superior. Ele enfiou o braço no fundo da prateleira e puxou um casaquinho de lã lilás.

– Os invernos são frios aqui na montanha.

Diversos conjuntos do mesmo tipo de roupa que ele estava usando, camisa e calça bege, forravam a prateleira inferior. E mais para o lado vi alguns suéteres, bege também. Ele percebeu a direção do meu olhar e disse sorrindo:

– Não preciso de muitas cores, tendo você. Depois que estiver vestida, vou sair para cumprir minha rotina de trabalho... sua rotina é aqui dentro. Você lava a louça, faz a cama e cuida da roupa. – Pegou um prato no armário e bateu contra a bancada. – Incrível, não? Feito pelo mesmo fabricante do copo. – Em seguida, segurou uma panela pelo cabo e fez um movimento, como um taco de beisebol. – Leve como uma pluma, e sem nenhuma emenda. Não sei como conseguem fazer isso.

Sacudiu a cabeça.

– Eu é que limpo as bancadas.

Abriu o armário embaixo da pia e mostrou o frasco de um produto de limpeza. Notei que era biodegradável, mas não reconheci a marca.

– O detergente vai ficar sempre trancado, e você não tem permissão para mexer com água quente, nem com qualquer utensílio que eu considere perigoso. Depois que acabar a limpeza, você deve cuidar da sua higiene pessoal. Suas unhas, que agora estão horríveis, vão ter que ficar perfeitas. Eu mesmo vou lixá-las. Seus pés devem estar sempre macios, as unhas pintadas. Mulher deve ter cabelo comprido. Por isso, vou massagear seus cabelos com condicionador, para crescerem mais rápido. Você não vai usar nenhum tipo de maquiagem. Nosso dia começa às sete da manhã e o almoço é ao meio-dia em ponto. As tardes serão dedicadas à leitura dos livros que eu indicar. Às cinco da tarde, eu inspeciono seu trabalho. O jantar é servido às sete da noite e, em seguida, você lava a louça, as panelas e depois lê para mim. Após a leitura, eu lhe darei um banho. As luzes serão apagadas às dez.

Mostrou um pequeno relógio com cronômetro, pendurado por uma corrente, que ele guardava no bolso. Não havia outros no chalé, de maneira que eu só poderia saber a hora se ele dissesse.

– Você terá permissão de ir ao banheiro quatro vezes por dia. Esses momentos serão vigiados, e a porta deverá ficar aberta. Falando nisso... – ele consultou o relógio –, está na hora da sua primeira visita ao banheiro.

Dei uma volta pela cozinha, mantendo a maior distância possível entre mim e ele.

– Annie, não se esqueça de deixar a porta aberta.



Passados alguns dias, num momento em que ele estava fora, resolvi correr até o banheiro e fazer xixi. Ele voltou quando eu tinha acabado de dar descarga, e a água ainda escorria. Fiquei ao lado da cama, fingindo arrumar o lençol. Achei que ele não escutaria o barulho da descarga, mas, quando abriu a torneira da cozinha para encher um copo, ele levantou a cabeça e foi até o banheiro. Em questão de segundos, avançou sobre mim, com o rosto vermelho e os lábios contorcidos num rosnado. Encolhi-me num canto e tentei driblá-lo, mas ele me agarrou pelos cabelos.

O Maníaco me arrastou até o banheiro e me obrigou a ajoelhar diante do vaso. Então levantou a tampa e enfiou minha cabeça lá dentro, batendo com minha testa no assento. Ainda agarrado aos meus cabelos, puxou minha cabeça para trás e, com a mão livre, encheu o copo com a água do vaso. Agachou-se atrás de mim, forçou minha cabeça para trás e levou o copo à minha boca.

Espernei na tentativa de desviar a cabeça, mas ele pressionou o copo sobre meus lábios com tanta força que pensei que fosse quebrá-lo. A água entrou pela boca e pelo nariz. Antes que eu pudesse cuspir, ele tampou minha boca com a mão e fui obrigada a engolir.

Depois, fui forçada a escovar os dentes 20 vezes, enquanto ele próprio contava em voz alta, e então abriu minha boca para inspecionar. Em seguida, tive que fazer 10 gargarejos com água morna e sal. Finalmente, com água e sabão, ele esfregou tanto meus lábios que pensei que duas camadas de pele tinham sido arrancadas. Nunca mais fiz aquilo.



Parece que jamais vou me livrar dessas regras malucas, doutora. Elas são malucas de verdade. E não adianta eu saber que é tudo besteira. Elas estão trancadas dentro de mim, e eu fico do lado de fora. Além das regras do cara, minha mente acrescentou algumas outras... Cada mania que eu tinha antes foi intensificada 20 vezes e hoje eu também sou meio louca.

Faço sempre o mesmo caminho para chegar aqui e paro no mesmo café. No consultório, penduro o casaco no mesmo gancho e me sento no mesmo lugar. Você precisa ver minha rotina antes de ir deitar: portas trancadas, persianas baixadas, janelas travadas. Depois, tomo banho e raspo as pernas... primeiro a esquerda, depois a direita, as axilas por último.

Quando acabo, passo hidratante no corpo inteiro e, antes de ir para a cama, confiro mais uma vez portas e janelas, coloco latas atrás da porta da rua e verifico novamente se o alarme está acionado... as latas são para o caso de o alarme falhar. Depois de tudo isso, vejo se a faca está embaixo da cama e se o spray de pimenta está na mesa de cabeceira.

Muitas noites, quando tento dormir na minha cama, fico deitada prestando atenção ao menor ruído. Então, me arrasto até o closet, levando comigo um

cobertor... eu me arrasto porque alguém pode estar olhando pela janela. Daí, me cubro até a cabeça.

Na sessão passada, você disse que é provável que minha rotina esteja me dando uma sensação de segurança... e, sim, já notei que de vez em quando você diz “Vale a pena pensar nisso” ou “Você já pensou em...”. Enquanto não começar a fazer um monte de perguntas, tudo bem. Mas, juro por Deus, se você perguntar como estou me sentindo, vai ficar falando com as paredes, pois eu me mando daqui para sempre.

Então, essa coisa da rotina? De início, achei que você estava redondamente enganada, mas tenho pensado nisso, e acho que meu ritual na hora de dormir me faz sentir segura... o que é no mínimo irônico, pois durante todo aquele tempo que fiquei lá eu nunca tive segurança. Aquilo era como uma montanha-russa no inferno, pilotada pelo diabo, mas a rotina era a única coisa com a qual eu podia contar.

Todo dia eu me esforço para avançar um pouco, e tem coisas que são mais fáceis de esquecer... mas tem cada merda! Não tem jeito. Na noite passada, bebi quase um litro de chá e passei pelo menos uma hora no vaso sanitário tentando fazer xixi fora do horário. Quase fiz umas gotinhas... senti um momento do tipo “Ah! Meu Deus! Vou conseguir mijar”, mas aí minha bexiga trancou. A experiência resultou em nada, a não ser numa noite em claro.

Por hoje chega. Preciso ir para casa, pois está na hora de fazer xixi. E não, não quero usar o seu banheiro. Eu ficaria lá dentro sentada, pensando em você aqui fora se perguntando se eu estava conseguindo mijar. Não, obrigada.

QUINTA SESSÃO

Hoje, vindo para cá, parei no café que fica aqui na esquina. Olhando de fora, o lugar parece meio sujo, mas o café é tão bom que justifica vir de carro até o centro da cidade. Não sei bem o que tem aí nessa caneca... vai ver que é uísque..., mas arrisquei trazer um chá. Você merece um mínimo de mordomia, por ter que encerrar o dia comigo.

Quer saber, eu gosto desse penduricalho de prata pesada que você está sempre usando. Combina com seu cabelo e dá um ar de avó chique. Uma avó que ainda faz sexo... e com gosto. Não se preocupe, não estou dando nenhuma indireta... sei que terapeutas não gostam de falar sobre si mesmos e, além disso, estou tão autocentrada que nem escutaria.

Talvez sua bijuteria me agrade porque me faz lembrar do meu pai, o que vem reforçar essa coisa de estar autocentrada. Não que ele gostasse de bijuteria, mas usava um anel herdado do pai. Meus avós paternos vieram da Irlanda e abriram uma joalheria. O anel foi a única coisa que sobrou quando eles morreram num incêndio, pouco tempo depois que meus pais se casaram... O banco ficou com todo o resto. Depois do acidente, pedi o anel à minha mãe, mas ela disse que a joia tinha se perdido.

Às vezes, penso que, se estivesse vivo, meu pai teria feito tudo para me resgatar, mas não sei como ele teria reagido. Era um sujeito tranquilão, e na minha memória ele vai ter sempre 40 anos, sempre com o belo suéter felpudo e a calça cáqui. Segundo me lembro, ele só ficava empolgado quando me falava sobre o recebimento de um novo pacote de livros, na biblioteca onde trabalhava.

Lá no chalé da montanha, de vez em quando eu pensava nele e me perguntava se não estaria me protegendo. Mas aí eu me irritava. Se papai fosse meu anjo da guarda, conforme eu achava quando criança, por que diabos não acabava com tudo aquilo?



Na minha segunda noite, o Maniaco lavou minhas costas com delicadeza.

– Se quiser mais água quente, é só dizer.

Espremia a esponja e deixava a água com perfume de rosas escorrer pelos meus ombros.

– Você está quieta hoje – disse, beijando meus cabelos molhados, escorridos pela nuca. Então, abocanhou uma mecha e começou a chupá-la. Tive vontade de enfiar o ombro na cara dele e quebrar seu nariz. Em vez disso, fixei o olhar na parede do banheiro e contei quantos segundos eram necessários para uma gota de água escorrer. – Sabe que o cabelo de cada mulher tem um sabor próprio? O

seu tem gosto de noz-moscada e cravo.

Senti um tremor.

– Eu sabia que a água não estava muito quente. – Abriu a torneira e deixou a água correr por um minuto. – Só de olhar para uma mulher consigo saber o gosto do cabelo dela. Tem homem que se engana com a cor. É fácil concluir que o sabor da sua mãe, com aquele rosto jovial e o cabelo louro, seria límpido, refrescante, mas aprendi a ir mais fundo, em busca da verdade. – Posicionou-se diante de mim e começou a lavar minha perna, delicadamente. Continuei a olhar para a parede. Estava apenas querendo me provocar... eu não podia deixar ele perceber que a provocação surtia efeito.

– Mas ela é uma mulher bonita. Eu me pergunto quantos dos seus namorados já quiseram fazer sexo com ela. E se pensavam nela enquanto transavam com você.

Meu estômago revirou. Ao longo dos anos, eu tinha me acostumado com o fato de meus namorados desejarem minha mãe. Quando não estavam concentrados engolindo um jantar preparado por ela, ficavam contemplando seus lábios carnudos. Um sujeito chegou a me dizer que minha mãe parecia uma versão adulta e sensual da fada Sininho. Até Luke às vezes gaguejava quando ela estava por perto.

Dezessete segundos, dezoito... que gota mais *lenta*!

– Duvido que qualquer outro homem percebesse, como eu percebia, que o sabor dela era de maçã verde, daquele tipo que a gente pensa que está maduro até dar uma mordida. E sua amiga Christina, com o cabelo sempre preso, toda executiva. Ela tem um sabor que engana a vista. – Perdi a conta da gota de água.

– Eu conheço bem a Christina. Ela é corretora também, não é? Muito bem-sucedida, pelo que sei. E me pergunto por que você se cerca de pessoas das quais tem inveja.

Eu queria dizer que não tenho inveja da Christina, que me orgulho dela. Somos grandes amigas desde o ensino médio. Ela me ensinou tudo o que sei sobre o mercado imobiliário. Que droga! Ela me ensinou muita coisa, mas fiquei calada. O cara usaria qualquer artifício contra mim.

– Ela faz você se lembrar da Daisy? A Daisy tinha sabor de algodão-doce, mas a Christina, hummm... Ah! Christina... Aposto que tem sabor de pera importada.

Cruzamos os olhares. Ele começou a ensaboar meus pés. Eu estava farta de ser um brinquete.

– Qual era o sabor da sua mãe? – perguntei.

A mão que estava no meu pé se deteve e ficou tensa.

– Minha mãe? Você acha que isso aqui tem a ver com minha mãe?

Ele riu e mergulhou meu pé na água. Em seguida, pegou a navalha dentro do armário.

Quando a mão dele palmeou minha perna, comecei a contar as linhas formadas pelos azulejos da parede. No momento em que a lâmina fria deslizou pela minha canela, perdi a conta e tive que recomeçar. Quando ele me obrigou a ficar de pé, para raspar as partes que faltavam, dividi o número de azulejos pelo número de falhas no reboco. Enquanto as mãos dele espalhavam hidratante pelo meu corpo, ele cantarolava e eu contava as gotas de cera que escorriam nas laterais da vela.

Fiz uma lista de tudo o que estava em volta, multiplicando e dividindo os números. Quando algum pensamento ou sentimento se infiltrava em minha mente, eu expulsava e recomeçava a contagem.



A segunda vez que ele tentou me estuprar, não me mexi, não chorei, apenas encarei a parede do quarto. Se eu não reagisse, ele não conseguiria uma ereção. Algum tipo de socorro devia estar a caminho. Eu só precisava aguentar firme até que a ajuda chegasse. Então, a despeito do que ele fizesse comigo, eu contava ou pensava em aviões, e ficava parada, como uma boneca de pano. Ele agarrou meu rosto, olhou diretamente nos meus olhos e tentou introduzir o pênis flácido dentro de mim. Contei até as artérias visíveis no seu globo ocular. O pau dele ficou ainda mais mole. Ele gritou, exigindo que eu o chamasse pelo nome. Como não atendi, ele socou o travesseiro bem ao lado do meu ouvido, urrando “Sua cadela imbecil! Imbecil!” a cada soco.

Os socos pararam. A respiração ficou mais lenta. A caminho do banheiro, voltou a cantarolar.

Enquanto ele tomava uma ducha, pressionei o travesseiro contra o rosto e gritei: “Seu tarado fodido! Seu babaca brocha! Você escolheu para sacanear a mulher errada!” Meus soluços foram absorvidos pelo travesseiro. Quando percebi que o chuveiro tinha sido desligado, recoloquei o travesseiro embaixo da cabeça, com o lado seco para cima, e voltei a fitar a parede.



Infelizmente, o fracasso não o fazia desistir. Era sempre a mesma rotina: o banho – hora em que ele se tornava mais falante –, a sessão de raspagem, o hidratante e então o vestido. Eu me sentia como uma estrela da Broadway: o mesmo palco, cenário, iluminação e figurino, noite após noite. As únicas mudanças eram a frustração cada vez maior e a atitude dele.

Depois da terceira tentativa, ele me esbofeteou duas vezes com tanta violência que mordeu a língua. Naquela vez, não houve qualquer tipo de prazer, fosse amargo ou não. Abafei os soluços com o travesseiro, suguei o sangue que me escorria da língua e esperei com medo a saída dele do chuveiro.

Na quarta noite, ele me deu dois socos no estômago – fiquei sem ar, e a dor foi tão chocante quanto literal – e um no maxilar. Esta dor foi desesperadora. O quarto escureceu. Rezei para tudo ficar completamente preto. Não ficou. Parei de chorar no travesseiro.

Na quinta noite, ele me virou de costas, ajoelhou sobre minhas mãos e enfiou meu rosto no colchão com tanta força que eu não conseguia respirar. Meu peito queimava. Repetiu o gesto três vezes, sempre parando no instante em que eu estava prestes a desmaiar.

Quase todas as noites terminavam com ele se levantando, o rosto sem qualquer expressão, e eu ouvia o barulho do chuveiro durante algum tempo. Depois que voltava para a cama, ele me abraçava e falava trivialidades: como os índios conservavam a carne, as constelações que via no céu durante as rondas noturnas, as frutas de que gostava ou não.

Mas, certa noite, deitou-se ao meu lado e disse:

– Eu me pergunto como será a Christina. Ela é tão calma e comedida, não é? Eu me pergunto o que seria preciso para uma mulher daquelas se descontrolar.

Eu me esforcei para não perder o fôlego no momento em que ele enfiou os dedos entre minhas mãos rígidas e, delicadamente, esfregou o polegar no meu.

Enquanto roncava ao meu lado, a ideia de que aquelas mãos tocassem Christina, ou de que ela sentisse um segundo do pavor que eu sentia, parecia rasgar minhas entranhas. Eu não poderia permitir que aquilo acontecesse. Meu plano não estava funcionando, a menos que meu objetivo fosse morrer e talvez propiciar a morte de Christina. O meu socorro estava demorando muito e o Maníaco jamais chegaria diante de mim para dizer: “Essa coisa não está dando certo. Por isso, vou levar você para casa agora.” Se fosse apenas minha vida em jogo, talvez eu mantivesse a situação por mais algum tempo. Mas eu não podia fazer isso com a vida da Christina.

Eu precisava ajudá-lo a me estuprar.



Era fundamental entender o comportamento dele. Vasculhei a memória em busca de tudo o que havia lido sobre estupradores, todo seriado de TV que tinha visto sobre o assunto, *Law & Order: SVU*, *Criminal Minds* e alguns especiais do A&E, tentando me lembrar do que os maníacos sexuais gostam e em que circunstâncias matam as vítimas.

Eu me lembrei de que alguns estupradores precisam pensar que as vítimas gostam do que eles fazem com elas. Talvez o Maníaco se iludisse, achando que me deixava excitada, mas não conseguisse ter uma ereção porque, em algum nível, uma sombra de dúvida o assustasse. Até aquele momento, essa incerteza o tornava impotente. Caso ela ficasse mais forte, eu estaria morta.



Na noite seguinte, durante o banho, eu disse:

– Você tem sido bastante delicado. – Ele me encarou, e tive que olhá-lo nos olhos.

– É mesmo?

– Em geral, os homens são um pouco brutos, mas você tem um toque leve.

Ele sorriu.

– Quero que me desculpe, se tenho sido difícil. Eu estava meio receosa, você sabe, no começo. Mas tenho pensado nisso tudo e, talvez... talvez não seja tarde demais para começar uma vida nova.

Que grau de hesitação eu deveria demonstrar? Se eu fosse muito positiva, ele jamais cairia na minha conversa.

– Difícil?

– Pois é... vai demorar um pouco até eu me acostumar com tudo isso, mas estou começando a ver que talvez eu goste de viver aqui. Com você.

– Você acha mesmo? – Pronunciou cada sílaba bem devagar.

Forçando-me a olhar nos olhos dele novamente, tentei expressar o máximo de sinceridade possível.

– Acho, sim. Você entende muita coisa que a maioria dos homens não entende.

– Ah! Sem dúvida, eu entendo muita coisa que a maioria dos homens não entende.

O rosto se abriu no sorriso vitorioso que eu já conhecia. Tinha acertado na mosca.

Enquanto ele passava o hidratante em mim, eu disse:

– Gosto muito desse perfume. – O sorriso dele se iluminou.

Depois que enfiei o vestido, dei uma voltinha e disse:

– Eu compraria um vestido exatamente como este.

Na cama, gemi e beijei o Maníaco com cautela, como se estivesse despertando para seu toque. Ele ficou ofegante e contei os segundos entre uma respiração e outra, como as contrações de um parto. Por dentro, morri.

Arfando e com o rosto vermelho, ele se deitou em cima de mim. Preocupada com a possibilidade de ele perder a ereção – e com isso o controle –, estiquei a mão e o acariciei, antes que a situação ficasse feia. Tinha que ser feito.

Eu me encolhi toda e tentei ignorar minhas próprias palavras enquanto sussurrava:

– Esperei por este momento.

Os braços dele se retesaram e o rosto ficou fechado de fúria. Com uma das mãos, agarrou-me pela garganta. Ele apertava cada vez mais, e eu cravava minhas unhas em vão.

– Posso matá-la a qualquer momento, e você ainda fala como uma puta? Você devia estar apavorada. Devia estar implorando, lutando para se manter viva. *Será que não entende?*

Finalmente, soltou minha garganta, mas meu alívio foi interrompido por um soco no estômago. Golpeou meu corpo, os seios, o rosto, a virilha. Lutei, mas seus punhos pareciam me cobrir. Os socos se sucederam até eu não sentir mais nada. Desmaiei.



É estranho, doutora... quando o Maníaco me chamou de puta e bateu em mim, senti dor, mas não me revoltei, pois eu *queria* que ele me machucasse. Mesmo enquanto meu corpo lutava, minha mente queria que ele continuasse. Eu *merecia* a dor. Como fui capaz de dizer aquelas coisas? Como pude tocá-lo daquele jeito?

Fiz muita coisa naquela montanha, muita coisa que não queria fazer e que eu nem queria acreditar que fosse capaz. Mas aquela noite? Quando penso como virei o zumbi que sou hoje, como pude ficar tão perdida, sempre volto àquela noite... a noite em que pus a alma em risco a fim de abrir espaço para o diabo.

SEXTA SESSÃO

Ontem fui a uma igreja e fiquei sentada durante algum tempo. Não para rezar... não sou religiosa..., mas por causa do silêncio. Antes do sequestro devo ter passado por ali milhares de vezes, sem prestar a menor atenção. Minha família não é de frequentar igreja. Em geral, nas manhãs de domingo, minha mãe e meu padrasto precisavam curar a ressaca da “religião” deles. Mas, nos últimos meses, fui à igreja algumas vezes. É uma construção antiga, com ar de museu... no bom sentido, algo que sobrevive a muita merda e segue adiante. E alguma coisa nos vitrais mexe comigo. Se eu quisesse dar uma de filósofa, diria que a ideia de todos aqueles caquinhos de vidro formarem um troço tão lindo me agrada. Felizmente, não sou chegada a filosofar.

A igreja costuma estar vazia, graças a Deus, e, mesmo que tenha alguém lá dentro, ninguém fala comigo, nem sequer olha para mim. Não que eu trocasse olhares com quem quer que fosse.



Quando voltei a mim, depois que o Maníaco me atacou, todo o meu corpo doía e foi preciso muito tempo até eu conseguir levantar a cabeça e olhar em volta. Ondas de náusea percorriam meu corpo. O lado direito do meu peito ardia cada vez que eu respirava. Um dos olhos estava fechado e o outro, embaçado, embora eu pudesse enxergar vultos. Não havia sinal dele. Estava dormindo no chão ou tinha saído. Permaneci imóvel.

Senti vontade de ir ao banheiro, mas não tinha certeza se conseguiria chegar até lá. Além disso, estava com medo de ele me surpreender fazendo xixi fora de hora. Devo ter apagado de novo, pois não me lembro de mais nada até acordar de um sonho em que estava correndo numa praia com Luke e nossos cachorros. Quando me dei conta do local onde realmente estava, chorei.

Minha bexiga ardia. Se esperasse mais tempo, acabaria urinando na cama. Só Deus sabe qual das duas ofensas o deixaria mais furioso. Nada me faria pôr aquele vestido novamente. Portanto, me arrastei nua até o banheiro. A cada instante, parava e esperava até que os pontinhos negros na minha visão desaparecessem. Então me arrastava mais alguns centímetros, gemendo sem parar. Ele adoraria ter me visto assim.

Apavorada com a possibilidade de estar usando o vaso no momento em que ele entrasse, agachei-me sobre o ralo da banheira. Apoiando a cabeça na parede, tentei inspirar a quantidade exata de ar que não me causasse dor e rezei para não morrer ali mesmo. Por fim, me arrastei de volta até a cama e mais uma vez apaguei.

Minha cabeça doía, mas era um latejar distante, como um ruído ao fundo. Eu não sabia onde o Maníaco estava, e imagens terríveis... dele sequestrando Christina... passavam-me pela cabeça. Rezei para que minhas tentativas de manipulação não tivessem feito com que ele resolvesse raptá-la.

Eu não sabia ao certo há quanto tempo vinha perdendo e recuperando a consciência, mas acho que fiquei naquele estado pelo menos um dia inteiro. Quando recobrei um pouco da força, fui até a porta. Ainda estava trancada. Merda. Enfiei a cabeça embaixo da torneira, lavei o rosto, limpando algo grudento que julguei ser sangue pisado, e matei a sede. No instante em que a água fria me bateu no estômago, eu me agarrei na pia e vomitei.

Quando finalmente consegui me mover sem ficar tonta, fiz uma busca pelo chalé. Meus dedos exploraram cada reentrância e saliência. Subi na bancada da cozinha e chutei a persiana com tanta força que achei que tivesse distendido a musculatura da perna. Meu pé não deixou uma única marca. Eu estava muito machucada e já nem me lembrava da última vez que tinha comido. Mesmo assim, eu teria me arriscado montanha abaixo caso conseguisse escapar da porcaria daquele chalé.

Para contar o número de dias que eu estava desaparecida, passei a afastar a cama da parede e fazer pequenas marcas na madeira com a unha. Se a luz penetrasse pelo orifício por mim aberto na parede do banheiro, eu deduzia que já era manhã. Se ainda estivesse escuro, eu esperava até clarear o dia, e então fazia mais um risco. Havia duas marcas desde o dia em que ele tinha me deixado sozinha. Para manter minimamente uma rotina semelhante à do Maníaco, eu só fazia xixi quando não aguentava mais e só usava a banheira, com os ouvidos sempre atentos a qualquer ruído. Com medo de tomar banho de banheira ou de chuveiro, pois ele poderia chegar e me surpreender, evitei ambos, e, quando a fome apertava, eu enchia o estômago com água. Eu imaginava as pessoas na minha cidade fazendo vigília com velas acesas, meus amigos reunidos ou distribuindo folhetos com meu rosto sorridente. Minha mãe estaria quase louca. Eu podia vê-la em casa, chorando... provavelmente linda, pois tragédias lhe caíam muito bem. Vizinhos levariam comida, tia Val atenderia os telefonemas e meu padrasto seguraria minha mãe pela mão, dizendo que tudo acabaria bem. Quem dera se alguém pudesse me dizer que tudo acabaria bem. Por que eu não havia sido encontrada? Teriam desistido das buscas? Eu nunca tinha ouvido falar de um desaparecido que fora encontrado semanas depois. A não ser que o desaparecido fosse um cadáver.

Talvez Luke estivesse na TV, implorando minha volta. Será que a polícia o interrogaria? O namorado não era sempre o primeiro suspeito? É provável que estivessem desperdiçando tempo com ele, quando deveriam estar à procura do Maníaco.

Eu me preocupava com Emma... quem estaria cuidando dela? Será que

estavam dando a razão adequada para estômago sensível? Alguém estaria levando Emma para passear? Acima de tudo, eu me preocupava com a possibilidade de Emma achar que eu a havia abandonado, e isso sempre me fazia chorar.

Para me consolar, “passei” na mente minhas lembranças de Luke, Emma e Christina, como um filme: pausar, voltar, repetir. Uma das minhas lembranças favoritas de Christina era a vez que nós duas nos empanturramos de doces e balas. No Halloween do ano passado, ela veio jogar mexe-mexe comigo e resolvemos abrir um saco de guloseimas que eu tinha comprado para as crianças que batessem à porta. Depois do primeiro saco, abrimos o segundo, o terceiro e o quarto. Ficamos tão acesas com o açúcar que o jogo de mexe-mexe virou uma bagunça de palavrões e risadas histéricas. Depois de comer todos os doces, fomos obrigadas a apagar as luzes. Nós nos escondemos no escuro e, morrendo de rir, ficamos ouvindo os fogos de artifício.

Meus pensamentos então se voltaram para o Maníaco e para o que ele estaria fazendo com Christina agora. Eu imaginava minha amiga no escritório, talvez fazendo hora extra, e via o Maníaco esperando do lado de fora, dentro do carro. Minha impotência me irritava.



Outro dia passou, fiz mais uma marca na parede e deixei de ter qualquer sensação de fome, mas o pressentimento de que o Maníaco voltaria continuava. Se eu quisesse sobreviver, precisava ficar de prontidão. A tentativa de seduzi-lo quase tinha resultado na minha morte, e eu precisava descobrir por que ele pirou quando fingi prazer.

Será que ele era sádico? Não, ele não ficava excitado quando me espancava. Ele estava encenando algo. O cara seguia um padrão. Tudo começava com o banho... seria uma versão das “preliminares”? E logo a coisa ficava violenta. Qual a tara dele?

Dizia que as mulheres não gostam de homens bonzinhos, que todas queremos ser tratadas como lixo, mas aí, quando fui muito direta na tentativa de seduzi-lo, ele se irritou, me chamou de puta e disse que eu deveria resistir. Deve achar que uma mulher “correta”, no fundo, sempre quer um homem bruto que a domine, e pensa que só uma “puta” seria capaz de demonstrar prazer... uma mulher correta resistiria. Portanto, provavelmente, só se sentia um homem de verdade se eu demonstrasse medo.

Estava tentando me dar prazer através do medo e da dor. Quanto menos eu reagisse, mais ele achava necessário me fazer sofrer. Que merda! O cara era um estuprador que pensava que toda mulher tinha uma fantasia de estupro. Ao menos, eu agora sabia o que ele queria. Eu precisava exibir meu medo e minha dor.

Se houvesse alguma coisa no meu estômago, eu teria vomitado. De certo modo, a ideia de deixar que ele percebesse meus verdadeiros sentimentos era pior do que fingir que eu gostava de ser estuprada.



No quarto dia em que fiquei sozinha, tive dificuldade em reconhecer o que era sonho ou realidade, pois passava mais tempo dormindo. Tenho certeza de que, em dados momentos, tive alucinações, pois, apesar de acordada, eu escutava a voz de Luke e sentia o perfume da colônia que ele usava, embora, quando abria os olhos, tudo o que eu visse fossem aquelas malditas paredes do chalé.

Percebi que estava tão fraca que talvez esquecesse meu plano. Portanto, criei um versinho para me ajudar a lembrar. Entre momentos de consciência e inconsciência, eu recitava várias vezes:

O Maníaco tem rancor, precisa de medo e dor.

O Maníaco tem rancor, precisa de medo e dor.

No quinto dia, comecei a achar que morreria de inanição antes que ele voltasse. Fiquei a maior parte do dia na cama, ou de costas para um dos cantos do chalé, esperando a porta se abrir e recitando meu versinho, mas a toda hora acabava cochilando. Acho que era o começo da noite, mas eu me sentia tão fraca que parecia ser mais tarde. Então ouvi um estalo na fechadura, e ele entrou.

Fiquei de fato contente em vê-lo – eu não queria morrer de fome. Fiquei especialmente aliviada em ver que ele estava sozinho. Então me perguntei se Christina estaria inconsciente e amarrada dentro daquela van marrom.

Ele fechou a porta e me encarou. A visão oscilava diante de mim.

O Maníaco tem rancor, precisa de medo e dor...

Com a voz e o corpo trêmulos, eu disse:

– Graças a Deus! Eu estava morrendo de medo. Achei... achei que fosse morrer aqui sozinha.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Você prefere morrer aqui acompanhada?

– Não! – Sacudi a cabeça e senti o quarto girar. – Não quero que *ninguém* morra. Eu... pensando... – Sem alimento, meu cérebro tinha dificuldade para lembrar as palavras. – Eu *estive* pensando em... coisas. Coisas que eu quero lhe falar, mas preciso saber... – Senti um aperto no peito. – A Christina... a Christina está bem?

Ele foi até uma das banquetas, sentou e apoiou o queixo numa das mãos.

– Você não quer saber como eu estou?

– Sim, sim, claro. Eu só pensei... só queria saber... – A imagem do Maníaco ficou borrada, entrou em foco e voltou a ficar borrada. – Eu errei. Errei feio. Da

última vez.

Apertou os olhos e concordou, com um aceno de cabeça.

– Mas eu tenho um plano. Sabe...

– Você tem um plano?

Ele se endireitou na banqueta. Que diabos eu estava dizendo?

Cravei as unhas na palma da mão. O quarto voltou a entrar em foco.

– Para fazer essa coisa funcionar.

– Interessante. Eu também estive pensando. Ficou claro para mim que preciso tomar algumas decisões e acho que você não vai gostar das alternativas.

Hora de jogar os dados. Eu me levantei bem devagar. O quarto voltou a girar. Apoiei a mão na parede, fechei os olhos e respirei fundo. Quando abri os olhos, o Maniaco me encarava. Sem qualquer expressão.

Com a mão na barriga, cambaleei e fui me sentar na banqueta ao lado dele.

– Acho isso até compreensível. Você teve um trabalho, e eu tenho dado mais trabalho ainda, não é?

Com as pálpebras a meio pau, ele concordou, balançando a cabeça lentamente.

– É o seguinte: a última vez que nós tentamos... eu disse algumas coisas... Aquilo não era eu. Aquilo era o que eu achava que você queria ouvir, que lhe traria satisfação.

Ele continuava inexpressivo, mas me encarava atentamente. Os mentirosos mais hábeis se mantêm próximos à verdade. Respirei fundo mais uma vez.

– Eu estava *morrendo* de medo, de você e dos sentimentos que você estava despertando em mim, mas eu não sabia... – Ele ergueu o queixo e empertigou-se. Eu precisava acelerar minha fala.

– Agora eu entendo. Preciso ser mais sincera com você, *comigo*, e estou disposta a fazer isso. – Rezei a fim de ter forças para pronunciar as palavras seguintes: – Então, eu queria fazer mais uma tentativa. Por favor, me dê mais uma chance, *por favor*. – Houve uma longa pausa e me preparei para o pior quando ele se levantou da banqueta.

– Talvez eu deva esperar um pouco mais, Annie. Não quero tomar uma decisão precipitada. – Colocou-se diante de mim, os braços abertos e a cabeça inclinada para o lado. – Que tal um abraço? – O sorriso não chegava até os olhos. Estava me testando. Aceitei e retribuí o gesto. – A Christina está bem – disse ele. – Passamos uma tarde muito agradável, visitando algumas casas. Ela sabe tudo sobre o mercado imobiliário.

Finalmente, soltei o ar.

– Sinto as batidas do seu coração. – Ele me abraçou forte. Em seguida, afastou-se e disse: – Você precisa comer. – Saiu do chalé, mas logo retornou com uma sacola de papel.

– Sopa de lentilha, da minha delicatessen favorita, e suco de maçã orgânico. A

proteína e o açúcar vão lhe fazer bem.

Depois que esquentou a sopa, cujo cheiro estava delicioso, o Maníaco me serviu um prato fumegante e um copo de suco. Minhas mãos ávidas avançaram sobre a sopa, mas ele sentou ao meu lado e pôs o prato diante de si. Meus olhos se encheram de lágrimas.

– Por favor, eu preciso comer. Estou com muita fome.

Num tom de voz amigável, ele disse:

– Eu sei.

Levou uma colherada aos lábios e soprou. Observei agoniada o gesto com o qual ele enfiou a colher na boca. Balançou a cabeça uma vez, em sinal de aprovação, e baixou a colher até o prato. Soprou novamente, mas dessa vez levou a colher à minha boca. No momento em que estiquei a mão para pegar a colher, ele parou, sacudindo a cabeça. Voltei a descansar a mão no colo.

O Maníaco, sem a menor pressa, me deu a sopa na boca, soprando cada colherada e parando de vez em quando para oferecer suco. Quando a sopa e o suco estavam pela metade, ele disse:

– Acho que por enquanto seu estômago não tem condições de absorver mais que isso. Você está melhor?

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

– Bom. – Olhou o relógio e sorriu. – Hora do banho.



Quando ele me levou do banheiro para a cama e começou a abrir o zíper do meu vestido, eu já sabia o que fazer.

– Por favor, não me toque... eu não quero fazer isso.

Pressionando o queixo contra meu ombro, ele beijou o lóbulo da minha orelha.

– Estou sentindo você tremer. Está com medo de quê?

– De você... estou com medo de você. Você é forte, vai me machucar.

Meu vestido caiu no chão, e ele se posicionou diante de mim. À luz da vela, seus olhos brilhavam. De frente para mim, passou o dedo médio pelo meu pescoço.

O dedo desceu até minha pélvis, e parou.

Minha pele se retesou.

– Me fala desse medo.

A voz dele se deteve na palavra “medo”.

– Meus joelhos... estão fracos. Estou tonta, não consigo respirar. Meu coração parece... parece que vai explodir.

Com as mãos pressionadas sobre meus ombros, ele me empurrou para trás, até a borda do colchão tocar a parte de trás dos meus joelhos. Em seguida, me deu um violento empurrão e caí de costas na cama. Fiquei olhando, enquanto ele arrancava as próprias roupas.

Consegui me arrastar para o outro lado da cama, mas ele me puxou pelos tornozelos. Então se deitou sobre mim, arrancando minha calcinha e meu sutiã. Foi tudo muito rápido. Ele tinha uma ereção e logo me penetrou. Gritei. Ele sorriu. Rangí os dentes, fechei os olhos, contei as investidas, debatendo-me nos momentos em que ele suspendia o corpo, e rezei.

VaiacabarVaiacabarVaiacabar.

Quando finalmente gozou, eu queria jogar água sanitária na minha vagina e me esfregar com água quente até sangrar, mas não podia sequer sair da cama para me lavar. Quando pedi, ele disse:

– Não há necessidade. Basta você descansar.

Naquele torpor pós-coito, ele acariciou meus cabelos e disse:

– Amanhã vou descongelar uns peitos de frango. – Ele me puxou para mais perto e beijou meu pescoço. – Vamos fazer um yakisoba, está bem? – Ficou abraçado comigo até pegar no sono.

Eu sentia ainda a umidade dele entre minhas pernas, mas não chorei. Ao pensar em Luke, quase deixei escapar um soluço, mas mordi o lábio com força e murmurei para a escuridão:

– Me desculpe.



Vi filmes sobre mulheres que ficam casadas durante anos com caras que encham elas de porrada... pior ainda, elas não apenas ficam casadas como tentam desesperadamente fazer o cara feliz, o que nunca funciona, claro... Eu gostaria de entender a situação delas, mas não consigo, doutora. A coisa me parece muito simples. É só juntar as tralhas e dizer adeus ao babaca, de preferência dando-lhe um pontapé na bunda. Ah! Sim, eu achava que era durona. Mas, depois de cinco dias sozinha, a durona amoleceu. Cinco dias desgraçados, e me vi disposta a fazer *qualquer coisa* que ele quisesse. E hoje sou vista como heroína. Heróis entram em prédios em chamas para salvar crianças. Heróis morrem pela causa. Eu não sou heroína... sou covarde.

Tenho outra entrevista hoje à noite. Vou me sentar diante de mais uma loura empolgada, mascando chiclete, que vai perguntar: “O que você sentiu lá na montanha? Você teve medo?” Não, sua esperta... Essas pessoas não são melhores do que ele... são sádicas e muito bem pagas.

O interessante é que quase ninguém pergunta como me sinto agora... não que eu fosse dizer. Só me pergunto por que não há interesse em saber o que acontece depois... todo mundo só quer saber da história. Acho que as pessoas pensam que a coisa acaba ali.

Quem me dera.

SÉTIMA SESSÃO

É difícil acreditar que estamos na terceira semana de janeiro, não é, doutora? Felizmente, toda a agitação do Natal e do ano-novo já acabou... o que me faz lembrar: eu contei a você como foi o Natal com o Maníaco? Sabe, eu nunca cheguei a dividir com ele o prazer das coisas natalinas. Então, um belo dia, ele me disse que era dezembro, mas que não íamos celebrar o Natal, porque a data era mais um mecanismo da sociedade para controlar as pessoas.

E a coisa não parou por aí. Tive que ouvir uma baboseira sem fim sobre os males do Natal, sobre o fato de a sociedade ter transformado um mito num caçaníqueis. A *última* coisa que eu queria no mundo era comemorar fosse lá o que fosse com o Maníaco. Mas, quando ele acabou de falar sobre todos os aspectos negativos da festa, eu já estava disposta a ajudar o Grinch a roubar o Natal. Na realidade, *foi isso* que aquele babaca fez. Ele me roubou o Natal. Junto com um monte de outras coisas, claro. Você sabe... coisas como amor próprio, autoestima, alegria, segurança, a capacidade de dormir numa cama... mas, tudo bem... quem vai ficar se queixando?

Bem, ao menos eu tentei com a tal árvore... Quem sabe o ano que vem não vai ser diferente? Como você disse, eu preciso levar em conta a possibilidade de não me sentir assim para sempre, e é importante perceber os mínimos sinais de progresso, por mais insignificantes que possam parecer. Hoje, quando saí pela varanda da frente de casa, senti no ar um cheiro de neve e, por alguns segundos, fiquei empolgada. Ainda não nevou este ano, e, bastam alguns centímetros de neve no chão, Emma e eu saímos correndo lá para fora. Ela é tão engraçada. Ela corre, escorrega, salta, cava e até come neve. Eu sempre quis saber o que ela pensa nessas horas. Provavelmente, algo como “*coelhos, coelhos, tenho que pegar os coelhos*”. Às vezes, eu jogo alguns petiscos na neve para ela encontrar algo de verdade.

Depois, tomo um banho quente, preparo uma xícara de chá, me aconchego diante da lareira com um livro e fico olhando as patas da Emma tremerem, enquanto ela revive as brincadeiras em sonho. Todas essas lembranças me vieram à mente, e me senti melhor. Eu tinha algo por que esperar.

Mas a sensação agradável foi embora assim que me lembrei do Natal do ano passado... pode acreditar: passar um inverno inteiro confinada em um lugar com as persianas baixadas é dar uma dimensão inusitada ao termo “depressão de inverno”. Além disso, no ano passado, em meados de janeiro, eu estava grávida de quatro meses.



Na montanha, eu vivia na expectativa dos momentos em que pudesse abrir um livro. O Maníaco tinha bom gosto, e eu nem me importava de ler em voz alta para ele. Enquanto virava as folhas, eu me transportava para outro lugar. E ele também. Às vezes, o Maníaco fechava os olhos ou se inclinava na minha direção, o queixo apoiado numa das mãos e os olhos brilhando. Em outros momentos, durante as passagens mais intensas, ele caminhava pelo quarto de um lado para outro. Quando gostava de algum trecho, colocava a mão no peito e dizia:

– Leia isso de novo.

Sempre pedia minha opinião sobre o que estávamos lendo, mas a princípio eu hesitava em expressar minhas ideias e procurava repetir os pontos de vista dele com minhas próprias palavras. Até que um dia ele arrancou o livro das minhas mãos e disse:

– Vamos, Annie, use essa linda cabecinha e me diga o que *você* acha!

Estávamos lendo *O príncipe das marés*. Ele gostava de alternar clássicos e contemporâneos, e estes não raro retratam famílias conturbadas. Tínhamos chegado ao trecho em que a mãe prepara comida de cachorro para o pai.

– Gostei de ela ter ferrado ele – disse eu. – Ele mereceu. É um babaca.

No instante em que as palavras saíram da minha boca, entrei em pânico. Será que ele acharia que eu estava dando alguma indireta? E o termo “babaca” não era adequado a uma dama. Mas ele apenas fez um sinal com a cabeça, um ar pensativo, e completou:

– É... ele não sabia valorizar a família, não é?

Quando lemos *Ratos e homens*, ele me perguntou se eu sentia pena do “coitado do Lennie” e, quando respondi que sim, ele comentou:

– Ora! Que interessante! Será porque a garota é uma piranha? Acho que você ficou mais abalada quando ele matou o cachorrinho. Você gostaria do Lennie se ele tivesse matado uma garota boazinha?

– Daria na mesma. Ele não é normal... não teve a intenção.

O Maníaco sorriu e disse:

– Então não tem problema matar alguém, desde que não haja a intenção? Vou me lembrar disso.

– Não foi bem isso...

Ele deu uma gargalhada e levantou uma das mãos, enquanto meu rosto ardia.

O Maníaco era cuidadoso com os livros. Eu não podia deixá-los abertos de qualquer maneira, nem dobrar o canto das páginas. Certa vez, enquanto o observava recolocando alguns volumes na prateleira, eu disse:

– Você deve ter lido muito na infância. – Suas costas se contraíram, e ele acariciou a capa do livro que tinha em mãos.

– Quando tinha permissão. – Permissão? Aquilo era estranho, mas, antes que eu pudesse me decidir se deveria fazer outra pergunta, ele retrucou:

– E você?

– Eu lia o tempo todo... uma das vantagens de ter um pai que trabalhava na biblioteca.

– Você teve sorte. – Fez uma última carícia nos livros e saiu do chalé.

Quando caminhava de um lado para outro, discutindo um personagem ou alguma reviravolta no enredo, ele se mostrava tão eloquente e entusiasmado que eu me envolvia no debate e expressava minhas próprias ideias. Ele me incentivava a explicar e defender minhas opiniões, e nunca perdia a calma, nem quando eu o contrariava. Com o passar do tempo, comecei a relaxar durante nossas discussões literárias. Evidentemente, assim que a hora da leitura chegava ao fim, também se encerravam os únicos momentos em que eu não tinha medo, a única atividade que me agradava e me fazia sentir um ser humano, me fazia sentir eu mesma.



Todas as noites, eu ficava na cama imaginando o esperma do Maníaco se deslocando dentro de mim, torcendo para meus óvulos se esconderem. Considerando que na época que ele me sequestrou eu estava tomando pílula, minha esperança era de que meu corpo estivesse desregulado e que eu fosse resgatada antes de ficar grávida. Mas eu esperava também ficar menstruada logo depois que deixasse de tomar a primeira pílula, mas isso só aconteceu cerca de uma semana após ele me estuprar.

Certa manhã, estávamos no chuveiro cumprindo a rotina, eu virada para a parede enquanto ele lavava minhas pernas, de cima a baixo, por dentro e por fora. De repente, ele parou. Quando virei, ele estava olhando a esponja. Havia sangue nela e, quando olhei para baixo, vi o líquido escorrendo pela parte interna das minhas coxas. Ele contraiu o maxilar e o rosto ficou vermelho. Eu conhecia aquele olhar.

– Desculpe... eu não sabia. – Colei o corpo à parede.

Atirou a esponja em mim, saiu da banheira e ficou parado sobre o tapete do banheiro, olhando para minha vagina, os olhos arregalados. A cortina estava entreaberta e a água escorria pelo chão. Tive certeza de que ele perderia o controle, mas ele esticou o braço, direcionou o chuveiro para mim e abriu a água fria... isto é, gelada.

– Pode se lavar.

Tentei não gritar, pois a água estava absolutamente gélida. Ele pegou a esponja no chão da banheira e a jogou em mim.

– Eu disse para você se lavar.

Quando acabei, segurando a esponja, perguntei:

– O que você quer que eu faça?

Ele fez um sinal para eu entregar a esponja, examinou-a e a devolveu para mim.

– Lave-se de novo.

Quando a esponja ficou totalmente limpa, e eu já estava quase azul, ele me deixou sair do chuveiro.

– Não se mexa – disse ele. Eu me perguntei se meu tremor contava como movimento. O Maníaco saiu do banheiro e poucos minutos depois voltou com alguns trapos.

– Use isto – disse ele, atirando os trapos na minha direção.

– Você não tem absorvente ou algo parecido? – perguntei.

Ele aproximou o rosto do meu e disse, pronunciando as palavras devagar:

– Uma mulher de verdade já estaria grávida. – Eu não sabia o que dizer, e o Maníaco elevou a voz: – O que você fez?

– Eu não poderia...

– Se você não fizer sua parte, eu acho quem faça.

Observada por ele, me vesti e coloquei aquele trapo ridículo dentro da minha calcinha. Meus dedos estavam tão dormentes que não consegui fechar a fileira de botões do vestido. Enquanto eu brigava com os botões, o Maníaco sacudiu a cabeça e disse:

– Você é patética.

Minha menstruação durou seis dias e todas as manhãs ele esperava fora da banheira até eu, debaixo do chuveiro gelado, entregar a esponja sem vestígio de sangue. A banheira precisava ser esfregada com desinfetante antes de ele entrar para tomar uma chuveirada. Ele me obrigava a colocar dentro de um saco os trapos usados, que eram levados para fora do chalé e queimados. E suspendemos a hora do banho, o que foi um alívio, pois durante seis dias ele não encostou o dedo em mim.

Todas as tardes ele me obrigava a ler livros sobre “como engravidar”. Ainda me lembro do título de um deles: *O modo mais rápido de conceber naturalmente*. Pois é... assim era o Maníaco: sequestrar uma mulher, trancá-la num chalé e estuprá-la era *muito* natural...



Assim que parei de sangrar, ele tentou me engravidar de novo. Eu rezava para que meu corpo percebesse que o esperma dele era doente e o rejeitasse, ou que todo aquele estresse e medo comprometessem minha fertilidade. Mas não tive tanta sorte.

Três semanas depois, eu sabia que minha menstruação estava próxima e torcia para que toda e qualquer sensação no meu abdômen fosse apenas uma cólica. Todas as vezes que ia ao banheiro, eu rezava para ver sangue na calcinha. Depois de quatro semanas, eu já sabia. Com base no calendário que eu improvisara na parede, concluí que tinha ficado grávida em meados de setembro, cerca de duas

semanas após o fim da menstruação.

Tentei esconder do Maníaco a gravidez, mas certa manhã acordei com ele acariciando minha barriga.

– Sei que você está acordada. Não precisa se levantar já – disse ele, beijando meu ombro. – Olhe para mim, Annie. – Virei de frente para ele. – Bom dia – ele me cumprimentou com um sorriso e em seguida olhou para a mão apoiada sobre minha barriga.

– Minha mãe, Juliet, a mulher que me criou... não era minha mãe biológica. Ela me adotou quando eu tinha 5 anos. A puta que me pariu era supostamente jovem demais para cuidar de uma criança. – A voz dele ficou tensa. – Mas não era muito jovem para arreganhar as pernas para meu pai, seja lá quem ele tenha sido. – Sacudiu a cabeça e disse num tom mais brando: – Mas a Juliet mudou minha vida. Ela perdeu o filho quando o menino tinha apenas 1 ano e ainda mamava no peito. Tinha muito amor para dar... Foi ela que me ensinou que família é tudo. E você, Annie, que tão cedo perdeu metade dos seus, eu sei que você sempre quis ter a própria família... Fico feliz por ser o escolhido.

Escolhido? Eu não diria isso. Mesmo antes de ser sequestrada pelo Maníaco, eu tinha dúvidas se queria ter filhos. Eu era bastante feliz com a vida de mulher independente, trabalhadora, e nunca fui do tipo que entra numa sala cheia de crianças e diz: “Puxa! Eu preciso ter uma fofura dessas!” Mas ali estava eu, grávida, gerando um menino-demônio. E ali estava ele, falando da mãe, me dando uma chance de examinar sua mente e fazer descobertas. Em parte, eu tinha medo de correr riscos, mas era preciso voltar a pensar a longo prazo.

– Você disse que o nome dela *era* Juliet. Sua mãe faleceu?

O sorriso desapareceu do seu rosto. Ele deitou-se de costas e fitou o teto.

– Foi tirada de mim quando eu tinha 18 anos.

Esperei para ouvi-lo falar sobre o assunto, mas ele parecia absorto em seus pensamentos.

– Pelo jeito, ela deve ter sido uma pessoa muito especial – comentei. – É bom vocês terem sido tão próximos. Minha mãe nunca me abandonou, ao contrário da sua mãe verdadeira. Mas, depois do acidente, ela passou a viver à base de medicamentos e por isso ficou bastante debilitada. Precisei morar com meu tio e minha tia durante algum tempo. Eu sei o que é se sentir sozinho.

O olhar dele resvalou em mim, e então se desviou.

– Como foi a experiência de viver com parentes? Eles foram bons para você?

Quando estava com cerca de 20 anos, fiz terapia, na tentativa de aprender a lidar com meus sentimentos em relação ao acidente, além de resolver certas questões pendentes com minha mãe. A terapia não me ajudou em quase nada e, a despeito do número de vezes que eu contasse a história, a coisa nunca ficou mais fácil. Eu não tinha conversado sobre esses sentimentos nem mesmo com Luke.

– Minha tia é irmã da minha mãe. Uma está sempre querendo ser mais que a outra, mas ela foi boa para mim, eu acho. Meus primos eram mais velhos, e praticamente me ignoraram. Mas eu não me importava.

– Não? Aposto que você se importava... e muito. – Não havia qualquer tom de deboche na voz dele. – Você não tinha nenhum outro parente com quem pudesse morar?

– Toda a família do meu pai já morreu, e minha mãe só tem essa irmã. – Na verdade, minha mãe tinha um meio-irmão, mas ele estava na cadeia cumprindo pena por roubo, e ela não o considerava parente. – Foi difícil, mas agora que estou mais velha tento entender o que minha mãe estava passando. Naquela época, ninguém recorria a psicólogos ou a grupos de apoio. Os médicos receitavam comprimidos.

– Ela mandou você para longe.

– Não foi bem assim.

Mas eu me lembrava das conversinhas dos meus primos, e da maneira como meus tios paravam de falar quando eu entrava na sala. Se minha mãe era uma imagem borrada, minha tia era toda linhas definidas e contornos nítidos. Ambas eram louras e delicadas. Todas as mulheres da minha família são louras, exceto eu, mas os lábios de tia Val são um pouco mais finos, e o nariz, comprido, e os olhos bem próximos um do outro. Enquanto minha mãe era pura emoção, para o bem ou para o mal, tia Val era calma, fria e comedida. Dali não vinha muito abraço carinhoso.

– Então sua mãe vendeu a casa, não foi? A metade da família se foi, e a casa também?

– Como você sabe...?

– Se a gente quiser conhecer uma pessoa... se quiser *de fato* conhecer uma pessoa... há várias maneiras. Assim como existiam diversas maneiras de sua mãe lidar com aquela situação.

– Ela foi obrigada a vender a casa. Meu pai não tinha seguro de vida. – Seis meses depois do acidente, minha mãe foi me buscar na tia Val e então descobriu que nossa casa já não existia.

– É possível que tenha sido obrigada, mas não deve ter sido fácil se mudar quando tanta coisa já havia mudado. E a nova casa era tão menor!

– Era só para nós duas. Não precisávamos de muito espaço.

Nós nos mudamos para um pequeno apartamento de dois quartos, alugado, na pior área de Clayton Falls, com vista para uma fábrica de papel. Os frascos de comprimidos foram substituídos por garrafas de vodca. Os robes de seda rosa da minha mãe tinham se transformado em nylon, e o perfume White Linen, da Estée Lauder, então era uma imitação barata. Nosso dinheiro era curto, mas ela conseguia separar o suficiente para comprar cigarros franceses – para minha mãe, tudo o que é francês é refinado – e vodca, que não é tão elegante. Popov

não é igual a Smirnoff.

Não apenas ela vendeu nossa casa como também todos os pertences do meu pai. Evidentemente, ela guardou os troféus e as roupas de competição da Daisy, estas sempre penduradas no armário da minha mãe.

– Mas vocês não ficaram sozinhas por muito tempo, não foi?

– Ela estava passando por um momento ruim. A vida de mãe viúva é difícil. Não havia muitas opções naquela época.

– Então ela achou que tinha finalmente encontrado um homem de verdade, capaz de sustentá-la? – ele sorriu.

Olhei-o fixamente por um segundo.

– Ela trabalhou... depois do acidente.

Como secretária, numa construtora pequena, mas sua ocupação principal era manter a aparência. Jamais saía de casa sem maquiagem completa e, em geral, quando se maquiava, já estava meio alta. Portanto, não era raro vê-la com os olhos borrados ou o rosto muito pintado. De algum modo, a maquiagem caía bem, como se ela fosse uma boneca quebrada, e os homens olhavam como se quisessem salvá-la do mundo cruel. A recente condição de viuvez não a impedia de retribuir os sorrisos.

Passados quatro meses, eu tinha um padrasto, o grande Sr. Falsário. Vendedor da firma em que ela trabalhava, ele dirigia um Cadillac, fumava charuto e até usava botas de caubói, que faziam sentido se ele fosse do Texas ou de Alberta, mas acredito que nunca tenha saído de Vancouver Island. Até que ele era atraente, fazendo um tipo Tom Selleck, meio largadão. Minha mãe pediu demissão do emprego logo depois que os dois se casaram. Acho que ela pensou que ele fosse um bom partido.

– O que você achou do seu novo pai?

– É um cara legal. Parece amá-la de verdade.

– Então, sua mãe construiu vida nova, e onde você se encaixou?

– O Wayne bem que tentou.

Eu gostaria de ter com ele uma intimidade semelhante à que havia tido com meu pai, mas Wayne e eu não tínhamos sobre o que conversar. As únicas leituras dele eram revistas femininas e manuais sobre enriquecimento rápido. Descobri então que sabia fazê-lo rir. Assim que percebi que me achava engraçada, virei uma palhacinha quando estava perto dele, tudo para vê-lo gargalhar. Porém, quando ele ria, minha mãe ficava irritada, e dizia algo como: “Pare com isso, Wayne. Você está provocando a menina.” Então ele parava. Magoada, comecei a debochar dele sempre que surgia uma oportunidade. Finalmente, passamos a nos ignorar.

O Maníaco me encarava com atenção e percebi que minha tentativa de descobrir coisas a respeito dele tinha resultado apenas em dar a ele mais informações sobre minha vida. Era hora de voltar ao plano original.

– E seu pai? – perguntei. – Você ainda não falou nele.

– Pai? O sujeito nunca foi um pai para mim. Muito menos foi bom para ela, mas ela não queria enxergar a verdade. – O tom de voz se elevou. – Ele era *caixeiro-viajante*... Deus do céu!... um vendedor gordo e *peludo*, que...

Engoliu em seco algumas vezes, e então disse:

– Eu tinha que libertá-la.

Não foram somente as palavras que me provocaram um calafrio na espinha, foi a frieza da voz no momento em que ele as pronunciou. Queria saber mais, porém meu instinto dizia para recuar. Tudo bem. A tempestade que ameaçava surgir dentro dele havia passado.

Pulou da cama com um sorriso, espreguiçou-se e, depois de um suspiro de satisfação, disse:

– Chega de conversa. Vamos comemorar o começo da nossa família. – Ele me olhou fixamente e então balançou a cabeça. – Espere aqui. – Vestiu-se, pegou o casaco e sumiu porta afora. Ao abrir a porta, o cheiro de folhas em decomposição e terra molhada chegou até a cama, o odor de um verão agonizante.

Quando voltou, sua pele estava corada e os olhos faiscantes. Uma das mãos estava escondida nas costas. Sentou ao meu lado e esticou a mão. O punho estava fechado.

– Às vezes, a gente passa por momentos difíceis na vida – disse ele. – Mas esses momentos são um teste, e, se a gente se mantiver firme, acaba sendo recompensado. – Cruzamos o olhar. – Abra a mão, Annie. – Olhando nos meus olhos, ele pressionou algo pequeno e frio na palma da minha mão. Tive medo de olhar.

– Ofereci isto a alguém, muito tempo atrás, mas ela não merecia. – A palma da minha mão começou a coçar. Ele ergueu as sobrancelhas. – Você não quer ver? – Baixei os olhos lentamente e vi uma corrente de ouro reluzindo na minha mão. Ele esticou o dedo e tocou o coraçõzinho dourado que pendia da corrente. – Lindo, não é? – Minha vontade era arremessar o cordão o mais longe possível.

– Sim, sim, é lindo, obrigada – respondi.

Ele pegou a corrente.

– Sente-se para eu colocá-la em você.

Minha pele chegou a formigar no momento em que a corrente a tocou.

Eu queria perguntar o que acontecera com a mulher a quem o cordão tinha sido oferecido, mas tinha medo da resposta.

OITAVA SESSÃO

Tudo bem, doutora, estou começando a questionar minha própria atitude... sim, sim, eu sei que minha atitude não era das melhores. Mas agora ela está começando a atrapalhar as coisas. Você sabe, coisas como minha vida. Antes de tudo isso acontecer eu nunca fui muito simpática, e tinha bons motivos – irmã morta, pai morto, mãe alcoólatra, padrasto babaca –, mas ao menos eu tentava não descontar a merda no mundo *inteiro*. Hoje em dia? Cara! Parece que qualquer um me deixa irritada. Você, os repórteres, os tiras, o carteiro, uma pedra no meio do caminho. A bem da verdade, acho que a pedra não me irritaria. E o pior é que eu costumava *gostar* de gente. Que droga! Posso até dizer que eu era *popular*. Mas e agora?

Meus amigos, por exemplo... telefonam ou querem me visitar. Eles ainda me chamam para sair, mas eu logo começo a pensar que só querem saber como anda a investigação, ou que os convites são motivados pela pena que eles sentem da pobre menininha. Daí, quando recuso, eles provavelmente ficam falando de mim. Sabe, é escroto e infantil *pensar* numa coisa dessas, quanto mais dizer isso, porque eu deveria ser agradecida pelo fato de as pessoas se importarem comigo e tentarem se aproximar, certo?

A verdade é que não tem muita coisa acontecendo na minha vida que eu queira compartilhar, e estou por fora da metade da merda sobre a qual eles conversam. Estou defasada em termos de filmes, acontecimentos mundiais, tendências e tecnologia. Por isso, se encontro alguém numa das minhas raras incursões ao mundo lá fora, pergunto como a pessoa vai, ela se mostra aliviada e logo começa a tagarelar sobre problemas no trabalho, o novo namorado ou a viagem que vai fazer. Penso com meus botões que é um consolo saber que, embora *minha* vida esteja fodida, as pessoas continuam se levantando todas as manhãs e tocando a vida delas. Quem sabe um dia eu também não vou poder reclamar do meu emprego?

Mas, depois que nos despedimos e vejo essa pessoa seguir adiante na rotina normal, eu volto a ficar irritada. Odeio o outro por não estar sofrendo como eu, por conseguir se sentir feliz. E odeio a mim, por ter esse sentimento.

Consegui até me afastar de Christina, embora ela tenha resistido bravamente. Quando voltei para casa, ela se esfalfou, decorando os ambientes, trazendo móveis novos, providenciando luz e calefação. Chegou até a abastecer a geladeira. O jeito de gerente, sempre encarregada de tudo, era uma das coisas de que eu mais gostava nela. Que droga! Antes, de muito bom grado, eu deixava Christina gerenciar minha vida. Mas quando ela começou a andar pela minha casa com um livro de feng shui, rearrumando as coisas para atrair energia

positiva, e trouxe vários telefones de terapeutas – isso foi antes de eu conhecer você –, eu fiquei cada vez mais intransigente e ela, obstinada.

Depois, começou uma verdadeira mania de querer conversar sobre o ocorrido, e ela passou a trazer garrafas de vinho e cartas de tarô. Christina espalhava as cartas e lia frases do tipo: “Você vem lutando sozinha há muito tempo. É hora de dividir o fardo com quem está perto de você.” Caso eu não entendesse a mensagem, cada frase era seguida de um olhar e uma pausa. Eu até estava conseguindo lidar com aquelas visitas, embora não gostasse muito, mas quando, um belo dia, Christina distribuiu as cartas e disse “Você *nunca* vai superar o problema se não começar a falar”, eu perdi a paciência. Devolvi com “Sua vida deve ser um saco, pois você precisa ficar curtindo minha merda, Christina”.

Magoada, ela fechou a cara. Murmurei um pedido de desculpas, mas ela logo depois foi embora.

A última vez que nos falamos, meses atrás, combinamos um horário para ela vir à minha casa trazer umas roupas... tentei escapar do encontro, mas ela não desistiu, insistindo que aquelas peças usadas me deixariam feliz. Uma hora antes de ela chegar, minhas tripas pareciam que iam dar um nó, tamanhos eram minha raiva e meu ressentimento. Enviei uma mensagem cancelando a visita e dei uma volta de carro de três horas. Chegando em casa, encontrei uma caixa de roupas na soleira da porta. Imediatamente guardei a caixa no porão.

Quando telefonou no dia seguinte, não atendi, mas ela deixou um recado toda alegre e empolgada, perguntando se eu tinha gostado das roupas e dizendo que queria muito me ver com elas. Telefonei de volta, agradecendo a mensagem, porém nunca mais retornei as ligações da Christina.

O que há de errado comigo, droga? Por que estou tão puta da vida com todo mundo?



Certa noite, tive certeza de ouvir o Maníaco dizer o nome de alguém. O volume da voz não permitiu que eu entendesse, mas percebi que não era o meu. Eu não seria burra a ponto de perguntar que nome era aquele, mas fiquei atenta.

Em termos de sexo, ele era bastante conservador. Graças a Deus. Em se tratando de maníacos, acho que o meu não era dos piores. Por favor, não estou elogiando ele. Estou só dizendo que ele não tentava comer meu rabo nem me obrigava a chupar seu pau... provavelmente, desconfiava que eu tentaria cortar o pinto dele fora com os dentes. Eu sabia de cor o meu papel. Sabia onde e como tocá-lo, o que e como dizer. Eu fazia o que fosse preciso para acabar tudo o mais rápido possível, e me tornei bastante eficaz.

Fisicamente, era mais fácil colaborar com ele, mas, emocionalmente, uma

parte de mim se rendeu para sempre.



Assim que soube que eu estava grávida, o Maníaco não fez mais questão de transar todas as noites, porém os banhos não foram suspensos. Às vezes, ele apenas descansava a cabeça no meu peito e conversava até pegar no sono. Num tom de voz sereno, ele expunha suas teorias sobre vários assuntos, das questões mais simples às mais complexas. No entanto os tópicos mais frequentes eram amor e sociedade. Por exemplo, ele dizia que nossa sociedade só quer saber de comprar e acumular: ele bem que tinha me comprado e me “acumulado”.

A ideia de que meus genes estavam se misturando aos dele para formar uma criatura me causava repulsa. A última coisa que eu queria era ter qualquer tipo de vínculo com aquele maluco, e à noite, deitada ao lado dele na cama, eu pedia ao meu corpo que abortasse. Eu direcionava ao monstro que crescia dentro de mim todos os pensamentos negativos possíveis e imagináveis, e visualizava a criatura sendo expelida do meu corpo. Geralmente, eu acordava suando frio, depois de pesadelos com fetos horrendos que dilaceravam minhas entranhas.

Durante todo aquele inverno, minha mente se encheu de imagens de um parto assistido pelo Maníaco. Quando ele me fez ler em voz alta um livro sobre parto em casa, precisei arrancar cada palavra da garganta. No passado, se visse uma cena de parto na TV, eu cobria os olhos, por não tolerar a visão de uma pobre mulher gritando enquanto aquela *coisa* era arrancada do seu corpo. Sempre pensei que, se um dia desse à luz, estaria sob o efeito de anestésicos, com um marido me incentivando enquanto eu me sentia grogue.

O bom humor do Maníaco em relação à gravidez durou poucos meses. Depois disso, um belo dia, ele afirmava que gostava das minhas unhas, e no dia seguinte me mandava fazê-las novamente. Às vezes, era permitido urinar às duas da tarde, outras eu era arrastada do vaso e obrigada a esperar até as três. Para uma grávida, que tem bexiga pequena, era uma tortura.

De manhã, eu vestia algo escolhido por ele. Depois, ao meio-dia, ele me obrigava a trocar de roupa. Se, ao inspecionar a louça, ele descobrisse uma sujeirinha, eu era forçada a lavar tudo novamente. Certa vez, eu me recusei a esfregar o banheiro, insistindo que já estava limpo, e ganhei um bofetão na cara e uma ordem para esfregar o chão do chalé inteiro. Aprendi a exibir um semblante de submissão total, forçando-me a manter o olhar baixo e os ombros caídos, como um cão que acaba de apanhar.

Uma manhã, perto do final de janeiro, tínhamos acabado de tomar café e eu lavava a louça. O Maníaco me observou por algum tempo e disse:

– Vou fazer uma viagem. – Era como se me dissesse que iria lá fora levar o lixo.

– Durante quanto tempo? Para onde? Você não pode me deixar sozinha aqui nesta montanha...

– Eu dito as regras, Annie. – O rosto se mostrava impassível.

– Você pode me levar. Você pode até me amarrar no carro! Por favor!

Ele sacudiu a cabeça.

– Aqui você está mais segura.



O Maníaco tirou alguns alimentos dos armários, sobretudo bebidas vitaminadas e proteína em pó, e deixou-os sobre o balcão. Nada de utensílios.

Geralmente, eu não tinha permissão para me aproximar da estufa, mas ele a destravou e retirou a tela. Em seguida, trouxe uma grande quantidade de lenha para dentro de casa e acendeu o fogo. Eu não tinha machado, jornal ou algo que pudesse utilizar para acender as chamas. Por isso, era preciso tomar todo o cuidado para que o fogo nunca apagasse.

Como ele não saía de casa havia alguns meses, concluí que estávamos precisando de mantimentos, e que ele iria até a cidade para comprar. Eu não fazia ideia de onde ele guardava comida, e tudo o que ele trazia para casa vinha embalado em sacos plásticos, a fim de impedir que eu identificasse o nome de algum mercado. Mas eu acreditava que existisse um congelador num porão, ou galpão, lá fora. Torcia para o motivo da viagem ser a compra de suprimentos. Será que ele voltaria a ver a Christina? E se encontrasse alguma mulher mais interessante e se esquecesse de mim? Quanto tempo leva para alguém morrer de fome? Eu tinha mais medo de ficar sozinha naquela montanha do que dele.

Uma mulher sumiu de Clayton Falls alguns anos antes do meu desaparecimento, e eu tinha pavor de encontrar o corpo dela no bosque quando saía para caminhar com Emma. Agora eu me perguntava se o mundo não estaria repleto de mulheres como eu. As respectivas famílias tinham tocado a vida. As mulheres já não eram notícia na primeira página. Estavam trancadas em algum chalé ou masmorra com algum maníaco, ainda esperando para serem resgatadas.



A vez seguinte que marquei a parede, tentei não pensar em quanto tempo havia passado no chalé. Tentei me convencer de que a cada dia mais se aproximava o momento em que eu seria encontrada. Quanto mais tempo eu ficasse viva, mais tempo eu daria àqueles que me procurassem. Pensei no que aconteceria se fosse resgatada ainda grávida. Eu estava com quase cinco meses e, com certeza, era tarde demais para fazer um aborto, mas eu achava que não conseguiria realizar o procedimento, apesar dos meus sentimentos em relação ao

bebê. Eu me perguntava como minha família e Luke reagiriam diante da minha gravidez. Luke dificilmente acolheria de braços abertos o filho de um estuprador. Até para mim seria difícil.

Você deve estar pensando que eu gostei quando o Maníaco foi embora, mas a cada dia eu ficava mais ansiosa. Esperando a porta abrir, rezando por esse momento. Eu o odiava, mas queria vê-lo. Eu dependia totalmente dele.

Sem saber quanto tempo o Maníaco ficaria fora, racionei a comida que ele deixara para mim. Como ele não estava presente e não podia determinar o horário das minhas refeições, tentei seguir o ritmo do meu corpo, mas eu sentia fome o tempo todo. Sei que muitas grávidas enjoam no começo da gestação, mas eu nunca passei mal. Só me sentia sonolenta e faminta.

Durante toda a minha vida, adorei atividades ao ar livre... no verão, nadava todas as noites, e, no inverno, esquiava nos fins de semana. Mas lá estava eu, entre quatro paredes. Eu costumava andar de um lado para outro pela lateral do chalé. Anos atrás, vi um urso num zoológico que não parava de correr ao longo da cerca, de um extremo ao outro da jaula. O bicho tinha aberto uma vala no chão. Lembro que na ocasião me perguntei se aquele animal não preferiria morrer a viver daquele jeito.

Quando não estava andando de um lado para outro, eu me encostava nas paredes e imaginava o que existiria do outro lado, ou então sentava no banheiro, olhando através do buraco na parede. Se o dia estivesse ensolarado, o buraco projetava uma nesga de luz na porta do banheiro, e eu passava horas observando o pequeno facho escorregar pela porta, até desaparecer.

Sem ele, não havia livros para ler. Então eu idealizava cenas de cinema. Imaginava minha mãe em casa, rezando para eu estar bem, falando com a polícia, implorando por minha volta na TV. Podia ver Christina e Luke vasculhando os bosques à minha procura, acompanhados de Emma, que me buscava pelo faro. O melhor de tudo era ver Luke arrombar a porta do chalé e me abraçar.

Eu imaginava que minha mãe tivesse até parado de beber e fundado um grupo de mães em busca de filhos desaparecidos, como a gente costuma ver. Sonhava que ela teria uma epifania: dando-se conta do modo como havia me tratado a vida inteira, ela decidiria me recompensar. Depois que eu fosse resgatada, ficaríamos mais próximas.

Nunca pensei que sentiria falta das piadas idiotas do Wayne, ou do jeito como ele às vezes despenteava meu cabelo como se eu ainda tivesse 12 anos. Mas agora eu fazia pactos com Deus, prometendo que, se conseguisse voltar para casa, ouviria todas aquelas ideias bobas sobre enriquecimento rápido.

Eu passava bastante tempo alisando minha barriga e imaginando os traços do bebê. Alguns dos livros mostravam fotografias de fetos em vários estágios, e eu as achava simplesmente nojentas. Eu tinha certeza de que meu bebê seria bonito,

mas, sendo filho do Maníaco, que tipo de criança ele seria?



O Maníaco voltou depois de cinco dias intermináveis.

– Sente-se na cama, Annie – disse ele, no instante em que entrou. – Precisamos conversar. – Sentei de costas para a parede, e ele sentou ao meu lado, segurando minha mão.

– Fui até Clayton Falls e não me agrada ter que dizer isso... – Sacudiu a cabeça de um lado para outro. – As buscas foram suspensas.

Não!

Com o polegar, desenhou pequenos círculos na palma da minha mão.

– Tudo bem, Annie? Sei que essa notícia foi um golpe e tanto.

Com a cabeça, acenei que sim.

– Confesso que fiquei surpreso ao ver sua casa à venda, mas acho que as pessoas entendem que é hora de seguir em frente.

O choque deu lugar à raiva, quando pensei em minha casa à venda: uma construção vitoriana de três andares, pela qual me apaixonei assim que vi as lindas janelas com vitrais, o pé-direito com três metros e o piso original de madeira maciça. Minha mãe faria uma coisa dessas? Ela nunca gostou da casa, em sua opinião, velha e fria demais. Será que o Wayne a tinha ajudado a fincar a placa “VENDE-SE” no jardim? Provavelmente, ele estava feliz por ter se livrado da enteada espertinha.

– Como ficou sabendo?

– Não importa como fiquei sabendo. O importante é que me preocupo o bastante para lhe contar. E fiquei sabendo de outra coisa também. – Fez uma pausa. Eu sabia que ele estava esperando que eu dissesse algo, mas eu não queria me deixar manipular. No entanto, eu precisava saber, logo, precisava perguntar.

– Que coisa?

O que vai fazer para me magoar agora, seu desgraçado?

– Algo muito interessante sobre o Luke...

Dessa vez me forcei a ficar calada. Passados alguns segundos, ele não se conteve.

– Parece que ele já cansou de esperar por você.

– Não acredito. O Luke *me ama*...

– Bem, quando vi o Luke com o braço nos ombros de uma linda loura, sussurrando no ouvido dela, não acho que estivesse dizendo que estava apaixonado *por você*, Annie.

– Você está mentindo. Ele não faria...

– Ele não faria o quê? Seja sincera, e me diga se você *nunca* se perguntou se o queridinho do Luke não era bom demais para ser verdade? Ele é *fraco*, Annie.

Atordoada, fixei o olhar na parede oposta.

O Maníaco sacudiu a cabeça.

– Mas agora você está começando a perceber as coisas. Eu salvei você dele.

Seria possível que o Luke já estivesse namorando alguém? Uma recepcionista loura trabalhava no restaurante. Eu não me lembrava do nome dela, mas achava que ela dava em cima do Luke. Ele me disse que era bobagem minha.

Na véspera do meu sequestro, Luke não me pareceu entusiasmado com o convite para jantar. Ele estava no restaurante, e imaginei que estivesse ocupado, ou que achasse que mais uma vez eu precisaria desmarcar o encontro. Já existiria outra mulher àquela época? Não, era impossível. Luke nunca me disse que estava insatisfeito, e eu não conseguia enxergar nele um único sinal de traição.

O Maníaco virou meu queixo, de maneira que fui obrigada a encará-lo.

– Agora você só tem a mim, Annie.

Ele estava mentindo. Tudo era apenas mais um lance naquele jogo doentio. Nada lhe causava tanto prazer quanto me perturbar. As pessoas se preocupavam comigo. Muita gente se preocupava comigo. Eu sabia que não era a namorada perfeita, principalmente nas semanas anteriores ao sequestro, mas Luke não me substituiria assim, da noite para o dia. E Christina me adorava. Éramos amigas desde sempre, e eu sabia que ela não se esqueceria de mim. Minha mãe e eu tínhamos nossas diferenças. Ela e Daisy sempre foram mais próximas, mas ela ficaria arrasada com meu desaparecimento. Vender minha casa não significava nada – se aquela história da venda fosse verdade. Provavelmente, o dinheiro seria para um possível pagamento de resgate.

Mas e se o Maníaco não estivesse mentindo? E se as buscas tivessem sido suspensas? E se todos tivessem resolvido tocar a vida? Talvez Luke tivesse uma nova namorada, que não trabalhasse o tempo inteiro. Talvez minha mãe estivesse assinando um contrato de venda da minha casa naquele exato instante, e até Emma talvez já tivesse se esquecido de mim. Será que ela estaria morando com Luke e a tal loura? Todos seguiriam adiante com suas vidas, e eu ficaria presa para sempre com aquele estuprador sádico.

O Maníaco tinha feito a coisa parecer tão verídica... e que indícios eu tinha para provar o contrário? Ninguém havia me encontrado, não é? Eu queria discutir com ele e convencê-lo de que eu era amada, mas, quando abri a boca, não conseguí dizer sequer uma palavra. Em vez disso, me lembrei do canil.

Eu trabalhava no canil municipal como voluntária, fazendo a limpeza e levando os cães para passear. Alguns animais tinham sofrido maus-tratos e mordiam qualquer pessoa que se aproximasse. Outros nem conseguiam receber carinho, e alguns deles se tornavam tão submissos que se mijavam quando alguém levantava a voz. E havia cães que pareciam ter desistido, que ficavam imóveis dentro dos cubículos, olhando para a parede sempre que um possível

dono se aproximava.

Bubbles, um bichinho feioso, com problema de pele, estava no canil havia muito tempo. Mas, assim que alguém aparecia, ele corria para a frente do cubículo, como se fosse a criatura mais linda do mundo. Sempre esperançoso. Eu queria levá-lo para casa, mas naquela época morava num apartamento. Com o tempo, tive que deixar o trabalho voluntário por causa do emprego e não fiquei sabendo se alguém o adotara. Agora eu era uma cadela idiota, esperando que alguém me levasse para casa. Tomara que o Bubbles tenha sido sacrificado antes de descobrir que não iriam resgatá-lo.

N O N A S E S S Ã O

Acaminho de casa, depois que saí da sessão anterior, parei para abastecer num posto de gasolina. As prateleiras perto da caixa estavam abarrotadas de saquinhos de balas. Enquanto estive na montanha, não tinha permissão para comer doce. Senti falta de tanta coisa, coisinhas bobas, que com o passar do tempo eu nem percebia, pois nem me lembrava mais do que gostava. Naquele momento, olhando para as balas, eu *me lembrei* de que gostava de doce, e meu sangue ferveu de raiva.

A garota atrás do balcão perguntou: “Mais alguma coisa?” Surpreendi a mim mesma dizendo “não”, mas aí minhas mãos começaram a agarrar vários sacos de balas que estavam nas prateleiras: azedinhas, jujubas, balinhas de goma e de gelatina, e tudo o mais. As pessoas que estavam na fila se espantaram ao ver uma mulher maluca pegando balas como se fosse a noite de Halloween, mas eu pouco me lixei.

No carro, abri os saquinhos e enfiei um monte de balas na boca. Comecei a chorar... eu não sabia e nem queria saber por quê – comi tanta bala que vomitei quando cheguei em casa, e minha língua ficou cheia de aftas. Mas aí eu comi mais, muito mais... e rápido, como se estivesse com medo de que a qualquer momento alguém pudesse chegar e me impedir. Eu queria voltar a ser aquela garota que adorava bala, doutora. Que adorava bala.

Sentei diante da mesa da cozinha... cercada de sacos e papel de bala... sem conseguir parar de chorar. Fiquei com dor de cabeça de tanto açúcar que comi. Mas chorei porque as balas não tinham mais o mesmo gosto. *Nada* mais tem o mesmo gosto.

O Maníaco nunca me disse por que voltou a Clayton Falls, ou o que fez lá além de bisbilhotar a vida dos meus entes queridos, mas na primeira noite depois que voltou ele estava de ótimo humor. Nada excita tanto um maníaco quanto dizer a uma garota que ninguém mais se importa com ela. Enquanto preparava o jantar, ele assobiou e dançou pela cozinha como se estivesse cozinhando num programa de TV.

Quando demonstrei espanto, ele sorriu e fez uma reverência.



Se ele foi a Clayton Falls e voltou em cinco dias, eu não estava tão distante nem tão ao norte, a menos que ele tivesse tomado um avião. Em todo caso, agora nada mais importava. Se eu estivesse a cinco ou a 500 quilômetros de casa, não importava, a distância tinha se tornado insuportável. Quando eu pensava na casa que tanto amava, nos amigos e na família, no fim das buscas, eu sentia como se

uma gigantesca mortalha me envolvesse e me puxasse para baixo. *Durma. Durma e esqueça.*

Talvez essa sensação durasse para sempre, mas duas semanas depois que o Maníaco voltou, em meados de fevereiro, quando eu estava por volta do quinto mês de gravidez, senti o bebê se mexer. Foi a mais estranha das sensações, como se eu tivesse engolido uma borboleta, e, naquele exato momento, o neném deixou de ser algo ruim, deixou de ser *dele*. Era meu, e eu não precisava compartilhá-lo.

A partir de então, passei a gostar de estar grávida. A cada semana, à medida que minha barriga crescia e arredondava, eu me admirava com o fato de o meu corpo estar gerando uma vida. Eu não me sentia morta por dentro: eu me sentia viva. Nem mesmo a redobrada obsessão do Maníaco pelo meu corpo alterou meus sentimentos a respeito da gravidez. Ele me obrigava a ficar de pé enquanto passava as mãos pelo meu abdômen e pelos meus seios. Num desses “exames”, durante os quais eu contava os nós na madeira do teto, ele disse: “Você nem imagina a sorte que é ter um filho longe da sociedade atual, Annie. Os seres humanos só sabem destruir tudo... arrasam a natureza, o amor, as famílias, tudo por causa da guerra, dos governos e da ganância. Mas aqui criei um mundo puro, um mundo *seguro*, para nós dois criarmos nosso filho.”

Enquanto ele falava, pensei no motorista bêbado que matara meu pai e minha irmã. Pensei nos médicos entupindo minha mãe de comprimidos, nos corretores meus conhecidos, que faziam qualquer coisa para fechar um negócio, nos meus amigos e parentes, que seguiam com suas vidas, nos policiais, que deveriam ser uns imbecis, senão eu já teria sido encontrada.

Eu odiava levar em conta a opinião de um maníaco. Mas se alguém nos diz que o céu é verde, embora saibamos que é azul, e a pessoa age como se ele fosse verde, e repete que é verde dia após dia, como se de fato *acreditasse* nisso, finalmente começamos a nos perguntar se não estamos loucos por pensar que é azul.

Eu costumava me perguntar: *Por que eu?* Por que, entre todas as mulheres que podia ter sequestrado, ele foi escolher uma corretora de imóveis, uma mulher que trabalha? Eu não era exatamente a esposa ideal para um homem das montanhas. Não que eu desejasse a alguém o que tinha acontecido comigo, mas não teria sido melhor para o Maníaco uma pessoa mais frágil? Alguém que não causasse tanto problema? Mas percebi que ele sabia o que estava fazendo. O tempo todo.

Pensei que tivesse superado os problemas da minha infância, da minha família, do meu sofrimento, mas, quando você chafurda no esterco por muito tempo, é impossível não ficar fedorento. A gente pode comprar o melhor sabonete e esfregar a pele até que fique carne viva, e então, um belo dia, a gente está passeando e uma mosca pousa na nossa pele. E depois outra mosca, e mais outra... porque elas *já sabem*. Sabem que, debaixo daquela pele esfolada, a gente

é só esterco. Nada além de merda. A gente pode limpar quanto quiser, mas as moscas sempre sabem onde pousar.



Naquele inverno, o Maníaco impôs um sistema de recompensas. Quando ficava satisfeito com meu comportamento, ele me oferecia coisas: uma fatia extra de carne no jantar, uma ida a mais ao banheiro. Se eu dobrasse a roupa lavada com perfeição, ele me deixava colocar um pouco de açúcar no chá. Ao voltar de uma de suas visitas à cidade, ele disse que eu tinha sido uma boa menina, e me deu uma maçã.

Como eu não tinha mais direito a nada, quando ele me oferecia alguma coisa, até uma simples maçã, o gesto se tornava grandioso. Comi a fruta de olhos fechados, me imaginando sentada embaixo de uma árvore durante o verão. Eu podia sentir o sol nas minhas pernas.

Ele ainda me castigava se eu fizesse algo errado, mas fazia tempo que não me espancava, embora às vezes eu desejasse que me batesse. Ser espancada era um ato físico que provocava minha hostilidade. Mas e o assédio moral? Aquilo realmente acabava comigo e, à medida que os meses se passavam, as vozes dos meus entes queridos diminuía de intensidade, tornando-se murmúrios, e os rostos ficavam borrados. Pouco a pouco, dia após dia, o céu esverdeava.



Ele continuava a me estuprar, mesmo depois que minha barriga começou a crescer. Mas o ato havia se tornado diferente, como se agora ele estivesse desempenhando um papel. De vez em quando, era gentil, amável, e então se surpreendia e ficava vermelho, como se gentileza fosse algo errado.

Algumas vezes, simplesmente parava e se deitava ao meu lado, a mão na minha barriga, e perguntava sobre a sensação de estar grávida. Eu sentia o neném se mexer? Mesmo quando ele não tinha vontade de fazer sexo, eu era obrigada a usar um dos vestidos, e ficávamos deitados na cama, ele com a cabeça apoiada no meu peito.

Certa noite, o peso da cabeça dele sobre meus seios despertou em mim a ideia da amamentação, e comecei a pensar no bebê. Distraidamente, passei a cantarolar uma música de ninar. Ao perceber o que estava fazendo, parei imediatamente. Ele moveu a cabeça, passando a apoiá-la no meu ombro, e olhou nos meus olhos.

– Minha mãe costumava cantar essa música para mim. Sua mãe cantava para você, Annie?

– Não que eu me lembre.

Eu queria manter a conversa, saber mais a respeito dele, mas não poderia

perguntar, diretamente: “Então, como foi que você se transformou num maníaco?”

– Sua mãe deve ter sido uma pessoa interessante – eu disse, com receio de estar pisando num campo minado, mas ele nada respondeu. – Quer que eu cante alguma coisa especial? Não conheço muitas músicas, mas posso tentar. Tive aulas de canto quando era criança.

– Agora, não. Quero ouvir mais sobre sua infância.

Que merda! Como poderia arrancar revelações dele, se continuasse falando das minhas baboseiras?

– Minha mãe não era do tipo que cantava para a gente dormir – disse eu.

– E as aulas de canto foram ideia sua?

– Foi tudo ideia da minha mãe.

Passsei a infância inteira experimentando coisas novas: aulas de canto, piano e, claro, patinação artística. Daisy fez patinação desde pequena, mas eu não fui muito longe. Eu passava mais tempo com a bunda no gelo do que em pé. Minha mãe quis que eu aprendesse balé também, mas a experiência chegou ao fim quando, no meio de uma pirueta, bati numa menina e quase quebrei o nariz dela.

Nem mesmo o acidente deteve minha mãe. Na verdade, a morte da filha favorita só aumentou sua necessidade de fazer com que eu me destacasse em *qualquer coisa*. Pois bem, passei a ter sucesso em sabotagem. É incrível a quantidade de maneiras diferentes de quebrar instrumentos ou destruir roupas bordadas com lantejoulas.

– Que tipo de aula você queria ter?

– Eu gostava de arte, pintura, desenho, coisas desse tipo. Mas minha mãe não gostava.

– Então, se ela não gostava, você não podia gostar? – Ele ergueu as sobrancelhas. – Ela não parece ter sido muito justa nem muito divertida.

– Quando éramos pequenas, antes da morte da Daisy, ela era divertida. Todo Natal, fazíamos bolos, doces e ela sempre brincava com a gente, vestindo nós duas com suas roupas. Às vezes, nós três construíamos fortes de mentirinha no meio da sala, e ficávamos acordadas até tarde, assistindo a filmes de terror na TV.

– *Você* gostava de filmes de terror?

– Eu gostava de ficar com a Daisy e com ela... As duas tinham um senso de humor diferente. Minha mãe gostava de umas brincadeiras estranhas. Uma vez, num Halloween, ela espalhou ketchup pelo chão ao lado da minha cama, para que, ao acordar, eu pensasse que fosse sangue. Ela e a Daisy riram da brincadeira por vários dias.

Até hoje, detesto ketchup.

– Mas você não achou muita graça, não é?

Dei de ombros. O Maníaco começou a dar sinais de tédio e virou na cama,

como se fosse se levantar. Que merda! Eu precisava demonstrar sentimentos convincentes se quisesse que ele se apegasse a mim.

– Eu chorei. Minha mãe até hoje gosta de contar que me enganou. Ela adora esse tipo de coisa... enganar as pessoas. Ela nos acompanhava para pedir doces na noite do Halloween, de casa em casa.

– Interessante. E por que você acha que sua mãe gosta de “enganar as pessoas”, como você diz?

– Quem sabe?... Mas ela é muito boa nisso. É assim que ela consegue renovar seu estoque de maquiagem e de roupa... ela enrola todas as vendedoras da cidade.

Assim que acabavam os vidros de perfume barato, minha mãe saía em busca de alguma idiota no balcão de uma loja de departamentos. As vendedoras não apenas concordavam em maquiá-la a bela viúva como ofereciam amostras grátis, especialmente porque minha mãe elogiava os produtos diante de qualquer mulher que parasse no balcão.

E ela não era boa apenas em enganar as pessoas. As mãos podem ser pequenas, mas os olhos dela são atentos... e que mãozinhas ágeis! A penteadeira dela ficava cheia de vidros de colônia e loções que ela pegava do balcão quando a vendedora virava as costas. Às vezes, ela até comprava alguma coisa, mas geralmente devolvia e pegava o dinheiro de volta em outra loja. Um dia, resolvi tocar no assunto, mas ela me disse que, considerando as vendas que ajudava a realizar, ela achava que um vidro de perfume, de vez em quando, era uma espécie de comissão.

Depois que percebeu como era fácil roubar perfume, minha mãe passou a afanar roupas e lingerie. Só coisa fina, de butique. Quando fiquei mais velha, me recusei a acompanhá-la. Tenho certeza de que ela ainda faz isso. Eu não pergunto, mas ela se veste melhor que muita modelo por aí.

– Às vezes, eu acho que ela gostava mais de mim quando eu era criança – ponderei. Os olhos do Maníaco brilharam. Eu tinha tocado num ponto nevrálgico.

Olhando-o nos olhos, eu disse:

– Acho que para ela eu era mais divertida quando pequena, ou talvez tenha sido porque cresci e comecei a ter opiniões próprias, muitas vezes discordando dela. Seja como for, tenho certeza de que ela se decepcionou depois que cresci.

O Maníaco pigarreou. Em seguida, fez uma pausa e sacudiu a cabeça. Queria dizer algo, mas precisava de um empurrãozinho. No tom de voz mais suave possível, eu disse:

– Você teve esse tipo de sensação, quando era criança?

Ele virou de barriga para cima na cama e contemplou o teto, a cabeça ainda apoiada no meu braço.

– Minha mãe não queria que eu crescesse.

– Talvez todas as mães fiquem tristes quando seus filhos crescem.

– Não... não era isso.

Pensei na ausência de pelos no corpo dele e na obsessão por se raspar. Estiquei o braço por sob a cabeça dele e toquei sua testa. Surpreso, ele se encolheu, mas não se afastou.

– O primeiro filho dela morreu, não foi? – perguntei. O corpo dele se retesou ao meu lado. Levantei a mão para acariciar seu cabelo, no intuito de fazê-lo relaxar, mas, sem saber como ele reagiria, baixe-a devagar e apenas pressionei minha perna contra a dele, para que o Maníaco sentisse o calor do meu contato. – Você acha que tinha algo a ver com isso? Acha que precisava compensar a perda dele? Sabe... como se você fosse um substituto? – Seus olhos ficaram sombrios e ele virou um pouco de lado. Eu precisava impedir que ele se fechasse totalmente.

– Você me perguntou sobre a Daisy e eu não quis falar porque ainda é difícil para mim. Ela era maravilhosa. Sabe... era minha irmã mais velha, e sei que às vezes ela se irritava comigo, mas eu achava a Daisy perfeita. Minha mãe também achava. Depois do acidente, eu surpreendia minha mãe me encarando, ou então ela passava por mim e pousava a mão na minha cabeça. E só pelo jeito como ela me tocava eu já sabia que estava pensando na Daisy.

Ele voltou a me encarar.

– Ela chegou a dizer alguma coisa?

– Não, não. Pelo menos, nada que eu percebesse. Mas não é preciso que a pessoa diga algo para a gente saber. Ela nunca admitiria, mas tenho certeza de que preferia que fosse *eu* a filha que atravessou o para-brisa do carro. E nem posso culpar minha mãe por isso... durante muito tempo eu mesma pensei assim. A Daisy era melhor que eu. Quando era mais jovem, eu achava que por isso Deus quis minha irmã perto dele.

Não sei que droga aconteceu. Talvez fossem meus hormônios idiotas, mas comecei a chorar. Era a primeira vez que eu confessava aqueles sentimentos a *alguém*. Ele abriu a boca e parou, como se fosse dizer algo. Mas não disse. Fechou a boca, deu um tapinha na minha perna e voltou a olhar para o teto.

Do que o Maníaco tinha medo? Como fazer para que ele confiasse em mim e se abrisse? Por enquanto, eu só havia conseguido um inferno emocional, trazendo à tona um monte de merda. Eu tinha ouvido falar de crianças que sentem um dever de lealdade para com pessoas que abusam delas. Seria isso o que estava freando o Maníaco?

– Acho que eu nem deveria estar contando essas coisas – mencionei. – Minha mãe fez tanto por mim durante tantos anos que eu sinto que falar mal dela é o mesmo que traição. – Ele inclinou a cabeça na minha direção. – Mas acho que os pais são seres humanos e cometem erros também. – Minha mente buscava qualquer besteira que eu tivesse lido sobre o tema “perdoar os pais”. – Eu tento me convencer de que não tem problema falar sobre essas coisas e que posso

amar minha mãe mesmo que nunca aprove tudo o que ela faz.

– Minha mãe foi uma mulher maravilhosa. – Ele fez uma pausa. Esperei. – Nós também brincávamos da hora de se vestir.

Agora a coisa começava a ficar interessante.

– Eu tinha apenas 5 anos, mas ainda me lembro do dia em que ela veio me ver na casa do casal que cuidava de mim. O imbecil com quem ela era casada estava com ela, mas ele mal olhou para mim. Ela estava usando um vestido branco, de verão, e, quando me abraçou, tinha cheiro de mulher limpa, ao contrário da porca gorda que cuidava de mim. Disse que eu devia me comportar bem, que voltaria para me pegar... e voltou. O marido dela estava viajando, como sempre, e então ficamos só nós dois. E quando chegamos em casa... eu nunca tinha visto uma casa tão limpa... ela me deu um banho.

Tentei não demonstrar emoção na voz, ao dizer:

– Deve ter sido muito bom...

– Eu nunca tinha tomado um banho como aquele, com velas e perfume. Quando lavou meu cabelo e minhas costas, suas mãos eram tão macias! Deixou a água suja escorrer, encheu a banheira novamente e entrou comigo, para me lavar melhor. Quando beijou meus machucados, seus lábios eram macios como veludo. Disse que, através da minha pele, estava transferindo para ela a minha dor. – Ele olhou para mim e não sei como consegui, mas fiz um sinal positivo com a cabeça, como se ele acabasse de dizer a coisa mais natural do mundo.

– Ela disse que eu podia dormir na cama dela, pois não queria que eu tivesse medo. Eu nunca tinha sentido a pele de outra pessoa em contato com a minha... ninguém tinha me abraçado antes... eu sentia o coração dela pulsando. – O Maníaco passou a mão pelo peito. – Ela gostava de alisar meu cabelo, como sua mãe fazia com você, e dizia que se lembrava do filho dela. – Minha mão, que naquele momento roçava os cachos dele, começou a coçar, mas resisti ao impulso de recolhê-la.

– Ela não podia mais ter filhos e disse que havia esperado muito tempo até encontrar um menino como eu. Naquela primeira noite, ela chorou... Prometi me comportar bem.

Ele voltou a se calar.

– Você disse que costumavam brincar de vestir roupas... Era como caubóis e índios? – Ele demorou muito para responder. Quando começou a falar, melhor seria se não tivesse feito.

– Depois do banho, todas as noites... – Ah, *merda!* – Eu dormia na cama dela, porque ali eu me sentia mais seguro, mas, nas noites que ele voltava das tais viagens, nós tomávamos banho mais cedo e eu ajudava minha mãe a se vestir. – O tom de voz se tornou inexpressivo. – Se vestir para ele.

– Aposto que isso fazia você se sentir meio abandonado. Ela era toda sua e então, assim que ele chegava em casa, você era colocado de lado.

– Ela não tinha opção. Ele era o marido. – Virou o rosto para mim e disse, com a voz firme: – Mas eu era especial. Ela dizia que eu era o homenzinho dela.

Entendido.

– *Claro* que ela achava você especial... ela escolheu você, não foi?

Ele sorriu.

– Assim como eu escolhi você.

Mais tarde, quando ele se deitou ao meu lado e pôs a mão no meu peito, vi que sentia pena do sujeito. Sentia, sim. Foi a primeira vez que tive um sentimento diferente de asco, medo ou ódio por ele, e a constatação me amedrontou mais do que qualquer outra coisa.



O cara me *sequestrou*, doutora, me estuprou, bateu em mim, e eu não deveria dar a mínima para o sofrimento dele, mas, quando ele me contou aquelas coisas sobre a mãe... e eu sabia que tinha mais coisa... *senti pena* por ele ter uma mãe fodida que fodeu com ele. Senti pena porque ele sofreu abuso dentro de casa, e o pai adotivo pouco ligava para ele. Seria porque minha própria família era tão ferrada? Foi por isso que me comovi com o sofrimento dele... por causa do meu? O que sei é que tudo isso me dá muita raiva, doutora. Tenho raiva de ter sentido um pingo de compaixão pelo Maníaco. Tenho raiva até de estar contando essa merda para você.

A maioria das pessoas acha que eu ficava sob a mira de uma arma o tempo todo, e eu não tento dizer o contrário. Como poderia explicar? Como posso dizer às pessoas que, quando o Maníaco me falava de lugares ao redor do mundo, como o rochedo de Gibraltar, com todos aqueles macacos, eu o achava interessante e articulado? E que às vezes, quando ele massageava meus pés... que incharam tanto... eu *gostava*. Ou que na hora da leitura ele se entusiasmava e ficava engraçado, ou que quando cozinhava... sempre que fritava ovo ele dava uns passinhos de dança e falava com sotaques variados... eu via o cara sorridente que veio ao meu encontro no plantão de vendas. Como eu poderia dizer a alguém que ele me fazia *rir*?

Sempre tive tanto orgulho da minha força. Eu era do tipo que dizia que homem algum conseguiria mudar meu jeito de ser, mas ele mudou. Mudou mesmo. Comecei a sentir que dentro de mim ainda havia uma pequena chama, algo que ainda era eu. Como a chama-piloto de um aquecedor tremulando ao fundo, mas me preocupava a ideia de que algum dia o gás explodisse. *Ainda* me preocupo que um dia a coisa possa explodir.

Existe por aí um monte de livros dizendo que a gente cria o próprio destino, e que aquilo em que acreditamos irá se realizar. Nós devemos sair por aí só com pensamentos positivos na cabeça, e então tudo será sombra e água fresca. Não...

desculpe... não é nada disso. A gente pode estar se sentindo mais feliz do que nunca e mesmo assim pode acontecer uma grande merda.

Mas a merda não apenas *acontece*. Ela derruba e esmaga você no chão, porque somos idiotas o bastante para acreditar em sombra e água fresca.

DÉCIMA SESSÃO

Doutora, ontem à noite tive um momento de glória. Eu estava dormindo... na minha cama, fato que vai deixá-la feliz... quando acordei com vontade de fazer xixi. Então, fui tropeçando até o banheiro. Ao terminar, me dei conta do que tinha feito, e fiquei tão feliz que perdi o sono. Minha empolgação foi tanta que não preguei os olhos o resto da noite.

Era um velho hábito, ir ao banheiro no meio da madrugada, mas isso é bom, sinal de que as velhas rotinas estão voltando, certo? E talvez signifique que *eu* estou voltando. Não se preocupe, eu me lembro de que você me disse para aceitar que nunca mais serei quem eu era antes do sequestro. Mas mesmo assim já é *alguma coisa*.

Talvez a coisa tenha funcionado porque, dormindo, eu não pude nem pensar no que estava fazendo. Sempre gostei da expressão “dançar como se ninguém estivesse vendo”. Digamos que a gente está em casa, sozinha. O rádio começa a tocar uma música bem agitada. A gente começa a se mexer devagarzinho, feliz da vida, entrando no ritmo, curtindo o momento. A gente se empolga... é perna para todo lado, braços para cima, quadril rebolando. Mas basta estar em público que a gente começa a pensar que está sendo observada, julgada. Então se pergunta: será que estou rebolando demais? Será que estou no ritmo? Estão rindo de mim? Logo a gente para de dançar.



Lá na montanha, eu era testada todos os dias. Quando ele estava feliz, eu tinha direito a algumas mordomias. Se não fizesse algo com a rapidez ou a perfeição esperada, o que não ocorria sempre, pois eu tomava muito cuidado, eu levava bofetadas ou ficava sem as mordomias.

Enquanto o Maníaco analisava meu comportamento, eu avaliava o dele. Mesmo após nossa conversa sobre a mãe dele, eu ainda não conseguia perceber como manipulá-lo, e cada situação era um indício a ser recolhido e arquivado na memória. Interpretar as necessidades e vontades dele se tornou meu trabalho. Portanto, passei a estudar cada detalhe da sua fisionomia, cada inflexão da sua fala.

Os anos que vivi com minha mãe, cuja sobriedade eu tinha aprendido a avaliar segundo o grau da queda das pálpebras, me ajudaram a desenvolver algumas habilidades. Mas na minha “escola de mães” aprendi também a lidar com o imprevisível, como acontece em relação aos tigres: a gente nunca sabe se vai ser um amigo ou a próxima refeição. *Tudo* dependia do estado de espírito em que o animal se encontrasse. Às vezes, eu cometia um erro e o Maníaco mal reagia.

Outras, eu dava uma escorregadela e ele se descontrolava.

Por volta de março, quando eu estava mais ou menos no sexto mês de gravidez, ele entrou em casa, voltando de uma caçada, e disse:

– Preciso da sua ajuda lá fora.

Lá fora? Como... *ao ar livre*? Encarei o Maníaco em busca de algum sinal de que fosse brincadeira ou de que pretendesse me executar do lado de fora. Mas seu rosto não transparecia qualquer emoção.

Atirou um dos seus casacos e um par de galochas.

– Vista isso.

Antes mesmo de eu fechar o zíper, ele agarrou meu braço e me puxou para fora do chalé.

O cheiro de ar puro bateu no meu rosto como se eu tivesse me chocado contra uma parede, e meu peito se contraiu, surpreso. Tentei olhar em volta enquanto ele me conduzia até a carcaça de um cervo, a cerca de cinco metros do chalé. Mas o dia estava ensolarado e a claridade da neve encheu meus olhos de lágrimas. Só pude perceber que estávamos numa clareira.

Meu corpo ardia por causa do frio. A neve cobria parte das botas que protegiam meus pés, porém fazia muito tempo que eu não saía de dentro de casa, e minhas pernas estavam descobertas. Meus olhos começaram a se ajustar à luz, mas, antes que eu pudesse registrar qualquer coisa, ele me obrigou a ajoelhar ao lado da cabeça do cervo. O sangue ainda jorrava de um buraco atrás da orelha do animal e de um corte na garganta, dando à neve uma tonalidade avermelhada. Tentei desviar os olhos, mas o Maníaco virou meu rosto para a carcaça.

– Preste atenção. Quero que você ajoelhe atrás do cervo, e, depois que virarmos o bicho de costas, você vai segurar as patas traseiras, enquanto eu abro a barriga dele. Entendeu?

Entendi o que o Maníaco queria que eu fizesse. Só não entendi por que estava me pedindo que fizesse aquilo, pois ele nunca tinha feito algo parecido antes. Talvez quisesse apenas que eu visse o que ele era capaz de fazer, ou, para ser mais exata, o que ele era capaz de fazer *comigo*.

Mas assenti e, evitando o olhar vidrado do animal, me agachei na neve, diante da traseira do bicho, e agarrei as patas, já rígidas. O Maníaco, sorrindo e cantando, ajoelhou ao lado da cabeça do cervo e, juntos, viramos o animal de costas.

Mesmo sabendo que o cervo estava morto, a visão do bicho me incomodava: indefeso e humilhado, de costas na neve e com as pernas arreganhadas. Eu nunca tinha visto um animal morto de tão perto. Talvez sentindo minha tristeza, o neném ficou bastante agitado.

Meu estômago revirou quando vi a ponta da faca do Maníaco cortar a pele do cervo, na altura da virilha, como se fosse manteiga. Meu nariz sentiu o cheiro

metálico do sangue quando ele circundou a genitália do animal e fez um talho até a altura do estômago. Pude ver a imagem dele cortando minha carne, com a mesma expressão de serenidade. Meu corpo se contorceu, e ele me dirigiu o olhar.

– Desculpa – murmurei. Então trinqueei os dentes por causa do frio e forcei meus músculos a ficarem sob controle. Ele voltou a cantarolar e cortar.

Enquanto ele se distraía, olhei em volta, avaliando a clareira. Estávamos cercados por pinheiros, os galhos cobertos de neve. Pegadas, rastros e algumas gotas de sangue desapareciam em torno do chalé. O ar tinha um cheiro de limpeza, de umidade, e a neve estalava sob meus pés. Eu havia esquiado em montanhas do Canadá, e a neve de outras regiões tinha um cheiro distinto, mais seco, e a própria sensação tátil era diferente. A pequena quantidade de neve, o relevo do terreno e o cheiro me deixaram esperançosa de ainda estar na ilha, ou ao menos em algum lugar no litoral.

O Maníaco falava comigo enquanto retalhava o cervo.

– É melhor comer os frutos da terra, comida pura, que não foi tocada pelo ser humano. Comprei alguns livros novos na cidade, para você aprender a salgar carne e fazer compotas. Um dia seremos autossuficientes, e nunca mais vou precisar deixar você sozinha.

Aquela perspectiva não era prioridade na minha lista, mas devo admitir que fiquei animada com a ideia de fazer algo novo, não importando o que fosse.

Quando terminou de abrir o cervo e o estômago do bicho ficou à mostra, ele olhou para a carcaça e disse:

– Você já matou, Annie?

Como se a faca na mão já não fosse algo ameaçador, ele agora começava a *falar sobre matar?*

– Nunca participei de uma caçada.

– Responda à pergunta, Annie.

Encarávamos um ao outro, por cima da carcaça do cervo.

– Não, nunca matei.

Segurando a faca pela ponta do cabo, ele a balançava para a frente e para trás, como um pêndulo. Cada vez que a faca subia, ele repetia:

– Nunca? Nunca? Nunca?

– Nunca...

– Mentirosa!

Lançou a faca no ar, agarrou o cabo na queda e a cravou no pescoço do cervo, até o fim da lâmina. Assustada, soltei o animal e cai de costas na neve. Ele não disse uma palavra sequer enquanto eu tentava me sentar. Assim que consegui me ajeitar, agarrei novamente as patas do cervo e me preparei para um daqueles acessos de raiva. Em seguida, o olhar se desviou para o talho aberto no estômago do cervo, depois para minha barriga, e de novo para mim. Comecei a tagarelar.

– Atropelei um gato quando era adolescente. Não foi de propósito. Eu estava voltando para casa tarde da noite, muito cansada, ouvi um barulho e vi o bicho voar pelos ares. Vi quando caiu no chão e entrou no mato. Parei o carro.

O Maníaco me encarava e as palavras jorravam da minha boca.

– Caminhei pelo mato à procura do bicho, chorando e chamando... “gatinho, gatinho”..., mas ele tinha ido embora. Quando cheguei em casa, contei ao meu padrasto. Ele voltou comigo, com uma lanterna na mão, e procuramos durante uma hora. Mas nada do bicho. Ele me disse que provavelmente o gato estava bem, e que tinha corrido para casa. Mas de manhã olhei embaixo do carro e vi muito sangue e pelos numa das rodas.

– Impressionante! – exclamou ele, com um sorriso largo. – Não pensei que você fosse capaz.

– Não sou! Foi um acidente...

– Não, acho que não foi. Acho que você viu os olhos do gato refletindo a luz dos faróis e quis saber qual era a sensação. E de repente senti *ódio* daquele gato e acelerou. Acho que o barulho... quando você percebeu que tinha atingido o animal... fez você se sentir poderosa, fez você...

– NÃO! Claro que não. Eu me senti muito mal... eu *ainda* me sinto muito mal.

– Você ainda se sentiria mal se o gato fosse um matador? Provavelmente, ele estava caçando... você sabe... você já viu um gato torturar a presa? E se o bicho estivesse doente, abandonado, sem ninguém que gostasse dele? Isso melhoraria a situação, Annie? E se você percebesse, só em olhar para o gato, que os donos o maltratavam, não alimentavam o bicho direito, e costumavam dar pontapés nele? – Elevou a voz. – *Talvez você tenha feito um favorzão para ele... você nunca pensou nisso?*

Parecia até que o Maníaco buscava minha aprovação para algo que ele tinha feito. Será que pretendia confessar alguma coisa, ou apenas foder minha cabeça? A última hipótese parecia mais provável. Por isso, não sei ao certo qual de nós dois ficou mais surpreso quando eu finalmente falei.

– Você já... já matou uma pessoa?

Esticou a mão e acariciou o cabo da faca com delicadeza.

– Pergunta corajosa.

– Desculpe, é que eu nunca conheci alguém que... você sabe. Li muitos livros e vi muitos filmes, mas não é a mesma coisa que falar com alguém que tenha feito isso.

Foi fácil parecer realmente interessada. Sempre fui fascinada por psicologia, sobretudo pela psicopatologia. Os assassinos, sem sombra de dúvida, se encaixam nessa categoria.

– E se falasse com alguém que, como você diz, “já tenha feito isso”, o que você perguntaria?

– Eu... eu gostaria de saber por quê. Mas talvez a pessoa nem saiba, ou não

entenda o que aconteceu.

Parecia que a resposta estava certa, pois ele assentiu com firmeza, e disse:

– Matar é uma coisa engraçada. Os homens criam várias regras que determinam quando matar é permitido. – Deu uma risadinha. – Legítima defesa? Tudo bem. Você acha um médico que declara que você é maluco? Tudo bem. Uma mulher que sofre de TPM mata o marido? Se você tem um bom advogado, sem problemas.

Com a cabeça inclinada na minha direção, ele balançou o corpo para a frente e para trás.

– E se você soubesse como as coisas acabariam e pudesse impedir? E se pudesse ver algo, algo que ninguém mais conseguisse ver?

– Por exemplo?

– Foi uma pena você não ter achado o gato, Annie. A morte é simplesmente a extensão da vida. E se você testemunhar a morte, a abertura de uma nova dimensão, vai perceber como é desnecessário se limitar a esta dimensão em que vivemos.

Ele ainda não havia admitido ter matado alguém, e eu me perguntava se deveria esquecer o assunto. Mas recuar nunca foi meu forte.

– Mas qual é a sensação? Quando se mata alguém?

Ele entortou um pouco a cabeça e ergueu as sobrancelhas.

– Estamos planejando matar alguém? É isso? – Antes que eu pudesse negar, ele prosseguiu, mas não na direção que eu esperava. – Minha mãe morreu de câncer. De ovário. Apodreceu de dentro para fora e no final eu sentia o cheiro da morte. – Parou por um segundo, o olhar inexpressivo, morto. Eu estava pensando na pergunta seguinte, mas ele continuou: – Eu tinha apenas 18 anos quando ela adoeceu... o marido dela havia morrido poucos anos antes, mas eu não me incomodava em cuidar dela. Eu sabia cuidar da minha mãe melhor do que qualquer outra pessoa. Mas ela não parava de chorar por ele. Mesmo quando eu dizia que ele tinha ido embora e que não gostava dela, não como eu gostava, minha mãe insistia para que eu o encontrasse. Depois de tudo o que fiz por ela... Eu vi o que ele tinha feito com minha mãe. Vi com meus próprios olhos, mas ela chorava por ele.

– Não estou entendendo. Você disse que ele morreu. Mas disse a ela que ele tinha ido embora?

– Ele ficava fora de casa durante meses, *meses*, e nós passávamos muito bem. E aí ele voltava. Eu sempre sabia quando ele estava para voltar, porque eu ajudava minha mãe a pôr o vestido, e ela se maquiava... para ele. Eu dizia que não gostava, mas ela dizia que *ele* gostava. Ele nem me deixava comer com os dois. Eu sabia que ela queria me servir, mas ele a obrigava a esperar até que tivesse acabado. Para ele, eu não passava de um vira-lata trazido da rua pela mulher. Depois do jantar, os dois entravam no quarto e fechavam a porta. Mas,

uma noite, quando eu tinha cerca de 7 anos, eles não fecharam bem a porta. E eu vi... Ela estava chorando. As mãos dele... – A voz sumiu e ele encarou o nada.

– Seu pai estava batendo nela?

Eu havia notado que, quando falava na mãe, a voz do Maníaco se tornava monocórdia. Ao responder àquela pergunta, a voz parecia robotizada.

– Eu era gentil... eu era sempre gentil quando tocava nela. Eu não fazia minha mãe chorar. Aquilo não estava certo.

– Ele estava machucando sua mãe?

Olhando fixamente o centro do meu peito, os olhos vagos, ele balançou a cabeça e repetiu:

– Aquilo não estava certo.

Acariciou o próprio pescoço.

– Ela me viu... pelo espelho. Ela me viu. – A carne dos seus dedos ficou vermelha, pois durante um tempo ele apertou a própria garganta. Em seguida, desceu a mão e começou a esfregá-la na coxa, como se quisesse limpá-la.

Com a voz rouca, ele continuou:

– Então, ela *sorriu*. – A boca do Maníaco desenhou um sorriso beatífico, que se expandiu até formar quase uma careta. Ele manteve a expressão por tanto tempo que eu imaginava estar dolorido. Meu coração saltou dentro do peito.

Olhando nos meus olhos, ele disse:

– Depois daquela noite, ela sempre deixava a porta aberta. Durante *anos* ela deixou a porta aberta.

A voz voltou a fraquejar.

– Quando fiz 15 anos, ela começou a me raspar, para que eu ficasse completamente sem pelos, como ela, e, se à noite eu a abraçasse com muita força, ela ficava zangada. Às vezes, quando eu tinha certos sonhos, os lençóis... ela me obrigava a queimá-los. Não era mais a mesma.

– Não era mais a mesma? – repeti, tentando manter a voz suave e tranquila.

– Um dia, cheguei da escola mais cedo. Ouvi barulhos no quarto. Eu achava que ele estivesse viajando. Então fui até a porta. – Ele começou a esfregar o peito, como se estivesse com falta de ar.

– Ele estava por trás dela. E outro homem, um estranho... Fui embora antes que ela pudesse me ver. Esperei lá fora, me escondi embaixo do piso da varanda...

Parou de repente, e após alguns segundos, eu perguntei:

– Embaixo do piso da varanda?

– Com meus livros. Era lá que eu escondia meus livros. Eu só tinha permissão para ler dentro de casa quando ele estava. Quando ele viajava, minha mãe dizia que os livros atrapalhavam nossa rotina. Se me visse com um deles, ela arrancava as páginas.

Agora eu sabia por que o Maníaco era tão cuidadoso com os livros.

– Uma hora depois, quando os dois homens passaram pela varanda, senti neles o cheiro da minha mãe. Eles saíram para beber cerveja. Ela ficou lá dentro... *cantareolando*. – Balançou a cabeça. – Ela não deveria ter permitido que eles fizessem aquelas coisas com ela. Estava doente. Não percebia que aquilo era errado. Ela precisava da minha ajuda.

– Então... você... ajudou sua mãe?

– Eu tinha que salvá-la, salvar nós dois, antes que ela mudasse tanto que eu já não pudesse ajudá-la, entende?

Entendi. Fiz um sinal com a cabeça.

Satisfeito, ele prosseguiu.

– Uma semana depois, quando ela foi ao mercado, eu pedi a ele que me levasse de carro até a floresta, para eu lhe mostrar uma velha mina. – Fixou o olhar na faca enterrada no pescoço do cervo. – Ao chegar em casa, eu disse a ela que ele havia feito as malas e ido embora. Tinha encontrado outra mulher. Minha mãe chorou, mas eu cuidei dela, como no começo de tudo, mas ainda melhor porque eu não precisava dividi-la com ninguém. Aí, ela ficou doente, e eu fiz todas as vontades, tudo o que ela pedia. Tudo. Então, quando ficou mais doente e me implorou que a matasse, ela achou que eu atenderia ao pedido. Mas eu não queria. Não podia. Ela suplicou, disse que eu não era um homem de verdade, um homem de verdade faria o que ela estava pedindo. Disse que *ele* teria feito. Mas eu não conseguia.

Enquanto ele falava, o sol desapareceu e começou a nevar, um leve pó branco nos cobriu e cobriu o animal. Um dos cachos alourados do Maníaco tinha caído sobre o rosto, e os cílios pareciam espetados e reluzentes. Não sei se era neve ou lágrimas, mas ele parecia uma figura angelical.

Minhas coxas doíam por eu estar agachada havia tanto tempo, mas nada me fazia perguntar se poderia ficar de pé. Meu corpo estava inerte, mas minha mente voava.

Ele sacudiu a cabeça e ergueu os olhos, até então fixos na faca.

– E daí, respondendo à sua pergunta, Annie, a sensação pode ser muito boa. Mas é melhor andarmos logo, pois algum animal selvagem pode farejar o sangue e vir nos caçar. – O tom de voz agora era animado.

Por um instante, não entendi a referência à minha pergunta. Mas logo me lembrei. Eu tinha perguntado qual era a sensação de matar alguém.



Enquanto eu continuava a segurar as patas do cervo, ele enfiou a mão no talho e, com cuidado, puxou o estômago do animal, do tamanho de uma bola de futebol, e o deixou de lado. O órgão ainda estava preso a algum ponto no interior das costelas, por algo semelhante a um cordão umbilical. Em seguida, retirou a

faca presa no pescoço do cervo. Com ela, cortou o que parecia ser o coração e outros órgãos do bicho, jogando-os perto do saco, como se fossem lixo. O cheiro de carne crua fez a bile me subir à garganta, mas engoli de volta.

– Fique aqui – disse ele. E desapareceu dentro de um galpão ao lado do chalé. Voltou poucos segundos depois, com uma pequena motosserra e um pedaço de corda. Fiquei com um nó na garganta quando ele ajoelhou ao lado da cabeça do animal. O silêncio da mata foi quebrado pelo barulho da serra cortando o pescoço do cervo. Eu queria desviar o olhar, mas não conseguia. Ele colocou a serra no chão, pegou a faca e se posicionou atrás do bicho. Eu me contrai toda quando ele esticou o braço na minha direção, mas ele queria apenas segurar as patas que eu tinha nas mãos. Então, com a faca, abriu um buraco nos calcanhares do cervo, logo atrás do tendão de aquiles, e enfiou a corda.

Arrastamos a carcaça até o galpão, cada um segurando uma das patas dianteiras. Olhei para trás. O corpo deixava uma trilha de sangue na neve. Jamais vou esquecer a imagem da cabeça, do coração e das vísceras do pobre animal na neve.

O galpão era todo de metal, animais selvagens não eram bem-vindos ali. Encostado em uma das paredes internas havia um grande congelador. Uma máquina que parecia um gerador roncava alto no fundo do galpão e ao lado era possível ver uma bomba-d'água, provavelmente usada no poço. Na outra parede havia seis barris vermelhos, rotulados com a palavra diesel. Ao lado deles ficava um tanque de gás propano. Não vi lenha e deduzi que era estocada em algum outro local. O ar cheirava a óleo, gás e sangue de cervo.

Ele lançou a corda presa às patas do animal por cima de uma viga do teto, e juntos puxamos, até que a carcaça ficasse pendurada. Será que algum dia meu corpo ficaria pendurado ali?

Achei que tivéssemos chegado ao fim, mas ele começou a amolar a faca numa pedra e comecei a tremer violentamente. Olhando-me nos olhos, ele raspava a faca na pedra, com um movimento ritmado e um sorriso dançando nos lábios. Depois de um minuto, ergueu a faca no ar.

– O que você acha? Já está bem afiada?

– Para... o quê?

Veio na minha direção. Coloquei as mãos na frente da barriga. Desequilibrando-me nas galochas, tropecei.

Ele parou e disse, com uma expressão de perplexidade:

– O que foi? Precisamos tirar a pele do bicho. – Deu um corte em volta de cada calcanhar e puxou uma das patas. – Não fique aí parada. Pegue a outra pata. – Arrancamos a pele. Em alguns pontos, ele precisou usar a faca para cortar pedaços de tecido. Quando chegamos ao corpo, o couro saiu como pele queimada de sol.

Terminado o trabalho, ele enrolou a pele e guardou-a no congelador. Em

seguida, me falou para esperar do lado de fora, num local onde ele pudesse ficar de olho em mim, enquanto recolhia a motosserra, guardava-a no galpão e trancava a porta. Perguntei o que faria com as vísceras e a cabeça, mas ele disse que cuidaria dessas partes mais tarde.

Dentro do chalé, notando que eu estava trêmula, ele mandou que eu me sentasse diante do fogo para me aquecer. Pelo jeito, nossa conversa não o havia incomodado. Eu quis perguntar se ele tinha matado mais alguém, mas meu estômago revirou quando pensei em ouvir a resposta. Em vez de tocar de novo nesse assunto, perguntei:

– Posso me lavar, por favor?

– Está na hora do seu banho?

– Não, mas eu...

– Então você já sabe a resposta.

Fiquei suja de sangue pelo resto do dia. Minha pele ficou seca, mas tentei não pensar nisso, tentei não pensar em coisa alguma, nada de sangue, cervo morto ou pais mortos. Eu me concentrei no fogo e fiquei olhando as labaredas dançarem.

Mais tarde, naquela mesma noite, quase pegando no sono, ele disse:

– Gosto de gato. – Ele *gostava* de gato? O assassino sádico *gostava de gato*?

Uma risada histérica quase escapou da minha garganta, mas, no escuro, eu tapei a boca com a mão.

DÉCIMA PRIMEIRA SESSÃO

Vou lhe dizer uma coisa: acho que eu tenho passado bem ultimamente. Ontem à tarde, senti vontade de me enfiar na cama, mas peguei a coleira da Emma e a levei para dar uma volta na praia, em vez daqueles nossos passeios de sempre no bosque, onde tenho certeza de que não vou encontrar absolutamente ninguém.

Nós até fizemos amigos. Bem, a Emma fez... ela tem uma queda por cachorro pequeno, e sempre se esfrega em todos os que aparecem. Para os grandes, ela nem sempre dá bola, mas, quando vê um poodle, ela se sente no paraíso. Evitei interagir com as pessoas, mantendo o olhar distante ou olhando apenas para os cães ou para meus pés enquanto sacudia a coleira para apressá-la, mas, quando a Emma insistiu em se aproximar de um cocker spaniel, eu parei e até bati um papo com os donos, um casal idoso. O assunto foi típico de donos de cachorro: Qual o nome dele? Timber? Quantos anos ele tem? Mas porra, doutora! Algumas semanas atrás, eu preferiria empurrar aquele casal mar adentro a ter qualquer tipo de interação com eles.



Logo que voltei, tive que passar um tempo na casa da minha mãe, pois a minha estava alugada. Foi um alívio constatar que ela não tinha sido vendida, mais uma mentira do Maníaco. Felizmente, tamanha era minha paranoia de perder a casa que pegara toda a comissão relativa a uma venda e depositara numa conta à parte, para ter no banco o valor de um ano das prestações do financiamento. A financeira continuou debitando as parcelas mês a mês, e achei que, quando meu saldo zerasse, a casa seria tomada.

Perguntei à minha mãe onde estavam minhas coisas.

– Tivemos que vender tudo, Annie. Como você acha que conseguimos dinheiro para pagar sua busca? A maior parte das doações foi para o pagamento do resgate. Precisamos usar todo o dinheiro do aluguel também.

E ela não estava brincando. *Tudo* tinha sido vendido. Imagino que a qualquer hora vou dar de cara com uma garota usando minha jaqueta de couro.

Eu estava financiando a compra do meu carro e, assim que foi liberado pela polícia, voltou diretamente para a concessionária. Agora estou dirigindo aquela merda que está lá fora, até decidir o que vou fazer... ter um carro de luxo já não me parece importante.

Eu tinha uma bela poupança, mas todas as minhas contas estavam em débito automático. Portanto, sobrou pouco. Meu chefe entregou à minha mãe alguns cheques de vendas que só foram fechadas depois que fui sequestrada. Ela tentou descontá-los para ajudar no resgate, que agora foi doado à caridade, mas o

banco se recusou. Daí, ela teve que depositar dinheiro na minha conta... o que foi bom, senão eu teria falido.



Alguns dias atrás, eu estava abraçada com Emma no sofá quando o telefone tocou. Eu não queria falar com ninguém, mas vi o número da minha mãe no visor e sabia que ela não iria parar de ligar enquanto eu não atendesse.

– Como está minha Annie?

– Bem. – Eu queria contar que estava cansada, porque na noite anterior... a quinta noite seguida em que dormi na minha cama... um galho tinha batido na janela e passei o resto da noite no closet, me perguntando se algum dia voltaria a me sentir segura.

– Escute, eu tenho uma ótima notícia... o Wayne teve uma ideia *sensacional*. Eu não posso dar os detalhes antes que a coisa seja finalizada, mas ele está diante de algo *grande*.

Seria de esperar que um dia os dois percebessem que Wayne não tem o toque de Midas. Às vezes, eu quase sinto pena dele. Wayne não é mau sujeito, e não é burro. É uma daquelas pessoas que querem ser alguma coisa na vida, mas, em vez de sentar o rabo e trabalhar, ele tenta descobrir o caminho mais rápido para o sucesso, e aí acaba correndo em círculos.

Quando eu era criança, Wayne me levava com ele quando queria convencer alguém sobre um novo investimento. Eu sentia vergonha por ele. Wayne ficava a um palmo do rosto da pessoa com quem estava falando e, quando ela tentava se afastar, ele aumentava o tom de voz. Nos dias seguintes a esses encontros, ele andava pela casa, todo feliz, checando as mensagens na secretária eletrônica um milhão de vezes... e ele e minha mãe ficavam acordados até tarde, bebendo e brindando. Mas nada acontecia.

De vez em quando, Wayne fazia algo que me levava a pensar que ele não era um fracasso total. Por exemplo, quando eu tinha 15 anos, eu queria muito ir a um show, e passei o fim de semana inteiro recolhendo garrafas na vizinhança. Na segunda-feira, dia em que o ingresso tinha que ser comprado, levei as garrafas ao depósito, mas o dinheiro não chegou nem perto do valor que eu precisava. Eu me tranquei no quarto e fiquei chorando. Quando finalmente reagi, encontrei um envelope embaixo da porta, com a letra de Wayne e um ingresso. Quando agradei, ele ficou vermelho e disse “Tudo bem!”.

Assim que comecei a ganhar dinheiro com os imóveis, tentei ajudá-los. Comprei pneus novos, computador novo, geladeira e passei a deixar dinheiro para contas e despesas de mercado. No começo, foi bom poder dar uma ajuda, mas aí eu percebi que era o mesmo que jogar dinheiro num buraco, um buraco que levava até o próximo plano imbecil para ganhar dinheiro fácil. Depois que

comprei a casa, não pude mais ajudar tanto. Então sentei com eles e mostrei como fazer um orçamento. Minha mãe olhou para mim como se eu estivesse falando uma outra língua. Eles devem estar se virando de algum jeito, pois o estilo de vida dos dois não mudou nada.

Minha mãe notou a falta de entusiasmo na minha voz e leu meus pensamentos.

– Você não diz nada?

– Desculpe... espero que dê certo.

– Desta vez, estou com uma sensação boa.

– Você disse a mesma coisa da última vez.

Ela ficou calada durante alguns instantes, e então disse:

– Essa atitude negativa não me agrada, Annie. Depois de tudo que aquele homem fez por você durante o tempo em que esteve desaparecida... depois de tudo que *nós dois* fizemos... você poderia no mínimo mostrar um pouco mais de interesse.

– Desculpe. Não estou nos melhores dias.

– Talvez, se você saísse de casa de vez em quando e não ficasse o dia todo largada, seu humor melhorasse.

– Acho que não. Sempre que tento sair, algum repórter babaca pula em cima de mim, sem falar nos agentes de Hollywood com suas ofertas furadas.

– Eles têm que ganhar a vida, Annie. Se não fossem esses repórteres que você tanto odeia, mas que pagam pelas suas entrevistas, você não teria como se manter, não é?

Ninguém melhor do que a minha mãe para fazer com que eu me sinta um lixo. O pior é que ela estava certa. Os abutres *pagavam* minhas despesas, agora que minha poupança tinha quase chegado ao fim. Mas eu não me acostumava com a ideia de me ver no jornal ou na tela. Minha mãe recortava e guardava cada entrevista... por fim, ela conseguiu fazer um álbum só meu... e gravava cada aparição na TV. Ela me deu as cópias, mas assisti a apenas dois programas e enfiou o restante numa gaveta.

– Seus 15 minutos de fama estão acabando, Annie. Como você vai arrumar dinheiro? E manter a casa?

– Eu descobri um jeito.

– Por exemplo?

– Qualquer coisa, mãe. Eu me viro. – Mas *o que* eu faria? Meu estômago revirava.

– Sabe, falar com um agente não é má ideia. Talvez você consiga algum adiantamento.

– Você quer dizer algum adiantamento para eles. O agente com quem falei queria que eu abrisse mão de todos os meus direitos... Se eu concordasse, os produtores poderiam fazer *o que bem entendessem*.

– Então fale diretamente com algum produtor.

– Não quero falar com *nenhum* produtor, mãe. Por que você não entende isso?
– Meu Deus! Annie, eu só fiz uma pergunta. Você não precisa vir com quatro pedras na mão.

– Desculpe. – Respirei fundo. – Talvez eu precise mesmo sair um pouco mais. Vamos mudar de assunto antes que eu pira de vez – Forcei uma risada. – Então, como vai seu jardim?

Dois assuntos sobre os quais minha mãe adora conversar: jardinagem e culinária. São também duas atividades que envolvem bastante carinho. Para minha mãe, é bem mais fácil se dedicar à cozinha e às plantas do que a mim.

Quando eu era criança, lembro que sentia até ciúmes das rosas. Da maneira como ela falava com as flores, tocava, examinava, e demonstrava tanto orgulho quando uma ganhava um prêmio na feira local. Já era difícil ter uma irmã vencedora, sem falar na prima, mas como é possível competir com as *rosas*? Às vezes, eu me perguntava se a afeição não decorria do fato de ela seguir à risca receitas de cozinha, ou podar as plantas, e tudo sair conforme o gosto dela, ao contrário da maioria das coisas na vida, principalmente em se tratando de crianças.

É verdade que ela tentou me ensinar a cozinhar, e eu queria aprender, mas minha falta de habilidade com as panelas só era superada pela minha incompetência no jardim. Que droga! Antes da experiência na montanha, eu não conseguia sequer cuidar de uma planta num vaso. Tudo isso mudou lá, quando a primavera chegou, em meados de abril, e o Maníaco me deixou sair e fazer uma horta.



Eu estava perto do sétimo mês de gravidez, e parecia que meus olhos iam explodir, em consequência da luz e da beleza da primavera. Quando senti pela primeira vez aquele ar puro da montanha – fazia meses que eu só respirava fumaça e parede de madeira –, meu nariz chegou a estranhar o perfume dos pinheiros ao sol, das flores silvestres e da terra coberta de musgo sob meus pés. Eu queria enfiar a cara no musgo. Que droga! Eu queria *comer* musgo.

Se eu estivesse mais ao norte, ou fora da ilha, ainda haveria neve, mas a temperatura começava a subir, e tudo era exuberante e verde em todos os tons possíveis: salva, esmeralda, pinheiro, musgo, até o ar tinha um cheiro verde. Eu não sabia se o fato de estar provavelmente perto de casa me consolava ou piorava ainda mais a situação.

Na primeira vez, ele não permitiu que eu me afastasse do chalé, mas não tinha como impedir que meus olhos explorassem a área. As árvores ao redor eram tão densas que eu não conseguia ver se havia outras montanhas em volta. Em alguns pontos, em meio ao musgo, era possível ver a relva, mas no terreno

predominavam musgo e pedra. Deve ter sido difícil cavar uma fossa ali, mais ainda um poço, mas eu achava que nossa água viesse do rio. Na beira da mata, enxerguei alguns pedaços de tronco e deduzi que alguém já havia cortado árvores no local. Não conseguia ver nenhuma estrada, mas existiria algum ponto de acesso nas proximidades.

O rio ficava à direita do chalé, no mesmo lado dos canteiros da horta, ao pé de um leve declive. A água tinha uma linda tonalidade de jade e, a julgar por alguns pontos em que o curso era mais tranquilo e a água adquiria um tom verde-escuro, quase negro, havia locais mais profundos onde era possível nadar.

Visto de fora, o chalé era pitoresco, com janelas, persianas e floreiras. Duas cadeiras de balanço ficavam lado a lado na varanda coberta. Talvez algum casal tivesse construído o chalé. Pensei na mulher, que gostava de floreiras e tinha providenciado o solo fértil para a horta. Pensei no que ela acharia se soubesse quem morava no chalé agora.



Meu parto começou enquanto eu trabalhava na horta. Ele me deixava sair, evidentemente sob vigilância, para molhar a horta e cortar o mato que crescia em torno dos legumes, que aliás estavam muito bonitos. Se dependesse de mim, eu ficaria o dia todo mexendo nos canteiros. Eu nem me importava quando ele dizia que eu não tinha feito algo certo e me obrigava a refazer tudo, pois isso significava ficar mais tempo ao ar livre. A sensação de cavar a terra úmida – que eu era capaz de sentir pelo toque através das luvas que ele exigia que eu usasse, para proteger minhas unhas perfeitas – e o aroma de terra mexida eram uma experiência muito melhor do que ficar trancada no chalé com ele.

Intrigava-me a noção de que as sementes minúsculas que eu havia plantado cresciam e se transformavam em cenoura, tomate, feijão, enquanto dentro de mim também crescia uma semente. A rigor, a semente era dele também, mas eu não me permitia pensar nisso. Eu estava ficando perita em não pensar em determinadas coisas.

A única questão que eu não conseguia ignorar era a falta que eu sentia de um contato simples, afetuoso. Eu nunca soube quanto isso era essencial ao meu bem-estar até não ter mais Emma ao meu lado, ou Luke para fazer carinho, ou mesmo o raro abraço da minha mãe. O afeto dela sempre parecia pouco espontâneo, exceto quando oferecido como recompensa, o que invariavelmente fazia com que eu me sentisse manipulada, aborrecida comigo mesma por ser tão carente de tal afeição.

A única ocasião em que o toque da minha mãe era oferecido espontaneamente era quando eu estava doente, e ela me arrastava para todo lado, descrevendo a médicos e farmacêuticos os meus sintomas com um nível de detalhe constrangedor, enquanto mantinha o braço sobre meus ombros e, com

sua mão delicada, tocava meu rosto. Eu não dizia nada, pois adorava a atenção. Ela chegava a dormir comigo quando eu estava de cama, e até hoje o cheiro de Vick Vaporub me lembra o peso do corpo dela ao lado do meu, dando uma sensação de segurança e força.

Sempre que passava por mim, o Maníaco me agarrava e me abraçava, dava uma palmadinha na minha barriga ou passava a mão pelas minhas costas, além de ainda me acariciar todas as noites. No início, o toque me causava repulsa, mas, à medida que os meses avançavam, fiquei tão abstraída que às vezes abraçava ele também, mesmo sem sentir nada. Outras vezes, eu sentia tanta falta de um toque que me surpreendia buscando o abraço dele, de olhos fechados, imaginando ser alguém que eu amasse, e me odiando por essa atitude.

Eu me perguntava por que a pele dele não fedia à podridão que aquela alma carregava. Em certos momentos, eu sentia em sua roupa o cheiro do sabão em pó que usávamos, e depois do banho, durante alguns minutos, percebia o leve perfume do sabonete nas mãos e na pele dele, mas o cheiro logo desaparecia. Mesmo quando fazia alguma atividade física, seu corpo não exalava qualquer cheiro – ar puro, grama, tabaco, sementes de pinheiro ou outra coisa –, muito menos de suor. Pelo visto, até as partículas de odor evitavam tocá-lo.



Era preciso trazer água do rio num balde para regar diariamente a horta, mas eu não me importava, porque isso me dava a chance de mergulhar as mãos na água gelada e molhar o rosto. Era quase meados de junho, e eu achava que estava quase com nove meses de gestação. Contudo, minha barriga tinha crescido tanto que às vezes eu me perguntava se não havia passado do tempo. Eu não sabia exatamente quando tinha engravidado, logo era difícil calcular. Naquele dia, subi a encosta carregando um balde grande e comecei a incliná-lo para molhar as plantas. Fazia calor e meu trabalho havia sido intenso, de maneira que o suor me escorria pelos olhos. Coloquei o balde no chão para recuperar o fôlego.

No momento em que cocei as costas com uma das mãos, senti uma contração na barriga. A princípio ignorei, e tentei levantar o balde novamente. A dor voltou, ainda pior. Sabendo que ele ficaria irritado se eu não concluísse minhas tarefas, respirei fundo e reguei a horta inteira.

Após terminar, encontrei o Maníaco na varanda, consertando uma tábua de madeira.

– Chegou a hora – declarei.

Entramos no chalé depois que ele se certificou de que a horta tinha sido devidamente regada. Já do lado de dentro, senti algo se movendo dentro de mim, uma estranha sensação de alívio, e então um líquido morno escorreu pelas minhas pernas, espalhando-se pelo chão.

O Maníaco tinha lido vários livros comigo e sabia o que estava acontecendo, mas ficou extremamente assustado, paralisado na porta do chalé. Fiquei parada sobre a poça, o líquido ainda descendo pelas pernas, esperando que ele voltasse a si. Porém, vendo que seu rosto havia ficado pálido, percebi que devia esperar algum tempo. Embora estivesse morta de medo, eu precisava acalmá-lo. Precisava da ajuda dele.

– Isto é normal... meu corpo está fazendo o que deve fazer... tudo vai acabar bem.

Ele começou a entrar e sair do chalé sem parar. Eu precisava fazer com que ele voltasse ao normal.

– Posso tomar um banho? – Banhos aliviavam as cólicas menstruais, e eu achava que daria tempo, pois os intervalos entre as contrações não estavam muito curtos. Ele se deteve e me encarou, os olhos arregalados. – Posso? Acho que vai me ajudar.

Ainda calado, ele foi correndo encher a banheira. Tive a impressão de que, naquele momento, ele concordaria com qualquer proposta que eu fizesse.

– Não deixe a água ficar quente demais. Não sei se calor faz bem ao bebê.

Quando a banheira encheu, mergulhei meu corpo imenso na água morna.

O Maníaco se apoiou na bancada do banheiro, esquadrinhando o ambiente, olhando para tudo, menos para mim. Seus punhos fechavam e abriam, como se quisessem agarrar o ar. Obcecado por controle, o Maníaco tremia como um adolescente no primeiro encontro, mudo.

– Preciso que você tire os lençóis da cama e cubra o colchão com algumas toalhas, está bem? – sugeri, num tom de voz suave e contido.

Ele saiu correndo do banheiro e ouvi seus movimentos em torno da cama. Para me acalmar, tentei me lembrar de tudo o que tinha lido nos livros, e me concentrei na respiração, em vez de pensar no fato de que estava prestes a parir num chalé com a ajuda de um louco. As gotas na lateral da banheira se tornaram o foco da minha atenção e contei os segundos que elas levavam para escorrer. Quando a água estava ligeiramente morna e as contrações mais frequentes, eu o chamei. Ele estava escondido no quarto.

Com a ajuda do Maníaco, saí da banheira e me enxuguei. Àquela altura, as contrações estavam mais frequentes e intensas, e precisei me apoiar nele para não cair. Ao entrarmos no quarto, tropecei e agarrei seu braço enquanto uma dor lancinante rasgava minha barriga. O chalé estava frio, e minha pele toda se arrepiou.

– Por que você não acende o fogo enquanto eu me deito?

Depois que me recostei e pus um travesseiro atrás das costas, só me lembro de ter sentido muita dor. A maioria das mulheres opta por um anestésico e, sinceramente, eu teria feito a mesma opção. O Maníaco parecia o marido de um seriado de TV, andando de um lado para outro, esfregando as mãos e tapando os

ouvidos sempre que eu berrava, o que acontecia a todo instante. Enquanto eu me debatia na cama, mordendo o travesseiro, ele ficou no canto do quarto, a cabeça enfiada entre os joelhos. Chegou a sair do chalé por algum tempo, mas comecei a gritar “socorro” com tanta intensidade que ele voltou.

Todos os livros diziam para a mulher contrair os músculos do abdômen quando sentisse que estava perto de o bebê nascer, mas, que droga, meu corpo inteiro me mandava fazer força. Firmei as costas na parede e fiz tanta força que devo ter ficado com as marcas das tábuas na pele. Com as mãos apoiadas nos joelhos, abri as pernas, trinquei os dentes e fiz força. Quando conseguia respirar, eu dava ordens a ele. Quanto mais controle eu demonstrava, mais ele parecia se acalmar, ainda que “controle” não seja a palavra exata, pois eu estava encharcada de suor e berrando entre uma contração e outra.

A imagem do nascimento ficou meio turva na minha memória, mas acho que estive em trabalho de parto por poucas horas – sorte de iniciante e uma das poucas coisas que me aconteceram naquele chalé pelas quais sou grata. Lembro que, quando o obriguei a se posicionar entre minhas pernas para ajudar o bebê a sair, o rosto dele estava pálido e coberto de suor, e me perguntei por que diabos ele suava se eu é quem estava parindo. Eu pouco me lixava para os sentimentos dele ou os meus. Eu só queria aquela coisa fora de mim.

Quando o bebê finalmente saiu, foi uma dor desgraçada, mas também foi uma sensação *tão boa!* Com os olhos embaçados pelo suor, vi o Maníaco segurando o bebê no ar, como fazia com os trapos da minha menstruação. Que merda! Ele não sabia o que fazer em seguida. E o bebê ainda não tinha chorado.

– Você precisa limpar o rosto e deitar o bebê na minha barriga.

Fechei os olhos e deixei a cabeça pender para o lado.



Os gemidos baixos se transformaram em urros, e meus olhos se esbugalharam. Meu Deus! Que som impressionante! Fora o Maníaco, era a primeira criatura viva que eu ouvia em 10 meses, e comecei a chorar. Quando ergui os braços, ele entregou o bebê rapidamente, como se estivesse aliviado por se sentir livre da responsabilidade.

Uma menina. Eu nem havia pensado em perguntar. Uma menina pegajosa, ensanguentada e enrugada. Eu jamais tinha visto algo tão lindo.

– Oi, querida, bem-vinda ao mundo – eu disse a ela. – Eu te amo. – Sussurrei diante do rostinho e a beijei com delicadeza.

Olhei para cima e vi que ele nos encarava. Já não parecia amedrontado. Parecia irritado. Em seguida, deu meia-volta e saiu do chalé.



Assim que saiu, expeli a placenta. Tentei me suspender na cama para me afastar da umidade, mas já estava encostada à parede. Quando quis me mexer para o lado, cada movimento me doía. Então fiquei ali, exausta, deitada no molhado, com a bebê sobre a barriga. Era preciso cortar o cordão umbilical. Se ele não voltasse logo, eu teria que usar os dentes.

Enquanto esperava, examinei a bebê e contei os dedos dos pés e das mãos. Era pequenina e delicada, e, embora muito sedosos, os cabelos eram escuros como os meus. Às vezes choramingava, mas, quando eu acariciava seu rosto com o polegar, ela se acalmava.

Ele voltou depois de cinco minutos e, quando se aproximou de mim, fiquei feliz ao notar que já não parecia irritado, apenas não mostrava grande interesse. Então desviei o olhar e percebi que segurava seu facão de caça.

O desinteresse se transformou em pavor quando ele viu a sujeira que a placenta tinha provocado entre minhas pernas.

– Preciso cortar o cordão – afirmei. Mas ele ficou paralisado.

Devagar, estiquei a mão que estava livre, e ele, também lentamente, me entregou o facão.

Virei a bebê de lado, rasguei uma tira do lençol e amarrei-a no cordão antes de cortá-lo. Assim que cortei, ela chorou, e o barulho despertou o Maníaco do transe em que se encontrava. Ele torceu meu pulso até o facão cair sobre a cama.

– Eu já ia devolver!

Pegou o facão e se curvou na minha direção. Agarrei a bebê e tentei me ajeitar na cama. Ele parou. Eu parei. Olhando nos meus olhos, ele limpou lentamente o facão com a ponta de uma toalha. Ergueu o objeto à luz, fez um sinal de aprovação com a cabeça e foi para a cozinha.

Na volta, me ajudou a virar de lado e enfiou lençóis limpos sob minhas costas. Enquanto o Maníaco limpava e guardava os apetrechos médicos, tentei amamentar a bebê, mas ela não quis meu mamilo. Tentei novamente. Sem sucesso. Lágrimas arderam nos meus olhos e engoli em seco. Lembrando que os livros diziam que os bebês às vezes demoram para aceitar o peito, fiz nova tentativa. Dessa vez, quando encostei o mamilo na boquinha, saiu um pouco de líquido amarelado e agudo. Ela abriu aquele botão de rosa e finalmente começou a mamar.

Suspirando em alívio, olhei para cima, no momento em que o Maníaco voltava trazendo um copo de água e uma manta de bebê. Concentrado na tarefa, ele olhou para mim só depois de colocar o copo sobre a mesa de cabeceira. E então cravou os olhos na bebê, que mamava no meu seio exposto. O rosto dele ficou vermelho e imediatamente desviou o olhar. Voltado para a parede, atirou a manta para mim e disse:

– Cubra-se.

Peguei a manta e cobri meu ombro e a bebê, no mesmo instante em que ela fez um ruído de que estava gostando.

O Maníaco deu alguns passos para trás, virou de costas e foi para o banheiro. Logo depois, escutei o barulho do chuveiro, que ficou ligado por muito tempo.



Quando voltou, estava calmo. Posicionou-se ao pé da cama e me encarou por alguns minutos. Eu tinha aprendido a não olhá-lo nos olhos em momentos como aquele, e fingi estar cochilando, embora pudesse enxergá-lo através dos cílios entreabertos. Eu conhecia o olhar irritado, agressivo, e conhecia também seu total descontrole, mas aquele estado de espírito era diferente. Ele estava pensativo.

Meus braços apertaram minha filha.

DÉCIMA SEGUNDA SESSÃO

Hoje estou péssima, doutora. Estressada, sem concentração, buscando respostas, motivos, qualquer coisa palpável a que eu possa me agarrar, qualquer coisa *real*, mas na hora que acho que entendi a situação e a arqueei na pasta “curada”, em vez da pasta “ferrada”, descubro que ainda estou mal, sem foco, destruída. Mas você já sabe disso, não é?

Ao menos seu consultório parece real. As prateleiras são de madeira de lei, a mesa também, e essas máscaras indígenas na parede são de verdade. Aqui dentro posso ser eu mesma, porque sei que você não pode falar de mim para outras pessoas, mas me pergunto se, quando se encontra com seus colegas e conversa com eles sobre sei lá o quê, você não tem vontade de abrir o bico... Não, não, esqueça o que acabei de dizer. Você tem jeito de ter abraçado essa profissão porque quer mesmo ajudar as pessoas.

Talvez não possa me ajudar. Isso me deixa triste. Não por mim, mas por você. Deve ser frustrante para um terapeuta ter um paciente incurável. Aquele primeiro profissional que procurei ao voltar para Clayton Falls me disse que ninguém é uma causa perdida, mas acho isso balela. Tenho certeza de que tem gente que fica tão esmagada, quebrada, que nunca deixará de ser um fragmento humano.

Eu me pergunto quando a coisa aconteceu com o Maníaco. Qual terá sido o momento decisivo... o momento em que alguém pisou com o calcanhar da bota e esmagou a vida dele e a minha. Quando a mãe biológica dele o abandonou? Será que ele poderia ter sido curado se tivesse uma boa família adotiva? Ele não teria matado alguém ou me sequestrado se a mãe adotiva não fosse tão estranha? Teria acontecido no útero? Ele teria alguma chance? Eu tive?

Ele tinha o lado maníaco, o cara que me sequestrou, me espancou, me estuprou, me submeteu a brincadeiras sádicas, me aterrorizou. Mas, às vezes, quando estava reflexivo, feliz ou entusiasmado, quando seu rosto se iluminava, eu enxergava o sujeito que ele *podia ter sido*. Talvez aquele cara tivesse formado uma família e ensinado a filha a andar de bicicleta, e teria feito para ela bichinhos com balões, você entende? Que droga! Talvez tivesse sido um médico e salvado muitas vidas.

Depois do nascimento da minha filha, cheguei a ter por ele um sentimento maternal, e, nos momentos em que enxergava esse outro lado, minha vontade era incentivá-lo. Eu queria ajudá-lo. Queria *curá-lo*. Mas aí eu me lembrava. Ele era um menino que segurava um palito de fósforo aceso em cima de um palheiro, e não precisava de muita desculpa para soltar o fósforo.



Logo após o nascimento da bebê, o Maniaco atirou na minha direção algumas fraldas de pano, mantas e macacões, e durante uma semana só me dirigiu a palavra para dar ordens, visto que me concedeu apenas um dia de resguardo. No primeiro dia que me levantei, fiquei tonta ao lavar a louça, e ele permitiu que eu me sentasse por alguns minutos, mas me obrigou a lavar tudo de novo, pois a água tinha ficado fria. A vez seguinte que senti tontura, eu me encostei no balcão, fechei os olhos e esperei que a sensação passasse.

Ele não encostava o dedo na bebê, mas, quando eu trocava a fralda ou dava banho na menina, ele ficava em volta e, de propósito, me pedia para fazer algo para ele. Se eu estivesse dobrando as roupinhas dela, ele me obrigava a dobrar as dele primeiro. Certa vez, quando eu ia amamentá-la enquanto nosso jantar estava cozinhando, ele me disse para colocar a bebê na cama e servi-lo primeiro. A única hora que nos deixava a sós era quando eu a amamentava. Sem saber ao certo o que o irritava, eu a pegava no colo e a ninava ao menor choramingo, mas os olhos dele ficavam sem brilho e o maxilar se contraía. Ele me lembrava uma víbora preparando o bote, e, enquanto eu acalentava minha filha, minhas entranhas zumbiam de ansiedade.

Ela estava com alguns dias de vida, mas ele nada havia dito a respeito do nome, então lhe perguntei se eu poderia escolher.

Ele olhou para a menina nos meus braços e disse:

– Não.

Mais tarde, porém, murmurei em seu pequeno ouvido um nome secreto. Era tudo o que eu podia dar a ela.



Eu não conseguia parar de pensar no ciúme e ressentimento que ele alimentava em relação ao pai adotivo. Portanto, sempre que ele estava no chalé, eu fazia questão de parecer indiferente à bebê e atender apenas às suas necessidades básicas. Felizmente, ela era uma neném tranquila e contente que quase nunca perturbava. Mas, assim que ele saía para cuidar das tarefas, eu a tirava da manta e examinava cada centímetro do corpinho dela, perplexa diante do fato de ela ter saído de dentro de mim.

Considerando as circunstâncias da concepção, fiquei surpresa ao perceber o quanto eu era capaz de amar minha filha. Com os dedos, eu traçava o desenho daquelas veiazinhas, maravilhada ao pensar que meu sangue circulava por aquele corpo, e ela nunca reclamava. O ouvidinho era perfeito para captar cantigas de ninar, e de vez em quando eu afundava o nariz no pescocinho dela, para sentir o cheiro fresco e doce, o aroma mais puro que senti na vida. Atrás do joelho esquerdo, rechonchudo, havia um sinal de nascença, uma meia-lua cor de café que eu adorava beijar. Cada centímetro delicado daquele corpinho provocava tremores no meu coração e um instinto incontrolável de protegê-la. A

intensidade dos meus sentimentos me assustava e a ansiedade crescia na mesma proporção que o amor.

Ainda mantínhamos a hora do banho todas as noites, mas ela não podia entrar na água comigo, e o Maniaco jamais tocava meus seios. Depois do banho, eu a amamentava na cama, enquanto ele limpava o banheiro. Quando a bebê estava satisfeita, eu a deitava numa caminha que ele havia arrumado ao pé da nossa. Era um simples cesto de vime forrado com algumas mantas, semelhante a uma cama de cachorro, mas ela parecia não se incomodar.

Eu me lembrei de alguns amigos que tiveram filhos e se queixavam de não conseguir dormir nos primeiros meses. Também não consegui. Não por causa da bebê, pois ela só acordava uma vez durante a noite. Mas eu ficava tão apavorada ao pensar no que ele faria se ela o acordasse que permanecia desperta, atenta ao menor suspiro ou soluço. Eu me tornei perita em deslizar até o pé da cama aos primeiros sinais de que ela acordaria, de maneira que ele não percebesse a ausência do meu peso no colchão. Assim como uma cadela amamenta o filhote, eu deixava meu seio pender para fora da cama, levantava a neném um pouco e a alimentava. Se ele se movesse ou fizesse qualquer ruído, eu ficava parada, o coração batendo forte, e me perguntava se ela não sentia as batidas dentro do meu peito. Assim que a respiração dele voltava ao normal, eu deslizava de volta ao meu lugar.

À noite, depois que ela pegava no sono, ele me examinava e delicadamente passava creme nas minhas partes íntimas. Se eu me contraísse, ele parava e, com uma expressão amável, fazia barulhinhos que me tranquilizavam. Disse que precisávamos esperar seis semanas até voltar a “fazer amor”. Na época em que ele me estuprava, era muito mais dolorido, mas de certo modo menos perturbador. Quando me passava creme, às vezes, ao sentir dor, eu me forçava a não reagir, para que ele não parasse. Dor era normal.



Quando minha filha tinha pouco mais de uma semana de vida, eu estava cozinhando e precisei usar as duas mãos. No momento em que eu ia colocá-la no cesto, ele interceptou meus passos e disse:

– Eu cuido dela. – Meus olhos correram do rosto dele à segurança que o cesto representava... eu tinha chegado tão perto..., mas não me atrevia a contrariá-lo. Depois que carinhosamente a deixei em seus braços, ele se afastou, e meu coração foi parar na garganta. Ele sentou ao pé da cama.

Ela começou a choramingar. Larguei o que estava fazendo e fiquei de pé diante dele.

– Desculpa se ela incomodou você... vou colocá-la no cesto.

– Estamos bem. – Ele a balançou um pouco nos braços e disse, olhando para o bebê: – Ela sabe que sou o pai dela, e vai se comportar muito bem, não vai? – Ela

se acalmou e sorriu.

Voltei ao fogão, mas minhas mãos tremiam tanto que eu mal conseguia mexer a panela. A todo momento eu virava para pegar algum tempero, só para ficar de olho nos dois.

De início, o Maníaco apenas olhou para ela. Então, desenrolou a manta e tirou o macacão, de maneira que a bebê ficou deitada no colo dele, só de fralda. Morri de medo que ela comesse a chorar, mas apenas mexia os braços e as pernas no ar frio. Ele a examinou e empurrou lentamente seu bracinho para trás. Embora o gesto não tenha sido brusco, meu corpo ficou tenso, e esperei pelo choro da bebê, mas ela ficou quieta. Ele repetiu o gesto, com o outro braço e as pernas. Era como se nunca tivesse visto um neném na vida.

Sua expressão era calma, revelando mais curiosidade do que qualquer outra coisa. Ele foi delicado, e até sorridente, ao limpar um pingo de baba no queixo da bebê, mas minha vontade de arrancá-la daqueles braços era grande. O medo das consequências me impediu de fazê-lo. Finalmente, o jantar ficou pronto, e eu me aproximei dele com as pernas trêmulas e os braços esticados, e disse:

– Seu prato está pronto.

Ele demorou um segundo para devolvê-la e, quando ia me entregar a menina, um olhar que eu nunca tinha visto surgiu no rosto do Maníaco. Ele a soltou. Por uma fração de segundo ela pairou no ar, e então despencou. Dei um pulo e agarrei-a no instante em que atingiria o chão. Com o coração acelerado, abracei-a com força. Ele sorriu e se levantou para jantar, cantarolando baixinho.

Quando ia dar uma garfada, parou e disse:

– O nome dela é Juliet.

Fiz um sinal de consentimento, mas o nome jamais seria o mesmo da louca da mãe dele. Em minha mente, eu a chamava pelo nome secreto, e ninguém além de você sabe o nome que o Maníaco deu a ela.

Depois daquele dia, às vezes ele a pegava no colo, geralmente enquanto eu fazia alguma coisa, como dobrar a roupa lavada ou limpar o chalé. Ele sempre sentava na cama com ela no colo, deitava-a de bruços e empurrava os bracinhos e as pernas para trás. A bebê nunca chorava, o que me fazia pensar que ele não a machucava, mas eu sempre tinha vontade de correr e arrancá-la dos braços dele. De modo geral, o Maníaco a deixava no cesto, porém um dia ele a largou na beira da cama, como um brinquedo do qual se cansara. Eu suave frio cada vez que ele se aproximava dela.

Quando eu trabalhava na horta, ele permitia que eu a levasse comigo, enrolada numa pequena manta amarrada às minhas costas. Eu adorava deixar a neném ao ar livre, ver o crescimento dos legumes que eu mesma tinha plantado, sentir o cheiro da terra aquecida pelo sol, ou simplesmente passar a mão na penugem que cobria a cabeça da minha filha. Dizer que encontrei alguma felicidade naquela montanha é errado, porque é o mesmo que dizer que aquilo foi aceitável.

Aquilo *nunca* foi aceitável. Mas ao lado dela eu me sentia feliz uma parte do tempo, todos os dias.

O Maníaco jamais me deixava sair, a não ser quando ele também trabalhava fora do chalé. Porém, ele sempre tinha algo a fazer, como cortar lenha, cuidar do isolamento das persianas, pintar toras de madeira. Portanto, eu saía de casa com frequência. Ele queria que eu pintasse novamente as cadeiras de balanço que ficavam na varanda, e fui fazer o serviço à beira do rio, aproveitando o sol em companhia da minha filha.

Quando estava satisfeito com meu desempenho, ele permitia que eu me sentasse à margem do rio, depois de terminadas minhas tarefas. Aqueles dias eram memoráveis, dias em que desejei ter um caderno de desenho para registrar o contraste entre a pele leitosa da minha bebê e o verde-esmeralda da grama, ou a careta que ela fazia quando uma formiga caminhava no seu braço. Imagens de flores silvestres em pleno frescor, a luz do sol dançando no rio e o reflexo dos pinheiros na superfície da água faziam minhas mãos coçar, tamanha era a vontade de pintar. Eu achava que, se conseguisse captar toda aquela beleza no papel, eu teria um meio de me lembrar de que ainda existia um mundo exterior ao qual retornar quando as coisas ficassem feias dentro do chalé, mas, quando pedi um bloco de desenho ao Maníaco, ele negou.

Época de calor, ele determinou que eu lavasse a roupa no rio a cada dois dias. O Maníaco fazia questão de economizar água. Os banhos idiotas de todas as noites gastavam grande quantidade de água, mas eu nada dizia. Que droga! Eu gostava do cheiro que a água do rio e o sol deixavam nas roupas. Numa corda amarrada de uma macieira a uma das quinas do chalé, pendurávamos nossas roupas. Assim éramos, o Maníaco e eu, um típico casal de desbravadores.



A primeira vez que avistei o pato selvagem boiando perto da margem do rio, onde a correnteza era mais lenta, minha bebê ainda não tinha nascido. Às vezes, havia outros patos, mas geralmente ele estava sozinho. Se o Maníaco não estivesse olhando na minha direção, eu parava o que estava fazendo e admirava a ave. Nas primeiras vezes que descí até o rio para lavar roupa ou apenas para me sentar, o pato voou assim que me viu. Mas, quando minha filha tinha uma semana de vida, eu sentei numa pedra para enxaguar umas mantas e desfrutar a sensação da água fria correndo pelas minhas mãos. O pato atravessou para o outro lado do rio e ficou nadando, bebendo água e pegando insetos.

O Maníaco veio até onde eu estava e me deu alguns pedaços de pão. O gesto me surpreendeu, mas fiquei feliz por poder alimentar a ave.

Nos dias seguintes, usando o pão como isca, atraí o pato cada vez mais para perto. Não demorou muito e ele comia na minha mão. Eu me perguntava se o

pato não havia sobrevoado minha casa em Clayton Falls. Aquela ave era um sinal de que existia vida além daquela minha existência tão limitada, e todos os dias eu não via a hora de descer ao rio e vê-lo. Contudo, eu tentava não demonstrar ansiedade. Fingir indiferença tinha se tornado uma segunda natureza. Pelo sofrimento, eu havia aprendido que deixar o Maníaco saber que algo me agradava era o meio mais rápido de me frustrar.

Ele nunca permitia que saíssemos do alcance de sua vista ou de suas pernas, mas em geral nos deixava a sós no rio. Algumas vezes, eu até me esquecia da presença dele, a ponto de me convencer de que eu estava num típico dia de verão, sorrindo diante da crescente consciência do mundo demonstrada por minha filha. Antes do nascimento, eu me perguntava se ela seria capaz de perceber o mal que a cercava, mas ela era a criança mais feliz que tinha visto na vida.

Meus olhos haviam parado de vasculhar a clareira em busca de rotas de fuga. Eu não conseguiria correr levando minha filha no colo, e sabia que o medo do que ele faria se nos pegasse estava provavelmente aquém da realidade.



Quando minha filha completou duas semanas de vida, o Maníaco desceu até o rio e se abaixou ao meu lado. Assim que o viu, o pato afastou-se da minha mão e nadou para o meio da correnteza. O Maníaco tentou atraí-lo com um pedaço de pão, mas a ave o ignorou, e ele enrubescceu. Minha respiração ficou presa na garganta. Rezei para que o pato pegasse o pão, mas ele não se aproximava, e por fim o Maníaco desistiu e voltou ao chalé, dizendo que precisava fazer o jantar. A ave voltou a se aproximar de mim.

Ouvi uma terrível explosão no momento em que a cabeça do pato foi pulverizada na minha frente. Penas voaram pelo ar, caindo sobre mim, a bebê e a superfície da água. Além do zumbido nos ouvidos, escutei gritos e percebi que eram meus. Eu me levantei com um pulo e virei para o chalé. O Maníaco estava de pé na varanda, segurando um fuzil. Com as mãos sobre a boca, para abafar os gritos, fixei os olhos nele.

– Traga o bicho para dentro.

Minha boca se esforçava para formar palavras:

– Por que você... – Mas eu perguntava ao vento. Ele já tinha deixado a varanda.

Ao som do choro da minha filha, que revelava meus próprios sentimentos, me arrastei até o meio do rio e recolhi o que restava do pato. A cabeça havia praticamente desaparecido, e o pobre corpo, ensanguentado e de cabeça para baixo, flutuava na correnteza.



Naquele mesmo dia aprendi a depenar pato. Jamais me esquecerei do cheiro. As lágrimas escorriam sem parar e, por mais que ele me mandasse parar de chorar – e só Deus sabe o quanto tentei –, os soluços surgiam espontaneamente. A cada pena que eu arrancava do corpo do pato, minha culpa aumentava. Se eu não tivesse criado o hábito de alimentar o bicho, ele ainda estaria vivo.

Na hora de comer, fiquei paralisada. O Maníaco sentou diante de mim e, entre nós dois, o pato jazia numa travessa. Eu tinha cedido a cada exigência, mas, ao vê-lo destrinchar meu símbolo de liberdade, odiei-o mais do que nunca. Minha mão não conseguia levar o garfo à boca. Não demorou até que ele percebesse.

– Coma o jantar, Annie.

O único movimento era o das lágrimas que escorriam pelo meu rosto. Já era terrível ser responsável pela morte do animal... mas eu não poderia *comê-lo*. O Maníaco agarrou um punhado de carne, aproximou-se de mim, escancarou minha boca e a encheu de carne. Engasguei e tive ânsia de vômito, mas ele gritou:

– Mastigue!

Com uma das mãos, agarrou minha nuca de modo que eu não tinha como escapar e, depois que encheu minha boca, tapou-a com a outra mão, selando meus lábios. Comi o pato. Fui obrigada.

O Maníaco voltou a comer. Fiquei hipnotizada pelo metal do garfo e da faca por ele utilizados para cortar meticulosamente o bicho em pequenos pedaços. Ciente da minha atenção, ele levou o garfo à boca e, vagarosa e delicadamente, trincou os dentes num pedaço. Os lábios envolveram a carne, os cílios baixaram e ele suspirou de prazer. Mastigando com vontade, abriu os olhos e me encarou. Por fim, engoliu.

Então abriu um sorriso.

Naquela noite, pela primeira vez, não pude olhar para minha filha enquanto a amamentava. Ela sorvia o pato, sorvia meu belo pato, e me perguntei se ela sentia o gosto do meu sofrimento.



Ontem à noite foi uma merda ficar fora do closet, doutora. Meu quarto estava tão escuro, um breu, e eu achava que alguma coisa queria me pegar, mas, sempre que eu acendia a lanterna que fica na minha cama, não havia nada. Tentei dormir com uma vela acesa, mas aí apareciam umas sombras assustadoras na parede. Acendi todas as luzes, e foi então que perdi completamente o sono. Isso fez com que eu escutasse o menor ruído dentro de casa, e a casa é velha... muitos ruídos. Mas a boa notícia é que acabei não dormindo no closet, doutora. A má é que de madrugada os programas de TV são uma porcaria.

Eu tive bastante tempo para pensar no medo e em todo aquele negócio que você me disse sobre as diferentes manifestações do TEPT, desse tal Transtorno de Estresse Pós-Traumático, mas ainda não sei explicar exatamente por que dormir dentro do closet me faz sentir mais segura. O que sei é que a cama faz com que eu me sinta meio exposta. São tantas as maneiras de ser pego por alguém... pelos pés, pelo lado esquerdo, pelo direito, ou até por cima... É espaço demais me pressionando.

Quanto mais dolorosas são as coisas que eu lhe conto, mais eu quero... eu preciso... dormir no closet. Você me perguntou do que estou tentando escapar, e talvez este seja um bom momento para falar sobre o “vovô” de todos os meus efeitos retardados... essa “coceira” paranoica que não acaba, por mais que eu coce.

Eu não consigo me livrar da sensação opressora de que *ainda* não estou segura. Sei que isso é loucura total, porque os tiras têm sido muito legais, deixando-me a par das investigações, especialmente um tira, o Gary... o pobre coitado deve ter se arrependido de ter dado o número do celular..., e eles me diriam se eu ainda corresse algum perigo. Eles *têm* que dizer. Esse é o trabalho deles... proteger a população, e toda essa baboseira. Então, que merda é essa?

Por favor, não me venha com essa conversa de que isso é típico do TEPT, muito natural depois de tudo o que passei. Eu sei que voltei cheia de traumas e medos, essas merdas. Como eu já disse, pensei em tudo o que você me falou... fiz até pesquisa na internet. Que droga! Eu estava *torcendo* para que fosse apenas esse TEPT, mas tem algo diferente no meu caso. Parece tão real.

É aí que você entra em cena, doutora. Preciso que me ajude a me livrar dessa paranoia de que eu não estou segura. De que *alguém* ou *alguma coisa* quer me pegar. Não se preocupe, eu não estou esperando uma resposta imediata, papo-furado típico de terapeuta. Pense um pouco. Talvez dentro de algumas semanas, quando você voltar das férias, eu já tenha entendido tudo... não seria bom se essa merda fosse, assim, tão fácil?

Obrigada por me encaminhar a outro terapeuta, mas prefiro esperar sua volta. Por algum motivo estranho, é difícil confiar nas pessoas.

DÉCIMA TERCEIRA SESSÃO

É bom tê-la de volta, doutora. Pelo menos uma de nós está descansada. Estou brincado... não tenho a menor dúvida de que você precisava de um tempo longe dessa atmosfera tão negativa. Acho até que consegue disfarçar bem, mas eu sei que essa coisa abala qualquer um. Desde nossa primeira sessão, tenho notado que sempre que falo sobre algo intenso você rasga um canto da folha do bloco e faz uma bolinha. Quanto mais rápido é o gesto, mais a merda está mexendo com seus nervos. Todos nós, de um jeito ou de outro, acabamos nos traindo.

Como eu disse, é bom saber que você se divertiu, mas estou muito mais feliz agora que voltou. Eu bem que precisei dos seus cuidados na semana passada. E não, não foi por causa daquela besteira que falei na última vez... que alguém ainda quer me pegar..., embora aquele abutre ainda esteja lá no alto. Foi por causa de outra coisa que aconteceu. Vi meu ex-namorado numa mercearia, escolhendo maçãs ao lado de uma garota... Meu Deus! O jeito como ele sorriu para ela *acabou* comigo. E a maneira como ela inclinou a cabeça para trás... com uma blusa branca, justa, de gola rulê e jeans de marca... rindo de alguma coisa que ele disse...

Antes que me vissem e eu fosse obrigada a perceber o belo sorriso de compaixão no rosto do Luke, eu me abaixei e dei a volta na gôndola. Larguei a cesta no meio da loja, saí porta afora com a cabeça baixa e me enfiar dentro do carro, o coração mais disparado que o de um viciado em crack. Tentando não cantar pneu, pois estava desesperada para sair dali, levei o carro até os fundos do estacionamento da mercearia, parei longe dos outros veículos e cai em lágrimas com a cabeça apoiada no volante.

Ela não deveria estar ali. Ele era meu. Eu deveria ser a garota escolhendo maçãs ao lado dele. Fui para casa, mas não consegui parar de chorar, e não fiz minhas compras. Naquela noite acabei comendo queijo duro e biscoito velho, pensando nos dois abraçadinhos na cama numa manhã de domingo, ou nele dando um beijo nela, correndo as mãos por aqueles cabelos lindos. Que droga! Quando conseguisse parar de pensar na cena, eles já estariam noivos e escolhendo os nomes dos futuros filhos.

Naqueles segundos ele parecia tão *feliz*, e eu queria ser a única mulher capaz de fazer o Luke sorrir daquele jeito. Só em falar nisso já me sinto louca por dentro. Sei que é importante que ele esteja bem, que devo querer o melhor para ele e tudo o mais. Mas será que tem que ser alguém como ela? A lourinha perfeita... tão limpinha naquela blusa branca de gola rulê que me senti suja só de olhar para ela. Eu costumava usar roupas como as dela... costumava *querer* usar roupas como aquela.

Eu me pergunto se aquela mulher, aquela *estranha*, sabe da minha existência.

Ela deve ser boa gente... não consigo vê-lo saindo com alguém que não fosse. Talvez ela tenha pena de mim. Meu Deus! Espero que não. Eu já tenho pena demais de mim mesma.



Depois que o Maníaco matou o pato, um pedaço de mim foi arrancado, deixando no lugar um buraco negro. O pavor entrou por ali com uma gigantesca mão que arrancou meu coração e minhas entranhas. Nos dias seguintes, todas as vezes que ele pegava minha filha no colo, examinava-a ou, que droga!, passava ao lado do cesto, a mão me apertava com mais força.

Certa manhã, ela chorava no cesto e eu estava prestes a pegá-la, mas ele foi mais rápido. Nos braços do Maníaco, ainda enrolada na manta enquanto ele a embalava, a trouxinha soltou um pequeno grito. Ele aproximou o rosto do dela e disse:

– Pare de chorar!

Prendi a respiração. Ela se calou e o Maníaco sorriu, orgulhoso. Eu sabia que ela havia parado por causa do embalo dos braços, não das palavras, mas eu não tinha tendências suicidas e, portanto, não o repreendi.

– Ela sabe ouvir – disse ele. – Mas nessa idade o cérebro é uma esponja, facilmente envenenado pela sociedade. É bom que ela esteja aqui. Aqui ela vai aprender os *verdadeiros* valores, valores que transmitirei para ela. Mas, acima de tudo, ela vai aprender a respeitar.

Que merda! Como eu lidaria com aquilo?

– Sabe... às vezes, sem querer, as crianças testam os limites, e pode acontecer de ela não entender o que você está tentando... ensinar. Mas isso não quer dizer que ela seja má, ou que não o respeite... é coisa de criança.

– Não... não é coisa de criança... é coisa que os pais permitem que elas façam.

A conversa não parecia aborrecê-lo, então eu continuei:

– Quem sabe não é bom que uma criança tenha curiosidade e teste a autoridade? Você me disse que as mulheres que você conheceu na vida sempre tomaram decisões erradas em relação a homens e à vida profissional... mas talvez elas estivessem apenas se rebelando, por não terem podido tomar decisões próprias quando eram mais jovens.

Ainda calmo, ele respondeu:

– Foi isso que sua mãe fez? Criou você com liberdade para ter ideias próprias? Claro, eu tinha liberdade para pensar, exatamente como ela.

– Não, mas é por isso que quero dar uma vida melhor à minha filha. Você não quer que sua filha tenha uma vida melhor do que a sua?

Ele parou de embalá-la.

– O que você está insinuando?

Ah! Que merda!

– Nada! Eu só estou preocupada que você tenha expectativas que não sejam...

– Expectativas? Sim, eu tenho expectativas, Annie. Espero que minha filha respeite o pai. Espero que ela cresça e se torne uma dama... não uma puta que abra as pernas para qualquer homem que apareça. Não acho que isso seja esperar demais. Você acha? Ou você está querendo criar minha filha para ser uma puta?

– De jeito nenhum. Não era isso que eu estava querendo dizer...

– Você sabe o que acontece com garotas que crescem achando que podem fazer o que bem entendem? Eu trabalhei numa área de exploração de madeira durante algum tempo. – O Maníaco era *lenhador*? – E lá havia uma mulher que pilotava helicóptero. Ela contava que o pai tinha dito que ela poderia ser o que quisesse. O cara era um idiota. Quando conheci essa mulher, o namorado, um lenhador imbecil que trabalhava na área, havia acabado de dar um fora nela.

Bem, a opinião dele sobre lenhadores não era das melhores. Portanto, talvez ele fosse o capataz ou trabalhasse no escritório da madeireira.

– Durante seis meses, ouvi a mulher falar sobre o troglodita e deixei que ela chorasse lágrimas patéticas no meu ombro. Ela começou a dizer que queria encontrar um homem bom e eu a convidei para sair, mas ela disse que não estava em condições. Então esperei. Aí, um belo dia, ela me disse que sairia para dar uma volta a pé. Sozinha. Mas vi quando ele saiu alguns minutos depois, e fui atrás.

Ele passou a embalar a neném cada vez mais rápido, e ela começou a reclamar.

– Os dois estavam no bosque, deitados em cima de um cobertor, e ela estava deixando aquele sujeito, aquele sujeito que ela desprezava, que a tinha jogado fora como lixo, fazer coisas com ela. Então esperei até ele ir embora e tentei conversar com ela, dizer que ele a magoaria novamente, mas ela me disse que cuidasse da minha vida e se afastou de mim. *De mim!* Depois de tudo o que fiz para protegê-la, ela voltaria para o sujeito. Eu tinha que salvá-la. Ela não me deu escolha. – As mãos dele apertaram a bebê.

Dei um passo adiante e estiquei os braços.

– Você está machucando ela.

– *Ela* me machucou! – Então desviou a cabeça no momento em que a criança começou a gritar e olhou-a como se fosse uma estranha. Empurrou a menina para os meus braços, quase deixando-a cair, e dirigiu-se à porta. Agarrado ao batente, falou por cima do ombro: – Se ela se tornar uma delas... – Sacudiu a cabeça. – Não posso permitir que isso aconteça. – E saiu batendo a porta, deixando-me sozinha para consolar a neném, embora eu quisesse chorar com ela.

Depois de uma hora, voltou com o rosto tranquilo e foi até o cesto da bebê.

– Acho que se você considerar do que estou livrando esta criança, Annie – das doenças, das drogas, da pedofilia que impera no mundo –, e perguntar a si mesma se quer realmente o melhor para sua filha ou o que é melhor para você... – agachou-se ao lado da neném e sorriu – você vai se dar conta de que a vida dela é mais importante que a sua. – O sorriso desapareceu no momento em que ele ergueu os olhos e me encarou. – Você está disposta a fazer isso, Annie?

Meu olhar desceu até as mãos dele, estendidas sobre o corpinho da criança, mãos que haviam matado ao menos uma pessoa e que só Deus sabia o que tinham feito com a piloto de helicóptero.

De cabeça baixa, respondi:

– Sim, sim, estou.

O resto daquele dia, cada nervo do meu corpo gritou para eu correr, e senti dor nas pernas em consequência da quantidade de adrenalina não liberada. Minhas mãos tremiam. Eu deixei pratos, roupas, sabão, tudo cair no chão. Quanto mais frustrado ele se mostrava, mais coisas eu derrubava e mais minhas pernas doíam. O menor ruído me causava um sobressalto, e, se ele fizesse algum gesto brusco, meu sangue disparava nas veias, eu começava a transpirar.

No dia seguinte, ele arrumou uma maleta com uma muda de roupa e saiu, sem dizer uma palavra sobre seu destino. Meu alívio deu lugar ao pavor de que finalmente ele estivesse farto de nós e que não voltasse. Desesperados, meus dedos revistaram todo o chalé, do chão ao teto, mas não havia como escapar. Ele voltou no dia seguinte, e eu ainda não fazia ideia de como tirar minha filha daquele inferno.



Aonde quer que tenha ido, ele nos trouxe um vírus, e logo começou a tossir e espirrar. Como seria de esperar, o Maníaco era um paciente que exigia muito de mim. Não apenas eu tinha que cuidar da bebê e das minhas tarefas como também precisava enxugar sua maldita testa a cada cinco segundos, manter o fogo aceso e buscar os cobertores na secadora – ideia dele, não minha –, enquanto ele ficava estirado na cama. Rezei para que pegasse pneumonia e morresse.

O Maníaco me obrigou a ler para ele até ficar rouca. Quem me dera poder jogar pôquer com ele, como eu costumava fazer com meu pai adotivo. Wayne não era o tipo de cara que exigia que a mulher enxugasse sua testa, o que muito me agradava, e, quando eu ficava doente, ele me ensinava a jogar cartas. Bastava eu fungar e lá vinha ele com o baralho, e jogávamos durante horas. Eu adorava a sensação das cartas nas mãos, os números, as sequências. Acima de tudo, eu adorava ganhar, e ele era obrigado a me ensinar jogos cada vez mais complexos para conseguir me vencer de vez em quando.

No segundo dia, a tosse parecia explodir o corpo do Maníaco. Interrompi a

leitura e perguntei:

– Você tem algum remédio em casa?

Como se eu ameaçasse enfiar-lhe algo goela abaixo, ele cravou as unhas no meu braço e respondeu:

– Não! Nada de remédio!

– Pode ajudar.

– Remédio é *veneno*. – Sua mão ardia em febre, queimando meu braço.

– Talvez se você fosse até a cidade procurar um médico...

– Médicos são piores que remédios! Médicos mataram minha mãe. Se ela tivesse me deixado cuidar dela, tudo acabaria bem. Mas eles a entupiram de veneno, e ela ficou cada vez mais doente. Eles *mataram* minha mãe.

Mesmo com o nariz entupido, ele expressava desprezo em cada sílaba.

Depois de alguns dias, parou de tossir, mas a neném começou a chorar durante a noite e a acordar a cada duas horas. Quando a toquei, percebi que ela estava febril. Eu tentava consolá-la assim que ela acordava, mas, numa das vezes, não reagi de imediato, e ele atirou um travesseiro na direção do cesto.

Em outra ocasião, não deixou que eu pegasse a bebê no colo.

– Continue a ler – ordenou. – Ela só quer chamar sua atenção. – Eu queria ajudar minha filha, mas precisava preservar a vida de nós duas. Retomei a leitura.

O choro dela se tornou mais intenso. Ele arrancou o livro das minhas mãos.

– Faça com que ela pare, ou então eu vou fazer.

Peguei-a no colo e, no tom de voz mais sereno e contido possível, ponderei:

– Acho que ela está ficando doente também.

– Ela está bem. Você precisa aprender a controlar essa criança. – Ele enfiou a cabeça embaixo do travesseiro. Minha vontade era me jogar em cima do Maníaco com todo o peso do corpo, mas ele afastou o travesseiro e disse: – Quero um copo de água. E desta vez... gelada! – Sorri simulando alegria, enquanto por dentro mais um pedaço de mim se partia.



Na manhã seguinte, mais cedo que o usual, ela me acordou, chorando. Peguei-a no colo e comecei a andar pelo chalé na ponta dos pés, tentando acalmá-la, em vão. O Maníaco pulou da cama e se vestiu, encarando-me com os olhos arregalados.

– Desculpe, mas acho que ela está mesmo doente.

Saiu porta afora. Voltei para a cama e me preparei para amamentá-la. Era uma das coisas que eu mais gostava de fazer com ela. Adorava o jeito como a bebê me olhava, apoiando a mãozinha no meu seio, a barriguinha estufando quando ficava cheia, o bumbunzinho que cabia perfeitamente na minha mão.

Tudo era tão delicado: as mãos, com linhas mínimas e unhas minúsculas, as faces lisinhas, os cílios escuros e sedosos.

Geralmente, quando acabava de mamar, eu beijava cada parte do corpo da minha filha, a começar pelos dedinhos e pela solinha do pé, tão macia. Quando chegava às mãos, eu fingia sugar as pontas dos dedos e em seguida beijava o braço. Para o grande final, eu soprava na barriguinha, até ela dar gritinhos de felicidade.

Mas naquele dia minha filha, sempre feliz, estava inquieta e nervosa, e toda vez que eu tentava amamentá-la ela afastava a boca do meu mamilo. A pele queimava e as faces eram círculos vermelhos, como a maquiagem de um palhaço. O estômago parecia inchado, e achei que ela estivesse com gases. Comecei então a caminhar com a bebê no colo, mas ela vomitou no meu ombro e chorou até pegar no sono. Nunca tinha me sentido tão impotente na vida. A possível reação do Maníaco me apavorava, mas era preciso pedir algum tipo de ajuda.

– A menina está mesmo doente. Ela precisa de um médico – confrontei-o, assim que ele voltou.

Ele olhou para mim.

– Trate de preparar o café da manhã.

Enquanto comíamos, ela começou a chorar no cesto, e me levantei para pegá-la no colo, mas ele ergueu a mão e ordenou:

– Pare! Pegá-la no colo só vai reforçar o comportamento negativo. Acabe de tomar o café.

O choro da neném rasgava o ar e quando ela inspirava, entre um grito e outro, um chiado saía do seu peito.

– Ela não está bem. Podemos chamar um médico, por favor? Eu sei que sua mãe morreu, mas ela estava com câncer... não foram os médicos que a mataram. Você pode me amarrar dentro do carro e levá-la ao consultório. – Hesitei por um segundo. – Ou espero aqui e você leva a bebê, está bem? – Eu tinha mesmo dito aquilo? Ela estaria *sozinha* com ele... mas receberia assistência.

Ele mastigava devagar. Enfim, parou, limpou a boca com o guardanapo, tomou um gole de água e disse:

– Médicos fazem perguntas.

Os gritos eram de partir o coração.

– Eu sei... mas você é esperto... mais esperto que qualquer médico. Você vai saber o que dizer, e eles não vão desconfiar de nada.

– Exatamente. *Eu sou* mais esperto que qualquer médico. E é por isso que eu sei que ela não precisa de médico nenhum. – Marchou até o cesto, seguido de perto por mim. Sua voz se elevou, para competir com os gritos, e concluiu: – Ela só precisa aprender o que é respeito.

– Por que você não relaxa, e eu cuido dela?

– Acho que não, Annie. Sem dúvida, você está fazendo alguma coisa errada. – No momento em que ele pegou a bebê do cesto, agarrei o vestido na altura das coxas, assim minhas mãos não esmurrariam suas costas, e rezei para que ela se acalmasse. Mas, quando ele a embalou, os gritos ficaram ainda mais desesperados.

– Por favor, entregue-a para mim. – Estendi as mãos, trêmulas. – *Por favor.* Ela está com medo.

Numa fração de segundo, ele me encarou, roxo de raiva. No instante seguinte, suspendeu as mãos e largou a bebê. Consegui segurá-la, mas perdi o equilíbrio e caí de joelhos no chão. Não sei se assustada ou exausta, a menina deu um soluço e se acalmou nos meus braços. Ele ajoelhou, aproximando o rosto do meu. Chegou tão perto que pude sentir seu hálito.

– Você fez minha filha se voltar contra mim. Isso não é bom, Annie. Não é nada bom.

– Eu *nunca* faria uma coisa dessas – retruquei, num murmúrio trêmulo. – Ela só está um pouquinho confusa, porque está doente. Ela ama você. Eu sei disso, eu percebo. – Ele inclinou a cabeça para o lado. – Quando ela escuta sua voz, os olhos procuram por você. Ela não faz isso comigo quando está no seu colo. – Tudo mentira, mas *era preciso* que ele acreditasse.

Ele cravou-me os olhos por um minuto, que se mostrou torturante. Então bateu palmas e convidou:

– Vamos, nosso café está esfriando.

Coloquei minha filha no cesto e segui o Maníaco, meu corpo tenso, à espera de novos gritos. Felizmente, ela havia adormecido.



Depois do café, ele se espreguiçou e deu uma palmadinha no estômago. Eu precisava tentar de novo.

– Se você me deixar dar uma olhada nos livros, talvez eu encontre ervas ou plantas que sirvam como remédio. Seria algo natural, e você pode conferir se é seguro.

Ele olhou para o cesto e disse:

– Ela vai ficar boa.

Mas não ficou. Nos dias seguintes, a bebê ardeu em febre. A pele sedosa queimava minhas mãos e eu não tinha ideia do que fazer. A tosse provocava engasgos, e eu colocava toalhas quentes no peitinho dela, na tentativa de aliviar a congestão. Mas, se o pano quente a incomodava, o frio a fazia gritar mais ainda. Nada adiantava. Ela começou a acordar de hora em hora durante a noite, e eu não conseguia dormir, permanecendo num estado letárgico constante, sempre assustada. Às vezes, eu escutava a respiração dela ficar presa na garganta, e meu

coração parava até eu ouvir a seguinte.

O Maníaco decidiu que, se a bebê chorasse durante o dia, nós deveríamos ignorá-la, para ela adquirir autocontrole. Porém, passados alguns minutos, ele saía porta afora, berrando: “Pegue logo ela!” Quando a bebê chorava de noite, eu corria até ela, mas, se o Maníaco acordasse, atravava o travesseiro em nós duas ou cobria a cabeça. Às vezes, dava socos na cama.

Para ele voltar a dormir, eu me escondia com a bebê no banheiro até ela se acalmar. Uma noite, na esperança de que o vapor ajudasse a menina a respirar, abri o chuveiro. Mas não tive tempo de descobrir se o procedimento daria certo, pois o Maníaco invadiu o banheiro, gritando para eu desligar a ducha.

Depois de algumas noites, eu parecia um fantasma. Na quinta noite, ela acordava a cada meia hora e, para mim, estava difícil manter os olhos abertos. Lembro-me das minhas pálpebras tão pesadas que eu só queria fechá-las por um segundo, mas devo ter pegado no sono, pois acordei sobressaltada. Meu primeiro pensamento foi que o chalé estava quieto, e me senti aliviada por ela estar finalmente descansando. Voltei a fechar os olhos. Então percebi que o Maníaco não estava ao meu lado e dei um pulo.

O chalé estava às escuras. Embora fosse verão, a noite anterior tinha sido um pouco fria e ele havia acendido o fogo. À luz das brasas, pude perceber a figura dele ao pé da cama. Estava meio curvado, e pensei que pretendesse pegá-la no colo, mas, quando virou, vi que ele segurava a bebê. Zonza, estiquei os braços.

– Desculpe, não ouvi ela chorar.

Ele me entregou a bebê, acendeu a luz e começou a se vestir. Não entendi por quê. Estava na hora de levantar? Por que ele não dizia nada? A neném estava quieta nos meus braços, e afastei a manta que cobria seu rosto.

Pela primeira vez em dias, o rosto não estava contorcido de dor, nem parecia vermelho ou suado. Mas a palidez não era normal, e a boquinha de botão estava azulada. As pálpebras também estavam azuladas. Os sons que o Maníaco fazia ao se vestir eram amortecidos pelo ruído da minha pulsação, que chegava aos meus ouvidos, e então tudo se calou na minha mente.

Quando toquei o rosto da bebê com minha mão fria, notei que ele estava ainda mais frio. A menina não se mexia. Encostei o ouvido à boquinha e meu peito se contraiu, como se os pulmões lutassem para absorver o ar. Eu nada ouvia. Nada sentia. Então encostei o ouvido àquele tórax diminuto, mas o único som era o do meu coração disparado.

Apertei suas narinas, soprei dentro da boca e fiz uma massagem no peito. Ouvi um choramingo no chalé. Meu coração deu um salto de alegria, mas percebi que eu era a responsável pelo choro. Ainda tentando reanimá-la, voltei a encostar o ouvido na minúscula boca.

– Por favor, por favor, respire. *Deus, me ajude, por favor.*

Era tarde demais. Ela estava muito fria.



Paralisada, sem saber o que fazer, sentei-me ao pé da cama, tentando não aceitar o fato de ter minha filha morta nos braços. O Maníaco nos olhava com um semblante impassível.

– *Eu disse que ela precisava de um médico. EU DISSE!* – gritei, socando as pernas do Maníaco com uma das mãos e segurando a bebê com a outra.

Ele me deu uma bofetada, e então disse num tom de voz monocórdio:

– Me dê a criança, Annie.

Sacudi a cabeça.

Ele agarrou meu pescoço com uma das mãos, e enfiou a outra embaixo do corpo da bebê. Nossos olhos ficaram frente a frente. A mão que me apertava o pescoço começou a fazer mais pressão.

Larguei minha filha.

Ele pegou-a dos meus braços e a suspendeu até a altura do peito. Em seguida, endireitou-se e caminhou na direção da porta.

Eu queria dizer algo, qualquer coisa que o fizesse parar, mas não consegui expressar uma única palavra. Ergui a manta no ar, estendi-a na direção do Maníaco, que se afastava de costas, e soluzei:

– *Frio... ela está com frio.*

Ele parou, deu meia-volta e se pôs diante de mim. Pegou a manta e a olhou com uma expressão indecifrável. Estiquei os braços para minha bebê, com o semblante em súplica. Nossos olhares se cruzaram e por um instante pensei ter visto algo diferente no rosto dele, uma leve hesitação. Mas no instante seguinte a expressão se fechou. Com a manta, ele cobriu a cabeça da bebê.

Comecei a gritar.

Ele se encaminhou para a porta. Pulei da cama, mas era tarde demais.

Minhas unhas arranharam com desespero a porta de aço, num gesto em vão. Chutei e me atirei contra ela até não conseguir levantar meu corpo machucado do chão. Finalmente, encostei o rosto à superfície gelada e berrei o nome secreto da minha filha, até a garganta ficar em carne viva.



Ele se ausentou durante cerca de dois dias. Não sei quanto tempo permaneci encostada à porta, gritando e implorando que trouxesse minha filha de volta. Meus dedos ficaram ensanguentados, destruí todas as unhas arranhando a porta, sem conseguir deixar uma única marca. Por fim, arrastei-me de volta à cama e chorei até não ter mais uma lágrima sequer.

Numa tentativa patética de ganhar tempo contra a dor, minha mente tentava racionalizar e entender o que tinha acontecido, mas eu pensava apenas que a morte dela era minha culpa, pois eu tinha pegado no sono. Minha filha teria

chorado? Eu estava tão sintonizada com cada som produzido por ela que, com certeza, escutaria o choro. Ou eu estava tão exausta que não consegui acordar? Era minha culpa, tudo minha culpa. Eu deveria ter acordado e examinado minha filha durante a noite.

Quando o Maníaco abriu a porta, eu estava sentada na cama, encostada à parede. Pouco me importava se ele me matasse naquele momento. Mas, tão logo se aproximou, percebi que trazia algo nos braços, e meu coração se encheu de esperança. *Ela ainda estava viva!* Ele me entregou a trouxa. Era a manta, somente a manta.



Eu me atirei contra o Maníaco, socando seu peito. A cada golpe, eu repetia:
– *Tarado de merda, tarado de merda, tarado de merda!*

Ele agarrou meus braços, me levantou do chão e me manteve a distância. Como uma gata enlouquecida e encurralada, eu unhava o ar.

– Onde ela está? – Voava cuspe dos meus lábios. – Me diga agora, seu filho da mãe! *O que você fez com ela?*

Ele parecia confuso de verdade

– Mas eu trouxe a... – respondeu.

– Você me trouxe a manta. *A manta?* Você acha que isso vai substituir minha filha? *Seu idiota!* – Um riso histérico borbulhou nos meus lábios, e então deu lugar a uma gargalhada.

Ele soltou meus braços, meus pés bateram no chão, produzindo um som surdo, e cambaleei para a frente. Antes que pudesse me equilibrar, o braço dele se retesou e o punho explodiu no meu maxilar. O piso se aproximou de mim, e tudo ficou preto.

Quando acordei, estava sozinha na cama, para onde ele deve ter me levado, e minha boca latejava. A manta da minha filha estava dobrada sobre o travesseiro ao meu lado.



Ainda hoje, ninguém sabe o nome da minha filha, nem os tiras. Tento pronunciar-lo em voz alta, só para mim, mas ele fica trancado na garganta, no coração.

Ao sair por aquela porta carregando o corpo, o Maníaco levou tudo o que restava de mim. A criança tinha apenas quatro semanas de vida quando morreu... ou foi morta. Quatro semanas. Não é tempo suficiente para se viver. Ela viveu nove vezes mais dentro da minha barriga.

Eu vejo nas revistas fotos de crianças com a idade que ela teria hoje, e me

pergunto se minha filha se pareceria com elas. Será que o cabelo ainda seria castanho-escuro? E a cor dos olhos? Seria uma criança alegre ou introvertida? Nunca vou saber.

A lembrança mais nítida que tenho daquela noite é o Maníaco sentado ao pé da cama com a menina no colo, e penso: *Terá sido ele?* Ai eu penso que, mesmo que não tenha sido um ato intencional, ele a matou ao não querer providenciar ajuda. É mais fácil odiar o Maníaco, é mais fácil culpá-lo. Então eu fico o tempo inteiro revendo aquela noite, lembrando-me da neném deitada na última vez que a ajeitei no cesto. Em dados momentos, eu me convenço de que ela ficou de costas, e que a culpa foi minha, pois ela provavelmente estava com pneumonia e se engasgou com a secreção. Ai eu penso que não, minha filha ficou de bruços, e me pergunto se ela se sufocou enquanto eu dormia a um metro e meio de distância. Já ouvi dizer que a mãe sabe quando um filho está sofrendo. Mas eu não senti *nada*. Por que eu não senti nada, doutora?

DÉCIMA QUARTA SESSÃO

Desculpe ter faltado às duas últimas sessões. Quando cancelei as consultas, sua compreensão me deixou agradecida. E fiquei surpresa ao receber sua ligação na semana passada, querendo saber como eu estava... não sabia que terapeuta fazia esse tipo de coisa. Foi legal.

Depois da nossa última sessão, precisei dar um tempo. Parece que finalmente cheguei no estágio da depressão... ou melhor, a depressão chegou em mim. E não foi uma coisa leve. Não, aquela filha da mãe me jogou no chão e saiu arrastando meu corpo. Como garantia, ainda sentou em cima. Eu nunca tinha falado dos meus sentimentos sobre a morte da minha filha... policiais só querem saber dos fatos... e me recuso a tocar no assunto com repórteres. A maioria das pessoas sabe que não convém perguntar sobre minha bebê, e acho que elas ainda têm um pingo de sensibilidade. Mas não é raro um repórter babaca passar dos limites.

Às vezes, acho que as pessoas não perguntam porque duvidam que eu amasse minha filha. Logo que voltei para casa e fui morar com minha mãe, escutei a tia Val conversando com ela na cozinha. Minha tia havia acabado de falar sobre a neném, e minha mãe disse: “É... é triste que ela tenha morrido. Mas foi melhor assim.”

Melhor assim? Minha vontade era entrar na cozinha e dizer que ela estava enganada, mas eu não sabia nem por onde começar. Tapei os ouvidos com o travesseiro e fiquei chorando até pegar no sono.



Eu me sinto uma hipócrita levando todo mundo a acreditar que ele matou a menina e que sou a vítima inocente... sabendo, o tempo todo, que ela morreu por minha culpa. E, sim, nós já falamos sobre isso pelo telefone, e eu gostei daquele artigo que você me mandou por e-mail, sobre a culpa que os sobreviventes costumam sentir. O artigo faz sentido, mas mesmo assim eu pensei: *Bom para as pessoas às quais isso se aplica*. Não importa quantos livros ou artigos eu ler, eu me julguei e sou culpada por não ter protegido minha filha.

Tentei escrever a carta que me sugeriu, endereçada à bebê, mas, quando peguei o bloco e a caneta, fiquei sentada na cozinha encarando a folha em branco. Depois de alguns minutos, olhei pela janela e vi beija-flores pairando no ar diante do comedouro pendurado na minha ameixeira, e voltei a contemplar o bloco. Todos aqueles pensamentos que tive no início da gravidez... que ela seria um monstro... começaram a me consumir. Será que ela sentiu aquilo no meu útero? Tentei me fixar nas boas lembranças do tempo em que ela esteve viva, e

não no modo como morreu. Mas minha mente não colaborava, só queria ficar repassando aquela noite. Acabei me levantando e fiz um chá. As porcarias do bloco e da caneta ainda estão lá. Parece que escrever um “sinto muito” não vai ser suficiente.



Depois da nossa última sessão, chorei muito durante alguns dias. Qualquer coisinha me fazia derramar lágrimas. Quando a Emma e eu estávamos andando pelo bosque, senti uma dor tão intensa que mal pude ficar de pé, tamanho era o peso. Numa outra caminhada, ouvi algo parecido com o choro de um bebê. Corri pela trilha e constatei que era apenas um filhote de corvo no alto de um pinheiro. Quando dei por mim, estava deitada no meio da trilha, as unhas cravadas na terra, soluçando, enquanto a Emma esfregava o focinho no meu pescoço, tentando enxugar meu rosto.

Como se pudesse deixar a dor para trás, corri de volta para casa, e a sensação dos meus pés batendo na terra pareceu algo positivo e real. O barulho da coleira da Emma, enquanto ela disparava à minha frente, trouxe lembranças de nossas velhas corridas, mais um prazer do qual eu tinha me esquecido. Agora, corro todos os dias. Corro até meu corpo ficar encharcado de suor e meu único pensamento ser a respiração seguinte.

Luke me telefonou uma semana depois da nossa última sessão... tinha deixado umas mensagens, pedindo que eu ligasse de volta se quisesse falar com ele, mas não liguei. Luke parou de deixar recados, mas ainda ligava ao menos uma vez a cada duas semanas, porém eu nunca atendia. Fazia mais ou menos um mês desde a última ligação, pouco antes de eu vê-lo com aquela garota, e achei que não telefonaria mais.

Quando ligou, eu estava na lavanderia, que fica no porão, e precisei correr atrás do telefone sem fio. Quando vi o número dele no visor, meu coração, que já estava acelerado, disparou de vez, e quase recoloquei o fone na base. Mas meu dedo apertou a tecla da chamada, e ele disse alô antes que eu percebesse o que tinha feito. Então me dei conta de que tinha ficado calada, até que ele perguntou:

– Annie?

– Oi.

– Você atendeu. Eu não sabia se você... – Ele fez uma pausa e eu precisava dizer alguma coisa, alguma coisa cordial, que traduzisse: *Que bom que você ligou.*

– Eu estava colocando a roupa na máquina. – Deus do céu! Era como se eu tivesse dito que estava no banheiro.

– Eu atrapalhei seu trabalho?

– Não, isto é, sim... mas tudo bem. Eu posso falar.

– Eu vi você algumas semanas atrás e quis telefonar, mas não sabia se queria falar comigo.

– Você me viu?

– Você estava saindo do mercado. Fui atrás de você, mas você foi mais rápida.

– Senti o rosto arder. Que merda! Ele *me viu* indo embora do mercado.

Esprei que ele dissesse alguma coisa sobre a garota, mas, como ficou quieto, repliquei:

– É mesmo? Não vi você. Eu parei para fazer umas comprinhas, estava com pressa, mas o mercado não tinha o que eu procurava.

Ficamos calados por alguns segundos.

– E aí, o que você tem feito? – perguntou. – Fico esperando para ver suas placas no jardim de alguém.

Resisti ao impulso de ser cruel e dizer que minha última placa tinha sido aquela fncada no jardim da casa que eu estava tentando vender quando fui sequestrada. Eu sabia que ele não queria me magoar.

– Talvez sua espera seja longa.

– Sinto falta delas... o seu trevo-de-quatro-folhas sempre me fazia sorrir.

Eu me achava tão criativa que estampeei um trevo-de-quatro-folhas nas minhas placas, nos meus cartões de visita e na porta do carro. Meu lema era: “Annie O’Sullivan tem a sorte dos irlandeses.” A palavra sorte fazia parte da porcaria do meu slogan. Que ironia, não?

– Quem sabe... um dia eu faço alguma outra coisa.

Por exemplo, me atirar de uma ponte.

– Você vai ter sucesso em qualquer coisa. Mas, se voltar ao mercado imobiliário, logo vai estar no topo de novo. Você era muito competente.

Nem tanto quanto eu queria ser, nem tanto quanto minha mãe pensava que eu deveria ter sido. Durante todo o tempo em que estive envolvida no mercado imobiliário, ela costumava me mostrar anúncios de todas as corretoras da cidade, e perguntava por que eu não trabalhava com outras imobiliárias. E eu não era tão competente quanto Christina, uma das principais responsáveis pelo meu ingresso naquele ramo. Quando concluí o ensino médio, tive uma série de empregos medíocres – garçonne, caixa, secretária –, mas um deles me agradou: trabalhei para um jornal escrevendo anúncios. Contudo, o salário era ruim e, aos 20 e tantos anos, fiquei cansada de viver sem dinheiro. Enquanto isso, Christina e Tamara ganhavam uma grana, fato que minha mãe sempre salientava, e... que droga... eu também queria ter um belo carro.

– Estou fazendo terapia. – Cara! Primeiro, digo que estava lavando roupa, agora, fazendo terapia... Eu só queria era parar de falar de mercado imobiliário.

– Que legal!

Pois é, já estou conseguindo fazer xixi direito, comer quando tenho fome e, até

quando tive que falar sobre a morte da minha filha, aquela coisa de dormir no closet já se limitava a duas vezes por semana. Isso não é *legal*? Mas engoli as palavras amargas. Luke estava querendo ser gentil, e a quem eu pretendia enganar? A verdade era que eu precisava mesmo de um terapeuta.

– Você ainda está me ouvindo? – Ele deu um suspiro e completou: – Que droga! Annie, eu só estou falando bobagem, não é?

– Não, não, não é você... é que... bem... você sabe... essas coisas. E como vai o restaurante?

– Temos um novo cardápio. Você precisar aparecer lá. Os clientes estão gostando.

Conversamos um pouco sobre o restaurante, mas parecia um arremedo dos nossos velhos papos, como se falássemos através de um daqueles espelhos de parque de diversões. Tudo parecia distorcido e nenhum de nós sabia que porta abrir. Abri uma... e me dei mal.

– Luke, eu nunca pedi... e sei que deveria ter pedido... desculpas pelo jeito como tratei você a primeira vez que foi ao hospital. É que...

– Annie.

– O cara que me pegou... ele me contou umas coisas e...

– Annie...

– Eu só descobri a verdade depois. – Quando me recusei a ver Luke, minha mãe quis saber por quê. Então ela me disse que Luke não tinha namorada e que no restaurante ele e Christina haviam organizado uma campanha a fim de arrecadar fundos para as buscas, até uma semana antes de eu voltar. Disse também que a polícia interrogara Luke várias vezes, mas ele conseguira provar que estava no restaurante no momento do sequestro. Ela contou que, mesmo depois que a polícia o dispensara, muita gente ainda o tratava como se ele tivesse algum envolvimento. Eu me lembro da minha reação quando o Maníaco disse que Luke estava namorando, mas a verdade é que ele foi acusado do meu desaparecimento, e então tentou incansavelmente me encontrar. O mínimo que eu poderia ter feito era concordar em vê-lo. – Mas acabei estragando a visita – completei.

– *Annie!* Sshhhhh... tudo bem... você não precisa...

Mas eu precisava.

– E depois, quando você me visitou na casa da minha mãe...

Eu não sabia nem começar a explicar o que tinha acontecido. Fazia apenas duas semanas que eu havia deixado o hospital. Estava cochilando no meu antigo quarto quando ouvi vozes na cozinha e, meio zozna, saí com a intenção de pedir à minha mãe e a Wayne que falassem baixo.

Minha mãe estava de costas para mim, diante do fogão, mexendo uma panela, e havia um homem ao lado dela. O homem, também de costas, curvou-se para provar algo que ela oferecia numa colher. Comecei a recuar, mas o piso rangeu.

Luke virou-se para mim.

Ao longe, ouvi minha mãe dizer: “Que bom! Você acordou bem na hora! O Luke estava provando meu espaguete, e quer a receita para o restaurante. Mas eu disse que, se ele quiser a receita, vai ter que batizar o prato com meu nome.” A risada rouca encheu o ar carregado de orégano, ervas finas, molho de tomate e tensão.

O semblante sincero de Luke era uma das coisas que eu adorava nele, mas naquele momento ele ficou pálido de perplexidade. Luke havia me visitado no hospital e tenho certeza de que tinha visto minha foto nos jornais, mas eu continuava a perder peso e, vestida num velho agasalho esportivo do Wayne, provavelmente parecia ainda mais magra. Meus olhos estavam com olheiras profundas e fazia dias que eu não lavava nem escovava os cabelos. Evidentemente, a aparência do Luke estava melhor do que nunca. A camiseta branca realçava o bronzeado dos braços e os músculos do peito. O cabelo castanho-escuro, mais comprido que na época em que fui sequestrada, charmosamente despenteado, brilhava à luz vibrante da cozinha.

– Trouxe umas flores para você, Annie. – Acenou com a mão, apontando um vaso cheio de rosas sobre a bancada. Rosas cor-de-rosa.

– Coloquei as flores na água para você, Annie querida. – Minha mãe olhava para as rosas com os olhos semicerrados de um jeito que ninguém perceberia, mas aquele olhar não me enganava. As flores que Luke havia trazido estavam sendo comparadas com as que *minha mãe* tinha comprado, e as dele ficavam devendo.

– Obrigada, Luke. Elas são lindas – agradei.

Durante segundos que pareceram horas, o único som na cozinha era o borbulhar do molho na panela. Então Wayne entrou e deu um tapinha no ombro do Luke.

– Luke! É muito bom ver você, rapaz. Vai ficar para o jantar?

Minha mãe, Wayne e eu olhamos para Luke, que ficou vermelho. Ele olhou para mim e disse:

– Se a Annie...

– É claro que a Annie quer que você fique. – Wayne se apressou. – Ora! É bom para essa garota receber a visita de amigos. – Antes que eu pudesse dizer uma palavra, Wayne estava com o braço por cima dos ombros de Luke, levando-o para fora da cozinha. – Eu quero pedir sua opinião sobre uma coisa...

Minha mãe e eu nos encaramos.

– Você poderia ter me avisado que ele estava aqui, mãe.

– Ué, mas quando? Você nunca sai do quarto. – Ela cambaleou um instante e se firmou na bancada.

Então percebi: o rosto da minha mãe não brilhava apenas por causa do calor do fogão. As pálpebras estavam meio caídas, e uma delas, a direita como

sempre, estava mais tombada. Meus olhos logo encontraram o culpado, atrás de um recipiente onde ela guardava massas: um copo com um líquido que eu sabia que era vodca.

Eu tinha percebido que a predileção da minha mãe pelo estado “inebriado” parecia ter atingido novos patamares na minha ausência. Poucos dias depois de voltar para casa, saí do quarto pois sentia cheiro de queimado. Descobri dentro do forno uma travessa de algo que eu achava ser biscoito de creme de amendoim, e encontrei minha mãe desacordada diante da TV, que passava uma entrevista minha logo após ter sido libertada, numa ocasião em que eu não deveria falar com ninguém. Na imagem, eu estava de lado, para que meu cabelo escorresse como uma cortina e me escondesse da câmera. Desliguei a TV.

O robe cor-de-rosa – ou, como ela dizia num francês canhestro, o *peignoir* – estava aberto, deixando à mostra a pele do pescoço e o contorno superior dos pequenos seios. Notei que a pele, da qual ela sempre se orgulhara – embora não houvesse muitas partes do corpo das quais não se orgulhasse –, começava a apresentar rugas. Na mão, ela segurava uma garrafa de vodca, o primeiro sinal de que as coisas tinham mudado. No passado, ela ao menos misturava a vodca com alguma coisa. Provavelmente, havia acabado de pegar no sono, pois o cigarro aceso ainda pendia dos lábios carnudos. As cinzas estavam com mais de dois centímetros, e, enquanto eu observava a cena, elas tremeram, caíram e se alojaram no seio à mostra. Atônita ao ver a brasa faiscando perto dos lábios da minha mãe, eu me perguntei se ela acordaria quando tivesse a boca levemente chamuscada, e retirei com cuidado o cigarro. Sem tocá-la, eu me inclinei e soprei as cinzas que tinham caído nos seus seios. Em seguida, joguei os biscoitos fora e voltei para a cama. Eu achava que ela passaria a beber menos após minha volta para casa.

Naquele momento, de pé na cozinha, ela notou que eu olhava para a vodca, e tentou esconder a bebida com o próprio corpo. Com o olhar, ela me desafiava a dizer algo.

– Você tem razão. Desculpe. – Era bem mais fácil dizer isso.

Sem conseguir pensar num meio educado de fugir do jantar, ajudei a levar as travessas para a mesa, sempre evitando os olhos do Luke. As mãos dele se esticaram para pegar um prato quente que eu carregava. Eu me lembrei daquelas mãos em mim, e me lembrei também das mãos do Maníaco, e deixei o prato cair. Com seus reflexos rápidos, Luke o agarrou antes que batesse na mesa, mas não antes que minha mãe visse o que tinha acontecido.

– Tudo bem, Annie?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça, mas não estava tudo bem. Sentei na frente do Luke e fiquei brincando com a massa no prato. Eu sabia que o relógio dentro da minha cabeça dizia que não estava na hora de comer, e meu estômago vazio estava embrulhado.

Durante o jantar, meu padrasto explicava a Luke os detalhes de sua ideia mais recente, quando minha mãe o interrompeu para perguntar a Luke se ele tinha notado que ela usara salsa fresca no pão de alho caseiro. Ah! E ela tinha dito que a salsa era da horta? Wayne conseguiu articular mais duas frases e então fez uma pausa, para engolir uma garfada. Minha mãe disparou. Explicou os mínimos detalhes do molho do espaguete, o que parecia implicar a necessidade de tocar o braço do Luke a cada 20 segundos, além de exibir um sorriso convidativo sempre que ele fazia uma pergunta.

Quando todos os pratos ficaram vazios, houve uma pausa na conversa, enquanto eles olhavam para o meu ainda cheio. Então, Wayne disse:

– A Annie está bem melhor.

Todos olhamos para ele, e pensei: *Comparada a quê?*

– Lorraine, o espaguete estava incrível. E você tem razão: o do restaurante não chega nem perto – disse Luke.

Minha mãe tocou no braço dele e respondeu:

– Eu disse, não disse? Se você for bonzinho comigo, talvez eu revele alguns dos meus truques. – Outra risada rouca.

– Ficarei honrado se me der a receita, mas agora eu gostaria de ficar um pouco a sós com a Annie, pode ser?

Ele virou em minha direção, mas a ideia de ficar sozinha com Luke tinha gelado o sangue nas minhas veias e, segundo parecia, nos meus lábios, visto que eles não conseguiam formar uma só palavra: *Não, não pode ser. Não pode ser, de jeito nenhum.*

Não fui a única a ser pega de surpresa. A cabeça da minha mãe e de Wayne se levantaram ao mesmo tempo, como duas marionetes. A mão dela ainda estava apoiada no braço de Luke. Ela afastou a mão, como se tivesse sido queimada.

– Acho que vou começar a arrumar a cozinha, então. – Como ninguém tentou impedi-la, ela arrastou a cadeira com tanta força que os pés arranharam o piso de madeira. Wayne se levantou para ajudar, e, depois que os dois entraram na cozinha, escutei quando meu padrasto disse algo sobre nos dar um pouco de privacidade, sugerindo uma breve saída dos dois para fumar. A resposta dela soou abafada e nada contente, mas ouvi o abrir e fechar da porta da cozinha e os passos de ambos na varanda. Por uma fração de segundo, minha mãe espiou pela porta de correr entre a sala de jantar e a varanda, mas, quando a vi, ela se afastou.

Continuei a enrolar o espaguete com o garfo. Então Luke cutucou meu pé por baixo da mesa e pigarreou. Meu garfo caiu no prato, fazendo um barulhão, espirrando molho de tomate em mim e, pior ainda, na camiseta branca dele, como um borriço de sangue.

Saltei da cadeira para ir pegar uma toalha de papel, mas Luke se inclinou e me

segurou pelos braços.

– É só molho de tomate. – Olhei para as mãos dele, que me segurava pelos braços, e tentei me desvencilhar. Ele me soltou imediatamente. – Que merda! Desculpe, Annie.

Esfreguei as mãos nos braços, para cima e para baixo.

– Eu não posso nem tocar em você?

Meus olhos piscaram em desespero, na tentativa de conter as lágrimas, mas uma escorreu quando eu vi o brilho nos olhos dele. Desabei na cadeira.

– Eu não consigo. Eu ainda não...

Os olhos do Luke imploravam para que eu explicasse, dividisse meus sentimentos com ele como eu sempre fizera, mas não consegui.

– Eu só quero ajudar você a superar tudo isso, Annie... eu me sinto tão *inútil*. Será que não existe nada que eu possa fazer por você?

– *Não!* – A palavra saiu com um tom irritado, *cruel*, e o rosto dele se contraiu como se tivesse tomado um soco. Não havia o que ele pudesse fazer. Ninguém podia me ajudar. Foi essa constatação que me fez odiá-lo naquele instante e, no instante seguinte, odiar a mim mesma por nutrir tal sentimento.

Os lábios do Luke se contorciam num sorriso amargo. Sacudiu a cabeça e disse:

– Eu sou um verdadeiro babaca, não é? Eu só achei que, se conversássemos, eu conseguiria entender...

Na minha dor, meu objetivo era magoar.

– Você *não pode* entender. Você *nunca* poderia entender.

– Não, você tem razão. Provavelmente não posso mesmo. Mas eu quero tentar.

– Eu só quero ficar sozinha. – Minhas palavras flutuavam no ar entre nós dois, como moscas na carcaça do que um dia tinha sido nossa relação. Com um meneio de cabeça, ele se levantou. Por dentro, eu gritava: *Desculpe. Eu retiro o que disse. Eu não quis dizer aquilo. Por favor, fique.*

Mas ele já tinha aberto a porta de correr envidraçada. Agradeceu à minha mãe pelo jantar, disse que precisava voltar ao restaurante, que fazia questão de ter a receita, falando com polidez. Muita polidez. Enquanto eu fiquei lá, sentada, vermelha de vergonha, de arrependimento.

Em seguida, parou diante da porta e, com a mão na maçaneta, virou e disse:

– Sinto muito, Annie. – A sinceridade na voz doeu fundo, tocando em pontos que eu achava estarem tão cheios de dor que não comportassem mais sofrimento, e eu dei as costas, dei as costas à beleza e à bondade dele. Passei por ele e segui pelo corredor, sem ter a dignidade de olhá-lo nos olhos. Do meu quarto, ouvi a porta da rua fechar e o som da picape se afastando. E ele não partiu em alta velocidade, demonstrando sua raiva, como eu teria feito, mas devagar. Com tristeza.



Agora, meses mais tarde, ele me interrompeu no telefone e disse:

– Por favor, pare com isso, Annie. Você não deve desculpas a ninguém, muito menos a mim. Eu errei. Eu não deveria ter aparecido daquele jeito. Eu pressionei você. Tenho me culpado continuamente por isso. Foi por esse motivo que fiquei ligando para você. Eu sabia que você estava se culpando.

– Fui muito cruel com você.

– Você teve o direito de ser cruel... eu agi como um chato insensível. Foi por isso que tentei manter distância, mas será que você ainda não está disposta a falar comigo? Não vou ficar zangado se me disser isso. Prometo. – Era um código nosso. Quando ele dizia que me amava, eu, sem querer dizer o mesmo, embora um ano já tivesse passado, dizia: *Promete?*

– Eu quero conversar com você, mas não consigo falar sobre o que aconteceu.

– Você não precisa! Que tal se eu telefonar de vez em quando? Se sentir vontade de falar, você atende, e a gente bate um papo sobre o que você quiser falar. Está bem assim? Não quero ser insistente como fui daquela vez.

– Está bem. Quero dizer, vou fazer uma tentativa. Eu *quero* fazer uma tentativa. Estou ficando cansada de só falar com minha terapeuta e com a Emma. – O riso meigo do Luke dissipou a tensão.

Depois disso, conversamos um pouco sobre Emma e Diesel, o labrador preto do Luke. Por fim, ele disse:

– Eu telefono para você, certo?

– Não se sinta obrigado.

– Não vou me sentir. E também não se sinta obrigada a atender.

– Não vou me sentir.



Ele ligou no dia seguinte, e voltou a telefonar no começo desta semana, doutora, e a gente teve umas conversas descontraídas, principalmente sobre o restaurante e nossos cachorros, mas ainda não sei qual o meu sentimento a respeito disso tudo. Eu gosto dele, mas às vezes sinto raiva. Como é que o Luke ainda pode ser tão gentil comigo? Eu não mereço. O cara precisa clarear as ideias. A bondade dele me faz amá-lo e odiá-lo. Eu *quero* odiar o Luke. Sou como um ferimento mal suturado e, todas as vezes que nos falamos, os pontos se rompem. O ferimento volta a abrir e preciso suturá-lo novamente.

Para piorar, a gentileza dele me faz sentir-me ainda mais idiota, porque meu maior medo, se eu voltar a vê-lo, é que ele tente me tocar. Basta eu *pensar* nisso que minhas axilas já começam a transpirar. Uma reação dessas com o Luke, logo com ele? O Luke, que ao encontrar uma aranha na pia leva o bicho para

fora, em vez de matá-la? Isso é mais que ridículo. Se eu chegar ao ponto de não conseguir me sentir segura ao lado de uma pessoa como o Luke, então estou mesmo ferrada. Vai ser melhor fazer as malas e me mudar para a área VIP do hospício.

DÉCIMA QUINTA SESSÃO

Mais uma vez, obrigada por ter aceitado meu pedido na última sessão para não falar sobre a montanha. Tive uma semana dos infernos, por isso não sei se estou preparada para enfrentar o assunto hoje... vamos ver como me sinto. Minha dor é um furacão. Às vezes, consigo ficar de pé bem no olho dele, e, quando estou zangada, chego a desafiá-lo a me arrastar. Mas há ocasiões em que preciso me abaixar e me encolher, dando as costas ao furor do vento. Nos últimos tempos, tenho ficado encolhida.

Que droga! Você provavelmente precisa de um tempo... a coisa é bem deprimente, não é? Eu gostaria de contar histórias felizes, ou fazê-la sorrir com algo engraçado. Quando saio daqui, eu me sinto mal por ter despejado tanta porcaria em cima de você... eu me sinto uma egoísta. Mas não o suficiente para querer mudar. Essa merda *me tornou* egoísta. Minha tristeza até certo ponto é meio justificada.

A primeira vez que vim aqui, eu disse que tinha alguns motivos para tentar de novo a terapia, mas não contei o que arrebentou a bolha de autocomplacência na qual eu vivia.



Aconteceu num mercado. Eu só faço compras tarde da noite, e usando um bonê. Já pensei na possibilidade de comprar pela internet, mas só Deus sabe quem faz as entregas, e estou cansada de repórteres que se valem de qualquer artifício para entrar na minha casa. Então, tinha uma mulher curvada pegando alguma coisa na primeira prateleira. Nada de mau nisso, exceto que poucos metros atrás dela havia um carrinho com uma criança dentro.

Tentei não prestar atenção, não olhar para os dentinhos brancos e o rosto corado da bebê, mas, quando passei pelo carrinho, ela balançou os bracinhos para mim, e eu parei. Como metal atraído por ímã, não consegui impedir que meus pés se aproximassem do carrinho nem que minha mão se estendesse. Eu só queria tocar aquela mãozinha por um segundo. Eu só precisava de um toque, e eu disse a mim mesma, um segundinho. Mas a mão da bebê agarrou meu dedo, e ela sorriu. Ao escutar a filha rir, a mãe disse:

– Tudo bem, Samantha, mamãe já vai falar com você.

Samantha, o nome dela era Samantha. O nome reverberou na minha cabeça e senti vontade de dizer àquela mulher abaixada, escolhendo comida de bebê, que eu também tinha uma neném, a mais linda que já se viu. Mas aí ela perguntaria a idade, e eu não queria dizer que ela estava morta e ver o olhar da mulher se desviar para a criança no carrinho, aliviada e grata por aquilo não ter acontecido

com a filha dela, e perceber, naquele mesmo olhar, a certeza... uma certeza que traduziria a confiança de que qualquer mãe depende... a de que nada de mal aconteceria à filha *dela*.

Quando tentei soltar o dedo, Samantha apertou com mais força, e uma bolhinha de baba se formou em seus lábios. Meu nariz sentiu o cheirinho dela: talco de bebê, fralda e um odor levemente adocicado de leite. Eu queria aquela bebê. Minhas mãos queriam pegá-la do carrinho e trazê-la para meus braços, para minha vida.

Olhando rapidamente para um lado e para outro do corredor vazio, calculei o número de passos para sair dali. Eu sabia que naquele horário apenas uma caixa estaria trabalhando. *Moleza*. Dei mais um passo na direção do carrinho. Com as batidas do coração latejando nos ouvidos, observei cada fio do cabelinho louro brilhando à luz fluorescente do teto, e estiquei a mão para tocar um daqueles fios sedosos. A minha bebê tinha cabelo castanho-escuro. Aquela não era minha bebê. A minha bebê já não existia.

Dei um passo atrás no momento exato em que a mãe se levantou, percebeu minha presença e foi até o carrinho.

– Oi! – ela exclamou, esboçando um sorriso.

Eu queria dizer: *O que você tem na cabeça? Como pode dar as costas à sua filha? Não sabe o que pode acontecer? Que está cheio de maluco por aí? Não sabe que sou maluca?*

– Que menina risonha – disse eu. – E linda.

– Ela está risonha agora, mas você deveria ter visto como ela estava uma hora atrás! Levei um tempão para acalmá-la.

Enquanto ela falava sobre o estresse da maternidade, estresse que eu trocaria pela minha própria alma, tive vontade de chamá-la de cachorra mal-agradecida, dizer que ela se sentisse feliz com cada grito que saísse da boca da filha. Em vez disso, fiquei paralisada, sorrindo e fazendo gestos com a cabeça, até que ela finalmente concluiu o discurso, com a pergunta:

– Você tem filhos?

Senti a cabeça rodar, os lábios se alinharem desfazendo o sorriso e a garganta vibrar ao produzir as palavras:

– Não, não tenho filhos.

No entanto, meus olhos devem ter revelado algo, porque ela deu um sorriso amável e disse:

– Vai acontecer.

Tive vontade de esbofeteá-la, gritar de raiva. Vontade de chorar. Mas não fiz nada disso. Apenas sorri, meneei a cabeça e desejei boa noite, afastando-me das duas.

Foi quando percebi que não estou me saindo muito bem com certas coisas. Consegui esconder aquele momento atrás de todos os outros de quase loucura, até

ver uma nota no jornal ontem dizendo que uma ex-colega de trabalho havia tido um menino. Mandeí um cartão, mas eu sabia que não deveria me aproximar do bebê. Até o ato de escolher o cartão foi uma agonia. Nem sei por que o enviei, a não ser que tenha sido mais uma tentativa patética de provar a mim mesma que posso lidar com merdas, o que, evidentemente, não consigo.



– O Wayne e eu queremos convidar você para jantar hoje – disse minha mãe, quando telefonou na tarde de terça-feira. – Vou fazer um assado.

– Que droga! Logo hoje que jantei mais cedo! Se eu soubesse... – Eu não tinha jantado mais cedo, mas preferia remoer o passado... merda!, preferia *ruminar* o passado... a ter que ir até lá e ouvir o que eu estava fazendo de errado agora. Ninguém melhor do que minha mãe para me fazer sentir mal sobre o fato de me sentir mal. Eu já estava de mau humor por causa do babaca de um produtor de cinema que fica batendo à minha porta com propostas. O cara chega a falar comigo através da porta fechada, aumentando a oferta a cada minuto, como se estivesse na porra de um leilão. Está desperdiçando saliva.

Anos atrás, eu me lembro de ter assistido ao filme *Titanic*. Na saída, gente empanturrada de pipoca comentava os efeitos especiais maravilhosos, o realismo, principalmente dos corpos boiando no mar. E eu? Fui direto para o banheiro vomitar, porque as pessoas tinham de fato morrido daquele jeito, centenas e centenas de pessoas, e não estava certo ficar sentada dentro de um cinema chupando bala, lambendo manteiga dos dedos e admirando o realismo daquelas mortes na água gelada.

Eu é que não quero ver gente se entupindo de balas, comentando o sucesso da minha vida na forma de entretenimento.

– Eu *telefonei* para você mais cedo, porém você não atendeu. – Minha mãe nunca diz “você não estava em casa”. É sempre “você não atendeu”, num tom acusatório, como se eu deixasse o telefone tocar apenas para irritá-la.

– A Emma e eu fomos dar uma volta.

– O que adianta ter secretária eletrônica, se você nunca ouve as mensagens?

– Você tem razão... desculpe. Mas foi bom você ter ligado outra vez, porque quero perguntar uma coisa. Ontem à noite eu procurei as fotos da Daisy e do papai, mas não encontrei.

A bem da verdade, eu não tinha muitas fotos. A maioria havia sido dada por parentes, e o restante era refém dos álbuns da minha mãe, com a vaga promessa de “um dia” serem minhas. Eu não gostava nada do fato de minha mãe ter ficado com uma foto de mim, Daisy e meu pai. Era raro encontrar um retrato em que minha mãe não estivesse presente.

– Tenho certeza de que deixei essas fotos aí, depois que você voltou para casa.

– Não me lembro disso, e procurei as fotos pela casa toda... – Esperei um instante, mas ela não me deu qualquer explicação sobre as fotos desaparecidas, e eu tinha certeza de que ela ficaria calada, a não ser que fosse pressionada. Mas outra pergunta estava guardada e, com minha mãe, é preciso saber escolher as batalhas. Com ela, roleta-russa é brincado.

– Mãe, você pensa no papai e na Daisy?

Um suspiro irritado pôde ser ouvido.

– É claro que sim. Que pergunta boba. Então, você comeu direito? Essas sopas em lata não são lá essas coisas. Você está magra demais.

– Estou tentando tocar num assunto com você, mãe.

– Nós já falamos...

– Não, na verdade não falamos. Eu sempre quis falar nisso, porque penso neles o tempo todo, especialmente enquanto estive lá na montanha, mas sempre que eu tocava no assunto você falava de outra coisa, ou então dizia algo sobre a patinação da Daisy e todo o...

– Por que isso? Você está querendo me machucar?

– Não! Eu só quero... bem, eu pensei... porque eu perdi uma filha, e você perdeu uma filha, eu pensei que pudéssemos conversar, e que talvez você tivesse algum insight sobre a maneira de lidar com tudo isso. – Insight? Que diabos eu estava pensando? Minha mãe jamais havia demonstrado qualquer insight mais profundo do que uma dose de vodca.

– Acho que não posso ajudar você, Annie. A criança que você teve... Não é a mesma coisa.

Minha voz se tornou metálica, e meu coração acelerou.

– E por que não?

– Você não vai entender.

– Não? Ora! Que tal você me explicar por que a morte da minha filha *não se compara* com a morte da sua, para eu *entender*. – A raiva fez minha voz tremer, e agarrei o telefone com tanta força que minha mão chegou a doer.

– Você está distorcendo minhas palavras. É claro que o que aconteceu com sua filha foi uma tragédia, Annie. Mas não dá para comparar com o que aconteceu comigo.

– Não seria o que aconteceu com a Daisy?

– Você é sempre assim, Annie... eu ligo para fazer um convite e, de algum jeito, você transforma tudo numa das suas agressões. Sinceramente, às vezes acho que você procura meios de se sentir infeliz.

– Se fosse o caso, eu passaria mais tempo com você, *mamãe*.

O susto foi seguido pelo barulho dela desligando o telefone na minha cara. A raiva me fez sair porta afora com Emma, mas, depois de 30 minutos de corrida, a excitação provocada pelo exercício e por ter recusado o convite da minha mãe desapareceu, pois pensei no telefonema seguinte. O telefonema em que Wayne

me diria que eu havia magoado demais minha mãe, que ela estava muito nervosa, que eu deveria pedir desculpas e tentar entendê-la melhor... é a única mãe que tenho nesta vida e a coitada sofreu tanto. Enquanto isso, vou ficar ouvindo e pensando: *Por que diabos ela não tenta me entender? E o tanto que eu já sofri?*



Depois que minha filha morreu, acordei olhando para a manta dobrada, e meus seios começaram a derramar leite pela frente do vestido, como se chorassem por ela. Meu corpo também não aceitava aquela morte. Quando vi que eu estava acordada, o Maníaco se aproximou, sentou atrás de mim na cama e massageou minhas costas.

– Trouxe um pouco de gelo para seu rosto. – Deixou um saco de gelo perto da minha cabeça.

Ignorei o gelo e me sentei de frente para ele.

– Onde está minha filha?

Ele cravou os olhos no chão.

– Peço desculpas por ter gritado com você, mas eu não quero a manta. Eu quero *ela*. – Escorreguei pelo lado da cama e ajoelhei diante dele. – Por favor, eu imploro. Faça qualquer coisa. – Ele ainda não tinha olhado para mim. Então posicionei meu rosto diretamente em sua linha de visão. – Faça *qualquer coisa* que você quiser, mas me diz onde você deixou o... – Eu não conseguia pronunciar a palavra *corpo*.

– “Nem sempre você pode ter o que quer.” – Ele se afastou de mim, cantando os versos finais da música dos Rolling Stones.

– Se você tiver um pingo de compaixão, vai me dizer...

– *Se eu tiver um pingo de compaixão?* – O Maníaco pulou da cama e começou a andar de um lado para outro com a mão na cintura. – Eu já não provei para você diversas vezes o tanto que eu me compadeço? Não estou sempre ao seu lado? Não estou ao seu lado agora, mesmo depois que você me disse aquelas coisas horríveis? Eu trago a manta para você ter um pouco de consolo, e você diz que só quer *ela*? Ela *abandonou você*, Annie. Você não percebe? Ela foi embora, mas eu fiquei. – Minhas mãos esfregavam freneticamente as orelhas, na tentativa de impedir que aquelas palavras terríveis me invadissem, mas ele puxou-me as mãos e insistiu: – Ela foi embora, e saber onde ela está não vai ajudar em nada.

– Mas ela foi embora tão depressa, eu só quero... eu preciso... *dizer adeus*.

– Você não precisa saber onde ela está, nem agora nem nunca. – Inclinou-se na minha direção. – Você ainda tem a mim, e isso é tudo o que importa. E está na hora de você preparar meu jantar.

Como eu poderia fazer aquilo? Como eu conseguiria...

– Está *na hora*, Annie.

Encarei seu rosto, perplexa.

Estalou os dedos e apontou a cozinha. Depois que dei alguns passos, ele disse:

– Você pode comer mais um pedaço de chocolate, de sobremesa, hoje.



O Maníaco nunca me disse onde estava o corpo da minha filha, doutora, e até hoje não sei... os tiras usaram cães farejadores, mas não conseguiram encontrar. Prefiro imaginar que ele deixou o corpo no rio, e que ela flutuou correntezinha abaixo, serenamente. É a isso que tento me agarrar quando fico acordada à noite no closet, ou quando acordo gritando, encharcada de suor, depois de mais um pesadelo em que vejo animais estraçalhando minha filha com os dentes.

Não tenho como honrar a memória da minha bebê... não tenho um túmulo, um jazigo. A igreja perto de casa queria fazer uma lápide para ela, mas rejeitei a ideia, porque sabia que jornalistas e gente mórbida apareceriam para tirar fotos. Fiz de mim mesma o cemitério da minha filha. Foi por isso que doeu tanto quando minha mãe disse que eu queria ser infeliz. Tem muita verdade nisso.

Quando Luke me telefonou naquela noite, comecei a rir no momento em que contei a ele que Emma tinha caído dentro do lago durante nossa caminhada. Logo me contive, mas a coisa estava do lado de fora, meu *riso* estava do lado de fora. E senti vergonha, como se estivesse traindo minha neném por experimentar um instante de alegria. A vida dela foi roubada, e com a vida se foi também a chance de ela sorrir, gargalhar ou sentir. Então, se fico contente ou dou uma risada, é como se estivesse traindo minha filha.

Eu deveria comemorar o fato de não ter dormido dentro do closet nenhuma vez na semana passada... Aquela conversa que tivemos, sobre perceber quando estou me sentindo paranoica e não reagir, talvez tenha algo a ver. E ontem à noite, embora tenha checado as portas da frente e de trás para ter certeza de que estavam trancadas, consegui deixar de verificar as janelas, pois me lembrei de que nenhuma delas havia sido aberta depois que as inspecionei durante o dia. Desde que voltei para casa, foi a primeira vez que consegui pular uma parte do meu ritual noturno.

A coisa do xixi está cada dia melhor... as fitas de ioga que a senhora me deu ajudaram muito. Quase todos os dias, eu consigo urinar quando tenho vontade, e não preciso mais fazer aqueles exercícios de respiração, nem cantar meus mantras.

Como disse, eu deveria ter orgulho do meu progresso, e tenho, mas isso só acrescenta mais uma camada de culpa. Ficar curada é como deixar minha filha para trás, e eu fiz isso uma vez.

DÉCIMA SEXTA SESSÃO

Bem, pensei na sua sugestão, doutora, mas não concordo. Eu sei que ninguém está tentando, de fato, me fazer mal, que é tudo da minha cabeça. Por isso, fazer uma lista com os nomes das pessoas que querem me derrubar parece algo bobo. Mas *posso* fazer o seguinte: a próxima vez que me sentir ameaçada, eu tento fazer a lista apenas na minha mente, e, se não conseguir me lembrar do nome de ninguém, vou me sentir uma grande babaca, e essa sensação vai ser pior que a paranoia.

Essa echarpe azul que você está usando combina com seus olhos, sabia? Você é bastante charmosa para uma mulher da sua idade, com essas blusas de gola rolê preta e essas saias justas compridas. Tem um aspecto clássico... ou melhor, elegante. Parece que você não tem tempo para papo-furado, nem mesmo quando o assunto é roupa. Eu sempre tive uma tendência a me vestir mais careta, um estilo oposto ao da minha mãe, que faz a linha dondoca de Hollywood. Mas a Christina, que era meu guru das compras, tentava me puxar um pouco, antes de eu ser sequestrada.

Porém, a coitada não dava muita sorte comigo. Eu evitava fazer compras, principalmente nas lojas chiques de que ela gostava. Meu *tailleur* favorito foi comprado por impulso quando passei diante de uma vitrine qualquer. Se eu precisasse ir a alguma recepção, passava na casa da Christina. Toda saltitante, ela arrancava as roupas do closet e me cobria com echarpes e colares, dizendo que eu ficava linda com certo vestido ou cor. Ela adorava me produzir e eu adorava ter alguém que decidisse por mim.

Ela era muito generosa também, sempre me dando coisas. Christina enjoea de uma roupa na semana seguinte à compra, e grande parte do meu guarda-roupa era composta de peças que ela não queria mais. Por isso não entendo por que fiquei tão irritada quando Christina quis me dar algumas roupas depois que voltei da montanha.

Ao descobrir que minha mãe tinha se livrado de todas as minhas roupas, comprei um monte de coisas num brechó. Você nem imagina a cara que ela fez quando viu os agasalhos esportivos e as calças de moletom tamanho GG. Eu pouco me importava com a cor. Bastava ser macio e quentinho. E quanto mais largo, melhor.

Lá na montanha... ter que usar aqueles vestidinhos infantis de que o Maníaco tanto gostava fazia com que eu me sentisse muito exposta. Uma coisa é certa em relação a esse novo jeito de me vestir: ninguém tenta olhar o que há debaixo da minha roupa.



Luke telefonou domingo de manhã me perguntando se eu queria sair com ele para passear com os cachorros. A primeira resposta que me escapou da boca foi *Não!* Antes que eu pudesse, de um jeito convincente ou não, suavizar aquela resposta, ele começou a falar sobre algo que estava acontecendo no restaurante.

A ideia de revê-lo me apavorava. E se ele tentasse me tocar... e eu o afastasse de novo? Pela terceira vez, eu não aguentaria ver aquele olhar magoado no rosto do Luke. E se ele não tentasse me tocar? Isso significaria que não gostava mais de mim? Agora que eu tinha dito não, será que ele voltaria a me convidar? Eu não sabia se teria coragem diante de um próximo convite, mas tinha certeza de que gostaria que ele não parasse de me convidar. Quando finalmente consegui pôr a cara do lado de fora e levar Emma para passear, eu não parei de pensar no Luke, imaginando como seria se ele estivesse comigo.

No dia seguinte, em vez de me esconder dentro de um agasalho enorme, eu trouxe do porão a caixa de roupas que Christina havia deixado na minha porta meses antes. Só quando me vi no espelho, vestida num jeans desbotado e num suéter verde-claro, percebi quanto tempo tinha passado desde a última vez que eu havia usado aquele tipo de roupa.

Não era como um vestido colante. A calça tinha um corte tradicional e o suéter não ficava justo, mas eu era incapaz de me lembrar da última vez que tinha escolhido uma roupa em função da cor, ou usado algo que realçasse minhas curvas. Por um instante, encarando no espelho aquela estranha com as roupas da Christina, quase enxerguei a sombra da mulher que eu era, e fiquei tão paranoica que quis arrancar tudo aquilo do corpo. Mas Emma, desesperada pelo passeio da manhã, chorou no meu calcanhar, e não perdi tempo mudando de roupa. Não me importo com a aparência dela, e ela não se importa com a minha.

Emma ficou com minha mãe enquanto estive desaparecida, o que nunca seria minha primeira opção... nem a opção da Emma. Mais tarde, fiquei sabendo que Luke e alguns amigos meus se ofereceram para ficar com ela, mas minha mãe negou. Quando perguntei por que ficara com Emma, ela respondeu: "O que mais eu poderia ter feito com ela? Você imagina o que as pessoas diriam se eu desse a Emma a alguém?"

A pobre cadela ficou tão nervosa quando me viu de volta que se urinou. Ela não fazia aquilo nem quando era filhote, e tremeu tanto que pensei que estivesse tendo um ataque. Quando me agachei para abraçá-la, ela enfiou a cabeça no meu peito e ganiu por muito tempo, contando seu sofrimento. E tinha todo o direito de reclamar. Para começo de conversa, eu a encontrei amarrada numa árvore no quintal da minha mãe, coisa que nunca havia acontecido. Minha mãe disse que Emma tinha criado o hábito de fazer buracos nos canteiros da horta. Sem dúvida, ela deve ter pensado que estava no inferno dos cães, e tentava cavar um túnel para fugir.

A julgar pelo tamanho das unhas, ela havia passado o ano inteiro amarrada

naquela árvore. O pelo estava sem brilho e os olhos, que eram belos e cheios de vida, estavam embaçados. Encontrei na varanda um saco de ração barata que fedia a mofo.

Emma estava acostumada a dormir comigo todas as noites, e eu a levava para passear duas ou três vezes por dia. Minha cadela tinha todos os brinquedos imagináveis, a cama mais macia onde se deitar, caso sentisse calor quando dormia ao meu lado, e eu organizava minha rotina de trabalho de modo que ela não precisasse ficar muito tempo sozinha.

Furiosa com o tratamento que ela vinha recebendo, tive vontade de dizer alguma coisa, mas eu havia acabado de voltar, e, se interagir com pessoas era como subir um morro enlameado, lidar com minha mãe era como subir uma montanha com uma mochila pesada nas costas. Além disso, o que eu poderia dizer? *Mãe, a próxima vez que eu for sequestrada, não fique com a minha cadela.* Eu não poderia dizer isso.

Quando afinal voltei para minha casa, Emma preferiu ficar do lado de fora. Mas em poucos dias ela se lembrou da boa vida e provavelmente, neste exato momento, está em cima do sofá, babando nas almofadas. O pelo voltou a ter brilho, dourado, e os olhos estão novamente cheios de vida. Porém não é mais a mesma. Em nossos passeios, ela fica bem mais perto de mim e, quando toma a dianteira, volta a todo instante para ver se ainda estou ali.

Não creio que minha mãe tivesse a intenção de maltratar minha cadela, e, se eu a acusasse de crueldade, ela ficaria chocada. Minha mãe nunca levantou a mão para a Emma, ao menos não que eu saiba, e duvido que fizesse isso. Mas não deu amor à cadela durante um ano e, na minha opinião, isso é tão prejudicial quanto bater. Minha mãe jamais aceitaria a ideia de que a falta de afeto é também abuso.



Depois que minha filha morreu, isolei minha dor, concentrando todo o meu ódio no Maníaco, pois ele me obrigou a seguir com minha rotina, como se ela nunca tivesse existido.

Um dia, quando a situação já durava cerca de uma semana, ele saiu do chalé a fim de cortar lenha para o inverno. Eu achava que estávamos perto do fim de julho, mas não tinha certeza. O tempo só vale quando se tem algum objetivo. Às vezes, eu esquecia de fazer as marcas na parede, mas isso já não importava. Eu sabia que estava no chalé havia quase um ano, pois, quando ele abria a porta, eu sentia um cheiro de terra quente e pinheiro, o mesmo que pairava no ar no dia em que ele me sequestrou.

Enquanto ele cortava lenha, fiquei dentro do chalé, pregando botões numa camisa. Em dados momentos, eu olhava de relance para o cesto da bebê, mas aí

eu via a manta, dobrada e pendurada na lateral, onde ele a havia deixado, e sem querer espetava a agulha no dedo.

Cerca de 20 minutos depois, ele voltou e disse:

– Tenho um trabalho para você.

A única vez que ele me pediu ajuda antes disso fora com o cervo, e, no momento em que fez sinal para eu segui-lo até lá fora, fiquei tão nervosa que senti as pernas bambas. Ainda segurando a camisa, e com a agulha no ar, eu o encarei. Seu rosto vermelho brilhava com uma leve camada de suor. Eu não tinha como saber se o suor resultava de esforço físico ou de raiva, mas, quando ele falou, seu tom de voz era neutro.

– Vamos logo, não temos o dia todo. – Enquanto eu o seguia até uma pilha de toras, ele disse, por cima do ombro: – Agora, preste atenção. Sua tarefa é pegar os pedaços que eu cortar e empilhá-los ali. – Apontou para um monte de lenha cuja altura alcançava a metade da parede lateral do chalé.

Em determinados momentos, quando eu estava dentro do chalé e ele do lado de fora, eu ouvia o barulho de uma motosserra. Mas eu não estava vendo troncos cortados no perímetro da clareira, nem marcas de toras arrastadas. Havia um carrinho de mão ao lado da pilha de lenha na qual ele estava trabalhando, o que me fez deduzir que ele tivesse derrubado um pinheiro na mata e transportado as toras maiores até ali, para serem cortadas.

As toras estavam a cerca de quatro metros da pilha. A meu ver, seria mais fácil cortar o pinheiro em pequenos pedaços, lá mesmo onde a árvore tinha sido derrubada, ou ao menos levar as toras maiores no carrinho até o local onde estava sendo feita a pilha. A exemplo do episódio com o cervo, algo me dizia que ele estava querendo se exibir.

Eu quase não tinha saído do chalé desde a morte da bebê e, enquanto eu empilhava a lenha, meus olhos procuravam indícios de terra recém-revirada. Nada vi nesse sentido. Porém bastou olhar para o rio e as imagens da neném deitada na manta ao sol invadiram minha mente, deixando-me emocionada.

Depois de trabalharmos juntos durante cerca de uma hora, deixei mais uma braçada de lenha sobre a pilha e me posicionei atrás dele, esperando que desse mais um golpe com o machado, para eu então recolher a madeira. Ele tinha tirado a camisa e suas costas brilhavam de suor. Fez uma pausa para recuperar o fôlego, mantendo-se de costas para mim, o machado apoiado no ombro.

– Não podemos deixar que isso nos desvie do nosso objetivo final – disse ele. – A natureza tem um plano. – De que diabos ele estava falando? – Mas eu também tenho. – A lâmina reluzente do machado subiu no ar. – Foi bom ficarmos logo sabendo que ela era fraca.

Então entendi, e meu coração congelado rachou dentro do peito. Ele seguiu cortando lenha, soltando um leve gemido cada vez que o machado descia, e falando entre um golpe e outro.

– A próxima vai ser mais forte.

A próxima.

– Ainda não faz seis semanas, mas você já está bem. Por isso, quero que fique logo grávida. Vamos começar hoje à noite.

Fiquei imóvel, mas um grito explodiu dentro da minha cabeça. Haveria outros bebês. Aquilo não acabaria nunca.

A cor prata do machado brilhou à luz do sol no momento em que ele mais uma vez suspendeu a ferramenta para desferir um novo golpe.

– Você não diz nada, Annie?

Eu me liberei de responder quando o machado ficou preso numa tora. Com o pé, ele soltou a lâmina e encostou a ferramenta na pilha de lenha à direita. Apoiando o pé na lateral da tora e afastando o corpo ligeiramente do machado, ele se abaixou para tentar rachar a madeira com as mãos.

Na ponta dos pés, eu me aproximei por trás dele, à direita. Cheguei tão perto que poderia dar um peteleco nas gotas de suor que escorriam pelas suas costas. Atracado com o pedaço de lenha, ele gemia.

– Ai!

Prendi a respiração no momento em que ele enfiou um dedo na boca, tentando se livrar de uma farpa. Se ele se virasse, ficaríamos cara a cara.

Abaixou-se de novo e voltou a lutar com a tora. Mantendo-me exatamente atrás dele, fixei os olhos em suas costas, a fim de detectar o menor sinal de que ele pretendia se virar, e alcancei o machado. Minhas mãos acariciaram o cabo liso e quente ainda escorregadio de suor e o agarraram com firmeza. O peso proporcionou uma sensação de segurança e solidez. Ergui o machado e o apoiei no ombro.

Com a voz falhando, em consequência do esforço, ele disse:

– Na primavera, vamos ter outro filho.

Suspendi o machado bem alto.

– *Cale a boca, cale a boca, CALE A BOCA!* – gritei, e afundei a lâmina na cabeça dele.

O barulho foi muito estranho, um baque molhado.



Durante alguns segundos, o corpo permaneceu curvado. Em seguida, o Maníaco caiu de cara no chão, por cima dos braços e do pedaço de madeira. Estrebuchou uma ou duas vezes e ficou imóvel.

Tremendo de ódio, eu me inclinei sobre o corpo dele e berrei:

– *E agora, seu tarado de merda?*

Havia um silêncio na mata.

Formando um fio vermelho no meio dos cachos louros, o sangue escorreu pelo

lado da cabeça, pingou na terra seca num ruído borbulhante e formou uma poça que logo se avolumou e então parou de borbulhar.

Esperei que ele se virasse e me atacasse, mas, à medida que os segundos se tornaram minutos, meus batimentos cardíacos desaceleraram e consegui respirar fundo. O golpe não havia rachado a cabeça, mas o cabelo louro em volta da lâmina – que estava enterrada até a metade do crânio – era uma massa escarlate, e alguns fios tinham penetrado no talho. Uma mosca pousou e correu pelo corte, e outras duas se juntaram a ela.

Recuei de costas até o chalé, com as pernas fracas, abraçando meu próprio corpo com braços trêmulos. Meus olhos não desgrudavam do cabo do machado, apontando para o céu, e da auréola rubra em volta da cabeça do Maníaco.

Na segurança do chalé, arranquei o vestido encharcado de suor, abri a água do chuveiro e esperei que esquentasse até quase me queimar. Tremendo violentamente, sentei na banheira, prendi os joelhos embaixo do queixo e os segurei com os braços, a fim de interromper os espasmos musculares. A água caía sobre minha cabeça curvada, num batismo de fogo, enquanto eu me balançava e tentava entender o que tinha feito. Minha mente não conseguia assimilar que ele estava morto. Para matar alguém como ele seriam necessárias uma bala de prata, uma cruz e uma estaca fincada no coração. E se ele *não estivesse* morto? Eu deveria ter verificado a pulsação. E se estivesse voltando para o chalé agora? Apesar do banho fervendo, voltei a tremer.

Esperando que ele pulasse em cima de mim, abri a porta do banheiro lentamente, e a nuvem de vapor escapou para o quarto. Ainda devagar, peguei o vestido no chão e o enfiei pela cabeça. A passos lentos, fui até a porta do chalé. Com cuidado, encostei o ouvido no metal frio. Silêncio.

Agarrei a maçaneta rezando para não estar trancada por fora. Ela girou. Abri a porta alguns centímetros e espiei pela fresta. O corpo estava exatamente no mesmo lugar, no meio da clareira, mas a posição do sol não era mais a mesma, e o cabo do machado lançava uma sombra na terra, como um relógio de sol.

Com as pernas tensas, prontas para correr, eu me aproximei do corpo por trás. A cada dois passos, eu suspendia a marcha e aguçava olhos e ouvidos, à espera de qualquer ruído ou movimento. Quando finalmente cheguei ao lado dele, o corpo tinha uma aparência estranha. Caído por cima dos braços, a posição fazia com que ele parecesse menor.

Com a respiração presa, estiquei o braço para o lado oposto ao rio de sangue e encostei a mão no pescoço do Maníaco, verificando a pulsação. Estava morto.

Eu me afastei devagar, sentei numa das cadeiras de balanço da varanda e comecei a pensar no próximo passo. Acompanhando o ritmo do rangido da cadeira, minha mente repetia as palavras: *Ele está morto. Ele está morto. Ele está morto. Ele está morto. Ele está morto.*

No calor daquela tarde de verão, a clareira parecia um lugar idílico. O rio,

calmo após as chuvas fortes da primavera, produzia um leve murmúrio e, de vez em quando, um tordo, uma andorinha ou um pardal cantava. O único sinal de violência era o zumbido da crescente massa de moscas que cobriam o talho e a poça de sangue. As palavras do Maníaco voavam pelo meu pensamento: *A natureza tem um plano.*

Eu estava livre, mas não me sentia livre. Enquanto pudesse vê-lo, ele ainda existiria. Era preciso fazer alguma coisa com o corpo. Mas o quê?

A tentativa de incinerar o corpo daquele desgraçado era grande. Mas estávamos no verão, a clareira andava seca e eu não queria provocar um incêndio na mata. Cavar aquela terra dura para enterrar o corpo seria praticamente impossível. Mas eu não podia deixar o Maníaco ali. Embora eu tivesse a certeza de que ele estava morto de verdade, minha mente não acreditava que ele não pudesse mais me atacar.

O galpão. Eu poderia trancá-lo no galpão.

De volta ao corpo, virei-o um pouco de lado e apalpei os bolsos da frente à procura das chaves. Com o chaveiro entre os dentes, agarrei os tornozelos dele, mas larguei de imediato, pois a pele ainda estava morna. Não sei quanto tempo leva para um corpo esfriar, e o Maníaco tinha ficado ao sol, mas fiquei tão assustada que tomei a pulsação pela segunda vez.

Com as mãos novamente em volta dos seus tornozelos e ignorando a pele morna, tentei arrastá-lo. Porém só consegui mover o bastante para o corpo escorregar de cima da tora de madeira. Quando o peso morto bateu no chão, o cabo do machado *bamboleou* na cabeça do Maníaco. Fiz força para conter a bile que subiu pela minha garganta, virei de costas e tentei puxar o morto naquela posição. Avancei meio metro e logo precisei parar a fim de recuperar o fôlego. O vestido já estava molhado e o suor pingava dentro dos meus olhos. O galpão não era longe, mas parecia ficar do outro lado da clareira. Olhando ao redor em busca de alternativas, vi o carrinho de mão.

Levei-o até o corpo e me preparei para a sensação do toque da pele. Com os olhos longe do machado, agarrei os braços do Maníaco e consegui puxá-los de baixo do corpo. Ainda sem olhar, peguei-o pelas axilas e, fincando os calcanhares no solo, usei meu corpo como alavanca para erguê-lo do chão. Não consegui suspender mais que alguns centímetros. Aprumei as costas do Maníaco e tentei levantá-lo pela cintura, mas só pude erguer cerca de 30 centímetros, e meus braços começaram a tremer em consequência do esforço. O único modo de colocá-lo no carrinho era se ele voltasse à vida.

Mas era isso! Se eu rolasse o corpo sobre algo, alguma coisa que eu pudesse arrastar pelo chão, talvez conseguisse transportá-lo. O tapete embaixo da cama não era liso o suficiente. Eu não tinha visto lonas perto da pilha de lenha, mas deveria haver alguma por ali, talvez no galpão.

Depois de experimentar cinco chaves do imenso chaveiro, consegui abrir o

cadeado. Demorei um pouco, porque minhas mãos tremiam como as de um ladrão de primeira viagem.

Esperava ver o cervo pendurado no teto, mas nenhum sinal do bicho. Numa prateleira acima do congelador, encontrei uma lona alaranjada. Ao desdobrá-la ao lado do corpo, eu me perguntei como seria possível rolar o Maníaco com o machado cravado na cabeça.

Que merda! Eu tinha que arrancá-lo.

Agarrei o cabo com as duas mãos, fechei os olhos e puxei. Mas a ferramenta não se mexeu. Tentei novamente, com um pouco mais de força, e a sensação de resistência da carne e do osso contra a lâmina me deu ânsia de vômito. Tinha que ser rápido. Com o pé firmado na nuca do Maníaco, fechei bem os olhos, respirei fundo e arranquei o machado. Larguei-o no chão, curvada e ofegante.

Depois que meu estômago se acalmou, ajoelhei junto ao corpo, do lado oposto à poça de sangue, e rolei o Maníaco para cima da lona. Ele ficou de costas, os olhos azuis vidrados admirando o céu, um filete de sangue escorrendo sobre o plástico alaranjado. O rosto estava pálido e a boca parecia frouxa.

Com um gesto rápido, fechei os olhos dele. Não por respeito ao morto, mas porque pensei no número de vezes que fora obrigada a encarar aquele olhar. Ali, numa fração de segundo, agi de modo a nunca mais precisar ver aqueles olhos.

De costas para ele, agarrei uma das pontas da lona, inclinei-me para a frente – como um boi que carrega uma carga horripilante – e arrastei o Maníaco até o galpão. Passar pelo batente da porta não foi tarefa fácil, pois o corpo escorregava pela lona. Precisei puxá-lo um pouco para fora do plástico, deslizar o corpo mais para cima e envolvê-lo com uma das pontas da lona, como um guardanapo. Então, segurando as duas pontas, eu me contorcei, puxei, e arrastei-o para dentro do galpão. Em dado momento, a mão resvalou e bateu no meu joelho. Soltei a lona, dei um pulo para trás e bati a cabeça numa viga. A dor foi lancinante, mas eu estava muito concentrada e não prestei atenção nela.

Pus o braço dele de novo na lona e envolvi o corpo inteiro. Encontrei uma corda resistente e amarrei as pernas e o tronco. Enquanto enrolava o Maníaco como uma múmia, eu dizia a mim mesma que ele não podia mais me atacar. No entanto, eu não estava convencida disso.



Desidratada, encharcada de suor, com a cabeça latejando e sentindo dores pelo corpo inteiro, tranquei o galpão e voltei ao chalé para beber água. Depois de matar a sede, eu me deitei na cama agarrada às chaves e olhei para o relógio de bolso que ele usava. Eram cinco horas, a primeira vez que consultava um relógio em quase um ano.

A princípio, não me toquei. Fiquei escutando o tique-taque do ponteiro de segundos até que a dor de cabeça diminuisse. Em seguida, pensei: *Estou livre.*

Estou finalmente livre... porra! Mas por que não me sentia livre? Matei um homem. Sou uma assassina. Sou igual a ele.

Eu tinha me livrado apenas de um corpo.



Durante uma das primeiras entrevistas coletivas que concedi ao voltar para casa – pensei inocentemente que, se contasse tudo de uma vez, eles talvez parassem de me telefonar e de espreitar em volta do trailer –, um careca, com uma Bíblia nas mãos, não parava de recitar: “Não matarás. Vais para o inferno. Não matarás. Vais para o inferno!” As pessoas se espantaram, e o sujeito foi arrastado para longe do recinto. Em seguida, as atenções se voltaram para mim. Flashes espocaram, e alguém enfiou um microfone na minha cara.

– Como você responderia às palavras desse senhor, Annie?

Observando a aglomeração e as costas do careca, que ainda berrava suas palavras, pensei: *Já estou no inferno, seu babaca.*



Eu gostaria de falar sobre essas coisas com minha mãe, doutora, falar sobre culpa, arrependimento, vergonha, mas, assim como eu tenho tendência a acumular culpa, minha mãe tende a se livrar de qualquer sentimento de culpa. É uma das razões que me impediram de falar com ela desde nosso bate-boca... e ela tampouco me procurou. Isso não me surpreende, mas eu achava que o Wayne telefonaria.

Que merda! Tenho me sentido tão sozinha que talvez precise tentar um desses expedientes que você aconselha, do tipo “encare seus medos”. Mas é uma bobagem tão grande, eu ainda me sentir ameaçada. O Maníaco está *morto*. Estou absolutamente segura. Agora, será que alguém pode avisar isso à minha mente?

DÉCIMA SÉTIMA SESSÃO

Sabe, doutora, o tempo inteiro, mesmo enquanto você me ensinava técnicas para lidar com meus medos ou me explicava o que poderia estar me causando medo, eu dizia comigo mesma que eles desapareceriam sozinhos... especialmente depois que li aquele material sobre o sofrimento. Mas, então, esta semana um vagabundo arrombou a minha porta.



Quando voltei da minha corrida matinal, o alarme tinha disparado e havia carros de polícia estacionados em frente à minha garagem. O batente da porta dos fundos estava arrebentado e a janela do quarto, aberta. A julgar pelos galhos quebrados nos arbustos, foi por ali que o filho da mãe fugiu. Não dei falta de nada, e os policiais disseram que não poderiam fazer muita coisa, a não ser que algo tivesse sido roubado. Segundo eles, outros arrombamentos têm ocorrido na vizinhança, mas até então não tinham conseguido nenhuma impressão digital... como se isso pudesse me deixar mais segura.

Depois que a polícia foi embora e a tremedeira deu lugar a ondas de pavor esporádicas, fui até meu quarto para trocar de roupa. Um pensamento me fez parar no meio do corredor. *Por que o cara se arriscou arrombando a porta e não roubou nada?* Havia alguma coisa errada.

Dei uma volta por fora da casa, lentamente, tentando pensar como um ladrão. Certo. Arrombar a porta dos fundos, correr até o primeiro andar e, então... o quê? Correr até a sala... nada pequeno por ali... o equipamento de som e a TV são grandes demais para serem levados às pressas, especialmente por quem está a pé. Correr até o quarto... procurar objetos de valor nas gavetas?

Examinei cada uma delas com atenção. Todas estavam fechadas, e minhas roupas continuavam dobradas. No closet, tudo devidamente pendurado, as portas fechadas... às vezes uma das portas emperra. Dei um passo atrás e observei o quarto. Um cesto cheio de roupas que eu tinha acabado de tirar da secadora continuava no chão e a camiseta enorme de dormir ainda estava no pé da cama. A cama.

O que seria aquele ligeiro afundamento perto da beirada? Será que senti ali enquanto calçava as meias? Cheguei mais perto e inspecionei cada centímetro da cama. Percebi alguns pelos. Meus? Da Emma? Encostei o nariz no edredom e cheirei de cima a baixo. Aquilo seria o perfume de alguma colônia? Fiquei de pé novamente.

Um estranho arrombou minha porta, entrou no meu *quarto*, olhou minhas coisas, *tocou* nas minhas coisas. Fiquei arrepiada.

Arranquei os lençóis da cama, peguei a camiseta, enfiei tudo na lavadora de roupa, com bastante água sanitária, e limpei a casa toda. Depois de fechar com tábuas a porta dos fundos e a janela – quando acabei, a casa parecia um bunker –, escondi o telefone sem fio no closet do corredor, e ali o deixei o resto do dia.



Mais tarde, o Gary, aquele tira de que lhe falei, telefonou para saber como eu estava, o que foi uma gentileza, pois ele não trabalha com furtos. Ele confirmou o que os outros policiais tinham dito, que provavelmente era um episódio isolado, que o cara correu pela casa querendo pegar o que pudesse, entrou em pânico e fugiu pela primeira saída visível. Quando contra-argUMENTEI, dizendo que essa hipótese parecia meio boba, ele disse que os marginais fazem muita besteira quando ficam assustados. Sugeri que eu chamasse alguém para ficar comigo ou que dormisse na casa de algum amigo até o batente ser consertado.

Eu estava morrendo de medo, mas de jeito nenhum iria para a casa da minha mãe. Amigos? Bem, mesmo que eu não fosse mais paranoica que Howard Hughes, não me sobraram muitos amigos. Luke é praticamente o único que ainda me telefona. Logo que voltei, amigos, ex-companheiros de trabalho, colegas de escola que eu não via havia anos... todo mundo fazia questão de estar comigo. Era insuportável. Você sabe, as pessoas insistem durante algum tempo, mas, se a gente continua a bater a porta na cara delas, elas acabam indo embora.

Christina foi a única amiga que pensei em contatar, mas você sabe o que aconteceu entre nós, ou melhor, sabe tanto quanto eu, pois ainda não sei o que me levou a reagir tão mal a ela. Provavelmente, ela está agindo como uma boa amiga, respeitando meu momento e me deixando em paz. Mas às vezes chego a desejar que ela me obrigue a sair de casa, que me pressione como costumava fazer no passado.

É claro que logo pensei em me mudar, mas... droga!... eu adoro minha casa. Se um dia resolver vendê-la, não será por causa de um ladrão babaca. De todo modo, eu nem poderia me mudar. Como iria conseguir um financiamento? Pensei em procurar trabalho. Adquiri novas habilidades, mas que tipo de função alguém me daria?

Tudo isso me traz de volta ao telefonema que recebi do Luke, quando cheguei em casa depois da nossa última sessão.



– O meu contador se demitiu, Annie. Será que você não poderia assumir o lugar dele, até eu encontrar alguém? Seria meio expediente e...

– Eu não preciso da sua ajuda, Luke.

– E quem disse que você precisa de ajuda? Eu é que preciso de ajuda. Preciso

da *sua* ajuda... não entendo nada desses livros. Fico até constrangido em pedir, mas você é a única pessoa que conheço que é competente com números. Eu levo os livros até a sua casa, você nem precisa ir ao restaurante.

Antes de perceber onde estava me enfiando, acabei concordando – acho que por acanhamento –, dizendo que faria uma tentativa. Depois, a história foi outra. *Não estou pronta para uma coisa dessas!* Quase liguei de volta, desistindo de tudo. Mas respirei fundo e disse a mim mesma que deixasse a coisa para o dia seguinte. Mas aí, na manhã seguinte, minha casa foi arrombada. No meio de todo aquele drama e do ataque de pânico, esqueci a conversa que tive com Luke. Então, ontem à noite, ele deixou uma mensagem, dizendo que vai aparecer lá em casa este fim de semana, para instalar um software de contabilidade no meu computador. A voz dele expressava tanto alívio e gratidão que não tive coragem de cair fora. E nem sei se queria cair fora.

Tento me convencer de que é tudo uma questão profissional, de interesse do Luke, mas tenho certeza de que não sou a única pessoa capaz de cuidar da contabilidade do restaurante... a lista telefônica está repleta de nomes.



Segunda-feira à noite, eu estava em casa, lutando contra um princípio de resfriado, largada no sofá com um pijama de flanela azul desbotado e pantufas, uma caixa de lenços de papel no colo, a TV ligada com o volume baixo. Ouvi o barulho da porta de um carro batendo na frente da minha garagem. Prendi a respiração um segundo e prestei atenção. Barulho no jardim? Espiei pela janela, mas não consegui ver nada, pois estava escuro. Agarrei o atizador de brasas da lareira.

Passos leves nos degraus e, depois, silêncio.

Com o atizador firme na mão, olhei pelo olho mágico, mas não vi nada.

Alguma coisa roçou na base da porta. Emma latiu.

– Sei que tem alguém aí! – gritei. – É melhor dizer quem é AGORA MESMO!

– Deus do céu, Annie! Eu estava só pegando seu jornal.

Mamãe.

Abri as tranças. Quando o chaveiro veio consertar o batente da porta, mandei instalar mais uma. Emma cheirou minha mãe e foi direto para meu quarto, provavelmente se enfiando embaixo da cama. Senti vontade de me juntar a ela.

– Mãe, por que você não ligou antes?

Sacudindo a cabeça, de modo que o rabo de cavalo se agitou, ela bateu com o jornal nas minhas mãos e fez meia-volta. Agarrei-a pelos ombros.

– Espere... eu não disse que você tem que ir embora, mas me deu um baita susto. Eu estava... cochilando.

Ela virou e, fixando aqueles grandes olhos azuis de boneca num ponto da

parede acima do meu ombro, disse:

– Desculpe.

Aquela reação me pegou. Embora o “desculpe” tivesse um toque de ofensa, eu não conseguia me lembrar da última vez que minha mãe havia pedido desculpas por alguma coisa.

O olhar desceu até minhas pantufas e as sobancelhas se arquearam. Minha mãe usa sandálias de salto alto, cobertas de plumas de marabu, no verão e no inverno, e, antes que ela pudesse fazer qualquer comentário sobre minhas pantufas, perguntei:

– Você não quer entrar?

Assim que ela entrou, percebi que segurava um saco na altura do peito. Por um momento, pensei que tivesse trazido alguma bebida. Mas não, o embrulho era achatado e retangular. Na outra mão, ela trazia uma embalagem plástica, a qual empurrou na minha direção.

– O Wayne me deixou aqui, a caminho da cidade... eu fiz aqueles cookies de que você gosta.

Ah! Cookies de creme de amendoim, no formato de pata de urso, com gotas de chocolate. Quando eu era criança, ela fazia esses biscoitos sempre que eu estava triste, ou quando ela se sentia culpada por algo, o que era raro. Deve ter se sentido culpada pela nossa discussão.

– É muita gentileza, mãe. Eu estava sentindo falta desses cookies. – Ela não disse nada. Ficou ali, parada, correndo os olhos pela minha casa, e então foi até o console da lareira e tocou nas folhas ressecadas da minha samambaia.

Antes que pudesse criticar minha habilidade em jardinagem, eu disse:

– Talvez não seja boa ideia você ficar muito tempo aqui... estou resfriada, mas se quiser posso fazer um chá.

– Você está doente? Por que não me disse? – Ela se animou, como se tivesse acabado de ganhar na loteria das mães. – Quando o Wayne voltar, vamos levar você ao meu médico. Onde está seu telefone? Vou ligar para o consultório agora mesmo.

– Já estou *cansada* de médicos. – Que merda! Eu estava falando igual ao Maníaco. – Se eu achar que preciso de um médico, posso ir sozinha. Ah, e nem adianta ligar, pois já é tarde para marcar consulta.

– Isso é ridículo... é claro que meu médico vai atender você. – A vida inteira, minha mãe jamais achou que teria que esperar por algo, fosse consulta médica, mesa em restaurante ou fila em supermercado. E, por incrível que pareça, geralmente consegue marcar consulta em cima da hora, pegar a melhor mesa ou ser atendida pelo próprio gerente do supermercado.

– Mãe... pare com isso... eu estou *bem*. Os médicos não podem fazer nada a respeito de um resfriado... – Suspendi a mão no momento em que ela abriu a boca para me interromper. – Mas prometo que se piorar vou ao médico. – Ela

suspirou, deixou a bolsa e o pacote na mesinha lateral e deu uma palmada no sofá.

– Por que não deita aqui enquanto eu preparo um chá quente com limão e mel?

Se eu dissesse a ela que tinha plenas condições de esquentar minha água, a reação seria um olhar cortante. Portanto, desabei no sofá.

– Claro. Está em cima do fogão.

Depois de me trazer uma caneca fumegante, um prato dos meus cookies e se servir de uma boa taça do vinho tinto que estava na cozinha, ela sentou na extremidade do sofá e esticou a manta entre nós duas.

Tomou um bom gole do vinho, me entregou o pacote e disse:

– Encontrei o álbum de fotos do qual você falou. Estava misturado nas nossas coisas. – Claro, claro. Mas deixei para lá. Ela havia me trazido as fotos, o chá quente produzia uma sensação agradável em todo o meu corpo e meus pés estavam quentinhos, enfiados embaixo da perna dela.

No momento em que comecei a folhear o álbum, minha mãe tirou um envelope da bolsa e me entregou.

– Você não tinha estas fotos. Então fiz umas cópias.

Surpresa diante daquele gesto inesperado, olhei a primeira foto. Ela e Daisy num dos riques de patinação da cidade, vestindo roupas idênticas, rabos de cavalo idênticos e patins idênticos. Daisy parecia ter 15 anos. Portanto, a foto deve ter sido tirada pouco antes do acidente, e no traje rosa, cheio de brilho, minha mãe parecia ter a mesma idade da filha. Eu tinha me esquecido de que às vezes, quando Daisy estava treinando, minha mãe patinava com ela.

– As pessoas sempre diziam que parecíamos irmãos – disse ela. Senti vontade de comentar: *É mesmo? Não vejo como isso pode ser possível.*

– Você era mais bonita.

– *Annie*, sua irmã era linda. – Olhei o rosto dela. Os olhos brilhavam, e eu sabia que ela estava contente, assim como concordava comigo.

Enquanto se levantava, a fim de se servir de mais vinho, folhiei o restante do álbum. Quando ela voltou a sentar aos meus pés, com a taça cheia, dessa vez trazendo a garrafa e a deixando na mesa lateral, parei na última foto: meu pai e ela no dia do casamento.

Quando fitei minha mãe, ela encarava o interior da taça. Talvez fosse o reflexo da luz, mas seus olhos pareciam úmidos.

– O seu vestido era lindo. – Prestei atenção no decote em formato de coração e no longo véu bordado de contas sobre os cabelos louros. Em seguida, olhei de novo para ela.

Inclinando-se na minha direção, minha mãe disse:

– Copiei de um modelo que a Val tinha guardado para o vestido de casamento dela. Eu disse que ela não tinha seios para usar esse modelo. – Minha mãe riu. –

Você acredita que ela *nunca* me perdoou? Nem por isso nem por eu ter namorado seu pai. – Deu de ombros. – Como se fosse *minha* culpa ele ter gostado mais de mim.

Isso era novidade.

– Tia Val namorou meu pai?

– Os dois saíram apenas algumas vezes, mas suponho que ela achasse que havia alguma coisa entre eles. Ela teve um comportamento péssimo no casamento... mal falou comigo. Já contei como era nosso bolo? Tinha três camadas e...

Enquanto minha mãe descrevia passo a passo a festa de casamento, cujos detalhes eu havia escutado um milhão de vezes, pensei na tia Val. Não era por menos que ela não perdia uma oportunidade de cutucar minha mãe. Isso talvez explicasse também a atitude dela em relação à Daisy e a mim. Quando éramos crianças, ela e minha mãe costumavam “trocar” de filhos em alguns fins de semana, prática de que Daisy e eu não gostávamos. Tia Val me ignorava, mas ela odiava a Daisy, e sempre tinha um motivo para ridicularizá-la diante de Tamara e do irmão.

Depois do acidente, nossas famílias quase não se viam. Wayne e tio Mark não têm muito em comum. Na realidade, os dois mal se toleram, de maneira que o contato se restringia à tia Val e à minha mãe. Quando as crianças se encontravam, meu primo Jason gostava de me provocar, mas Tamara ficava distante, e eu a achava esnobe. Hoje em dia, acho que a mãe dela falava mal de mim, assim como a minha falava mal dela.

Uma tarde, depois que me mudei para minha casa, minha mãe e tia Val apareceram, voltando das compras. Tia Val olhou em volta e perguntou se eu estava gostando de trabalhar no mercado imobiliário.

– Sim, eu gosto do desafio.

– Pois é, a Tamara também parece estar se saindo muito bem. Neste trimestre, ela ganhou o prêmio da imobiliária: uma garrafa de Dom Pérignon e um fim de semana em Whistler. Sua empresa faz esse tipo de coisa, Annie?

Bela cutucada, embora pouco sutil. Minha imobiliária era grande para o tamanho de Clayton Falls, mas não chegava nem perto da firma para a qual Tamara trabalhava, no centro de Vancouver. Na melhor das hipóteses, ganhávamos uma garrafa de vinho e uma placa comemorativa.

Antes que eu pudesse responder, minha mãe redarguiu:

– Ah! Ela ainda está no ramo de casas? A Annie está envolvida num grande empreendimento, todas as unidades de frente para o mar. Você não disse que vai ser a maior construção de Clayton Falls, querida?

Eu apenas tinha conversado com um investidor, e não havia sequer feito uma apresentação, como minha mãe sabia muito bem, mas ela sentia tanto prazer em trocar farpas com a irmã que não tive coragem de intervir.

– É dos grandes – respondi.

– Tenho certeza de que um dia a Tamara vai conseguir um projeto desse porte, Val. Quem sabe a Annie possa dar algumas dicas? – Minha mãe sorriu para tia Val, cujo semblante parecia dizer que o chá havia se transformado em veneno.

Evidentemente, tia Val revidou:

– A oferta é muito gentil, mas no momento a Tamara está ganhando bastante dinheiro vendendo casas, e não quer passar anos trabalhando num empreendimento que talvez não venda bem. Mas tenho certeza de que a Annie vai se sair às mil maravilhas.

O rosto da minha mãe ficou tão vermelho que cheguei a ficar preocupada, mas ela conseguiu forçar um sorriso e mudou de assunto. Só Deus sabe como foi o convívio daquelas duas na infância e na adolescência.

Minha mãe quase não fala da infância, mas sei que o pai sumiu quando ela era bem novinha, e a mãe se casou com outro parasita. O meio-irmão mais velho, Dwight, é o que está na cadeia. Assaltou um banco aos 19 anos, pouco antes de minha mãe se casar, cumpriu sentença, foi solto um mês antes do acidente e conseguiu ser preso na semana seguinte. O babaca ainda deu um tiro na perna de um policial. Não conheço Dwight pessoalmente, e minha mãe se recusa a falar nele. Cai na besteira de perguntar se não poderíamos visitá-lo, uma vez, e ela estourou, dizendo que não me queria perto daquele homem. Quando argumentei que a tia Val levava a família para visitá-lo, recebi a porta na cara como resposta.

Depois que nos mudamos para aquela merdinha de casa alugada, ao voltar da escola, um dia, encontrei minha mãe sentada no sofá, olhando para uma carta e com uma garrafa de vodca pela metade. Tudo indicava que havia bebido.

– Algum problema, mãe? – perguntei.

Ela permaneceu olhando para a carta.

– Mãe?

O tom de voz era de desespero.

– Não vou permitir que isso aconteça de novo. Não vou.

Uma onda de pavor varreu meu corpo.

– O que... o que você não vai permitir que aconteça?

Ela queimou a carta na chama de um isqueiro e jogou as cinzas fora. Depois, pegou a garrafa e foi para o quarto, cambaleando. Sobre a mesa da cozinha, encontrei um envelope no qual o endereço do remetente indicava uma penitenciária. Na manhã seguinte, o envelope tinha desaparecido, e mamãe não saiu de casa durante uma semana.



Voltei à realidade quando minha mãe disse:

– Sabe, o Luke é muito parecido com seu pai.

– Você acha? É... acho que de certo modo. É tão paciente quanto o papai era, sem dúvida. Nós temos conversado bastante ultimamente. Vou ajudá-lo com a contabilidade.

– Contabilidade? – Ela pronunciou a palavra como se eu acabasse de anunciar que me tornaria prostituta. – Você *detesta* contabilidade.

Dei de ombros.

– Preciso ganhar algum dinheiro.

– Então você não tem falado com agentes ou produtores?

– Resolvi que não vou mais faturar em cima do que aconteceu. Fico até enjoada quando penso que tem gente... inclusive eu... que ganhou dinheiro com aquilo tudo.

A primeira vez que vi uma ex-colega de escola sendo entrevistada na TV, fiquei boquiaberta, sentada no sofá, enquanto a garota, que eu não via fazia uma década, conversava com o apresentador sobre a primeira vez que fumamos maconha, sobre a festa em que fiquei bêbada e vomitei no banco traseiro do carro de um cara por quem eu tinha o maior tesão, e ela ainda leu bilhetes que nós, supostamente, trocávamos em sala de aula. E isso não foi o pior. O cara com quem eu perdi minha virgindade vendeu a história para uma grande revista masculina. O otário teve a cara de pau de publicar fotos de nós dois juntos. Numa delas eu estava de biquíni.

– Annie, você *precisa* pensar melhor a respeito disso – insistiu minha mãe. Você não tem muito tempo. – Sua fisionomia era de preocupação. – Você não tem curso superior. Praticamente só sabe trabalhar com vendas. Mas, se tentar vender qualquer coisa agora, as pessoas só vão enxergar uma vítima de estupro. E... contabilidade para o Luke? Quanto tempo isso vai durar?

Eu me lembrei do telefonema que recebi, poucos dias antes, de uma produtora de cinema. Antes que eu pudesse desligar, ela disse:

– Eu sei que deve estar cansada de gente incomodando você, mas prometo que, se depois de me ouvir por alguns minutos, você ainda disser não, nunca mais telefono. – A voz tinha um tom de seriedade que me tocou. Então, eu disse a ela que continuasse.

Ela argumentou que eu poderia contar a história verdadeira, e que meu relato ajudaria mulheres no mundo inteiro.

– O que impede você de ir em frente? – continuou. – Se me disser o motivo do seu medo, talvez possamos fazer alguma coisa.

– Desculpe, você pode expor seus argumentos, mas falar das minhas motivações não faz parte do nosso trato.

Então ela falou, e era como se soubesse precisamente o que me preocupava e o que eu queria ouvir. Disse até que eu poderia aprovar o roteiro final e a escolha do elenco. E concluiu que o dinheiro daria um jeito na minha vida, para sempre.

– A resposta ainda é não – insisti –, mas, se alguma coisa mudar, eu ligo para você primeiro.

– Tomara que sim, mas espero que você entenda também que a oferta tem um prazo de validade...

Ela estava certa, e minha mãe estava certa. Se eu esperasse mais, simplesmente perderia o bonde. Contudo, eu não sabia o que seria pior: sucumbir, conforme minha mãe previa, ou seguir seu conselho.

Minha mãe desviou o olhar da TV e deu mais um gole no vinho.

– Você deu o número do meu telefone a alguma produtora de cinema? – perguntei.

Ela parou com a taça no ar, enrugando a testa.

– Alguém ligou para você?

– Ligou, sim. É por isso que estou perguntando. Meu número não está na lista telefônica.

Ela deu de ombros.

– Essa gente consegue o que quer.

– Não fale com essa gente, mãe. Por favor! – Trocamos um breve olhar e então ela se ajeitou no sofá.

– Sei que fui dura com você e com sua irmã, mas só fiz isso porque eu queria que vocês tivessem o que eu não tive. – Esperei que continuasse, mas ela apontou para a TV com a mão que segurava a taça. – Lembra quando deixei você e a Daisy ficarem acordadas para assistir a este filme? – Só então me dei conta de que ela estava vendo uma chamada de ...*E o vento levou*, um dos seus filmes favoritos.

– Claro. Você ficou acordada também, e acabamos dormindo na sala.

Ela sorriu diante da lembrança, mas a expressão era de tristeza, que se transformou num ar reflexivo quando ela virou para mim.

– Ele vai passar daqui a uma hora. Posso dormir aqui, já que você está doente?

– Ah... não sei... eu tenho acordado por volta das sete, para correr, e você... – Ela voltou a olhar para a TV. O súbito desvio de atenção doeu dentro de mim. – Tudo bem... claro... vai ser bom ter companhia. E além do mais é burrice correr neste estado.

Ela sorriu e deu um tapinha no meu pé, embaixo da manta.

– Então eu fico, Annie querida. – Pegou as almofadas do outro sofá e começou a improvisar uma cama no meio do chão da sala. Quando, vermelha de empolgação, ela me perguntou onde eu guardava os cobertores, pensei... que droga! É melhor isso do que passar mais uma noite acordada dentro do closet, imaginando: *Por que o ladrão não levou nada?*

Mais tarde, naquela mesma noite, depois que minha mãe despachou Wayne para casa quando ele veio buscá-la... depois que comemos pipoca, cookies e sorvete, assistindo a ...*E o vento levou*, minha mãe apagou, com o corpinho

pressionado nas minhas costas e os joelhos enfiados na curva dos meus. Enquanto a respiração dela fazia cócegas na minha nuca e o braço pesava sobre mim, olhei para aquela mãozinha delicada tocando minha pele, e percebi que era a primeira vez que eu deixava alguém se aproximar de mim, fisicamente, desde que tinha voltado da montanha. Desviei o rosto, para que ela não sentisse minhas lágrimas escorrendo pelo seu braço.



Estive pensando, doutora... toda vez que digo algo negativo sobre minha mãe, logo em seguida tenho vontade de listar todas as qualidades dela... é como se eu estivesse batendo na madeira. E o negócio é o seguinte: minha mãe *não é* má pessoa, esse é o problema. Seria mais fácil se eu pudesse odiá-la, porque os raros momentos em que ela é afetuosa tornam os outros momentos muito difíceis.

DÉCIMA OITAVA SESSÃO

Acaminho do consultório, passei diante de um quadro de avisos, e o cartaz de um show atraiu minha atenção. Eu estava lendo, prestes a dar um gole no meu café, quando vi a ponta de um folheto por baixo do cartaz. Algo me pareceu familiar, e resolvi pegá-lo para ler. Que merda, doutora! O folheto trazia meu rosto... *meu* rosto... com as palavras *Corretora Desaparecida*. Fiquei olhando para ele e, só quando uma lágrima caiu na minha mão, percebi que estava chorando.

Talvez eu devesse sair por aí distribuindo folhetos: *Ainda Desaparecida*. Aquele rosto sorridente pertencia à mulher que eu era, não à mulher que sou agora. O Luke deve ter arrumado a foto... foi ele quem bateu, na nossa primeira manhã de Natal juntos. Ele tinha acabado de me dar um cartão lindo, e eu sorri para ele, toda feliz... Minha mão tremeu como se eu estivesse segurando gelo, não café quente.

Agora, o folheto está na lata de lixo que fica do lado de fora do seu consultório. Mas tenho vontade de ir lá e pegá-lo de volta. Só Deus sabe o que eu faria com aquilo.



Agora que o choque de ver minha foto passou, eu gostaria muito de falar sobre o que aconteceu quando sentei e fiz a tal lista das pessoas que fazem parte da minha vida, como você sugeriu. Sim, Fräulein Freud, eu tentei pôr em prática uma das suas ideias. Que merda! Eu tinha que fazer alguma coisa... eu não podia continuar pirando por causa do arrombamento lá de casa.

O filme que fica passando na minha cabeça, e que só serve para me encher de medo, é mais ou menos assim: *Meu carro estava na garagem. Então o ladrão deve ter visto que saí com a Emma. Há quanto tempo ele estaria observando a casa? Dias, semanas, meses? E se não fosse um ladrão?*

Depois, durante uma hora, eu fico dizendo a mim mesma que sou uma boba... Os policiais têm razão. Foi um incidente isolado, um ladrão idiota que se assustou com o alarme. Mas aí começa tudo de novo. *Alguém está observando você neste instante. É só dar bofeira e ele pega você. Não confie em ninguém.*

Como eu disse, eu tinha que fazer alguma coisa.



Ao começar pelas pessoas mais próximas – Luke, Christina, minha mãe, Wayne e parentes como Tamara, o irmão Jason, tia Val e o marido Mark –, fiz uma coluna ao lado, onde poderia anotar os motivos que eles teriam para me

prejudicar. Mas me senti uma completa imbecil, pois evidentemente não havia o que escrever.

Continuei com o nome das pessoas que eu poderia ter irritado: ex-clientes, colegas de trabalho, ex-namorados. Nunca fui processada. Entre os corretores, o único que talvez me queira mal é o corretor “misterioso” que concorreu comigo por aquele empreendimento na época em que fui sequestrada. Embora eu tenha causado algumas decepções amorosas, nunca fiz por onde merecer a vingança de ninguém. Cheguei a incluir os nomes de algumas ex-namoradas do Luke, uma das quais ainda gostava dele quando começamos a namorar. Mas que droga! Ela se mudou para a Europa antes de eu ser sequestrada. Acrescentei o Maníaco, e escrevi a palavra “morto” ao lado.

Fiquei ali, sentada à mesa, olhando para aquela lista ridícula e para as observações, do tipo “consegui o imóvel que ele queria”, “não retornei a ligação”, “demorei para vender a casa”, “fiquei com um CD dele”, e, quando tentei imaginar qualquer uma daquelas pessoas vigiando minha casa ou arrombando a porta para “me pegar”, sacudi a cabeça diante da minha própria loucura.

É claro que o cara era um ladrão comum, provavelmente um adolescente viciado à procura de dinheiro para comprar droga, e não vai voltar, pois agora sabe que a casa tem alarme.

Sabe de uma coisa, doutora? Por mais idiota que eu tenha me sentido ao fazer a lista, valeu a pena. Até dormi na minha cama a noite toda. Quando o Luke chegou na tarde de sábado para instalar o software, eu estava mais que pronta para recebê-lo.



Em busca de um look informal, porém não desleixado, revirei a caixa de roupas que Christina tinha me dado, e encontrei uma calça cáqui e uma camiseta lilás. Fiquei na dúvida. Tive vontade de vestir um conjunto de corrida e deixar a casa bagunçada, mas, ao me olhar no espelho, o resultado não estava nada mau.

Ainda não me acostumei com meus cabelos curtos. Então os lavei e penteei para trás. Finalmente, ganhei um pouco de peso – nunca pensei que isso pudesse ser algo positivo – e meu rosto está mais cheio.

Considereei a hipótese de usar um pouco de maquiagem. Minha mãe tinha levado um estojo de cosméticos quando eu ainda estava no hospital, mas não eram as cores nem as marcas de que eu gostava. Em todo caso, mesmo que não tivesse ouvido a voz do Maníaco dizer que maquiagem é coisa de puta, eu não estava disposta a chamar tanta atenção para meu rosto. Preferi um hidratante, um batonzinho rosa bem claro e rímel. Provavelmente, minha aparência não era a mesma dos meus melhores dias no passado, mas também não era a “pior de todos os tempos”.



Mas, quando abri a porta, o Luke estava lindo. Parecia que tinha vindo direto do trabalho, pois usava uma calça social preta e uma camisa alaranjada que ressaltava o tom de pele e os pontinhos âmbar dos olhos castanhos.

Emma se jogou no chão e se enroscou nos pés dele. Respondi ao “oi” com um “oi” quase inaudível e dei um passo atrás para ele entrar. Ficamos de pé no hall, sem saber o que fazer. Ele levantou um dos braços, como se fosse me tocar ou me puxar para um abraço, mas desisti do gesto. Levando em conta minha reação nas duas últimas vezes que ele tentou encostar em mim, não me surpreendi.

Agachou-se para acariciar Emma.

– Ela está linda, não? Pensei em trazer o Diesel comigo, mas achei que seria confusão demais.

Olhando para o topo da cabeça dele, eu disse:

– Não estou inválida.

– Eu nunca disse que você estava. – Ainda abaixado, ele olhou para cima e sorriu. – Então, vamos dar uma olhada nesse programa? A propósito, você também está linda.

Encarei o Luke e senti as bochechas ficarem vermelhas. O sorriso dele se abriu. Fiz uma meia-volta tão brusca que quase tropecei na Emma.

– Vamos até meu escritório – disse eu, mudando de assunto.

A hora seguinte voou, enquanto ele me mostrava como instalar o programa e, juntos, revisávamos as planilhas. Gostei de aprender coisas novas, e foi um alívio termos algo em que nos concentrar, além de nós dois. Para mim, não era fácil ter o Luke sentado ao meu lado. Ele estava no meio de uma explicação quando desembuchei:

– Aquele dia que você me viu saindo do mercado... eu vi você com uma garota. Foi por isso que saí correndo.

– Annie, eu...

– E, quando me visitou no hospital, você foi *tão gentil*, trazendo flores e o cachorrinho de pelúcia, mas eu não estava em condições de lidar com... você, com *nada*. Depois daquele dia, pedi às enfermeiras que lhe dissessem que eu só podia receber visitas da família e da polícia. Eu me odeio por ter agido daquela maneira. Você foi *tão gentil*. Você é *sempre* *tão gentil*, e eu sou *tão*...

– Annie, no dia em que você foi sequestrada... cheguei atrasado para o jantar.

Ora! Grande coisa!

– O restaurante estava cheio, e eu perdi a noção da hora. Nem telefonei, como costumava fazer, depois que seu plantão acabou. Quando finalmente liguei para você, a caminho da sua casa, com meia hora de atraso, e você não atendeu, pensei que estivesse chateada. Quando não vi seu carro, imaginei que estivesse

com algum cliente, e fui para casa esperar um contato seu. Só depois de uma hora, quando você não telefonou, eu fui até o plantão... – Respirou fundo: – Meu Deus! Quando vi o carro estacionado e suas coisas espalhadas em cima do balcão, liguei para sua mãe na hora.

No fim das contas, foi minha mãe que conseguiu que a polícia levasse a queixa a sério. Ela se encontrou com Luke na delegacia, convenceu o sargento de plantão que eu jamais daria um bolo no namorado e estava em casa quando os tiras encontraram minha bolsa dentro de um closet, onde eu sempre a guardava por medida de segurança. Como não havia sinais de luta, Luke se tornou o principal suspeito no início das investigações.

– Depois de algumas semanas, comecei a beber no restaurante quase toda noite após o expediente.

– Mas você quase nunca...

– Eu fiz *um monte* de besteiras naquela época, um monte de coisas que nunca teria feito...

Eu me perguntei que besteiras seriam essas, mas o Luke parecia tão constrangido e envergonhado que eu disse:

– Não se culpe. Você lidou melhor com a situação do que eu provavelmente teria lidado. Você continua bebendo muito?

– Depois de alguns meses, eu me dei conta de que estava ficando dependente. Então parei. Àquela altura, a maioria das pessoas achava que você estava morta. Eu não achava, mas todo mundo dizia que você nunca seria encontrada, e muitas vezes senti raiva de você. Eu sabia que minha reação era irracional, mas de certo modo eu culpava você. Eu nunca lhe disse isso, mas eu não gostava quando você fazia plantão... era por isso que costumava ligar para você depois do horário. Você é muito amável... e tem homem que confunde as coisas.

– Mas era meu *trabalho*, Luke. Você é amável no restaurante...

– Mas eu sou homem e... bem, acredite, passei por maus momentos. Dei uma pirada.

Emma enfiou a cabeça entre nós dois e aliviou a tensão. Durante alguns segundos, acariciamos seu pelo. Então perguntei pela bolinha, e ela saiu em disparada.

– Saí algumas vezes com a garota que você viu, mas eu acabava falando sobre você e a investigação, e percebi que não estava pronto para um novo relacionamento. O que estou querendo dizer, Annie, é que me sinto tão confuso quanto você... e que nós dois mudamos. Mas sei que ainda gosto de você, da sua companhia. Eu só queria poder ajudá-la mais. Você costumava me dizer que se sentia muito segura ao meu lado.

Ele abriu um sorriso melancólico.

– Eu me sentia segura ao seu lado, mas agora ninguém pode *me fazer* sentir segura. Eu preciso chegar lá sozinha.

- Entendo – concordou ele.
– Que bom! Agora você pode me ajudar a entender a porcaria desse seu programa?
Ele riu.



Terminamos o trabalho 20 minutos mais tarde e, enquanto me perguntava se deveria convidá-lo a ficar para jantar, ele disse que precisava voltar ao restaurante. Diante da porta, ele deu um passo na minha direção, hesitou um segundo e então ergueu as sobrancelhas e... levemente... os braços. Eu me aproximei e ele me envolveu num abraço. Por um instante, me senti presa e tive vontade de me desvencilhar, mas encostei o nariz na camisa dele e senti os aromas do restaurante: orégano, pão assado, alho. O cheiro era de jantares demorados em companhia de amigos, cheiro de vinho e riso, cheiro de felicidade.

Junto aos meus cabelos, ele sussurrou:

- Foi muito bom ver você, Annie.

Com a cabeça, concordei com suas palavras, e, enquanto nos separávamos lentamente, mantive o olhar baixo, piscando para conter as lágrimas. Mais tarde, me perguntei se ele teria ficado para jantar caso eu convidasse, mas meu arrependimento por não ter feito o convite foi compensado pelo alívio de não ter ouvido o Luke dizer não. Eu costumava ser uma especialista em decisões rápidas, mas, desde que matei o Maníaco, tenho vivido numa contínua hesitação. Eu me lembro de ter lido que, se um passarinho ficar muito tempo numa gaiola, ele não foge assim que a a portinhola se abre. Só agora entendo essa situação.



Depois que matei o Maníaco, caí na cama e peguei no sono. Mas fui acordada por uma dor no peito: meu leite ainda não tinha secado. Logo me dei conta das chaves, ainda na minha mão. Eu tinha apertado as chaves com tanta força, mesmo dormindo, que elas deixaram marcas na pele. Meio zozza de sono, surpresa por acordar na posse das chaves e com medo de que o Maníaco me surpreendesse com elas, eu as soltei. O ruído do metal ao bater na cama me assustou e me tirou do estado letárgico. Ele estava morto. Eu tinha matado aquele homem.

Minha bexiga ansiava pelo banheiro, mas olhei para o relógio e vi que precisava esperar 10 minutos. Quando tentei urinar, a bexiga não funcionou. Dez minutos depois, nenhum problema.

Ao voltar para a cama, minha perna raspou na manta da bebê, pendurada no cesto. Peguei o pano e pressionei-o contra o rosto, sentindo os últimos resquícios

do cheirinho dela. Minha filha ainda estava lá fora, sozinha. Eu precisava encontrá-la.

Eu me enfiei num vestido branco e coloquei dentro do sutiã paninhos molhados de água fria, para aliviar os seios. Calcei os chinelos, desci até o rio e vasculhei as margens, nas duas direções, até as árvores ou penhascos impedirem meu avanço. A distância, qualquer pedra clara do tamanho de um bebê deixava suspensa minha respiração. Uma trouxa presa a uma árvore no meio do rio fez meus joelhos tremerem, até que, ao chegar perto, verifiquei que eram apenas alguns trapos. Quando não descobri nenhuma pista da minha filha à beira do rio, examinei a clareira, centímetro por centímetro, em busca de sinais de terra revirada. Mas nada encontrei.

Cheguei ao ponto de cavar com as mãos a terra fofa dos canteiros da horta que cercava o chalé, pois aquele tarado era perfeitamente capaz de enterrar minha filha no lugar onde plantávamos nosso alimento. Verifiquei também embaixo da varanda. Nada. O único local que eu ainda não havia examinado era o galpão.

O sol tinha castigado o galpão a manhã inteira e, quando abri a porta, o fedor do corpo em decomposição me atingiu, provocando um enjoo insuportável. Agarrei uma estopa encharcada de gasolina e levei ao rosto. Em seguida, respirando pela boca e na ponta dos pés, passei pelo corpo. Moscas que no dia anterior tinham pegado carona no cadáver zumbiam em volta da lona, num barulho que lembrava um gerador.

Com as mãos trêmulas, retirei tudo do congelador. Nenhum sinal da minha filha, e nas prateleiras do galpão havia apenas lanternas, baterias, querosene e cordas. Descobri um alçapão e uma escada de acesso a um porão, onde o cheiro de umidade era uma maravilha comparado à fedentina de morte no andar superior. Ali havia somente enlatados, utensílios domésticos, um estojo de primeiros socorros, algumas caixas e, dentro de uma velha lata de café, um rolo de dinheiro preso por um elástico rosa. Torci para que o elástico não fosse de alguma outra mulher por ele vitimada. Não era muito dinheiro. Portanto imaginei que existissem mais notas em algum lugar. A carteira ainda não havia aparecido. Não estava no bolso do Maníaco quando peguei as chaves, nem nos armários do chalé. Na verdade, eu nunca o tinha visto com uma carteira de dinheiro. Uma das chaves não cabia em nenhuma das fechaduras. Eu tinha esperança de que fosse a chave da van, estacionada em algum lugar, e que a carteira estivesse dentro do veículo.

Dentro de um caixote de madeira, encontrei um fuzil, uma pistola e munição. Encarei as armas. Eu nunca tinha visto a pistola com que ele me ameaçara no dia do sequestro. Eu apenas sentira o cano nas costas e vira o cabo enfiado na cintura dele. Parecia pequena ao lado do fuzil, mas tive ódio das duas armas. Uma havia matado o pato e a outra tinha me levado àquele inferno. Durante um segundo, minha mão tocou o ponto da região lombar onde o cano da pistola fora

pressionado. Fechei o caixote e o empurrei para trás dos outros.

Cada vez que abria uma caixa, eu era tomada pelo medo de descobrir o corpo da minha filha. Mas a última continha apenas meu *tailleur* amarelo, além das minhas fotos e dos anúncios de jornal. Quando abri a última, senti o cheiro do meu perfume, e levei o tecido macio ao nariz. Experimentei o blazer por cima do vestido, mas aquilo me pareceu estranho, como se eu estivesse usando a roupa de alguma mulher morta. Deixei o *tailleur* dentro da caixa e, ao voltar na direção da luz, levei apenas a foto que ficava no meu escritório.

A única área que eu não tinha vasculhado era o bosque em torno do chalé. Então, depois de beber um pouco de água, coloquei barras de cereal, o estojo de primeiros socorros e uma garrafa térmica com água dentro uma mochila velha que encontrei no porão. Quando estava prestes a sair, avistei a foto sobre a bancada, ao lado da manta da bebê e de um macacãozinho. Acrescentei esses itens aos tesouros da minha mochila.

Logo que entrei no bosque, à direita do chalé, o barulho contínuo da correnteza e do canto dos passarinhos que costumavam ficar na clareira desapareceu, e o único som era das minhas próprias passadas, amortecidas pela camada de pinhões que cobria o solo. Levei o resto da tarde passando por cima e por baixo de toras de madeira, cavando cada monte de terra, cheirando o ar em busca de qualquer sinal de decomposição. Fiquei sempre a cerca de 15 minutos do chalé, e avancei até o ponto mais elevado da clareira, desenhando um amplo círculo.

Quando finalmente atingi o topo, descobri uma trilha estreita na orla do bosque, adentrando a mata. Tomada por samambaias, a picada era não mais que uma linha, perceptível apenas por marcas esparsas, feitas com machadilha, nos galhos das árvores. As mais robustas, pinheiros frondosos e altos de que eu mal enxergava o topo, tinham alguns metros de diâmetro, e os troncos estavam embranquecidos com limo, o que significava que era uma mata úmida. Provavelmente, eu estava em Vancouver Island.

Olhei mais uma vez a clareira e rezei para que, se existisse o céu – e eu nunca quis tanto acreditar no céu como naquele momento –, minha filha estivesse na companhia do meu pai e da minha irmã.

Descendo pela trilha, avistei ao longe o que parecia uma falha na linha das árvores. Depois de 15 minutos de caminhada, saí da mata e entrei numa estrada de terra. A julgar pelos buracos e pela ausência de marcas de pneu, ela não era utilizada havia algum tempo. Cerca de três metros abaixo, a margem da estrada tombava à direita.

Ao me aproximar da margem, constatei que ali tinha início uma estradinha vicinal, que dava acesso a outra, principal. O Maníaco só poderia ter escondido o carro perto do chalé. Portanto resolvi seguir pela estradinha. Pouco mais largo que uma picape, o caminho estava coberto de capim, sendo quase imperceptível. Fazia uma curva e corria paralelamente à via principal, separada desta por uma

área de cerca de seis metros de largura cheia de árvores.

Descendo a estradinha, encontrei um pedaço de osso branco. Meus pés e meu coração pararam. Revirei o solo, centímetro por centímetro, e encontrei um osso grande demais para ser da minha neném. Dali a poucos passos, quase tropecei no esqueleto de um cervo.

Segui pela estrada até o ponto em que, diante de algo que parecia um enorme arbusto de galhos mortos, ela acabava. Na parte inferior, um pedaço de metal brilhava ao sol. Em desespero, arranquei a vegetação. Era a traseira da van.

Numa busca rápida pelo porta-luvas, não encontrei a carteira de dinheiro, nem os documentos do veículo, ou mesmo um mapa. Olhando entre os bancos para a parte traseira do carro, notei a presença de algo embolado. Era um cobertor cinzento. O mesmo que ele tinha usado no meu sequestro.

A sensação da lã grossa na minha mão, somada ao cheiro do carro, era muito familiar. Soltei o cobertor como se ele estivesse pegando fogo e dei um pulo no banco. Tentando não pensar no que havia acontecido ali dentro, eu me concentrei em girar a chave na ignição. Nada.

Prendi a respiração. *Por favor, liga, por favor, liga...* e voltei a girar a chave. Nada. Dentro do carro fechado, meu corpo pingava de suor e minhas pernas grudavam no estofado. Apoiando a testa no volante, respirei fundo para me acalmar e então abri o capô. Imediatamente, avistei o cabo solto da bateria, voltei a conectá-lo e girei a chave mais uma vez. Em um segundo o motor deu sinal de vida e o rádio começou a tocar uma música country. Fazia tanto tempo que eu não ouvia música que cheguei a rir. A voz do locutor: "... mais uma hora sem intervalos comerciais." Nenhuma palavra sobre a localidade onde eu estava. Quando tentei sintonizar outra estação, o dial girou descontroladamente.

Engatei a marcha a ré, recuei pela estradinha, passei por cima de alguns arbustos e saí na via principal. Fazia tempo que a estrada não era nivelada, portanto andei bem devagar. Depois de cerca de meia hora, os pneus encontraram o asfalto e, aproximadamente 20 minutos mais tarde, a estrada ficou boa.

Não demorou muito e meu nariz percebeu o cheiro familiar de maresia, misturado a enxofre de uma fábrica de papel, e cheguei a uma pequena cidade. Parada diante de um sinal vermelho, avistei um café à esquerda. Um cheiro de bacon entrou pela janela aberta, e inspirei o aroma com vontade. O Maníaco nunca me deixava comer bacon, pois dizia que eu ficaria gorda.

Fiquei com a boca cheia de água quando vi um homem sentado perto da janela pegar um pedaço de bacon, mastigar rapidamente e abocanhar outro pedaço. Eu queria comer bacon, um prato cheio, bem devagarzinho, saboreando os pedaços salgados, mas com um toque adocicado. Um prato dessa iguaria para mandar o Maníaco se foder!

O homem limpou as mãos gordurosas na manga da camisa. O Maníaco

murmurou dentro da minha cabeça: *Você não quer ser uma porca, quer, Annie?*
Desviei o olhar. Do outro lado da rua ficava uma delegacia.

DÉCIMA NONA SESSÃO

Espero que esteja se sentindo melhor esta semana, doutora. Acho que nem posso me queixar de a nossa última sessão ter sido desmarcada, pois é bem provável que eu tenha lhe passado esse resfriado. Bem, estou me sentindo melhor em relação a várias coisas. Antes de tudo, os policiais me telefonaram no início da semana para dizer que pegaram o responsável pelos arrombamentos. De fato, era um adolescente.

Você também vai gostar de saber que, desde nosso último encontro, não durmo no closet, e parei de tomar banho de banheira à noite. Agora raspo as pernas no chuveiro e não preciso lavar o cabelo e passar condicionador duas vezes. Já estou conseguindo fazer xixi sem ter que respirar fundo e tenho comido sempre que sinto fome. E quase não escuto a voz do Maníaco quando quebro uma das regras impostas por ele.

A única coisa que continua a me incomodar é aquela minha foto imbecil que estava com o Maníaco... a mais antiga. Desde que voltei para casa, eu não havia pensado nenhuma vez naquela foto, pois havia muita merda acontecendo. Mas, depois que lhe falei da foto, revirei a casa toda para ver se o ladrão havia roubado alguma coisa, e esbarrei com ela dentro de uma caixa onde guardo as coisas que trouxe da montanha.

O escritório da imobiliária onde eu trabalhava era dividido em baias individuais, e eu tinha um painel de cortiça acima da minha mesa com várias fotos. Assim, deduzi que *talvez* o Maníaco tivesse pegado a foto dali. Se ele dissesse que estava procurando um imóvel, poderia entrar na imobiliária e ser recebido por qualquer corretor. Talvez tenha sido nessa mesma ocasião que ele me viu pela primeira vez... sabe-se lá? Mas por que eu teria uma foto minha, sozinha, no escritório? E por que estou me estressando para saber por quê? Isso já não importa! Que droga! Às vezes, eu acho que minha mente fica procurando coisas para se estressar. É como colocar um bando de crianças para dormir: um diabinho finalmente se acalma, mas outro sai correndo.



Esta semana fiquei me lembrando de como, no passado, Christina e eu teríamos comentado cada minuto da visita do Luke, analisado cena por cena, e senti muita saudade dela. Pensando no meu alívio depois que fiz aquela lista e na satisfação de ter por fim enfrentado o Luke, liguei para o celular dela, antes que a falta de coragem me fizesse desistir.

– Christina falando.

– Oi, sou eu.

– Annie! Espere um segundo... – Ouvi sons abafados, Christina falando com alguém. Em seguida, voltou à linha. – Desculpe, Annie, minha manhã está meio caótica, mas estou *tão* feliz com seu telefonema!

– Que merda! É dia de visita, não é? Quer que eu ligue mais tarde?

– Nada disso, madame! Não vou deixar você escapar assim. Faz tempo que espero que você atenda uma das minhas ligações. – Nós duas ficamos quietas.

Sem saber explicar por que eu andava fugindo dela, assim como fugia de todo mundo, continuei:

– Então... como você está?

– Eu? Tudo na mesma, tudo na mesma.

– E o Drew?

– Ele vai bem... ele vai bem. Você nos conhece... tudo sempre igual. E *você*, como vai?

– Vou bem, eu acho... – Tentei encontrar algo interessante na minha vida que merecesse ser compartilhado. – Estou fazendo um trabalho de contabilidade para o Luke.

– Vocês voltaram a se falar? Ora! Mas que boa notícia!

– Não é *nada disso*... é só um trabalho – esclareci, e a resposta saiu mais rápida do que eu gostaria.

Ela deu uma risadinha de descrença total.

– Se você diz... – fingiu concordar – Ei! Como vai sua mãe? Dia desses, estive com ela e o Wayne no centro da cidade, e ela parecia... digamos...

– Furiosa? Tem sido uma constante nos últimos tempos. Mas ela veio até aqui algumas semanas atrás, para devolver meu álbum e me dar umas fotos do meu pai e da Daisy que eu nunca tinha visto. Fiquei abismada.

– Ela achava que tinha perdido você... É provável que ainda esteja aprendendo a lidar com tudo isso.

– É. – Não querendo entrar nesse assunto, emendei: – Eu estava querendo saber o valor da minha casa.

– Por quê? Você não está pensando em vender, está?

Como não queria mencionar o arrombamento, respondi:

– A casa não é mais a mesma desde que minha mãe alugou... já nem tem meu cheiro.

– Acho que você deve dar um tempo, antes de... – Uma voz surgiu ao fundo, dirigindo-se a Christina. – Droga! Meus clientes acabaram de chegar. Estamos atrasados. Preciso correr, mas telefone para mim hoje à noite, certo? *Quero muito* falar com você.

Durante o telefonema, e depois dele, nunca senti tanta saudade da Christina, e pensei em ligar para ela à noite, mas aquelas palavras finais sinalizavam que, mais uma vez, ela estava propensa a me dizer o que fazer, e eu não queria lidar com aquilo. Por isso, quando ouvi batidas na porta sábado à tarde e olhei pelo

olho mágico e vi a Christina, sempre muito bem-vestida, de pé na varanda e enfiada num simples macacão branco com um boné na cabeça, mas exibindo um sorriso de quem comeu merda, eu não sabia no que pensar. Abri a porta e vi que ela trazia nas mãos alguns pincéis e um latão de tinta. Entregou-me um pincel.

– Vamos lá! Vamos ver o que a gente pode fazer com esta casinha.

– Eu hoje estou meio cansada. Se você tivesse telefonado... – Ela passou por mim e me deixou falando na soleira da porta.

Por cima do ombro, ela disse:

– Ora! Por favor, como se você *atendesse* o telefone! – Nesse ponto, ela me pegou. – Para de choramingar e vê se toma jeito, garota! – Começou a arrastar meu sofá e, se eu não quisesse que o piso de madeira ficasse arranhado, minha única opção era ajudar. Sempre quis mudar o tom bege das paredes, mas nunca tinha tomado qualquer iniciativa nesse sentido. Quando vi o lindo tom amarelocreme que Christina havia escolhido, fiquei apaixonada.

A pintura levou algumas horas, e depois sentamos do lado de fora, tomando vinho tinto na varanda. Christina não bebe nada que custe menos de 20 dólares, e sempre traz a garrafa do que quer beber. O sol tinha acabado de se pôr, e acendi as luminárias do pátio. Ficamos sentadas em silêncio durante alguns minutos, vendo Emma roer um osso. Em seguida, Christina olhou direto nos meus olhos.

– Então, o que aconteceu com a gente?

Brinquei com a haste da minha taça e dei de ombros. Meu rosto ficou quente.

– Não sei. É que...

– É que... o quê? Acho que amigos têm que ser sinceros. Você é minha melhor amiga.

– Estou tentando, eu só preciso...

– Você aceitou algumas das minhas sugestões ou nem deu bola? Você tem que ler um livro que acaba de ser publicado, sobre uma mulher que foi estuprada. O livro diz que, para sobreviver, as vítimas precisam construir muros de defesa, mas, no fim das contas, elas não podem...

– É *isso*. A *pressão*. Os infundáveis, os constantes “você tem que...”. Eu não queria falar no assunto, mas você não desistia. Quando tentei dizer que não queria as roupas, você passou por cima de mim como um rolo compressor. – Parei para respirar. Christina parecia atônita. – Você estava tentando ajudar, eu sei. Mas, Christina, às vezes você precisa *dar um tempo*.

Ficamos caladas por um minuto. Então, Christina disse:

– Talvez, se você explicasse por que não queria as roupas.

– Eu *não posso* explicar, esse é o problema. Se quiser ajudar, vai ter que me aceitar do jeito que sou. Pare de me forçar a falar sobre merda. Pare de tentar me consertar. Se você não conseguir fazer isso, então a gente não vai poder continuar se vendo.

Eu me preparei para um fogo cruzado, mas Christina se mostrou cordata:

– Tudo bem – concordou. – Vamos fazer a coisa ao seu modo. Eu preciso de você na minha vida, Annie.

– Ah! – suspirei aliviada. – Bom... ótimo, porque eu também quero você na minha vida.

Ela sorriu, logo em seguida ficou séria.

– Mas tem uma coisa que eu preciso lhe contar. Muita água rolou na sua ausência... Todo mundo ficou com os nervos à flor da pele, e ninguém sabia como lidar com a situação. E...

Ergui a mão.

– Pare. Vamos levar as coisas com calma. É o único jeito que eu consigo lidar com tudo isso.

– Mas, Annie...

– Não, chega de “mas”. – Achei que ela quisesse me contar que havia ganhado o “meu” empreendimento, pois eu tinha visto cartazes com o nome dela em frente ao local, mas a última coisa que eu queria fazer era falar sobre o mercado imobiliário. Além disso, era justo que o empreendimento ficasse com ela, e isso me deixava feliz. Que droga! Antes a venda ficar com ela do que com o meu concorrente.

Ela me encarou por alguns segundos e então sacudiu a cabeça.

– Tudo bem. Você está certa. Mas, se não me deixar falar, vai ter que pintar um pouco mais.

Com um suspiro, segui Christina casa adentro e acabamos de pintar a sala.

Depois que nos despedimos na varanda, no momento em que estava prestes a entrar no BMW, ela se virou:

– Annie, eu estava agindo com você do mesmo jeito como sempre agi.

– Eu sei. Mas *eu* não sou mais a mesma.

– Nenhuma de nós é mais a mesma. – disse ela, e fechou a porta.



Na tarde seguinte, resolvi revirar duas caixas minhas que encontrei na garagem da minha mãe quando fui pegar emprestadas algumas ferramentas de jardinagem. A primeira estava cheia de prêmios e placas que eu havia ganhado com a venda de imóveis e guardara nas gavetas do escritório, por não querer exibi-los. A segunda caixa, com velhos apetrechos de arte, desenhos, pinturas, me interessou bem mais. Enfiado entre as páginas do meu caderno de esboços encontrei o folheto de uma escola de arte de que eu já nem lembrava. Ao menos uma vez, a viagem ao passado não foi povoada por fantasmas urrando, e o cheiro de lápis de carvão e tinta a óleo me fez sorrir.

Peguei o caderno, o folheto e os lápis, servi-me uma taça de shiraz e fui para a

varanda. De início, fiquei olhando para a página em branco. Emma estava deitada sob um dos últimos raios do sol poente, o que fazia seu pelo brilhar e acentuava suas sombras. Com o lápis, tracei o contorno do corpo dela sobre a folha de papel e a coisa começou a fluir. Feliz com o toque da minha mão no papel liso, observei as linhas simples adquirirem forma e, com as pontas dos dedos, borrei alguns traços, para obter o sombreado. Segui trabalhando no desenho, alternando o equilíbrio entre claro e escuro, e então parei por alguns segundos para contemplar um passarinho que cantava numa árvore próxima. Quando voltei os olhos para o papel, levei um susto... não, um choque. Eu tinha desviado o olhar do esboço de um cão, mas, quando olhei de volta, vi a Emma com todos os detalhes, até os pelinhos levantados na ponta da cauda.

Fiquei admirando meu desenho por alguns minutos, com vontade de mostrá-lo a alguém, e então me concentrei no folheto. Passando as folhas, sorri ao ver as anotações que eu tinha feito nas margens. Mas meu sorriso murchou quando vi o círculo em torno do valor das taxas e o grande ponto de interrogação ao lado.



Minha mãe ganhou uma pequena herança após a morte da minha avó, porém, quando eu quis usar parte do dinheiro para pagar meus estudos, ela disse que não tinha mais nada. Independentemente do valor que restava quando ela se uniu a Wayne, tudo desapareceu antes que a tinta da certidão de casamento secasse.

Pensei em arrumar um emprego em meio período e assim conseguir dinheiro para pagar a escola de arte, mas minha mãe sempre dizia que artistas ganham muito mal. Dessa forma, fiquei na dúvida, e acabei optando por um trabalho em tempo integral. Eu achava que, depois que poupasse o suficiente, poderia voltar a estudar, mas isso nunca aconteceu.

Quando o Luke me telefonou ontem à noite, eu falei sobre o desenho que tinha feito. Ele respondeu que era ótimo, que eu sempre tinha gostado de arte. O Luke não pediu para ver o desenho, e não perguntei se queria vê-lo.

Christina veio me ver algumas vezes, para a gente pintar as outras paredes da casa. Ela tem sido discreta, atendendo ao meu pedido, mas a presença dela gera certo desconforto. Não chega a ser uma tensão. É apenas uma sensação estranha. Porém, quando penso em dividir com alguém qualquer coisa que se passou na montanha, eu me sinto pressionada por uma grande onda de ansiedade. No momento, o máximo que consigo suportar é fofoca sobre astros de Hollywood e ex-colegas de trabalho. A última vez que vi Christina, ela me falou sobre um tira bobalhão com quem estava tendo aulas de defesa pessoal.

A conversa me fez lembrar dos policiais com quem precisei lidar logo que saí da montanha. Já que minhas expectativas se baseavam em reprises de seriados de TV, digamos que eu queria um Lennie Briscoe, mas só consegui um Barney Fife.



Gostei de ver uma mulher na recepção da delegacia, mas aquela nem sequer ergueu os olhos das palavras cruzadas.

– Com quem deseja falar?

– Com algum policial, eu acho.

– A senhora acha?

– Não... quero dizer... sim, quero falar com um policial. – O que eu realmente queria era ir embora, mas ela acenou para um sujeito que saía do banheiro masculino secando as mãos na calça do uniforme.

– O investigador Pepper vai atender a senhora – disse ela.

O sujeito não era sargento, pois não parecia ter o perfil apropriado. Tinha ao menos 1,80m de altura e uma barriga avantajada, embora fosse bem magro, e o coldre pendia dos quadris estreitos, como se estivesse prestes a cair.

Olhou para mim, pegou algumas pastas que estavam na recepção e disse:

– Vamos.

Parou diante de uma cafeteira velha e encheu uma caneca de café com leite em pó e açúcar, sem me oferecer nada. Fez um sinal para que eu o seguisse. Passamos por uma sala com divisória de vidro e por três policiais, que estavam ao redor de uma mesa assistindo a um jogo numa pequena TV portátil.

Empurrou uma pilha de pastas para um dos lados da escrivaninha, baixou a caneca e fez um gesto, indicando-me uma cadeira posicionada à sua frente. Foram necessários dois minutos de busca na gaveta até que ele encontrasse uma caneta que funcionasse e outros tantos minutos remexendo formulários. Finalmente, ele se acalmou, tendo diante de si uma caneta com tinta e um formulário.

– Nome, por favor?

– Annie O’Sullivan.

Ele me encarou, com olhos que examinavam cada ângulo do meu rosto, e se levantou tão bruscamente que virou a caneca de café.

– Fique aqui... preciso chamar uma pessoa.

Deixando o café encharcar os papéis sobre a mesa, ele entrou na sala envidraçada e começou a falar com um sujeito baixo e grisalho, que me pareceu ser alguém importante, pois ocupava a única sala que havia no local. A julgar pela intensa gesticulação, o investigador Pepper estava bastante agitado. Quando ele apontou para mim, o sujeito grisalho se virou, me olhou e nossos olhares se cruzaram. Minha sensação era do tipo: saia daqui AGORA.

Os tiras perto da TV baixaram o volume e correram o olhar de mim para a sala, da sala para mim. Olhando de relance para a recepção, percebi que a funcionária me espiava. Voltei a olhar para a sala de vidro. O velho pegou o telefone e começou a falar com alguém, andando de um lado para outro,

esticando o fio ao máximo. Desligou o telefone e pegou uma pasta num arquivo atrás da mesa. Em seguida, ele e Pepper examinaram o conteúdo da pasta, trocando palavras, olhando para mim e voltando a examinar a pasta. Os caras nada tinham de discretos.

Finalmente, o velhote e Pepper, com a pasta debaixo do braço, saíram da sala. O sujeito grisalho inclinou-se diante de mim, apoiando uma das mãos no joelho e estendendo a outra. Falou bem devagar, pronunciando cada palavra com todo o cuidado.

– Tudo bem? Eu sou o sargento Jablonski.

– Annie O’Sullivan. – Apertei a mão estendida. Estava fria e ressecada.

– Prazer em conhecê-la, Annie. A gente queria conversar com você em particular... pode ser? – Por que diabos ele estava falando tão devagar? *Inglês não é minha segunda língua, imbecil!*

– Tudo bem. – Eu me levantei.

Ao pegar um bloco de papel e algumas canetas sobre a escrivaninha, Pepper disse:

– A gente só vai levar você até uma das nossas salas de depoimento – Ao menos, ele falava numa cadência normal.

No momento em que nos afastamos da escrivaninha, todos os policiais no recinto ficaram imóveis. Pepper e Jablonski me escoltaram, e o primeiro tentou me segurar pelo braço, mas não permiti. Parecia que eu estava sendo levada para a cadeira elétrica. Posso jurar até que os telefones pararam de tocar. Pepper conseguiu contrair a barriga, ligeiramente, e caminhou de ombros erguidos e peito estufado, como se tivesse me encontrado sozinho.

Era mesmo uma cidade pequena. Até então, eu tinha visto poucos policiais, e a sala fria de concreto para a qual me conduziram era do tamanho de um banheiro. Assim que sentamos, em lados opostos de uma mesa de metal, Pepper levantou-se para atender a uma batida à porta. A mulher da recepção entregou duas canecas com café e tentou dar uma espiada, mas ele se manteve diante dela e fechou a porta. O oficial grisalho fez um sinal com a cabeça.

– Quer um café? Um refrigerante?

– Não, obrigada.

Numa das paredes havia um grande espelho. Incomodava-me bastante a ideia de alguém que eu não conseguia ver observava todos os meus movimentos.

Apontei para o espelho.

– Tem alguém ali?

– Não neste momento – disse Jablonski. Isso queria dizer que haveria alguém mais tarde?

Fiz um sinal, indicando o canto superior esquerdo da sala.

– Para quê esta câmera?

– Vamos gravar a entrevista... faz parte dos procedimentos.

A câmera era tão constrangedora quanto o espelho. Sacudi a cabeça.

– O senhor vai ter que desligar.

– A senhora logo vai esquecer que a câmera está ali. A senhora é Annie O’Sullivan, residente em Clayton Falls?

Encarei a câmera. Pepper pigarreou. Jablonski repetiu a pergunta. O silêncio durou mais um minuto, e então Jablonski fez um sinal, passando a mão rapidamente diante do pescoço. Pepper deixou a sala durante alguns segundos e, quando retornou, a luzinha vermelha da câmera tinha se apagado.

– Precisamos deixar o gravador ligado – disse Jablonski. – Não podemos fazer a entrevista sem a gravação. – Eu me perguntei se ele não estaria mentindo, pois nos seriados de TV nem sempre o gravador era utilizado. Mas deixei para lá.

– Vamos começar de novo. A senhora é Annie O’Sullivan, residente em Clayton Falls?

– Sim. Eu estou em Vancouver Island?

– A senhora não sabe?

– É por isso que estou perguntando.

– Sim – respondeu Jablonski –, a senhora está na ilha. – A fala lenta e articulada desapareceu na pergunta seguinte: – Por que a senhora não começa nos contando onde esteve?

– Eu não sei. Só sei que era um chalé. Não sei como cheguei lá, porque eu estava num plantão de vendas e um sujeito...

– Que sujeito? – perguntou Pepper.

– A senhora conhecia essa pessoa? – completou Jablonski.

Quando os dois falaram ao mesmo tempo, eu me lembrei do Maníaco saindo da van e se encaminhando para o plantão.

– Eu não conhecia. Estava quase na hora de o plantão acabar. Eu fui lá fora...

– Que carro ele estava dirigindo?

– Uma van.

Vi o Maníaco sorrindo para mim. Um belo sorriso. Meu estômago revirou.

– Qual era a cor da van? A senhora se lembra da marca e do modelo? A senhora tinha visto o carro antes?

– Não.

Comecei a contar os blocos na parede de concreto atrás deles.

– A senhora não se lembra da marca e do modelo ou não tinha visto o carro antes?

– Era uma Dodge Caravan, eu acho, marrom... e nova... só sei isso. O sujeito tinha anúncios de imóveis nas mãos. Ele vinha me observando havia algum tempo, e sabia coisas...

– Ele não era algum cliente antigo, ou alguém com quem a senhora não quis conversar em algum bar, ou com quem conversou pela internet? – perguntou Jablonski.

– Não, não e não.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Quero ver se entendi bem. Está tentando me dizer que o sujeito escolheu a senhora sem mais nem menos?

– Não estou *tentando* dizer nada. Eu *não sei* por que ele me escolheu.

– Nós queremos ajudá-la, Annie, mas primeiro precisamos saber a verdade. – Ele recostou-se na cadeira e cruzou os braços.

Minha mão avançou por cima da mesa e mandou pelo ar o bloquinho de papel e as canecas de café. Eu me levantei, inclinei-me sobre a mesa, apoiando as mãos espalmadas sobre o tampo, e gritei, diante das duas caras assustadas:

– *Eu ESTOU dizendo a verdade!*

Pepper estendeu as mãos.

– Calma! Não há por que ficar alterada...

Virei a mesa. E, no momento em que eles saíam da minha frente e corriam porta a fora, gritei:

– Não digo mais merda nenhuma enquanto vocês não me trouxerem tiras *competentes!*

Depois que me deixaram sozinha na sala, vi o estrago e fiquei abismada: eu tinha até quebrado as duas canecas. Levantei a mesa, peguei o bloco e, usando algumas folhas de papel, tentei limpar o café derramado. Após alguns minutos, Pepper voltou para pegar o bloco, que agora estava em cima da mesa. Com uma das mãos abertas diante do corpo e a outra agarrada ao bloco de papel, junto ao peito, ele saiu da sala caminhando de costas, em câmera lenta.

– Fique calma. Chamamos algumas pessoas para falar com a senhora.

A frente da calça dele estava encharcada com o café que eu havia derramado ao virar a mesa. Eu queria entregar os cacos das canecas e pedir desculpas, mas ele saiu dali, rápido como um relâmpago.

Ri durante alguns segundos, e então apoiei a testa na mesa e comecei a chorar.

VIGÉSIMA SESSÃO

Não sei se você viu o artigo que saiu no jornal este fim de semana, doutora, mas a polícia encontrou dentro de um galpão, na casa do tal adolescente, alguns itens roubados. Na verdade, a casa é dos pais do moleque. De todo modo, telefonei para o policial que investigou o arrombamento ocorrido lá em casa, para perguntar se entre os achados havia algum pertence meu, mas ele disse que todos os itens já tinham sido identificados pelos respectivos donos. Mais tarde, eu me lembrei de mais uma informação no artigo: todos os arrombamentos aconteceram à noite.

Então, por que um ladrão, ainda mais um ladrão adolescente, mudaria seus hábitos para arrombar minha casa? Ele precisou calcular o tempo certo para saber a hora exata que eu saía para correr... mas por que não roubou nada?

Comecei a pensar na maneira como o Maníaco planejava meu sequestro, chegando no final do plantão, num dia de calor de verão, sabendo que o movimento estaria fraco. O Maníaco, que disse que não havia sido fácil montar o chalé. O Maníaco, que talvez tivesse contado com alguma ajuda...

E se ele tivesse um comparsa?

Talvez um amigo, ou, sei lá, um irmão louco que estivesse furioso porque eu o matei. Eu achava que a pessoa que arrombou minha casa tinha esperado que eu sasse. Mas e se ele quisesse me pegar *em casa*? Meu carro estava na garagem e era bem cedo. Mas por que o sujeito viria me pegar depois de tanto tempo?

Quando chegou a segunda-feira, eu estava tão obcecada pela ideia que resolvi telefonar para o Gary e perguntar se, por acaso, o Maníaco não teria algum comparsa. Essa merda é como um câncer... se a gente não arranca todas as células doentes, a coisa ressurge, num tumor ainda maior. Mas o celular dele estava desligado e, quando liguei para a delegacia, me disseram que ele estaria fora até o próximo fim de semana.

Fiquei surpresa ao constatar que ele não tinha me dito que sairia da cidade, pois costumamos nos falar mais de uma vez por semana. Ele é sempre amável quando eu ligo, e nunca diz coisas idiotas, do tipo “Como posso ajudá-la?”. Isso é muito bom, pois nem sempre eu sei por que telefono para ele. De início, as ligações nem eram um ato consciente. Quando tudo no meu mundo parecia estar fugindo ao meu controle, eu me via com o telefone na mão. Às vezes, eu nem conseguia falar... Felizmente, ele tem um identificador de chamadas. Esperava alguns segundos e, se eu continuasse muda, começava a falar sobre meu caso, fornecendo qualquer nova informação. Então ele me contava algumas histórias engraçadas envolvendo policiais, até que eu me sentisse melhor e desligasse, às vezes sem me despedir. Uma vez, ele chegou a descrever a maneira correta de limpar uma arma, até que eu finalmente o liberei. É incrível que o cara ainda

atendesse minhas chamadas.

Nos últimos meses, nossas conversas têm sido diálogos em vez de monólogos, mas ele nunca conta nada da sua vida pessoal, e algo no jeito dele me impede de insistir. Provavelmente, ele saiu da cidade para resolver algum assunto particular. Acho que tiras também têm questões pessoais.



Os policiais que dispensei me deixaram sozinha na sala por algumas horas, tempo suficiente para eu contar mais de uma vez todos os blocos de concreto. Fiquei imaginando se teriam telefonado para minha família, e quem viria falar comigo. Tirei a mochila das costas e a deixei no colo, acariciando o tecido áspero. De certo modo, o gesto era reconfortante. Nenhum daqueles idiotas se preocupou em perguntar se eu precisava usar o banheiro. Felizmente, eu estava treinada a segurar a vontade de fazer xixi, e não me ocorreu a ideia de simplesmente me levantar e sair da sala.

Por fim, a porta se abriu e um homem e uma mulher entraram, ambos de cara fechada e com roupas escuras. No caso do homem, um belo terno. Os cabelos curtos e grisalhos sugeriam 50 e poucos anos, mas o rosto era de um sujeito na casa dos 40. Com certeza, tinha mais de 1,80m, e os ombros erguidos e a coluna reta revelavam o orgulho que ele sentia da própria altura. Tinha uma aparência sólida. Serena. Se estivesse a bordo do *Titanic*, o sujeito não teria interrompido o cafezinho.

Trocamos um olhar e ele veio na minha direção, com passos suaves, comedidos, e a mão estendida.

– Oi, Annie, sou o sargento Kincade, da Unidade de Crimes Hediondos do município de Clayton Falls.

Nada naquele sujeito sugeria Clayton Falls, mas a figura dele sem dúvida significava um avanço em relação a Jablonski e seu assistente. O cumprimento foi vigoroso e, por algum motivo, os calos da sua mão me transmitiram uma sensação de alívio.

Em seguida, a mulher caminhou com passos firmes até onde eu estava. Era meio rechonchuda, seios enormes, devia ter uns 40 e tantos anos, mas tinha formas que ficavam bem marcadas no conjunto de saia e blazer. Os cabelos eram curtos e penteados, e eu seria capaz de apostar que ela lavava a meia-calça todas as noites e sempre usava sutiã de alças.

Ela me cumprimentou, sorriu e, com um leve sotaque de Québec, se apresentou:

– Sou a cabo Bouchard. É um prazer finalmente conhecer você, Annie.

Sentaram diante de mim. Os olhos do sargento se desviaram para a porta, onde o oficial velhote brigava com uma terceira cadeira.

– Pode deixar com a gente – disse Kincade. Jablonski parou no batente da porta, segurando a cadeira. – Mas um café seria bem-vindo.

Kincade voltou a olhar para mim. Arrisquei um sorriso, meu primeiro meio sorriso desde a morte da minha filha.

Eles haviam me chamado pelo meu primeiro nome, como se fôssemos íntimos, mas não tinham dito o primeiro nome deles.

– Vocês poderiam me apresentar seus cartões? – pedi. Os dois trocaram um olhar. O sujeito olhou nos meus olhos por um segundo e então empurrou um cartão sobre a mesa. Ela fez o mesmo. O primeiro nome dele era Gary; o dela, Diane. Gary falou primeiro.

– Então, Annie, como eu disse, nós dois pertencemos à Unidade de Crimes Hediondos de Clayton Falls, e sou o investigador responsável pelo seu caso. – A informação nada acrescentava para mim.

– O senhor não parece ser de Clayton Falls – comentei.

Uma sobrancelha se ergueu.

– Não?

Como não respondi, ele disse:

– Um médico já está a caminho. Ele vai precisar...

– Eu não preciso de um médico.

Nós nos encaramos por alguns instantes. Ele então deu início a uma série de perguntas genéricas, como data de nascimento, endereço residencial, emprego, coisas desse tipo. A tensão sobre meus ombros diminuiu.

Começou a falar sobre o dia em que fui sequestrada, e então parou.

– Você se importa se voltarmos a ligar a câmera, Annie?

– Me importo, sim, *Gary*. – O modo como ele falava meu nome me fazia lembrar do Maníaco. – E também não quero ninguém atrás daquele espelho.

– Não quero aborrecer você. – Baixando o queixo e inclinando a cabeça para o lado, ele me fitou com olhos cujo tom era cinza-azulado. – Mas isso facilitaria muito meu trabalho, Annie.

Bela manipulação. Mas, considerando que eu havia feito o trabalho dele, pois tinha conseguido minha própria libertação, não queria ajudá-lo ainda mais. Os dois continuavam calados, aguardando meu consentimento. Porém fiquei de boca fechada.

– Annie, o que você estava fazendo no dia quatro de agosto do ano passado?

Eu já não me lembrava da data em que tinha sido sequestrada.

– Não sei, *Gary*. Se você está se referindo ao dia em que desapareci, eu estava num plantão de vendas, era domingo, o primeiro fim de semana do mês. Acho que a partir daí você vai ter que tirar suas próprias conclusões.

– Você prefere que eu não a chame pelo primeiro nome?

Pega de surpresa por aquele tom de voz respeitoso, examinei sua expressão facial em busca de indícios de que ele estava sendo irônico. Mas só encontrei

sinceridade, o que me fez pensar se aquilo seria um truque para conquistar minha confiança ou se ele realmente falava sério.

– Tudo bem – disse eu.

– Qual o segundo nome da sua mãe, Annie?

– Ela não tem segundo nome. – Inclinando-me sobre a mesa, eu disse num sussurro exagerado: – Já passei na prova?

A necessidade de identificação era compreensível, mas... que merda!... eles tinham fotos e, com toda a certeza, meu aspecto não era de uma garota que tinha acabado de ter um ano maravilhoso. Eu era só pele e ossos, com os cabelos ralos e um vestido todo encardido.

Por fim, ele passou a fazer perguntas diretas sobre o que havia ocorrido comigo. Eu disse que o Maníaco tinha me sequestrado durante o plantão. Mencionei o nome verdadeiro dele. Ao menos, o nome que ele havia me dito. Eu ia acrescentar novas explicações, mas Gary me interrompeu.

– Onde está ele agora?

– Está morto. – Os dois oficiais me olharam com atenção, mas eu não faria novas revelações antes que eles respondessem algumas das *minhas* perguntas.

– Onde está minha família?

– Telefonamos para sua mãe. Ela vai estar aqui amanhã – respondeu Gary.

Fiquei com lágrimas nos olhos diante da ideia de rever minha mãe. Encarei então a mochila e contei os fios do tecido. Mas por que ela não estava ali agora? Já fazia horas que eu tinha entrado naquela espelunca. Quanto tempo demorava para chegar ali de carro? A dupla à minha frente não havia demorado muito.

– Eu quero saber onde estou.

– Desculpe – disse Gary. – Achei que você soubesse que estamos em Port Northfield.

– Você pode me mostrar no mapa?

Gary fez um sinal de assentimento para Diane, que saiu da sala. Quando ela voltou com o mapa, ele apontou um vilarejo a noroeste de Clayton Falls, na costa oeste de Vancouver Island. As estradas para as cidades menores costumavam ser ruins e era preciso dirigir devagar. Calculei que a viagem até Clayton Falls demorasse ao menos quatro horas.

– Como foi que vocês chegaram aqui tão depressa?

– Helicóptero – respondeu Gary. A visão da chegada do helicóptero deve ter deixado a cidade em polvorosa.

Então eu estava certa. Meu cativo não ficava muito longe da minha cidade. Olhei para o dedo de Gary apoiado sobre o ponto preto correspondente a Port Northfield e lutei para conter as lágrimas.

– Como foi que você chegou aqui? – perguntou Gary.

– De carro.

– De onde você veio? – ele perguntou, batendo com os dedos no tampo da

mesa.

- De um chalé, na montanha.
- Quanto tempo levou para chegar até aqui?
- Mais ou menos uma hora.

Ele fez que sim e apontou uma montanha no mapa, perto do ponto que indicava o vilarejo.

– Seria aqui? Em Green Mountain? – Alguém sem muita imaginação tinha batizado o lugar: Montanha Verde.

– Não sei. Eu estava na própria montanha. Eu não estava olhando para ela do alto.

Ele pediu a Diane que conseguisse um mapa do vilarejo. Gary e eu ficamos sentados, um diante do outro, até que ela retornasse. O único ruído era o do pé dele batendo no chão, embaixo da mesa. Quando ela voltou, Gary me entregou uma caneta e pediu que eu traçasse a rota por onde tinha passado. Tentei desenhar o percurso da melhor maneira possível.

– Você seria capaz de nos levar até lá?

– Não volto lá de jeito nenhum. – Eu ainda estava com as chaves do carro na mão e as empurrei sobre a mesa, na direção de Gary. – A van está estacionada do outro lado da rua.

Ele pediu a Diane que fosse lá fora, levando as chaves. Ela deve tê-las entregado a alguém, pois voltou em questão de segundos. Algo perturbava minha mente. Se eu estava a apenas quatro horas de distância, minha mãe poderia ter saído logo e chegado a Port Northfield naquela noite.

– Por que minha mãe vai demorar tanto para chegar aqui?

– Seu padrasto vai trabalhar hoje à noite e eles só podem vir amanhã de manhã. – Gary deu a informação como algo factual, mas eu fiquei me perguntando por que minha mãe não teria vindo sozinha. E mais: desde quando Wayne trabalhava à noite? Já era algo difícil ele ter um emprego! Concluí que Gary teria pedido que só viessem no dia seguinte, para poder me interrogar sem a presença deles.

Gary pediu licença e me deixou durante alguns minutos a sós com Diane. Fixei os olhos na parede, num ponto acima da cabeça da policial.

– Sua mãe vai chegar logo. Ela ficou tão feliz em saber que você havia sido encontrada! Ela sentiu muito sua falta.

Eu não fui *encontrada*. Eu os tinha encontrado.

Quando voltou, Gary disse que tinha dado ordens de busca ao chalé. Um dos policiais costumava caçar naquela região e achava que conseguiria reconhecer o local. Eu ainda não tinha dito que havia matado o Maníaco, tampouco havia falado sobre minha filha. Quando pensei na quantidade de perguntas que eles me fariam, minha cabeça começou a doer. Eu precisava ficar longe daquela gente.

– Não quero responder a mais nenhuma pergunta.

Gary parecia querer insistir, mas Diane sugeriu:

– Que tal dormirmos uma boa noite de sono e recomeçarmos de manhã? Tudo bem, Annie?

– Sim, claro.



Reservaram um quarto num hotel para mim e ocuparam quartos contíguos, um de cada lado. Diane perguntou se eu gostaria que ela ficasse no meu quarto, mas logo descartei a possibilidade: não estava disposta a conversinhas íntimas no meio da noite. Perguntou também se eu queria comer alguma coisa, mas meu estômago estava embrulhado e declinei com educação. Não senti vontade de ligar a TV, e não havia telefone no quarto. Portanto, fiquei deitada na cama, olhando para o teto até escurecer, e então apaguei a luz. Quando estava prestes a pegar no sono, eu me senti oprimida pelo peso da escuridão, e ouvi ruídos: uma porta rangendo, uma janela *se abrindo*? Pulei da cama, mas, quando acendi as luzes, não vi nada. Peguei um travesseiro, um cobertor, a mochila e me enfiei no closet, onde dormi um sono agitado, até escutar a camareira empurrando um carrinho pelo corredor na manhã seguinte.

Minutos depois, Diane bateu à minha porta, com um olhar animado, os cabelos presos num rabo de cavalo, trazendo café e um muffin. Sentou na beira da cama falando alto, perturbando minha cabeça, enquanto eu tentava comer o bolinho aos pedaços. Não queria tomar banho enquanto ela estivesse no quarto, então lavei o rosto e dei duas escovadas no cabelo.

Ela me levou de volta à saleta de concreto da delegacia, onde Gary já estava sentado com uma bandeja de café servido em copos de isopor. Enquanto Diane e eu nos acomodávamos, uma policial jovem e bonita trouxe blocos de papel, enrubescendo e olhando de lado para Gary no momento em que lhe entregou o material. Ele olhou para ela ao agradecer e então se concentrou em mim. Quando ela saiu da sala, sua decepção era visível. Gary usava outro elegante terno azul-marinho com riscas de giz e uma camisa cinza-azulada que realçava os cabelos ligeiramente grisalhos. Eu me perguntei se ele não teria escolhido a camisa propositadamente.

Ao me ver arregalar os olhos na direção do espelho, Gary disse:

– Não há ninguém ali, e só vamos ligar a câmera se você permitir.

Querendo enxergar através do vidro, encarei o espelho e abracei a mochila.

– Você vai se sentir mais segura se der uma olhada do outro lado?

Fiquei surpresa com a proposta. Examinei o rosto do oficial e concluí que ele falava a verdade e que, portanto, a verificação não fazia sentido. Balancei a cabeça.

Ele começou pedindo que eu descrevesse o mais detalhadamente possível

como o Maníaco havia me sequestrado. Sempre que fazia uma pergunta, ele se inclinava para trás na cadeira, as mãos espalmadas sobre o tampo da mesa. Enquanto eu respondia, ele se inclinava para a frente, com os braços apoiados sobre a mesa e a cabeça enviesada.

Tentei descobrir o padrão das perguntas, mas era impossível prever as direções que ele tomava. Era difícil até entender a relevância de algumas indagações. Suados, meus cabelos colavam na nuca.

Relatar o ocorrido naquele dia e descrever o Maníaco me deixou de boca seca e fez meu coração saltar dentro do peito, mas mantive o autocontrole até o momento em que Gary me disse que os tiras que investigaram a “cena do crime” tinham encontrado o corpo do Maníaco.

– Parece que ele foi atingido por um golpe na cabeça. Foi assim que ele morreu, Annie?

Corri os olhos de um para outro, querendo ler a mente dos dois. O tom de voz de Gary não era acusador, mas a tensão na sala tinha aumentado.

Eu não havia sequer imaginado o que as pessoas que não vivenciaram minha experiência pensariam sobre minhas escolhas e ações. A sala estava quente, e o perfume de Diane inundava o pequeno recinto. Eu me perguntei como Gary se sentiria se eu vomitasse em cima daquele belo terno. Ergui o rosto e olhei dentro dos seus olhos.

– Eu o matei.

– É meu dever adverti-la de que, a partir de agora, você não precisa dizer mais nada – disse Gary –, e que qualquer declaração poderá ser usada em juízo como prova contra você. Você tem direito a um advogado durante o interrogatório. Se não tiver condições financeiras para contratar um, podemos fornecer alguns números de telefone, para aconselhamento jurídico. Fui claro?

As palavras pareciam rotineiras, e eu não achava que estava numa enrascada, mas pensei na possibilidade de solicitar um advogado. Contudo, a ideia de alongar o processo e falar com mais um sujeito de terno me causava dor de cabeça.

– Sim.

– Você não quer um advogado? – perguntou ele casualmente, mas eu tinha certeza de que ele não queria que eu fizesse a solicitação.

– Não.

Gary fez uma anotação.

– Como você o matou?

– Com um golpe de machado, na nuca.

Juro que minha voz ecoou e, embora estivesse quente como o inferno, senti um forte calafrio. Gary cravou os olhos em mim, como se quisesse ler meus pensamentos, e eu me ocupei em rasgar o copo de isopor em pedacinhos.

– Ele a atacou naquele momento?

– Não.

– Por que você o matou, Annie?

Ergui o rosto e olhei-o nos olhos. Que pergunta mais imbecil!

– Talvez porque ele me sequestrou, me espancou, me estuprou quase todas as noites e... – Eu me calei, antes de mencionar a criança.

– Você se sentiria mais à vontade falando com a cabo Bouchard? – O semblante de Gary ficou sério enquanto ele aguardava minha resposta.

Encarando os dois, tive vontade de esfregar na cara de Diane o ar de pena que ela aparentava. Eu sabia que era preferível lidar com a abordagem direta de Gary a continuar a ser alvo daquele olhar compassivo.

Sacudi a cabeça, e Gary fez mais uma anotação. Em seguida, inclinou-se tanto sobre a mesa que pude sentir um perfume de canela no seu hálito.

– Quando você o matou?

O tom de voz era calmo, mas não gentil.

– Poucos dias atrás.

– Por que você não foi embora imediatamente?

– Eu não pude.

– Por que não? Você estava presa?

Os dedos de Gary tamborilavam no tampo da mesa e a cabeça se inclinou para o lado.

– Não foi isso que eu quis dizer.

Minha vontade era de levantar e sair porta afora, mas a firmeza da voz dele me mantinha grudada na cadeira.

– Então, por que você não pôde ir embora?

– Eu estava procurando uma coisa.

A bile subiu à garganta.

– O quê?

Meu corpo ficou ainda mais frio, e a silhueta de Gary se tornou embaçada diante dos meus olhos.

– Encontramos um cesto – disse ele. – E roupas de bebê.

O velho ventilador de teto rangia enquanto girava e, por um instante, me perguntei se não cairia na minha cabeça. Não havia janela na sala, e eu não tinha como respirar um pouco de ar puro.

– Existe um bebê, Annie?

Minha cabeça latejava. *Eu não queria chorar.*

– Existe um bebê, Annie?

Gary não calava a porra da boca.

– Não.

– *Existiu* um bebê, Annie?

A voz agora era gentil.

– Sim.

– Onde está o bebê agora?

– Ela... minha bebê... morreu.

– Sinto muito, Annie. – O tom de voz ainda era gentil e baixo. Ele parecia sincero. – Isso é terrível. Como sua bebê morreu?

Foi a primeira pessoa a expressar condolências. A primeira pessoa a lamentar a morte da minha filha. Olhei para os pedaços de isopor na mesa. Alguém respondeu, mas não achei que fosse eu.

– Ele... não sei.

Eu me agarrei à calma na voz de Gary no momento em que ele disse, delicadamente:

– Onde está o corpo dela, Annie?

Uma voz estranha respondeu:

– Quando acordei, ele tinha levado a bebê. Estava morta. Não sei para onde ele levou minha filha. Não me disse. Procurei por todo lado. *Todo lado*. Vocês precisam procurar, está bem? Por favor, encontrem minha bebê, por favor... – Minha voz falhou, e eu me calei.

Os ombros de Gary se contraíram, as faces ficaram vermelhas sob a pele bronzeada, os maxilares se retesaram e as mãos, apoiadas sobre a mesa, cerraram-se, como se ele quisesse socar alguém. De início, pensei que estivesse zangado comigo, mas logo percebi que a fúria era direcionada ao Maníaco. Os olhos de Diane brilhavam à luz fluorescente. As paredes pareciam se fechar. Meu corpo estava encharcado de suor. Soluços tentavam escapar da minha garganta, mas, como eu não conseguia respirar, ficavam trancados, me sufocando. Quando tentei ficar de pé, a sala adernou. Derrubei a mochila no chão e me agarrei ao espaldar da cadeira, que começou a escorregar. Meus ouvidos zuniam.

Diane correu para me amparar e me deitou lentamente no chão, segurando-me por trás. Quanto mais eu tentava injetar ar nos pulmões, mais a garganta se fechava. Eu ia morrer ali, naquele chão frio.

Chorando e com ânsia de vômito, empurrei as mãos de Diane e tentei me livrar dela, porém quanto mais eu lutava, com mais força ela me segurava. Ouvi gritos e percebi que eram meus. Não consegui parar de gritar, e eles reverberavam nas paredes e ecoavam dentro da minha cabeça.

O café e o muffin voaram por cima de nós duas. Mas ela não me soltou. Minha cabeça permanecia apoiada naqueles seios enormes, que cheiravam a cookies de baunilha. Gary agachou-se diante de nós, dizendo algo que eu não conseguia entender. Enquanto Diane me sacudia de um lado para outro, eu me esforçava para readquirir o controle, mas minha mente e meu corpo não ajudavam. Fiquei estirada no chão, soluçando e gritando.

Os gritos finalmente pararam, mas eu sentia muito frio, e as vozes pareciam distantes. Diane murmurou:

– Está tudo bem, Annie... você está segura agora.

Que besteira. Eu queria dizer a ela que nunca mais as coisas estariam bem, que eu jamais me sentiria segura, mas, quando tentava articular as palavras, meus lábios se congelavam. Então vi dois pés à minha frente, ao lado da figura de Gary. Uma voz disse:

- Ela está com falta de ar. Annie, sou o Dr. Berger. Tente respirar lentamente.
- Mas eu não conseguia. E depois disso não me lembro de mais nada.

VIGÉSIMA PRIMEIRA SESSÃO

Finalmente falei com o Gary, doutora, mas não creio que me sinta melhor. Ele não me disse onde esteve – não perguntei, ele não falou –, o que me deixou meio chateada. Quando comentei o horário dos arrombamentos e minha nova teoria sobre o “amigo do Maníaco”, ele disse que o garoto talvez tivesse mudado o horário para despistar a polícia, ou que talvez aquele fosse um arrombamento “de oportunidade”: o ladrão podia estar passando pela vizinhança no momento em que me viu sair com a Emma.

Eu ainda remoía a questão quando ele disse:

– Esses caras geralmente trabalham sozinhos.

Geralmente? Perguntei ao Gary qual era o sentido daquele *geralmente*, e ele disse que conhecia alguns casos em que dois caras trabalhavam juntos, um descobrindo a oportunidade, outro cometendo o roubo, mas que duvidava que isso pudesse ter acontecido comigo, pois trabalho em dupla não coincidia com o perfil do Maníaco. Então, ele perguntou:

– E, além do comentário de que tinha sido difícil conseguir o chalé, ele nunca fez ou disse qualquer coisa que sugerisse a participação de um comparsa, certo?

– Acho que não. Mas ele tinha uma antiga foto minha, e isso está me levando à loucura.

– Que foto? Você nunca falou nessa foto.

Gary então me bombardeou com as perguntas que tenho feito a mim mesma: “Onde o Maníaco teria conseguido a foto?” “Por que ele queria aquela foto especificamente?” E aí ele disse uma coisa que ainda não faz sentido:

– Isso quer dizer que qualquer pessoa teria acesso àquela foto, se ela estava no seu escritório na imobiliária.

A última pergunta foi:

– Alguém sabe que você trouxe a foto de volta?

Quando respondi que não, ele me orientou a manter a questão em sigilo.



Segundo me lembro, foi a primeira vez que me senti pior depois de ter falado com ele. Fiquei com um mau humor tão grande que acabei descontando no Luke. Já não sei o que está acontecendo com a gente. Eu achava que nosso encontro e uma conversa franca nos aproximassem, mas atualmente, quando conversamos, a coisa fica meio sem graça, e a última vez que ele telefonou encerrei logo o papo, dizendo que estava querendo dormir. E não estava sequer cansada.

Pelo jeito, não consigo esquecer que Luke se atrasou naquele dia. Será que ele ficou conversando com algum cliente, enquanto eu era sequestrada? Por que ele

não foi até o plantão assim que viu que eu não estava em casa? E por que diabos não chamou a polícia ao perceber que havia algo errado? Ele poderia ter esperado para telefonar para minha mãe. Estou sendo extremamente crítica, pois sabe Deus qual seria minha reação se eu estivesse no lugar dele, mas acho que cada segundo de hesitação diminuiu minhas chances de ser encontrada.

Na época em que tínhamos uma relação, eu achava o Luke um cara tranquilo, mas agora começo a pensar se ele não é indiferente. Ele se queixa de uma garçonzete, de algum cozinheiro, mas *não faz nada* a respeito.

Durante todo o tempo em que estivemos juntos, Luke sempre foi paciente, afetuoso, sincero... sempre muito *gentil*. Às vezes – por exemplo, na ocasião em que fui sequestrada – eu me perguntava se não merecia algo além de gentileza, mas na montanha eu só pensava no cara maravilhoso que ele era. Agora, ele continua paciente, afetuoso e sincero... é o homem mais gentil que conheço. Então, que diabos há comigo?



Minha primeira imagem após o colapso nervoso que sofri na delegacia foi de minha mãe e Gary ao pé da cama, no hospital. Nenhum sinal de Wayne. Só percebi a presença de Diane, sentada numa cadeira ao meu lado, quando ela disse:

– Vejam quem acordou!

Ela me ofereceu um sorriso amável e me abraçou, o que me fez ficar vermelha. Então, minha mãe viu que eu estava acordada e quase arrancou o soro do meu braço, pois pulou em cima de mim, chorando:

– Minha menina, minha Annie!

Não sei que merda os médicos tinham me dado, mas comecei a sentir náusea, e disse que iria vomitar. Em seguida, caí no choro. Um médico tentou pegar no meu braço, mas eu o empurrei. Depois disso, várias outras mãos tentaram me segurar, e lutei contra todas elas. Senti uma picada no braço. Quando acordei de novo, meu padrasto estava sentado ao meu lado, segurando nas mãos o chapéu de caubói. Assim que abri os olhos, ele pulou da cadeira.

– Vou chamar a Lorraine... ela saiu para dar um telefonema.

– Espere que ela acabe – murmurei. Minha garganta estava dolorida de tanto que havia gritado, e os medicamentos a haviam deixado ressecada. – Você pode me dar um pouco de água?

Ele deu um tapinha no meu ombro e disse:

– É melhor eu chamar uma enfermeira. – Dito isso, saiu porta afora, mas os medicamentos voltaram a fazer efeito e eu já dormia quando ele voltou.

Hospitais são lugares estranhos. Médicos e enfermeiras tocam e cutucam o corpo da gente em pontos que jamais permitiríamos, e, naquele primeiro dia, tive

ao menos dois ataques de pânico. Deram-me algo para combater a ansiedade, algo para dormir, que no dia seguinte me causava uma sensação de ressaca, e então algo para diminuir o enjoo. O hospital era pequeno, de modo que geralmente eu era atendida pela mesma enfermeira, que sempre me chamava de “querida”, falando com extrema meiguice. Meus olhos sempre se enchiam de lágrimas, e eu sentia vontade de pedir a ela que parasse com aquilo, mas, envergonhada, eu virava o rosto de lado até que ela saísse do quarto. Antes de sair, ela passava a mão cálida pelo meu braço e apertava levemente meus dedos.

No segundo dia no hospital, quando eu estava um pouco mais calma, Gary me disse que a Promotoria estava examinando as declarações que eu tinha prestado na delegacia, a fim de decidir se pesaria sobre mim alguma acusação.

– *Acusação? Qual?*

– Houve uma morte, Annie. Apesar das circunstâncias, é preciso abrir um processo.

– *Vocês vão me prender?*

– Não creio que a Promotoria siga nessa direção, mas é meu dever informá-la sobre o que está acontecendo.

De início, fiquei assustada, e me arrependi de não ter pedido um advogado, mas, quando olhei para o rosto de Gary ruborizado, notei que ele estava constrangido como o diabo.

– *Ora! Se a Promotoria decidir me acusar, vai fazer papel de boba.*

– *Nisso você tem razão* – disse Gary sorrindo.

Ele começou a fazer algumas perguntas sobre o Maníaco e, quando cocei o pescoço, notei que estava sem o colar.

– *Os médicos retiraram o colar quando você foi hospitalizada* – explicou Gary.

– *Será devolvido quando receber alta... está guardado com seus demais pertences.*

– *O colar não era meu. Foi ele que me deu... disse que tinha sido comprado para outra moça.*

– *Que outra moça? Por que você não disse nada sobre isso antes?*

Magoada pelo tom de voz brusco, respondi:

– *Eu me acostumei a usar o colar e me esqueci... Talvez, se vocês diminuíssem um pouco a intensidade do interrogatório, eu tivesse uma chance de falar no assunto. Além disso, caso não tenha notado, eu estive ligeiramente fora de mim.* – Mostrei o braço com o soro espetado.

– *Desculpe, você tem razão, Annie* – disse ele num tom mais sereno. – *Você tem sido bombardeada com perguntas difíceis, mas é importante que nos conte tudo.*

Nos dias seguintes, procurei falar tudo o que sabia sobre a história do Maníaco, mencionando inclusive a mãe, o pai e a mulher que pilotava helicóptero. Gary fazia muitas perguntas e, às vezes, quando se inclinava em minha direção, seu

corpo parecia tenso e rígido, mas ele mantinha um tom de voz calmo e me deixava prosseguir segundo meu próprio ritmo. Quando falávamos nos estupros, ou no sistema de horários e castigos do Maníaco, ele apertava a caneta enquanto fazia anotações, mas não perdia a expressão facial de neutralidade. Na maioria das vezes, eu não conseguia encará-lo. Eu fixava o olhar na parede, contava as ranhuras e narrava os abusos sofridos como quem lista os ingredientes de uma receita vinda do inferno.

Minha mãe insistia em ficar ao meu lado sempre que Gary falava comigo, e pedia a meu padraсто que fosse buscar um café. Nunca vi um sujeito parecer tão aliviado. Se eu hesitasse um único segundo diante de uma pergunta de Gary, minha mãe intercedia, dizendo que eu parecia cansada ou pálida, e sugeria que chamássemos um dos médicos. Mas a meu ver ela é que parecia pálida, sobretudo quando eu falava nos estupros. Ela criou a mania de prender a manta com firmeza em volta do meu corpo. Quanto mais duras as palavras, mais ela ajustava a manta, como se quisesse prender as palavras dentro de mim. O gesto não me agradava, mas eu sabia que ela se sentia muito impotente ao ouvir tudo o que eu tinha passado, e, que droga!... se aquilo fazia com que ela se sentisse melhor... Além do mais, eu não tinha forças para me opor.



No terceiro dia no hospital, Gary me disse que as adaptações que o Maníaco tinha feito no chalé haviam ajudado a convencer a polícia de que eu falava a verdade, e disse também que tinha quase certeza de que a Promotoria não apresentaria qualquer acusação contra mim. Àquela altura, Diane já não o acompanhava e Gary comentou que ela havia retornado a Clayton Falls, a fim de cuidar de “outros aspectos da investigação”.

Eu tentava ser paciente quando Gary me pedia que descrevesse as mesmas situações repetidas vezes, pois sabia que estava sendo difícil reconhecer a identidade do Maníaco. O fato de não haver impressões digitais dele era um grande obstáculo. Uma amostra da ponta do dedo dele foi coletada para exame de DNA, mas Gary disse que esse tipo de análise só é útil quando existe algo com que se possa comparar e, nesse sentido, o banco de dados não tinha pista alguma. O rosto do Maníaco estava em péssimo estado depois de seu corpo ter permanecido dentro do galpão de metal em pleno verão. Uma foto foi tirada e em seguida um retrato falado foi feito, mas a polícia ainda não tinha chegado a qualquer conclusão. Quando perguntei sobre os exames da arcada dentária, Gary afirmou que não haviam sido conclusivos. Nem mesmo a van ajudava muito. O veículo e as placas tinham sido roubados no estacionamento de um shopping center que não contava com câmeras de segurança.

– Você acha que a gente ainda vai descobrir quem ele era? – perguntei um dia.
– Ou quem eram as outras garotas que ele machucou?

– Tudo do que você se lembrar vai ser de grande ajuda.

Eu me aprumei na cadeira para poder encará-lo.

– Não precisa repetir o que está no manual de treinamento da polícia... Eu quero saber o que você acha. O que você *realmente* acha.

– Sinceramente, não sei, Annie. Mas vou fazer o que estiver ao meu alcance para lhe dar uma resposta. Você merece. – Havia nos olhos dele uma determinação fervorosa que até então eu não tinha visto. – Seria bem mais fácil se sua mãe não ficasse aqui enquanto conversamos. Você concorda com isso?

– Concordo. É difícil falar dessas coisas diante dela.

Quando minha mãe voltou, cheirando a cigarro, Gary ponderou:

– Acho que seria melhor se eu conduzisse a entrevista sozinho, Lorraine.

Ela segurou minha mão e disse:

– A Annie precisa de alguém da família ao lado dela.

– Isso tudo deixa a senhora muito abalada, mãe. – Apertei sua mão. – Eu vou ficar bem.

Ela correu o olhar de Gary para mim.

– Se é isso que você quer, Annie... mas o Wayne e eu vamos ficar sentados ali fora, caso você precise de nós.

Em meio às entrevistas conduzidas por Gary e às cutucadas dos médicos, aqueles dias são hoje uma imagem embaçada. Era desagradável não poder deixar o hospital, visto que eu estava desidratada, sem falar nos outros problemas. Depois do meu colapso nervoso na delegacia e da minha reação no hospital, os médicos tinham medo de que eu fosse uma ameaça a mim mesma e decidiram me manter internada, em observação. Após alguns pesadelos terríveis e mais um ataque de pânico, provocado por uma das conversas com Gary, os médicos começaram a brincar com as dosagens: eu alternava estados de excitação e depressão, e era cada vez mais difícil separar sonho e realidade. Eu escutava o choro de um bebê e achava que tinham encontrado minha filha, ou acordava com um médico inclinado sobre mim e, em pânico, pensando que fosse o Maníaco, empurrava-o para longe. Voltei a viver sob terror, pois os últimos resquícios do meu autocontrole se esvaíam, rendendo-se aos medicamentos.

Foi em meio àquele caos interminável, provocado pelas perguntas, pela presença de uma mãe superprotetora e pelos médicos ávidos por administrar medicamentos, que Luke e eu tivemos nosso estranho encontro. Christina se livrou de tudo aquilo pois estava num cruzeiro no Mediterrâneo. Tia Val tinha vindo me visitar e trouxe um enorme buquê de flores, mas minha mãe só permitiu 15 minutos de conversa fiada, e disse a ela que eu precisava descansar. Na verdade, achei tia Val mais sensível do que de nunca, e ela até me perguntou se poderia fazer algo por mim, “qualquer coisa”. Ela deve ter dito algo que aborreceu minha mãe, pois só voltei a vê-la depois que recebi alta.

Eu estava no hospital havia oito dias quando minha mãe e Wayne voltaram

para Clayton Falls. O hotel era caro demais para eles. Depois que foram embora, eu me dei conta de que estava deixando minha mãe, a polícia e os médicos decidirem o que era melhor para mim. Estava na hora de eu mesma tomar algumas decisões.

Na manhã seguinte, não aceitei os medicamentos trazidos pela enfermeira. O médico foi chamado e disse que, se não tomasse os remédios, eu teria de concordar em consultar um terapeuta. Até aquele momento eu havia recusado assistência psicológica, mas resolvi dizer sim a qualquer coisa que me fizesse sair dali.

O hospital era tão pequeno que não contava com uma ala de psiquiatria, nem com um terapeuta residente. Portanto, chamaram um jovem, provavelmente recém-formado. Apesar das perguntas ridículas, eu me apresentei como alguém absolutamente são, embora derramasse lágrimas suficientes para que ele não pensasse que eu estava lidando *bem demais* com aquilo tudo. Eu preferia caminhar sobre brasas a dizer àquele cara a verdade sobre como eu me sentia.

Os médicos não me autorizavam a ler os jornais e o tédio me deixava cada vez mais irritada. Gary começou a trazer revistas de moda sempre que vinha falar comigo, provavelmente para se defender de mim.

– Quer que eu recorte algumas fotos desses terninhos? – perguntei a primeira vez que ele me entregou uma revista.

Sorriu e atirou sobre a cama algumas barras de chocolate.

– Tome... talvez essas barrinhas consigam manter ocupada essa língua afiada.

Começou a me trazer também café, misturado com um pouco de chocolate quente, além de palavras cruzadas. Eu não me incomodava tanto com as perguntas quando ele me trazia presentes. Na realidade, ele estava se tornando o ponto alto dos meus dias. E a voz dele, suave e meiga, só ajudava nessa questão. Às vezes, eu fechava os olhos e prestava atenção na voz. Ele precisava repetir algumas perguntas, mas a voz nunca soava irritada... intrigada, sim; irritada, nunca.

Quando pedi que me falasse do seu trabalho e do posto que ocupava, ele disse que havia um sargento, dois cabos e alguns policiais trabalhando sob sua supervisão. Ele *era* o chefe. Não de toda a delegacia, mas da Unidade de Crimes Hediondos, e isso era reconfortante. Mas ele sempre se fechava quando eu fazia perguntas específicas sobre a investigação, e dizia que me responderia assim que tivesse “informações concretas”.

Uma vez, entrou na sala bem no final de uma das minhas sessões com o terapeuta e quis logo ir embora, mas pedi que ficasse. O terapeuta me fez a seguinte pergunta: “Você tem raiva do homem que a sequestrou?” Postado atrás do sujeito, Gary suspendeu uma das sobancelhas, o olhar fixo em mim, e tive que me segurar para não rir.

Depois de duas semanas de médicos, gelatina de hospital e passeios dentro do

quarto, recebi o laudo final do terapeuta, que não via motivo que me impedisse de ir para casa. Mas os médicos precisavam avaliar o diagnóstico antes de me darem alta. Minha liberdade ali não era maior do que quando estava na montanha.

Acho que o terapeuta declarou que meus atos eram “compatíveis” com o trauma sofrido, e a Promotoria havia decidido, oficialmente, não apresentar denúncia contra mim. No fim das contas, aquele terapeuta serviu para alguma coisa. Mas os médicos ainda não tinham definido a data da minha liberação.

Gary me disse que a Polícia Montada canadense estava bastante interessada no meu caso, pois queria descobrir o máximo sobre o Maníaco. Não apenas na expectativa de solucionar casos antigos, mas também para auxiliar investigações futuras. Às vezes, suspêndiamos a conversa sobre a montanha e ele me atualizava em relação ao que estava acontecendo pelo mundo, ou então ficávamos fazendo palavras cruzadas juntos. Dias se passaram desde o laudo do terapeuta.



– Você precisa me tirar daqui – eu disse a Gary quando ele chegou de manhã trazendo dois cafés. – O terapeuta afirmou que eu posso ir para casa... Esses médicos estão de sacanagem comigo e eu estou ficando *maluca*. Estou sendo tratada como a porra de uma prisioneira. *Eu* sou a vítima aqui... isso tudo é uma grande babaquice.

Ele depositou o café sobre a mesa de cabeceira e, com um sinal afirmativo de cabeça, saiu porta a fora. Meia hora mais tarde, estava de volta.

– Você só tem que esperar mais uma noite. Amanhã estará livre.

Ao me sentar na cama, perguntei:

– Você não atirou em ninguém, atirou?

– Nada tão drástico. Só uns tirinhos à toa...

Algo me dizia que não tinha sido tão simples, mas, antes que eu pudesse pedir mais detalhes, ele pegou as palavras cruzadas na mesa de cabeceira, recostou-se na poltrona e disse:

– Humm. Acho que você não é tão boa quanto pensa... não consegui terminar esta aqui!?

– Ei! Você chegou e me interrompeu. Eu estava indo muito bem.

No momento em que ele cruzou as pernas, flagrei um sorriso furtivo no seu rosto e percebi que ele tinha conseguido habilmente mudar de assunto.



Minha mãe disse, ainda no hospital, que minha casa estava alugada. Fiquei tão feliz ao saber que não havia sido vendida que só pensei no fato de não ter onde

morar no dia em que Gary me disse que eu receberia alta. Pensei em pedir a Christina para ficar na casa dela, mas ela ainda não tinha voltado do cruzeiro. Então minha mãe telefonou e disse que ela e Wayne iriam me buscar. Eu sabia que haveria uma grande cena se eu dissesse que não queria morar no trailer. Portanto, resolvi lidar com a questão depois que estivesse em casa.

Na manhã em que recebi alta, Gary nos alertou de que provavelmente haveria fotógrafos esperando do lado de fora, e sugeri que saíssemos pelos fundos. Mas Wayne e minha mãe tinham entrado pela frente, e não haviam visto nenhuma câmera. Naturalmente, assim que pusemos o pé na rua, um enxame de fotógrafos veio em nossa direção. Minha mãe caminhava na minha frente, pedindo à imprensa que “nos desse um tempo”. Mas a voz dela era quase inaudível enquanto tentávamos atravessar a multidão agitada.

Paramos num posto de gasolina na saída de Port Northfield e minha mãe entrou para pagar enquanto Wayne abastecia o carro. Eu me escondi no banco traseiro. Quando voltou, minha mãe jogou um jornal por cima do banco e disse, sacudindo a cabeça:

– Alguém deu com a língua nos dentes.

CORRETORA DESAPARECIDA DEIXA O HOSPITAL. Sob a manchete, via-se uma foto antiga minha. Enquanto Wayne se afastava do posto de gasolina, li o artigo em estado de choque. Uma “fonte não identificada” tinha revelado ao jornal que eu receberia alta naquele dia. Segundo o sargento Gary Kincade, de Clayton Falls, eu não estava sob investigação... eu era uma mulher corajosa... e a polícia se empenhava na identificação do sequestrador morto.

Nunca revelei aos tiras o nome da minha bebê, mas alguém tinha informado ao jornal que eu havia tido uma filha, pois o artigo citava a opinião de um especialista sobre o efeito que a morte da criança havia tido sobre mim. Atirei o jornal no chão do carro e pisei-o com bastante força.

VIGÉSIMA SEGUNDA SESSÃO

Ainda bem que consegui me encaixar hoje, doutora. Se eu tivesse que lidar sozinha com essa merda que surgiu de repente, você acabaria me visitando no manicômio. Mas é provável que o manicômio seja até mais seguro. Você deve ter me visto no noticiário de novo. Que filho da mãe não terá visto?



Algumas noites atrás, peguei minha foto antiga que estava com o Maníaco. Não havia nela qualquer furinho que sugerisse a exposição em algum painel, e eu ainda não fazia a menor ideia do motivo pelo qual guardaria aquela imagem no meu escritório na imobiliária. E, por mais que eu tente pensar na origem da foto, a única coisa que me vem à cabeça é o Maníaco exibindo-a como um troféu.

Na manhã seguinte, saí para dar uma corrida. Depois que deixei a entrada da minha garagem, segui pela rua e, ao passar por uma van branca estacionada, chamei por Emma, que corria na minha frente, dizendo a ela que me esperasse antes de atravessar a próxima rua.

Preocupada com minha cadela, mal percebi a porta lateral do carro se abrindo. Ao passar pelo veículo, vi de relance uma silhueta grande, vestida de preto e com uma balaclava, avançando sobre mim. Virei-me ao tentar me desviar e torci o pé. Desabei na calçada, mordi a língua e arranhei as mãos no chão áspero.

No momento em que tentava me levantar, fui agarrada pelo tornozelo e arrastada. Cravei as unhas na calçada e dei pontapés, tentando soltar a perna. Por um instante, consegui me libertar e fiquei de joelhos, pronta para sair correndo. Então, fui amordaçada por uma grande mão e um braço me agarrou pela cintura, me suspendendo do chão e me pressionando contra um torso musculoso. A mão que me amordaçava puxou minha cabeça contra um ombro, enquanto o braço fazia-me expelir o ar de dentro do tórax. O corpo começou a se mover para trás. Meus calcanhares se arrastavam pela calçada. Emma correu rua abaixo, latindo.

Eu quis gritar, quis lutar, mas fiquei paralisada pelo medo. Tudo o que eu via era o Maníaco sorrindo, tudo o que eu sentia era a pistola pressionada nas minhas costas.

Chegamos ao carro. O homem transferiu o peso para uma das pernas e me segurou com mais força, como se fosse me suspender. Eu me lembrei do Maníaco fechando a porta do carro, passando pela frente do veículo, entrando...

Concentre-se! Você só tem alguns segundos. Não o deixe colocar você dentro do carro.

Mordi a mão que cobria minha boca e desferi uma série de pontapés. Ouvi um gemido. Enfiei os cotovelos por todos os lados e soquei o ponto que me parecia corresponder ao queixo. Fui atirada com tamanha força que me espatifei no meio-fio, batendo com a cabeça no chão. Doeu como o diabo, mas eu me virei e fiquei deitada de costas. No momento em que o cara tentou me agarrar, gritei com todas as forças e consegui acertar um chute no estômago dele. O cara gemeu, mas continuou tentando me segurar.

Rolei de um lado para outro, socando seus braços e gritando:

– SOCORRO! SOCORRO!

Ouvi rosnados e latidos. O homem ficou de pé.

Emma tinha pegado o cara pela perna e ele começou a chutá-la.

– NÃO TOQUE NA MINHA CADELA, SEU FILHO DA PUTA!

Ainda no chão, eu me apoiei nos cotovelos e dei um pontapé muito forte no meio das pernas dele. Curvado, o sujeito tropeçou, deu um passo para trás e caiu de joelhos, gemendo e arfando.

À minha esquerda, uma mulher gritou:

– Deixe a moça em paz!

O cara conseguiu se levantar e tentou passar por mim para chegar ao carro, mas Emma ainda o prendia pela calça. Agarrei a outra perna. Ele se livrou de nós duas e entrou no veículo. Emma mal pôde sair da frente quando ele disparou rua abaixo, cantando pneus. Tentei ver a placa, mas meus olhos estavam fora de foco e o carro já ia em alta velocidade.

Minha respiração parecia a de alguém prestes a ser estrangulado. Fiquei de joelhos e olhei por cima do ombro. Avistei minha vizinha, que morava do outro lado da rua, correndo em nossa direção, com um telefone nas mãos. Minha visão ficou turva e eu desmorenei na calçada.

– Ela está bem?

– A polícia está a caminho.

– Meu Deus! O que aconteceu?

Eu queria responder às vozes, mas meu corpo tremia descontroladamente, minha respiração se dava por meio de espasmos rápidos e eu não conseguia enxergar com clareza. O pelo de Emma roçava meu rosto, e sua língua morna lambia minhas faces. Alguém a afastou de mim, e uma voz de mulher disse:

– Você consegue dizer seu nome?

– Annie. Meu nome é Annie.

– Tudo bem, Annie. Você logo será atendida. Aguarde firme.

Sirenes. Uniformes. Alguém me cobriu com um cobertor. Respondi a perguntas com fragmentos de frases.

– Um homem... roupa preta... van branca.

Mais sirenes e então uniformes de outro tipo.

– Onde está doendo, Annie?

- Tente respirar fundo.
- Nós vamos imobilizar seu pescoço.
- Você é capaz de dizer a data do seu nascimento?

Mãos pelo meu corpo. Dedos no meu pulso. Números gritados. No momento em que fui colocada na maca e afivelada, reconheci uma voz.

– Ela é minha sobrinha. Deixem-me passar. – Em seguida, o rosto preocupado de minha tia me encarou. Peguei na mão dela e comecei a chorar.

Tia Val seguiu comigo até o hospital.

– Annie, você vai ficar bem. O Mark está telefonando para sua mãe, ela vai nos encontrar no hospital... ela vai levar a Emma para nossa casa.

Depois disso, não me lembro de muita coisa, apenas da sensação de velocidade e da mão de minha tia sobre a minha.

Quando cheguei ao hospital, voltei a sentir falta de ar. Era gente demais gritando, bebês chorando, luzes fortes, enfermeiras fazendo perguntas. Então fui levada para uma sala de observação, a fim de esperar pelo médico. Mas ainda podia ver policiais falando com enfermeiras e com minha tia no corredor.

Comecei a contar as placas de gesso no teto. Uma enfermeira entrou e me pediu que apertasse sua mão com força. Depois, mediu minha pressão e examinou minhas pupilas. Continuei contando as placas.

Quando o médico finalmente chegou e repetiu as mesmas perguntas, continuei contando as placas. Quando fui levada para tirar radiografias, contei as máquinas. Quando me trouxeram de volta para a sala e os policiais chegaram e fizeram mais perguntas – como o sujeito estava vestido, qual era a estatura, a marca do carro –, acelerei a contagem. Mas, quando um enfermeiro corpulento entrou e, num gesto brusco, tentou segurar meu braço, comecei a gritar.

Os presentes receberam ordens para sair da sala. O médico pediu ao enfermeiro que convocasse a Equipe de Atendimento Psiquiátrico “aqui e agora”. Fechei os olhos e contei as batidas do meu coração acelerado enquanto falavam sobre mim. Alguém me injetou algo. Mais palavras, porém já não conseguia entendê-las. Dedos pressionaram meu pulso, contando a pulsação. Eu também contei.

Escutei o ruído de um salto correndo pelo corredor, e então a voz de minha mãe, mas apaguei.

Um, dois, três...



Quando abri os olhos, minha mãe e tia Val estavam à janela, de costas para mim, conversando em voz baixa.

– O Mark estava me levando para pegar o resultado dos meus exames quando vimos uma aglomeração. Ela estava lá, estirada... – Minha tia sacudiu a cabeça. – Precisei abrir caminho para chegar perto dela. A imprensa chegou em questão

de minutos, deve ter seguido a ambulância. Veja só... quanto repórter lá fora.

– O que você disse a eles? – perguntou minha mãe.

– À imprensa? Eu não disse nada. Eu estava mais preocupada com a Annie, mas é possível que o Mark tenha respondido a algumas perguntas.

– O Mark? – Minha mãe suspirou. – Val, é preciso tomar cuidado com o que se diz a essa gente. Nunca se sabe...

Pigarreei, e as duas se viraram para olhar para mim. Comecei a chorar.

Minha mãe correu e me envolveu em seus braços. Solucei no ombro dela.

– Senti tanto medo, mãe... tanto medo.

Quando o médico chegou, eu estava mais calma. Foi bom saber que eu não havia sofrido qualquer fratura. Mas eu tinha várias escoriações, cortes e arranhões, além de uma dor de cabeça de rachar. Eu havia ficado em estado de choque em consequência de uma combinação de dor e medo. Acha que é pouca coisa?!

A principal preocupação dos médicos era com a possibilidade de traumatismo craniano, por causa da pancada na cabeça. Por isso, tive que dormir no hospital naquela noite. E a Equipe de Atendimento Psiquiátrico queria fazer uma nova avaliação na manhã seguinte. Ao longo da madrugada, uma enfermeira me acordava a cada duas horas, para ver se eu havia sofrido uma concussão. Mas eu quase não dormi, pois ficava tensa sempre que escutava passos no corredor e me assustava com qualquer barulho. Às vezes, eu olhava para a figura diminuta de minha mãe dormindo na pequena cama ao meu lado, e contava o intervalo entre suas respirações.



Minha passagem anterior pelo hospital tinha me ensinado que a teimosia resultava apenas no aumento do tempo de internação. Portanto, mostrei boa vontade quando a Equipe de Atendimento Psiquiátrico veio avaliar minha estabilidade emocional. Eles queriam saber, sobretudo, com que tipo de apoio psicológico eu contaria depois que recebesse alta. Eu disse que fazia análise com uma terapeuta, e eles me deram alguns telefones de serviços psicológicos e uma lista de grupos de apoio.

Ficou decidido que eu tinha condições emocionais para falar com a polícia, e então prestei todas as informações possíveis. Não, eu não vi o rosto dele. Não, eu não anotei a placa do carro. Não, eu não sei por que diabos o babaca quis me pegar.

Eu achava que a polícia me daria vigilância 24 horas por dia, mas o máximo prometido foi mais uma viatura patrulhando meu bairro e a instalação de um alarme diretamente ligado à delegacia. Eles me alertaram de andar sempre com o celular, de evitar passar perto de vans estacionadas... grande novidade!... e de “prestar atenção no que estava à minha volta”. Ao mesmo tempo, fui instruída a

levar uma vida normal enquanto a investigação prosseguia. Vida? Que vida? Essa merda é a minha vida.

Os médicos me liberaram, mas disseram que eu precisaria ficar sob observação nas 24 horas seguintes. Minha mãe insistiu que eu fosse para a casa dela, e eu ainda estava tão assustada e com tanta dor no corpo que me agarrei à ideia. Ela passou o dia assistindo à TV ao meu lado no sofá, providenciando gelo para meus machucados e várias xícaras de chá.

Mais tarde, tio Mark trouxe Emma, e minha mãe permitiu que ela ficasse dentro de casa, dizendo-lhe que “protegesse a Annie”. E ela me protegeu mesmo. Embora tio Mark tivesse cuidado dela no dia anterior, Emma se mostrava nervosa na presença dele. A cadela latia por qualquer barulho e rosnava para minha mãe cada vez que ela entrava na sala. Wayne preferiu ficar longe, até que Emma tivesse tempo para se acostumar ao novo ambiente.

Naquela noite, minha mãe dormiu na cama comigo, como fazia na época em que eu era criança. Mas só ela conseguiu relaxar. No meio da madrugada, sem sono, eu me arrastei até o closet do corredor, com o celular nas mãos e Emma atrás de mim. Gary, o único policial com quem eu realmente queria falar, foi o único que *não* apareceu na manhã que o cara me pegou. Nem no dia seguinte. Perguntei por ele no hospital, mas disseram que estava mais uma vez fora da cidade. Dentro do closet, liguei para ele, mas a chamada caiu direto na caixa postal.

Com muita dor no corpo, eu me enrosquei toda dentro do closet, mas ainda assim não me senti segura. Eu só pensava: *Será que um dia voltarei a me sentir segura?* Finalmente, peguei no sono, mas a imagem do carro branco me perseguia em pesadelos.



Quando cheguei em casa, logo após fugir da montanha, eu costumava ir à delegacia de Clayton Falls para examinar as fotos dos criminosos. Mas, depois de meses vendo o rosto de marginais e nunca encontrando o Maníaco, perdi o ânimo. O retrato falado dele está na TV, nos jornais e até na seção “Corpos não identificados” do site da Polícia Montada canadense. Mas para mim aquilo não passa da imagem de um defunto. Que merda! Mesmo que a foto se parecesse com ele, o Maníaco sabia muito bem passar por invisível.

A polícia sabe que o chalé e o terreno foram comprados à vista e em espécie poucos meses antes do meu sequestro, mas não há qualquer pista da identidade do comprador: nenhuma informação sobre cartões de crédito, carteira de habilitação ou coisa parecida. O Maníaco devia ter identidade falsa. Chegou a abrir conta bancária com o nome de mentira, a fim de pagar os impostos referentes à compra. Mas ninguém no banco se lembra dele.

O antigo proprietário não conheceu o comprador, porque a venda foi realizada por um escritório de advocacia de Clayton Falls. Somente uma assinatura foi necessária, e o advogado devia estar cego, pois não é capaz de descrever o comprador. A desculpa apresentada é que, no mês em questão, ele registrou 60 propriedades, e me pergunto se a identidade do comprador chegou a ser verificada.

Gary me telefonou alguns dias depois que o sujeito me pegou na rua. Eu ainda estava na casa da minha mãe. Ele disse que o alarme estava instalado e pediu desculpas por não ter ligado antes. Estava trabalhando num caso numa região pesqueira ao norte, onde só havia comunicação através de rádio. Repassamos todos os detalhes, e ele voltou a me perguntar sobre a maldita foto. Quando respondi que eu ainda não havia encontrado, ele resmungou e prosseguiu. Disse que, levando em conta que o Maníaco tinha me seguido, a polícia de início pensou que ele morasse na cidade, mas agora ele achava que o sujeito poderia ter se hospedado em algum hotel fora e vindo de carro a Clayton Falls.

– No último mês, passei todos os fins de semana mostrando a foto do corpo em cada hotel e motel num raio de uma hora de distância daqui. – disse Gary. Clayton Falls fica no centro da ilha. Portanto, ele cobriu uma grande área.

– Por que você não envia por fax? E *you* tem que fazer isso pessoalmente? Não pode mandar algum subordinado?

– Primeiro: se eu enviar por fax, provavelmente ela vai acabar no lixo. Durante o inverno, muitos funcionários dos hotéis são dispensados, mas agora, que a alta temporada está começando, eles estão de volta, e quero falar com cada um pessoalmente. Segundo: não mando um subordinado porque a maioria deles está trabalhando em outros casos. Estou fazendo grande parte da investigação por conta própria, Annie.

Impressionada e me sentindo um tanto sem graça por ficar diante da TV noite após noite enquanto ele batia perna, eu me perguntei se não seria por isso que ele não era casado.

– Sua namorada deve me detestar – comentei. Ele se calou por alguns instantes e, sentindo que o calor subia pelo meu rosto, fiquei aliviada por não estar diante dele.

– Sei que o processo deixou você desanimada, mas agora, depois dessa segunda tentativa de sequestro, acho que deve ir até a delegacia e examinar mais fotos.

Sentindo-me uma idiota, pois minha pergunta sobre a namorada não tinha sido respondida, repliquei:

– Então você acha que o cara que me pegou é ligado ao Maníaco?

– Acho importante considerarmos todas as possibilidades.

– Como assim?

– Alguns aspectos desse caso não correspondem ao perfil típico. Por exemplo,

a questão da foto... Ainda temos que investigar como ele a conseguiu e por que precisou daquela imagem específica, quando tinha tantas outras, batidas por ele mesmo. Se você conseguir reconhecer um suspeito, tenho esperança de que o resto vai se encaixar.

Eu disse que iria à delegacia no dia seguinte.



Ainda guardo na mente aquela manhã em que Gary veio me visitar, a primeira vez que estive no hospital, doutora. Ele tinha estado “em campo”, seja lá o que isso quer dizer, e vestia jeans e uma jaqueta preta, com o distintivo da Polícia Montada canadense. Usava até um boné. Perguntei se todos os ternos estavam na lavanderia, mas a verdade é que ele parecia um tira da pesada. Por mais que eu brinque com ele, fazendo comentários sobre os ternos elegantes, o cara tem um jeito de quem não brinca em serviço.

Ontem à noite, mais uma vez dormi na casa da minha mãe. No entanto, depois de ouvir o bate-boca entre ela e o Wayne a noite toda – ela tem bebido igual a uma esponja desde a última vez que estive internada –, tive outro pesadelo com a van branca, mas dessa vez o pesadelo acabou bem: um homem me protegia em seus braços. Quando acordei, me dei conta de que os braços eram do Gary. Eu me senti culpada como o diabo. Ou seja, o pobre do Luke fez tanto por mim – e tem sido tão paciente – e eu ainda sonho com o policial.

Às vezes, penso que seria bom se Gary me acompanhasse por toda parte, como um guarda-costas. Mas então acabo me condenando, porque sei que ninguém é capaz de fazer com que eu me sinta segura o tempo todo. É engraçado, porque eu sempre me senti segura ao lado do Luke, mas era um tipo diferente de segurança... uma segurança serena, *simples*. Em relação ao Gary, nada parece simples.

Depois que voltei para casa, hoje de manhã, patrulhei “o terreno” com a Emma, assustada com qualquer sombra que eu via, e depois verifiquei o alarme um milhão de vezes. Para me distrair, olhei de novo aquele folheto da escola de arte sobre o qual lhe falei. A escola fica nas Montanhas Rochosas e é linda... do jeito como eu imagino que seja Harvard. Eu até baixei alguns formulários do site da escola. Só Deus sabe por quê. O único bem material que me resta e que ainda me interessa é minha casa. Posso até estar paranoica, mas eu teria que estar completamente pirada para vender minha casa e correr atrás de um sonho da adolescência. E se eu não chegasse a lugar algum na carreira de artista plástica? Como é que eu ficaria?



Bem, é melhor encerrarmos a sessão, doutora. Ainda preciso passar na

delegacia e dar uma olhada em mais fotos. Ao menos vou ter uma boa desculpa para telefonar para o Gary hoje à noite.

VIGÉSIMA TERCEIRA SESSÃO

Peço desculpa por marcar esta sessão tão em cima da hora, doutora, mas aconteceu tanta merda nos últimos dias que não pude esperar pela consulta que já estava agendada.



Depois que saí da nossa última sessão, fui direto à delegacia, em Clayton Falls, e passei uma hora examinando fotos. Quase desisti, porque minhas costas estavam me matando e todos os maníacos começavam a ter a mesma cara... um sujeito me pareceu conhecido, mas então me lembrei de ter visto a foto dele no jornal pouco tempo atrás. Aí, pensei no Gary, batendo perna para mostrar o retrato falado, e me obriguei a continuar. Por um triz não passei direto pela foto de um cara com a cabeça raspada e barba comprida, mas algo naqueles olhos azuis ingênuos, em óbvia contradição com o restante do rosto, fez com que eu me detivesse.

Era ele.

Comecei a suar frio e minha visão ficou embaçada. Para não perder os sentidos, desviei o olhar e apoiei a testa sobre a mesa. Concentrada nas violentas batidas do meu coração, respirei fundo e disse baixinho, no ritmo dos meus batimentos: *Está morto... Está morto... Está morto*. Depois que a visão voltou ao normal e as batidas diminuíram, encarei a imagem.

Com um sinal, chamei um dos policiais. Quando disse que o havia encontrado, ele ligou para Gary no celular. Nenhuma das fotos tinha nome, e os policiais não respondiam às minhas perguntas. Portanto, insisti em falar com Gary.

– Não entendo por que ninguém me diz quem é esse cara... ele tem *ficha*! Passei horas examinando a *merda* dessas fotos... o mínimo que vocês podem fazer é me informar o nome dele.

– É ótimo você ter identificado a foto, Annie. Mas, em primeiro lugar, precisamos verificar a informação. Não quero que você fique toda animada e depois descubra que não é esse o sujeito...

– É ele. Eu passei *um ano inteiro* ao lado dele.

– Não duvido de você nem por um segundo. E prometo telefonar assim que conseguir os detalhes da ficha dele. Enquanto isso, peço que você vá para casa e procure descansar, está bem? E quero que faça uma lista com nomes de pessoas que possam ter motivos para lhe fazer algum mal.

– *Ninguém* tem motivos para me fazer mal. Já fiz uma lista dessas para minha terapeuta... levei em conta todas as pessoas que conheço. O Maníaco deve ter algum amigo que...

– É isso que eu estou tentando descobrir. Agora, vá para casa, me envie a lista que já fez e a gente se fala mais tarde.



No dia seguinte, fiquei em casa andando de um lado para outro e esperando que Gary me telefonasse. Mas ele não ligou, muito menos atendeu o celular. Durante algumas horas, tentei me distrair limpando alguns cômodos. Depois, curiosa sobre o sujeito cuja foto tinha me parecido tão familiar, examinei todos os meus jornais, página por página. No mais recente, encontrei a manchete “Criminoso solto há menos de um mês é acusado e procurado por roubo à loja de conveniência”, e fui ler o artigo. Assim que bati os olhos no nome, percebi de quem se tratava: era o meio-irmão de minha mãe. Com base na data do artigo, deduzi que ele havia sido solto algumas semanas antes, e me perguntei se minha mãe sabia ou se eu deveria contar. Passei a tarde toda avaliando os prós e os contras de ser eu a pessoa que revelaria tal fato. Por volta das cinco da tarde, eu estava uma pilha de nervos. Então, quando ela telefonou convidando para comer massa, aceitei de imediato.

O jantar não foi dos piores, mas, quando terminamos de comer – e eu ainda me perguntava se deveria dar a notícia sobre seu meio-irmão –, ela começou a falar de uma menina que tinha desaparecido recentemente em Calgary. Eu disse que o assunto não me interessava. Ela prosseguiu, no mesmo ritmo, dizendo que a mãe da garota havia ido à televisão implorar pela volta da filha, mas disse também que achava que a mãe da criança não estava sabendo lidar com a imprensa.

– Ela está sendo grosseira com os jornalistas... Se ela quiser ajuda para achar a filha, vai ter que melhorar a atitude.

– Às vezes, mãe, os repórteres são muito ríspidos... você sabe disso.

– A imprensa é o menor dos problemas... a polícia está interrogando o pai. Parece que ele tinha uma amante. Uma amante *grávida*.

– Mãe, será que a gente pode mudar de assunto?

Ela abriu a boca, mas, antes que pudesse prosseguir, deixei escapar:

– Eu vi a foto do Dwight no jornal.

Ela selou os lábios e me encarou.

– Seu meio-irmão. Ele foi solto, mãe, mas está sendo procurado por causa de um roubo a uma...

– Você quer comer mais alguma coisa?

Trocamos um olhar.

– Desculpe se esse assunto aborrece você... Eu só pensei que...

– Ainda tem molho aí?

A fisionomia dela não revelava qualquer emoção, mas os dedos torcendo o

guardanapo sinalizavam cautela.

– Não, estou satisfeita. Meu estômago está meio sensível, pois finalmente reconheci uma foto na delegacia hoje. O Gary ainda não me revelou o nome do sujeito, mas já está investigando a ficha dele... e disse que em breve vai ter informações para me passar.

Minha mãe parou um instante, fez um gesto com a cabeça e disse:

– Bom. Talvez você consiga superar tudo isso, Annie.

Ela deu um tapinha na minha mão. Wayne se levantou e foi para o quintal fumar.

Depois que ele saiu, eu disse:

– Talvez ainda não. O Gary acha possível que o cara tenha um comparsa. E deve ser justamente o sujeito que tentou me pegar há alguns dias.

Minha mãe franziu a testa.

– Por que o Gary tem que assustar você desse jeito?

– Ele não *tem* que me assustar. Acontece que o Maníaco tinha uma velha foto minha. Eu achava que ele havia pegado a foto no meu escritório, ou coisa parecida, mas o Gary quer saber por que ele tinha aquela foto, entende? Ele até me pediu que enviasse por fax uma lista...

Que merda! No afã de defender Gary, eu não apenas falei à minha mãe sobre a foto como também estava prestes a revelar a existência da minha lista de problemas pessoais.

– Que lista?

– É só uma bobagem que minha terapeuta sugeriu... não é nada, não.

– Se não é nada, por que o Gary quer ver a lista? Uma lista de quê?

Droga! Ela não desistiria.

– Dos nomes de pessoas que talvez tenham algo contra mim.

– Por exemplo?

Eu jamais revelaria que o nome de todas as pessoas próximas a mim faziam parte da lista, então disse:

– Alguns ex-namorados e antigos clientes. Ah! E o nome do “corretor misterioso” com o qual eu concorria.

– Você está se referindo à Christina.

– Não, o corretor com quem eu *concorri* na época do sequestro.

Os olhos dela se estreitaram.

– Ela não contou?

– Quem não me contou o quê?

– Não quero criar problemas.

– Ora, mãe! O que é?

– Acho que você precisa saber. – Respirou fundo. – Você se lembra da minha amiga Carol? Bem, a filha dela, Andrea, trabalha na sua imobiliária, e é amiga de uma assistente da Christina...

– E daí?

– E daí que a Christina concorreu com você naquele empreendimento. Era ela o “corretor misterioso”.

– De jeito nenhum! A Christina teria me dito. O construtor recorreu a ela porque eu sumi.

Minha mãe deu de ombros.

– Eu achava a mesma coisa, mas a Andrea disse que a assistente da Christina trabalhou durante alguns fins de semana para concluir a proposta. Ela disse que viu até o plano de marketing que a Christina preparou para o construtor.

Sacudi a cabeça.

– A Christina nunca me ferraria assim. Para ela, amigos são muito mais importantes que dinheiro.

– Por falar em dinheiro, ouvi dizer que o marido dela está em dificuldades financeiras. A casa que ele comprou para ela não foi barata, e a Christina não parece disposta a diminuir os gastos. Ele deve ser um homem muito compreensivo... o Luke e ela ficaram bastante íntimos no período em que você esteve desaparecida.

– Eles estavam tentando me encontrar. É claro que tinham que andar juntos. E o Drew não comprou a casa para ela. Eles compraram a casa *juntos*. Ela adora gastar dinheiro. O que há de errado nisso? A Christina trabalha bastante e...

– Por que você está na defensiva?

– Você acabou de insinuar que a Christina e o Luke estavam tendo um caso!

– Eu não disse isso... eu só estava contando o que ouvi. Ela ia ao restaurante todas as noites, e muitas vezes ficava lá até a hora de fechar. A propósito: sabia que na ocasião em que você foi sequestrada as coisas não iam muito bem no restaurante? O Wayne conversou com o bartender no pub há alguns dias... esse funcionário conhece o cozinheiro do restaurante do Luke, e disse que corria o boato de que o restaurante estava prestes a fechar, mas, depois do seu desaparecimento e da badalação junto à imprensa, o movimento melhorou. Pelo menos alguma coisa positiva surgiu disso tudo.

O frango à Alfredo que eu havia degustado com tanto prazer pesava como chumbo no meu estômago.

– Preciso ir ao banheiro.

Pensei que ia vomitar, mas molhei as mãos e o rosto com água fria e apoiei a cabeça no espelho até que o enjoo passasse. Minha nuca estava quente e suada, e peguei um elástico de cabelo rosa na gaveta, para fazer um rabo de cavalo. Quando saí do banheiro, minha mãe estava preparando mais um drinque.

– Preciso ir, mãe... obrigada pelo jantar.

– Me ligue se descobrir mais alguma coisa. – Esfregou a mão nas minhas costas e disse: – Tenho certeza de que tudo vai dar certo.



Quando cheguei em casa, o enjoo tinha se transformado em energia acumulada. Portanto, resolvi dar uma corrida. Ainda não era muito tarde, mas eu não conseguiria ir para a cama mesmo se já fosse hora de dormir, pois estava nervosa demais. Enquanto meus pés batiam na calçada, meus pensamentos voavam enlouquecidos.

O Luke e a Christina teriam tido um caso? Se não me falhava a memória, eles não mostravam grande afinidade quando nos encontrávamos. E nunca percebi que ela era minha rival no empreendimento. Ela sabia disso desde o começo? Seria isso que a Christina queria me dizer naquele dia em que a interrompi? Ou ela pretendia me falar sobre o caso com o Luke? E por que o Luke nunca me disse que o restaurante estava em dificuldades? As perguntas giravam na minha cabeça, chocavam-se entre si e se dividiam em novas indagações.

Após meia hora de corrida intensa, eu me acalmei, mas uma leve sensação de angústia me seguiu até em casa, até o chuveiro. Se eu apenas ouvisse as vozes dos dois, todos os meus pensamentos malucos iriam desaparecer. Ainda enrolada na toalha, telefonei para o Luke no restaurante. Ele atendeu de forma brusca.

– Estou ligando na hora errada? – perguntei.

– Posso falar um instante.

– Eu só queria contar que reconheci a foto do cara, lá na delegacia hoje. Ainda não sei o nome, mas o Gary vai me dizer assim que puder.

– Opa! Que boa notícia!

– Acho que sim. Ainda preciso saber mais.

– Não deixe de me contar sobre o que eles descobrirem, mas agora preciso desligar... desculpe... tem muita coisa acontecendo por aqui... o restaurante está lotado.

Ainda angustiada, quase disse que passaria lá mais tarde para tomar um drinque e conversarmos, mas hesitei, e ele desligou.

Telefonei para o celular da Christina, mas ela disse que me ligaria depois, porque era a noite de inauguração do empreendimento à beira-mar e ela estava recepcionando os convidados à porta. Depois que nos despedimos, fiquei olhando para o telefone na minha mão. Emma, sentada aos meus pés, me encarou com seus grandes olhos castanhos.

– Sou uma idiota, não sou? – Ela balançou o rabo com vontade. Interpretei o gesto como uma confirmação.

A caminho do quarto, eu me lembrei finalmente de onde a foto tinha sido retirada.



Gary demorou um pouco a atender o telefone. Só notei que eu estava com o

corpo rígido quando ouvi a voz serena dele e a tensão nos meus músculos cedeu ligeiramente.

– Tentei falar com você a tarde inteira – lamentei.

– Desculpe, mas a bateria do meu celular estava descarregada.

– Preciso falar com você! – Eu detestei meu tom de desespero.

– Estou ouvindo.

– Eu estava pensando numa prateleira cheia de porta-retratos que eu tinha no corredor, em frente ao meu quarto, e então... me lembrei. Eu tinha um porta-retrato de peltre, que escondi atrás dos outros porque havia uma antiga foto minha... a mesma que o Maniaco...

– A foto foi tirada *de dentro* da sua casa?

O enjoo voltou.

– O Maniaco jamais conseguiria passar pela Emma. Então, só pode ter sido enquanto saímos para dar uma volta. Mas por que ele se arriscaria a entrar aqui para pegar aquela foto?

– É uma boa pergunta. Alguém tinha as chaves da sua casa?

– Eu perdi meu chaveiro durante uma caminhada, alguns meses antes do sequestro. Então mudei a fechadura... e não dei a cópia a ninguém.

– Provavelmente foi alguém que você deixou entrar, Annie. Essa pessoa deu a foto a ele... talvez para facilitar sua identificação.

Meu coração deu um salto.

– Mas por que aquela foto?

– Talvez por pensar que você não desse falta. Pode haver uma penca de motivos.

– E a pessoa que tentou me pegar...

– Pode ser a mesma pessoa que pegou a foto, ou alguém contratado para concluir o trabalho.

– Mas isso não faz o menor sentido. Por que alguém iria querer me sequestrar? Nunca houve pedido de resgate.

– Não sabemos se a ordem era para *sequestrá-la*. O sujeito pode ter sido contratado por outro motivo, e decidido ficar com você, por conta própria.

– Você acha que ele foi contratado para me *matar*? Deus do céu, Gary! – Meus olhos se desviaram para o alarme.

– Eles não vão fazer nova tentativa tão cedo... você está agora no centro das atenções..., mas vou me certificar de que as viaturas ainda estão patrulhando seu bairro. E preciso do nome de todas as pessoas que tiveram acesso à foto.

– Muita gente passou pela minha casa naquela ocasião. Eu tinha acabado de reformar o sistema de aquecimento...

– Esse caso é complicado demais para ser um crime de oportunidade. Deve ser alguém com motivações pessoais.

– Já enviei para você aquela listinha boba...

– Não pense apenas em pessoas que quisessem lhe fazer mal. Pense também em quem saiu ganhando com seu desaparecimento.

Minha cabeça girou.

– Eu preciso... preciso de tempo. Para pensar.

– Deixe isso para amanhã, está bem? – disse Gary. – Vou passar para você o número do hotel onde pretendo me hospedar em Eagle Glen. Se você se lembrar de alguma coisa, ligue para mim na mesma hora. – Eu estava quase desligando quando ele disse: – E, Annie, por enquanto, não fale sobre isso com ninguém.



Eu me vesti com as mãos trêmulas, as palavras de Gary reverberando na minha cabeça. *Quem saiu ganhando?* Pensei no movimento cada vez maior no restaurante de Luke. Pensei em Christina, à frente do empreendimento imobiliário.

Então lembrei que o Maníaco havia dito que tinha me escolhido porque “surgiu uma oportunidade”, e foi estranho que meu namorado, sempre pontual, se atrasasse para o jantar exatamente naquele dia. Além disso, o Maníaco me disse que tinha visto Luke com uma mulher, mas ele gostava de me atormentar. Ele não teria me revelado se a mulher fosse Christina? Ou estava guardando o detalhe para um momento especial? Mas, se tiveram um caso, por que Luke e Christina não ficaram juntos depois que saí de cena? E por que dariam ao Maníaco aquela foto? Ambos tinham fotos minhas. Não, isso era ridículo. Christina e Luke me amavam. Eles *nunca* me fariam mal.

Quem saiu ganhando?

Fixei o olhar no local do corredor onde ficava a prateleira. Alguém roubara minha foto, alguém que eu deixara entrar em casa. Verifiquei mais uma vez o alarme e as trancas da porta. Emma latiu para um carro que passava na rua e quase morri de susto. Eu tinha que sair dali.



Durante a viagem de uma hora até Eagle Glen – sem me esquecer do nome do hotel onde Gary estava hospedado, do número do quarto e do mapa impresso do Google –, percebi que não tinha perguntado por que ele estava no vilarejo, mas supus que fosse em razão do meu caso. Não me lembro dos locais por onde passei naquela noite, mas recordo que senti muito frio. Na pressa, eu me esqueci de pegar um casaco e viajei apenas de regata e com uma calça que usava na ioga. Minhas mãos tremiam ao volante.

Precisei esperar alguns minutos até Gary abrir a porta.

– Desculpe, eu estava saindo do chuveiro. O que houve? Está tudo bem com você?

– Oi – disse eu. – Preciso falar com você.

Ele fez um gesto me convidando para entrar.

O ar ainda estava cheio de vapor e Gary abotoava os últimos botões de uma camisa branca. Ele pegou a toalha que trazia no pescoço e enxugou os cabelos, que, molhados, adquiriam um tom de aço. Depois de deixar a toalha no encosto de uma cadeira, passou as mãos na cabeça.

O quarto não era grande, com apenas uma cama, uma mesa com telefone, uma TV e um banheiro, e pareceu menor ainda quando me dei conta de que aquela era a primeira vez que estávamos a sós.

Sobre a mesa de cabeceira havia uma garrafa de vinho tinto pela metade. Gary não me parecia do tipo que gostava de beber, mas, na realidade, eu não o conhecia. Sem falar, ele ergueu a garrafa e levantou as sobrancelhas. Assenti. Encheu e me entregou um dos copos que havia no quarto. Aliviada por ter algo nas mãos, dei um bom gole e imediatamente senti o vinho cair na corrente sanguínea. Meus músculos se descontraíram e um calor agradável se espalhou pelo meu corpo. Eu me sentei ao pé da cama.

Gary pegou a cadeira que estava diante da mesa com telefone e sentou à minha frente. Inclinou-se, apoiando os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos.

– Então, o que houve?

– Essa merda... está me deixando *louca*. Você precisa encontrar o cara que me pegou, Gary. O fato de eu não saber quem fez isso está ferrando minha cabeça... estou duvidando de *todo mundo*. Cheguei a pensar que podem ter sido a Christina e o Luke, só por causa de umas besteiras que minha mãe escutou. Isso não é uma *merda*?

– O que sua mãe escutou?

– Eles não fizeram nada, Gary. Tem a ver com um empreendimento imobiliário, cuja exclusividade na venda eu estava pleiteando, e também com o fato de os dois terem se aproximado bastante depois que eu sumi. E parece que ambos estavam com problemas financeiros, mas essas bobagens não interessam. A questão é que essa merda está me levando à *loucura*.

Gary ficou de pé e começou a andar pelo quarto, coçando o queixo com uma das mãos.

– Qual foi mesmo o desfecho desse tal empreendimento?

Resumi o caso, concluindo com as seguintes palavras:

– A Christina não faria isso comigo, Gary.

– Se você quer que eu descubra os responsáveis, preciso levar em conta todas as possibilidades.

– Bem, essa não é uma possibilidade.

– O casamento dela vai bem?

– Vai, sim... eu acho... Ela não fala muito nesse assunto, mas deve ser por causa de tudo o que eu tenho passado.

– E ela foi vista com frequência no restaurante, com o Luke?

– Sim, mas atualmente os dois *nunca* são vistos juntos. Eles se encontravam porque estavam empenhados na minha busca.

Gary continuou a andar pelo quarto.

– A propósito, por que você está em Eagle Glen? – perguntei. – Você ainda está mostrando a tal foto?

– Cheguei aqui hoje à tarde, e só falei com o pessoal do turno da noite. Amanhã vou conversar com os que trabalham de dia.

– Você descobriu mais alguma coisa sobre o cara? David era mesmo o nome dele? Você disse que me telefonaria assim que levantasse a ficha dele, mas não ligou.

– Um outro departamento vai me enviar amanhã, por fax, mais informações. Isso é tudo o que posso dizer por enquanto.

– Detesto quando usa esses chavões de policial. Estou sendo franca com você. Acho que podia, no mínimo, ser franco também.

A frustração e o vinho se somaram, jogando por terra o que restava do meu autocontrole, e caí no choro.

De cabeça baixa para esconder o rosto, levantei da cama e me encaminei para a porta, mas Gary me pegou pelo braço no momento em que passei por ele, fazendo meu corpo girar. Eu o empurrei com a mão que estava livre, mas ele não se mexeu. Eu não estava mais chorando.

– Me solte, Gary.

– Só depois que você se acalmar.

Bati com a palma da mão no peito dele, um golpe rápido.

– Foda-se, Gary. Estou cansada dessa merda. Vocês, tiras, não fizeram nada para me resgatar e ainda estão me enrolando. Fui estuprada quase todas as noites, e você não pode nem revelar um *nome*? Você não percebe? Não apenas minha vida está *ferrada*, mas agora eu tenho que me preocupar se algum conhecido *quis* acabar comigo. E você vem me dizer que não tenho o direito de saber detalhes sobre o cara que fez isso?

Dessa vez, bati no ombro dele. Ele não se mexeu. Bati novamente.

Ele segurou meu pulso.

– Pare. – Arregalei os olhos. – Pare de agir como um idiota.

– Estou dizendo tudo o que posso sem comprometer a investigação.

– Para você, isso tudo não passa de um caso, não é?

Ele pareceu zangado.

– Você sabe quantas pessoas desaparecem todos os anos? Quantas crianças? E a maioria não é encontrada. Minha irmã mais velha sumiu quando eu era criança, e nunca apareceu. Foi por isso que entrei para a polícia... eu não queria que outras pessoas passassem o que a minha família passou. – Soltou meu pulso.
– Meu casamento acabou em consequência deste caso.

– Eu não sabia que você era...

– Já havia alguns problemas antes de o seu caso vir à tona, Annie. Mas nós estávamos tentando resolver. Foi por isso que solicitei minha transferência do continente para cá. Mas, pouco depois que cheguei aqui, você foi sequestrada, e eu dediquei muito tempo ao seu caso. Ela saiu de casa um mês antes de você ser encontrada. – Uma risada melancólica. – Disse que eu me concentrava tanto na busca de outras pessoas que não via aquelas que estavam diante de mim.

– Sinto muito, Gary... em relação a tudo isso. Sei que estou agindo como uma idiota. Mas estou muito confusa. Já não sei em quem confiar. Alguém quer me matar e... – Minha voz falhou, e comecei a chorar.

Ele deu um passo à frente e me envolveu em seus braços. Meu rosto ficou na altura do peito de Gary, e o queixo dele encostou no topo da minha cabeça. O som da voz dele subindo pelo tórax vibrou no meu rosto.

– Ninguém vai lhe fazer mal, Annie. Não vou deixar que isso aconteça, está bem?

Afastei o rosto do peito dele e o encarei. Seus olhos estavam nublados, e o braço que envolvia minhas costas me queimava através da blusa. A sensação de ceder ao vigor daquele corpo era agradável, e minha vontade era absorver aquela força e levá-la comigo. Nós nos encaramos de forma intensa.

Na ponta dos pés, eu me estiquei, colada àquele corpo, e uni meus lábios aos dele. No primeiro momento, a boca não cedeu, e então ele murmurou:

– Ah, não!

Com Luke, tudo era sempre meigo e suave, com uma certa paixão, mas nunca intenso. Gary e eu nos beijamos com um desespero tácito. Segurando minhas nádegas com as mãos, ele me levantou, me pressionando contra seu corpo, e me deitou na cama. No momento em que se inclinou sobre mim, apoiando cada braço ao lado do meu corpo, o Maníaco cruzou minha visão, e fiquei gelada. Gary me dirigiu um olhar inquisitivo e começou a se levantar, mas eu o puxei de volta para o meu lado, virei-o de frente para mim, subi em cima do seu torso e passei a colcha por cima da sua cabeça. Ficamos assim durante alguns segundos, meu corpo sentindo cada centímetro daquele corpo, meu coração batendo contra aquele peito. Os braços dele ficaram rígidos, segurando-me um pouco abaixo das costelas, e as pernas se contraíram, como se ele fosse me afastar.

Com o rosto colado ao dele, sussurrei ao seu ouvido:

– Preciso... ficar sob controle. Só assim eu consigo...

Relaxando, ele virou meu rosto com uma das mãos, até nossos olhos se cruzarem. Acariciou minha face com o polegar e disse, com a voz rouca e gentil:

– Você tem certeza de que quer fazer isso, Annie? Se quiser parar, tudo bem.

Uma onda de medo varreu meu corpo, mas eu virei o rosto e dei uma leve mordida na parte carnuda do seu polegar. Então me curvei e, escondida sob meus cabelos, pressionei meus lábios contra os dele.

No entanto, assim que ele começou a me beijar com mais intensidade, segurando-me pelas nádegas e esfregando minha virilha na dele, fui tomada pelo pânico, e voltei a congelar. Ele percebeu a mudança e balbuciou alguma coisa, mas prendi suas mãos acima da cabeça e, com o rosto vermelho, murmurei perto dos seus lábios:

– Você não pode me tocar... você não pode se mexer.

Não tive certeza se ele tinha ouvido, mas os lábios relaxaram e, quando encostei minha boca na dele, ele não me beijou. Avançando e recuando, puxando e mordendo, ataquei aqueles lábios. Enfiando a língua dentro daquela boca, lambi e chupei até ele gemer.

Tirei nossas roupas até ficarmos só com as peças íntimas, e beijei seu peito, roçando meus cabelos delicadamente de um lado para outro, até os mamilos dele ficarem túmidos e a pele toda arrepiada. Montada sobre ele, olhei dentro dos seus olhos no momento em que levei uma de suas mãos até meus seios, acariciando os mamilos. Em seguida, guiei a mão dele pelas minhas costelas e, ao me sentir mais relaxada, a levei por entre minhas pernas. Eu me acariciei com aquela mão, a primeira a me tocar ali desde o Maníaco. Quando meu corpo começou a reagir, numa onda de prazer que eu mal podia surfar, conduzi a mão de volta ao meu seio. Beijei Gary novamente, prendi os dedos dos pés na cueca dele e a empurrei para baixo. Então, ainda o beijando, tirei minha calcinha e chutei-a para longe.

Segurando seus braços acima da cabeça, tocando nossas frentes, eu me deitei em cima dele e aproximei nossos lábios, sentindo sua respiração quente e arfante misturando-se à minha. A pele dele ardia, febril, e uma fina camada de suor cobria nossos corpos. De início, a respiração de Gary estava irregular, mas ele a controlou para não me atrapalhar.

Eu me agachei, abri as pernas e baixei o corpo, escorregando por cima dele. Ele não me penetrou. Eu me fiz penetrar.

Ele prendeu a respiração e eu parei, o coração acelerado, esperando que ele se descontrolasse, me virasse de costas, pulasse em cima de mim, fizesse *qualquer coisa*. Mas ele nada fez. Senti vontade de chorar. Aquilo era um dom.

Enquanto eu o cavalgava, ele não se mexeu. A cada movimento, sua respiração era o único sinal da intensa luta interior que ele travava. Ao me ver capaz de manter aquele homem forte e confiante pregado de costas na cama, eu realizava movimentos cada vez mais vigorosos. Mais rápidos. Mais selvagens. Desafiando-o a me tocar, descontei minha raiva no corpo dele. Usei o sexo como arma. E, quando ele gozou, os quadris não se elevaram, não me empurraram. Apenas as mãos dele se contraíram dentro das minhas no instante em que todo o corpo dele se retesou, e me senti radiante. Poderosa. Continuei a cavalgá-lo, a ponto de ter lhe causado alguma dor. Mas ele não me tocou. Finalmente, parei, virei o rosto para o lado e soltei seus pulsos. Nesse momento, ele ergueu uma das

mãos até minha nuca e me embalou delicadamente nos braços. Então eu chorei.



Depois disso, ficamos deitados lado a lado de costas, olhando para o teto e recuperando o fôlego. Nenhum de nós disse uma palavra sequer. A experiência tinha sido tão diferente da que eu havia tido com o Maníaco – controle total versus total falta de controle – que eu tinha conseguido deixar a lembrança do Maníaco fora do quarto, fora da cama, fora do corpo. Mas meu devaneio começou a se dissipar à medida que eu voltava a mim, pensando em tudo o que estava acontecendo na minha vida e no que eu havia acabado de fazer. Gary começou a dizer algo, mas eu o interrompi.

– Esta foi a primeira vez que eu... fiz isso desde que voltei para casa. E só quero dizer que estou feliz por ter sido com você. Mas não precisa se preocupar... eu não tenho nenhum tipo de expectativa. Espero que isso não altere nossa relação.

A respiração dele mudou de ritmo, fez uma pausa e recomeçou. Ele virou o rosto para mim e abriu a boca, mas eu o interrompi mais uma vez.

– Não me entenda mal. Eu não me arrependo de nada, e espero que você também não. Mas eu não quero agora ter que enfrentar um papo sério sobre o que aconteceu, está bem? Vamos seguir em frente... Qual o próximo passo na investigação?

Senti o olhar dele queimando meu rosto, mas continuei fitando o teto. Num tom de voz baixo, ele disse:

– Depois de interrogar os funcionários do hotel amanhã, mostrando o retrato falado e a foto que foi enviada por fax, vou para o próximo vilarejo, Kinsol.

Eu tinha me esquecido de que Kinsol ficava perto dali. É uma cidadezinha que não tem mais que um ou dois hotéis, e a maioria de sua população trabalha na penitenciária local.

Dei uma risada e disse:

– Você poderia até dar um “oi” para meu tio, mas ele acaba de ser solto.

Gary apoiou-se num dos cotovelos e olhou para mim:

– Que tio?

Eu achava que ele sabia, mas minha mãe e meu tio têm sobrenomes diferentes e talvez por isso ele desconhecesse a existência de Dwight.

– O meio-irmão da minha mãe... Dwight. Ele roubou alguns bancos. A foto dele acaba de sair no jornal. Vocês estão atrás dele para interrogá-lo sobre outro roubo. Mas nós não sabemos nada sobre ele. Portanto, não vamos poder ajudar nesse caso.

Gary deitou-se de costas e fixou os olhos no teto. Eu queria perguntar o que ele estava pensando, mas havia aprendido que pressioná-lo não me ajudava em nada.

– Existe algo que eu possa fazer para auxiliar na minha investigação? – perguntei.

– Por enquanto, procure se isolar o máximo possível. Preciso levantar mais alguns dados e pretendo ter mais informações amanhã. Depois disso, vou lhe passar algumas instruções sobre nosso modo de agir. Se você descobrir ou se lembrar de qualquer coisa que possa ser útil, ligue para mim imediatamente. E pode ligar também se precisar apenas conversar.

A voz dele começou a ficar fraca e eu sabia que Gary logo pegaria no sono. Então eu disse:

– Preciso ir. A Emma está sozinha em casa.

– Queria que você ficasse.

– Que bom. Mas eu não posso deixar a Emma sozinha a noite inteira.

A verdade é que eu não me achava capaz de passar a noite deitada ao lado dele, quietinha, enrolada nos lençóis: seria difícil explicar minha presença dentro do closet na manhã seguinte.

– Não me agrada a ideia de você sair dirigindo, sozinha, pelas estradas a esta hora da noite.

– Eu cheguei até aqui, não cheguei?

Na penumbra do quarto, ele ergueu uma das sobranceiras. Aconcheguei o rosto no vale que se formava entre o pescoço e o ombro dele e disse:

– Vou tomar uma chuveirada, está bem?

Depois do banho, durante o qual tentei não pensar no que tinha acabado de fazer, passei na ponta dos pés pela figura adormecida na cama e fugi. As ruas estavam vazias no trajeto até minha casa, e me senti no meu próprio mundinho. Se Emma estivesse comigo, eu teria ficado lá.

Minha mente voltou à conversa com Gary e me arrependi de ter revelado o que minha mãe havia me contado sobre Christina e Luke. A polícia está sempre em busca de motivações ocultas. Não que eu não fizesse o mesmo. Mas eu sabia que aqueles dois nunca me fariam mal. Contudo, eu tinha a sensação de que havia algo mais, alguma coisa que eu não conseguia enxergar. Minha mente revisou tudo o que eu sabia, mas eu não era capaz de encontrar a peça que faltava no quebra-cabeça.



A noite foi longa. Dormi no closet, mas rolei de um lado para outro – até onde isso é possível dentro de um espaço daqueles – e acordei cedo hoje. Zozza, sentei na varanda dos fundos, ao lado do telefone sem fio, esperando que Gary me ligasse para dizer o que havia descoberto.

Eu tinha esquecido que Luke viria à minha casa para deixar uns recibos e alguns livros emprestados, e levei um susto ao ouvir uma picape encostar. Quando vi que era ele, minhas pernas ficaram bambas. Controlando-me, abri a

porta. Ele tentou me abraçar, mas eu mal retribuí o gesto.

– Está tudo bem? – perguntou.

– Desculpe... é que eu estou cansada... não dormi bem à noite.

Tentei mostrar serenidade e agir de modo natural, mas minha voz parecia tensa. Evitei o olhar dele.

– Descobriu mais alguma coisa sobre aquela foto que você reconheceu?

Murmurei algumas palavras, dando a entender que Gary estava investigando o assunto. Então, deixei cair um dos livros que ele tinha trazido e, quando me abaixei para pegar, quase batemos cabeça com cabeça. Dei um salto para trás e ele me lançou um olhar inquisidor. Mais que depressa, ofereci uma xícara de chá. Rezando para que ele bebesse sem demora, engoli o meu.

Nunca havia me sentido tão hipócrita quanto naquele momento, falando sobre nossos cachorros e o trabalho dele, ao mesmo tempo que esperava pelo toque do telefone e pensava no que faria se Gary ligasse enquanto Luke estivesse na minha casa.

Nossa conversa não fluiu, e ele mal tocou no chá, logo dizendo que precisava ir embora. Quando me abraçou diante da porta, eu me obriguei a retribuir o gesto e me perguntei se ele sentiria na pele a minha culpa.

– Annie, tem certeza de que está tudo bem?

Eu queria confessar tudo. Eu não podia confessar nada.

– Eu só estou exausta.

– Então vá descansar, certo? Ordens médicas! – Ele sorriu.

Forcei um sorriso em retribuição:

– Sim, senhor.

Depois que ele foi embora, eu me dei conta de que jamais poderia revelar o que tinha havido entre mim e Gary. Percebi também que nunca poderia voltar a ter alguma coisa com ele. Luke pertencia à mulher que tinha sido sequestrada, não àquela que havia voltado para casa.

Uma hora depois, o suspense estava quase me matando, e liguei para Gary. Mas ele não atendeu, pois o telefone estava desligado. Ele só retornou a ligação no final da tarde. Melhor seria se não tivesse telefonado.



O nome verdadeiro do Maníaco era Simon Rousseau e ele estava com 42 anos quando morreu. Foi criado num vilarejo em Ontário, mudou-se para Vancouver aos 20 e poucos anos e acabou se fixando na ilha. A foto no registro policial fora tirada quando, aos 39 anos, ele fora preso por espancar um sujeito com tanta violência que o deixara várias semanas hospitalizado. O Maníaco, que afirmara ter sido contratado por uma mulher para fazer o serviço, pois o marido a estava traindo, conseguira se safar. Ao fim de um ano, a sentença foi anulada, visto que a Polícia Montada canadense tinha feito mau uso das provas. Depois de ser solto

da penitenciária de Kinsol, ele voltou para o continente e ficou longe do radar da polícia até eu reconhecer a foto.

Agora que contava com um nome, a polícia iniciou uma triagem, a fim de estabelecer um cruzamento entre a trajetória dele e crimes não resolvidos. Descobriram que a mãe tinha morrido de câncer e que o pai havia desaparecido. Até hoje, o carro e o corpo do pai não foram localizados.

Ao não encontrar qualquer caso pendente que se encaixasse, a polícia passou a rever casos “resolvidos” e localizou o de uma jovem chamada Lauren, estuprada, espancada e morta num beco atrás da casa onde morava. Um mendigo, encontrado com o suéter cheio de sangue da jovem, fora condenado pelo assassinato, tendo morrido na prisão um ano mais tarde.

Simon Rousseau, que morava alguns quarteirões perto de Lauren, foi amigo da família durante anos e costumava visitar a mãe da jovem no Natal, até ela morrer, cinco anos atrás. Foi um alento descobrir que a mãe partiu sem saber que recebia em casa o assassino da filha.

Na faixa dos 20 anos, Rousseau morou em Vancouver, mas trabalhou como cozinheiro em áreas de exploração de madeira ao norte. E, sim, uma mulher que pilotava helicóptero para uma dessas empresas tinha sido achada morta. Mas o caso nunca foi investigado como homicídio. Depois de voltar para o alojamento, o namorado percebera que ela estava demorando demais para chegar e saíra à procura dela, sem conseguir encontrá-la. Uma equipe de busca fora chamada, mas o corpo só foi localizado 30 dias depois, no fundo de um desfiladeiro. Ela estava vestida e o pescoço, quebrado. Como anoitecia na hora que ela voltava ao alojamento, a polícia deduziu que a mulher tinha se perdido e caído no penhasco.

O paradeiro exato e as atividades desempenhadas por Rousseau desde que havia deixado a prisão ainda eram desconhecidos, e Gary disse que talvez jamais descobrissem se ele era responsável por outros crimes.

Enquanto Gary falava, fiquei sentada no sofá, brincando com um fio solto da manta que cobria as almofadas. Quase desfiei a porcaria da manta.

– Você já está de volta a Clayton Falls? – perguntei.

– Ainda estou em Eagle Glen.

– Você não disse que ia para Kinsol hoje?

– Ia, sim, mas preciso falar com uma funcionária do hotel que só vem trabalhar à noite.

– Falar sobre o quê? Pensei que você só estivesse mostrando a foto. Alguém fez o reconhecimento?

– Estou apenas verificando todas as possibilidades. Volto para Clayton Falls de manhã. Está claro?

– Sim... Claríssimo!...

– Desculpe, Annie, mas só posso revelar mais detalhes depois que todos os fatos forem analisados. Não queremos lhe causar estresse desnecessário, no caso

de estarmos equivocados...

– Como assim? Quer dizer que vocês já sabem quem contratou o Maníaco? Ao menos você pode me dizer se é alguém que eu conheço, não pode?

– Annie... tem muita coisa em jogo aqui.

– Sei perfeitamente que tem muita coisa em jogo... trata-se da *minha vida*, lembre-se disso! Ou será que você esqueceu essa parte?

Ao ouvir meu tom de voz ríspido, Emma saiu do quarto.

– Veja bem, o máximo que eu posso revelar é que, depois que você reconheceu a foto de Rousseau, nós pegamos a ficha criminal dele. A partir daí, pesquisamos as pessoas que costumavam agir com ele... é o procedimento em qualquer investigação.

Enquanto aguardava pelas informações, Gary se encontrou com algumas camareiras que trabalhavam no hotel em Eagle Glen no turno da tarde. Uma delas achou o retrato falado do Maníaco familiar, mas não reconheceu a fotografia da ficha criminal. Mas, se o sujeito do retrato falado era o mesmo da foto, ela havia visto uma mulher de óculos escuros entrar no quarto dele, um dia, e sair cerca de 15 minutos depois. Ela não tinha visto o carro, mas achava que outra camareira que arrumava os quartos do térreo, onde ficava o estacionamento, poderia ter visto. Era por essa funcionária que Gary estava esperando.

Minha cabeça girava. Que mulher teria se encontrado com o Maníaco?

– Desculpe – disse eu –, só estou tentando... é muita coisa para assimilar de uma vez.

– Entendo. Mas é muito importante que você não...

– Gary, minha mãe está chamando numa outra linha. Vou atender e despachá-la, senão ela...

– Não atenda!

– Tudo bem, tudo bem. – Mas, quando o sinal da chamada parou, avisei: – Ela vai telefonar de novo.

– Você falou com ela sobre o que conversamos ontem à noite?

A voz dele estava tensa.

– Hoje eu só falei com o Luke, mas eu nunca...

– Não diga nada a ela sobre o caso, Annie.

Algo no tom de voz dele fez soar um alarme.

– Gary... nós estamos falando da minha *mãe*. Se você não me disser agora mesmo que merda está acontecendo, eu vou ligar para ela e contar tudo, ouviu?!

– Deus do céu! – Ele se calou por um instante, e então o escutei respirar fundo.

– Vai ser duro ouvir o que vou dizer...

– Diga logo.

– Quando nos encontramos ontem à noite, você disse que seu tio havia ficado preso na penitenciária de Kinsol. Então verifiquei se ele e Simon Rousseau

estiveram lá na mesma época. E sim. Foi confirmado também que ele tinha fotos das sobrinhas na parede da cela. Então, depois da declaração da camareira, enviamos por fax uma autorização judicial para quebrar o sigilo bancário da sua mãe, à procura de movimentações suspeitas.

– Eu não... por que diabos você faria uma coisa dessas?

– Ainda preciso falar com a outra camareira, mas, Annie... – A voz dele assumiu um tom mais brando. – Parece que sua mãe está envolvida.

Que merda!



E isso é tudo o que sei. Logo depois de soltar essa “bomba”, Gary precisou atender outra ligação. Ele me fez prometer não falar com ninguém, e disse que telefonaria mais tarde. Foi por isso que liguei para você, doutora, e é o motivo de eu estar agarrada a este celular como se minha vida dependesse dele. Eu tinha que sair de lá, tinha que falar com alguém. Eu não aguentava mais ficar andando de um lado para outro dentro de casa, imaginando quais seriam as teorias idiotas que os tiras estariam criando agora. Uma camareira biruta vê uma mulher saindo de um hotel e a polícia acha que é minha mãe? Isso é que é forçar a barra!

Eu queria saber se o Gary deixou alguma mensagem na minha casa ou se ele se lembra do número do meu celular... não me recordo se deixei uma mensagem gravada com o número. Ou pior: e se ele me ligou enquanto eu estava a caminho daqui, numa área em que meu celular fica sem sinal? Eu preciso sair daqui... preciso falar com ele.

VIGÉSIMA QUARTA SESSÃO

Sei que estou com uma cara horrível, doutora, mas tenho certeza de que, quando ouvir como foi minha semana, você vai entender. E também vai sacar por que pedi uma sessão mais longa.

Indo para casa depois da nossa última sessão, eu passei por um outdoor na via expressa, anunciando o empreendimento que supostamente seria meu. O anúncio fica próximo à saída de acesso à casa da minha tia, e me lembrei de que ela ficava muito aborrecida quando minha mãe falava nesse empreendimento. Então me dei conta de que tia Val já não fica se gabando do sucesso da Tamara no ramo imobiliário.

Assim que cheguei em casa, visitei o site da Tamara. Ela tem alguns imóveis interessantes, mas muito menos do que costumava ter. Só por curiosidade, digitei o nome dela no Google e encontrei uma citação na página do Conselho Imobiliário, sob o item “Medidas Disciplinares”. Acontece que minha prima perfeita ganhou uma suspensão de 90 dias no ano passado. Ela representou uma firma na aquisição de um grande terreno comercial, sem informar que era a proprietária da área. Burrice.

Evidentemente, minha mãe não sabia... Se soubesse, eu já saberia, *todo mundo* saberia. Tia Val teve sorte, pois desapareci pouco antes de a suspensão ser anunciada no relatório mensal do Conselho. Então, tive uma luz.



Quando Gary telefonou, meia hora mais tarde, fui logo dizendo:

– Eu sei quem poderia ter se encontrado com o Maníaco.

Gary ficou calado por uns segundos, e disse:

– Pode falar.

– Acabo de descobrir que minha prima teve a licença suspensa pouco tempo depois que fui sequestrada. Mas ela devia saber que isso estava para acontecer, e minha tia *nunca* tocou no assunto. Minha mãe e a irmã adoram competir, e eu estava prestes a assumir um grande empreendimento...

– Annie...

– *Escute*, por favor. Você disse que era uma mulher de óculos escuros, certo?

– Certo, mas...

– Minha tia Val começou a usar óculos escuros logo depois da minha mãe. – Minha mãe usa óculos escuros porque acha que fica parecendo uma estrela de Hollywood, e ela ficou furiosa quando tia Val apareceu com um modelo igualzinho. – As duas se parecem bastante. Tia Val é um pouco mais alta, mas, de longe, podem ser confundidas. E era minha tia que costumava visitar o

Dwight... ela pode ter levado as fotos para ele. Quando aquele cara me pegou, na semana passada, ela apareceu em questão de minutos, e...

– Nossos dados indicam que sua mãe visitou seu tio, Annie.

– Isso não é possível... ela nem *fala* nele!

– Annie, temos imagens gravadas e a assinatura dela no livro de visitantes.

– Minha tia poderia ter se vestido como ela, falsificado a assinatura. A letra da minha mãe parece de criança...

Gary suspirou.

– Vamos considerar essa possibilidade, está bem? Mas preciso lhe fazer mais perguntas. Enquanto estive no chalé, você reparou em alguma coisa cuja presença ali parecesse estranha? Qualquer coisa... por exemplo, a foto?

– O lugar era todo estranho... o que isso tem a ver?

– Talvez algum objeto que não parecesse importante, mas é possível que tivesse alguma característica que não fizesse muito sentido no chalé.

– Já disse tudo o que sei, Gary.

– Às vezes, uma situação desconfortável pode reavivar uma lembrança. Tente se lembrar do chalé.

– Não me lembro de *nada*.

– Alguma coisa no galpão, no porão...?

– Quantas vezes vamos ter que repetir isso? Ele tinha caixas, armas, muitas roupas, tinha um maço de dinheiro preso com um...

Rosa, era rosa. Respirei fundo.

– Que merda!

Ficamos os dois calados.

– Você se lembrou de alguma coisa? – perguntou Gary finalmente.

– O Maníaco tinha um maço de notas. Elas estavam presas com um elástico rosa. Quando estive na casa da minha mãe, outro dia, notei que dentro da gaveta do banheiro havia o mesmo tipo de elástico de cabelo, a mesma cor, rosa. Cheguei a prender o cabelo com um deles. Mas minha tia...

– Você guardou o elástico?

– Sim, mas eu disse que...

– Vamos precisar desse elástico, para análise.

Eu *tinha* que falar a ele sobre a droga daquele elástico rosa. Tive ânsia de vômito.

Muito ao longe, escutei Gary perguntar:

– Você se lembra de mais alguma coisa?

– O meio-irmão da minha mãe... talvez ele esteja envolvido. Posso tentar falar com o Wayne... descobrir se ele sabe alguma coisa. É possível que minha mãe tenha dito a ele por que ela odeia...

– Não quero que você faça isso. Lembre-se, ainda não temos certeza do envolvimento da sua mãe. Para o seu bem, espero que ela não esteja envolvida,

mas, se estiver, é preciso tomar cuidado para não atrapalhar a investigação. Na verdade, não diga *coisa alguma a ninguém*, está bem? – Demorei a responder, e ele disse, num tom de voz oficial: – Estou falando sério.

– O que vocês pretendem fazer agora?

– O mandado judicial deve chegar pela manhã, mas o banco ainda vai levar alguns dias para reunir e disponibilizar os dados. Enquanto isso, vamos recolher o máximo de provas que pudermos. Se nos precipitarmos em interrogar sua mãe, correremos o risco de ela destruir provas, ou fugir.

– Não há *por que* interrogá-la... ela não fez nada.

– Escute – disse ele, num tom mais suave –, sei que tudo isso parece bastante confuso, mas prometo ligar assim que tivermos algo mais conclusivo. Enquanto isso, tente se manter isolada. Sinto muito por tudo que está acontecendo, Annie.



Coloquei o telefone na base, mas o aparelho tocou assim que me afastei. Pensando que fosse Gary de novo, atendi sem olhar o número no visor.

– Graças a Deus! Fiquei *tão* preocupada com você, Annie querida! Deixei uma mensagem *horas* atrás, e depois do que aconteceu recentemente...

Minha mãe fez uma pausa para recuperar o fôlego, e tentei dizer alguma coisa, mas minha garganta deu um nó.

– Annie? Você está me ouvindo?

– Desculpe por não ter ligado antes.

Minha vontade era alertá-la de que Gary estava em seu encaço, mas o que eu poderia dizer? “Gary acha que você está envolvida no meu sequestro, mas eu acho que foi sua irmã?” Não, provavelmente Gary estava equivocado, e se eu dissesse alguma coisa minha mãe acabaria pirando. Eu precisava ficar de bico calado. Apertei o telefone até minha mão doer e, encostada na parede, escorreguei até o chão. Emma saiu do lugar onde estava escondida e enfiou o focinho no meu peito.

– Então, a polícia descobriu mais alguma coisa sobre aquele sujeito horrível? – minha mãe perguntou.

Ah, sim! A polícia descobriu muita coisa. Muito mais do que eu gostaria de saber.

– Nenhuma pista nova... parece que a investigação parou. Você conhece os policiais daqui... não seriam capazes de encontrar nem o próprio traseiro, ainda que a vida deles dependesse disso.

Desmoronei, deitada de lado no chão. Minha respiração levantava tufos de pelo da Emma.

– Melhor assim. Você precisa se concentrar na sua recuperação. Talvez devesse tirar umas férias.

Apertei as pálpebras com força, a fim de conter as lágrimas mornas que se formavam, e mordei a língua.

– É uma ótima ideia. Sabe de uma coisa? Acho que vou acampar com a Emma por alguns dias.

– Está vendo? Sua mãe sabe o que é melhor para você. Mas não se esqueça de nos dar notícias. Nós sempre nos preocupamos com você, Annie querida.



Depois que desliguei o telefone, olhei à minha volta e vi que a casa estava bagunçada e imunda. Arrumei meus livros em ordem alfabética e lavei as paredes com água sanitária. Passei o resto da noite de quatro, esfregando o piso. Nenhum centímetro da casa foi poupado. Enquanto meu corpo se concentrava na limpeza, minha mente tentava entender o que estava acontecendo.

O fato de alguém ter contratado o Maníaco no passado não invalidava a possibilidade de meu sequestro ter ocorrido por acaso. Talvez alguma amiga o tenha visitado no hotel. E o fato de ele ter estado na prisão na mesma época que meu tio não significava muita coisa. A penitenciária estava repleta de detentos, e é provável que os dois jamais tenham se encontrado. Caso tenham se conhecido, provavelmente o Maníaco ficou obcecado por mim ao ver as fotos da minha família. E não é difícil que tia Val não tenha mencionado a suspensão de Tamara porque estava aguardando a decisão final do Conselho. Então eu fui sequestrada e esse fato ofuscou todos os demais. Era bom mesmo que a polícia estivesse examinando a movimentação bancária da minha mãe, pois, quando não encontrassem qualquer coisa estranha, poderiam se concentrar na busca ao verdadeiro comparsa do Maníaco, se é que ele tinha um comparsa. Tudo acabaria bem.

Somente por volta das sete horas da manhã seguinte, quando finalmente parei com a faxina, percebi que estava com as mãos em carne viva e que não me alimentava havia mais de um dia. Consegui engolir um pouco de chá com torradas.



Quando Gary telefonou naquela mesma tarde, dizendo que passaria na minha casa para pegar o elástico de cabelo e a foto que havia trazido do chalé, falei sobre a conversa com minha mãe, inclusive minha suposta viagem com Emma. Expliquei que precisaria ligar para ela ao menos uma vez, a fim de evitar qualquer suspeita. Ele concordou, mas recomendou que a conversa fosse breve.

Também sugeriu que eu contasse a Christina e Luke a mesma história, para que ninguém atrapalhasse nosso plano, e pediu que eu ficasse num hotel. Mas recusei: a situação já era bastante constrangedora, estando eu dentro da minha

própria casa. Combinamos que eu esconderia o carro nos fundos e teria um comportamento discreto. Luke e Christina me ligavam todos os dias desde a segunda tentativa de sequestro. Christina, tentando não ser insistente, me convidou para passar uns dias na casa dela, e aceitou meu “Não, muito obrigada” com um silêncio, um suspiro e as seguintes palavras: “Tudo bem, o que for melhor para você.” Mas eu sabia que ela estava bastante ansiosa, e os dois ficariam preocupados se eu não desse notícias. Portanto, enviei um e-mail aos dois dizendo que precisaria viajar por alguns dias, e que não havia telefonado porque não queria falar com ninguém: “Peço desculpas, mas estou passando por um momento difícil.”

Sem brincadeira.



Passei os últimos dias escondida dentro de casa, com velas acesas durante a noite. O closet não tem sido um problema, pois não sei o que é dormir. Não sai nem para dar uma caminhada. Passo a maior parte do tempo abraçada com a Emma, chorando.

Uma vez, fui para dentro do carro, liguei o motor, telefonei para minha mãe pelo celular e fiz uns barulhos. Disse a ela que estava bem, telefonando da estrada, e que a ligação estava ruim, por isso eu não podia falar. Ao menos essa parte não era mentira: eu mal conseguia dizer “oi” sem gaguejar, resultado do esforço de guardar tanta coisa dentro de mim.

Quando olhei meu e-mail, Christina tinha respondido, dizendo que esperava que a minha “escapada” fosse proveitosa e que eu me sentisse melhor quando voltasse. “Estou com saudades”, escreveu ela. Mandou beijos e acrescentou o emoticon de um rosto sorridente.

No dia seguinte, vi o carro dela se aproximando da frente da minha casa e tapei o focinho da Emma, para que ela não latisse. Christina andou pela frente da casa por alguns minutos e depois se foi. Quando olhei para fora, percebi que ela havia recolhido os jornais que estavam na porta. Eu me senti uma idiota.

Gary telefonou para dizer que a investigação avançava e agradeceu minha colaboração. Eu me perguntei se ele estaria empolgado com o fato de o cerco se fechar em torno do “bandido”. Ele é policial por vocação.

Eu não disse que pretendia ir à terapeuta hoje, pois ele teria respondido que não fosse. Ainda bem que não desmarquei a sessão quando ele me ligou, por volta das oito da manhã, para dizer que a polícia havia finalmente localizado a outra camareira. E, sim, ela se lembrava da mulher de óculos escuros: o carro era tão grande e a mulher tão pequena que precisou fazer força para abrir a porta.

– Eu sei o que você está pensando, Gary. Mas deve haver... Que merda! Um minutinho, por favor.

– Sinto muito, Annie. Mas todos os indícios apontam para o envolvimento da sua mãe. Só estamos esperando os documentos com a movimentação bancária para interrogá-la. Enquanto isso, nós...

– Mas vocês não têm certeza se era ela a mulher que foi vista no hotel. Tudo bem, era uma mulher pequena, mas isso não quer dizer...

– Era uma mulher pequena e *loura*, Annie. A camareira não anotou a placa, mas o carro era bronze, como o do seu padrasto, e a camareira reconheceu a foto da sua mãe.

O sangue latejava nos meus ouvidos.

– Mas eu *já disse*: minha tia se parece com minha mãe, e o carro dela é um Lincoln da mesma cor do Cadillac. Talvez ela esteja em conluio com o meio-irmão, e foi ele que tentou me sequestrar. Talvez ele esteja chantageando a tia Val... porra! Sei lá! E vai ver que ele ainda está por aí... e se você falar com o Wayne, ele vai dizer que minha mãe nada tem a ver com isso.

– No momento propício, vamos convocar o Wayne.

– No *momento propício*? Por que diabos vocês estão esperando... que eu desapareça novamente?

– Annie, eu entendo sua decepção...

– Eu não estou *decepcionada*, porra! Estou furiosa. Vocês estão indo por um caminho totalmente errado. Se vocês não vão fazer nada, então eu falo com o Wayne e vou...

– Estragar tudo? Isso seria de grande utilidade, não?

– O Wayne não vai fazer nada contra mim. Ele é um bobão, incapaz de fazer mal a uma mosca. Pode colocar um microfone em mim, se está tão preocupado.

– Annie, não estamos num episódio da série *Law & Order*. Não colocamos microfones em civis, e você não foi treinada para isso. Basta dizer uma coisa errada e a investigação do caso que você tanto quer resolver ficará comprometida.

– Por favor, Gary! Durante um ano inteiro naquela montanha eu não pude fazer absolutamente nada para resolver minha situação. *Eu preciso participar*. Eu conheço o Wayne. Se minha mãe disse a ele qualquer coisa sobre o Dwight, eu vou conseguir arrancar alguma informação.

– Sinto muito, mas não dá para negociar. Você precisa ter paciência. Agora, eu preciso ir até o tribunal. Ligo para você mais tarde.

– Tudo bem, *tudo bem*.

Olhei para o relógio. Oito e quinze. Em duas horas, Wayne estaria sentado sozinho na lanchonete que ele frequenta quando está sem trabalho. Ou seja, quase toda manhã. Minha mãe nunca está com ele, porque geralmente está dormindo, curando a ressaca. Sim, claro, vou ter paciência: vou esperar uma hora e quarenta e cinco minutos.



O corre-corre matinal na lanchonete havia acabado, mas o cheiro de gordura de bacon ainda estava no ar no momento em que me sentei a uma mesa em frente à janela.

Uma garçonete veio me atender, trazendo um bloco de papel e um lápis. O lápis tinha marca de dentes, e as unhas estavam roídas até o sabugo. Iguais às minhas. Eu me perguntei o que a deixava nervosa.

– O que vai querer?

– Por enquanto, só um café.

– Ah! Eu conheço você... você é filha do Wayne. Annie, não é? Como vai, fofura?

O gravador queimava no meu bolso. Que diabos eu estava fazendo ali? E se Gary estivesse certo e eu atrapalhasse a investigação?

– Vou bem, obrigada.

– O Wayne deve estar chegando a qualquer momento. Vou dizer a ele que você está aqui, querida.

– Ótimo.

A garçonete trouxe o café e, assim que se afastou da mesa, escutei o sininho da porta. Embora não conseguisse enxergar sobre a divisória da mesa, eu sabia quem era.

– Como vai a garçonete mais bonita da cidade, Janie?

– Muito bem, gatão. Adivinhe quem chegou hoje antes de você?

Meu padrasto apareceu diante da mesa.

– Santo Deus, Annie! O que você está fazendo aqui? Sua mãe disse que você ia acampar.

A garçonete voltou trazendo mais um café. Wayne sentou à minha frente.

– Precisei falar com a polícia novamente – disse eu. – Por isso tive que voltar antes.

Ele assentiu e mexeu o café.

– Eles têm novas informações sobre o cara que me sequestrou.

Wayne suspendeu a colher, interrompendo o gesto.

– É mesmo? Que informações?

– Quem sabe a gente vai lá para fora? – sugeri. – Aqui dentro está quente como o inferno... por que não pegamos o café e vamos beber no parque?

– Não sei. Sua mãe vai acordar daqui a pouco, e prometi comprar cigarros para ela.

– A gente não vai ficar o dia todo. É que eu ainda não quero voltar para casa. Trouxe o baralho?

– Você quer jogar?

– Quero, mas vamos até o parque. Preciso sair daqui. Está um cheiro forte de

torrada queimada.

Paguei a conta, Janie nos serviu mais dois cafés e atravessamos a rua, na direção do parque. Avistei uma mesa de piquenique à sombra, afastada das demais. Wayne embaralhou as cartas. Tentei me lembrar se já tínhamos feito qualquer outra atividade que não fosse jogar cartas.

– Para ser sincera, Wayne, nosso encontro não foi por acaso. – Ele parou com o baralho nas mãos, pronto para dar as cartas. – Eu quero falar com você.

– É?

Espantei Gary da minha mente e mergulhei fundo.

– Os policiais estão achando que minha mãe teve algo a ver com meu sequestro. Alguém viu um carro parecido com seu Cadillac no estacionamento do hotel onde o cara estava hospedado, mas eu acho que...

– Muita gente tem carro parecido com o meu.

– Eu sei, mas parece que a descrição feita por uma camareira...

– Os policiais estão enganados.

Olhei-o fixamente. Ele encarou as cartas.

– Olhe para mim, Wayne.

– Pensei que você quisesse jogar...

– Mas olhe para mim.

Ele ergueu a cabeça lentamente e olhou nos meus olhos.

– Você sabe de alguma coisa?

Ele sacudiu a cabeça.

– Wayne, eles têm um *mandado judicial*. E vão examinar a movimentação bancária da minha mãe.

Ele ficou pálido.

Minha voz se manteve calma, mas meus ouvidos voltaram a latejar.

– Minha mãe tem algo a ver com esse caso?

Durante cerca de cinco segundos, ele tentou olhar dentro dos meus olhos. Em seguida, apoiou a testa nas mãos. Notei que tremiam.

– Wayne. Você precisa me contar o que está acontecendo.

– Está tudo ferrado... mais que ferrado. – E murmurou: – Que merda! Que situação...

– WAYNE!

Ainda com a testa apoiada nas mãos, ele sacudiu a cabeça para a frente e para trás.

– Ou me conta agora, Wayne, ou eu vou ligar para os caras e você vai ter que contar para eles.

– Sinto muito... eu sinto muito mesmo... nós não sabíamos que ele gostava de fazer mal a moças... eu *juro*. – Ele olhou para mim com um ar de desespero. – Eu teria impedido que ela... teria, sim... mas eu não sabia.

– Não sabia *o quê*?

– Você sabe... que sua mãe ia contratar aquele cara... para pegar você.

Não, não, não, não.

Do outro lado do parque, uma jovem mãe empurrava uma criança num balanço. A menina dava gritinhos e risadas. O som foi abafado pelo latejar nos meus ouvidos. Os lábios de Wayne se mexiam para cima e para baixo, mas eu só captava fragmentos de palavras e frases. Tentei prestar atenção no que ele dizia, mas eu só pensava nas engrenagens do gravador, girando, girando.

Ele olhou nos meus olhos.

– Que merda, Annie! Parece que você... sei lá...

Encarei seu rosto, sacudindo lentamente a cabeça:

– Vocês. *Foram vocês...*

Ele se inclinou na minha direção e começou a falar rapidamente:

– Você precisa escutar minha versão, Annie. Deu tudo errado. Mas eu não sabia, eu *juro* que não sabia. Logo que você foi sequestrada, sua mãe ficou relativamente calma, entende? Aquele não era o jeito dela. Numa situação daquelas, ela deveria pirar. Mas como, depois de uma semana, você não voltou, ela perdeu o sono e começou a beber mais do que nunca. Na segunda semana, ela visitou seu tio três vezes. Então eu perguntei: “Em que enrascada você se meteu, Lorraine?” E ela só repetia: “Não foi minha culpa.” Ele engoliu em seco algumas vezes e pigarreou.

– *O que não foi culpa dela? Você ainda não me disse o que ela fez!*

– Era para você desaparecer só por uma semana, no máximo. Mas saiu tudo errado.

Saiu errado. Só isso... saiu errado. Eu não sabia se ria ou gritava.

– Que merda é essa? Por que eu deveria ser sequestrada? O Maníaco estava chantageando o Dwight? Era isso? Ou o Dwight estava ameaçando minha mãe? Ela sempre visitava o Dwight? Porra! O que *aconteceu*, Wayne?

– Não sei qual foi a jogada com o Dwight... ela fica toda estranha quando eu falo nele. Mas não... ela viu um filme sobre uma garota que ficou dois dias sequestrada e, depois do filme, a família da moça foi entrevistada... você sabe... ela fica cheia de ideias, igual urubu em carniça.

Comecei a juntar os pontos.

– Minha mãe teve a ideia de me sequestrar depois que viu um *filme*?

– A Lorraine disse que você era bem mais bonita, e que, se desaparecesse por uma semana, o caso valeria mais.

Demorei um instante para assimilar as palavras do meu padrasto.

– Valeria mais... você está me dizendo que ela fez essa merda pensando em *dinheiro*?

– Começou quando ela ficou sabendo que talvez você não ganhasse aquele empreendimento. A Val ficaria zombando dela quando soubesse... você conhece

aquelas duas... mas e se você ficasse famosa? A Val teria que engolir pelo resto da vida.

– E você não fazia ideia dos planos dela?

– Não, porra! Juro que não sabia de nada. Ela disse que seu tio conheceu um cara na prisão que fazia o serviço. E ele também conhecia o agiota que emprestou 35 mil dólares para ela... eu também não sabia nada sobre isso.

– *Trinta e cinco mil dólares!* Foi esse o preço para acabar com minha vida?! Que merda de família eu tenho!

– Sua mãe não quis que fizessem mal a você. O cara não telefonou para ela, como tinha sido combinado... foi por isso que ela ficou tão nervosa, depois da primeira semana. Seu tio tentou descobrir o que estava acontecendo, mas ninguém sabia para onde o cara tinha levado você.

– Mas por que ela não ligou para a polícia quando eu não voltei para casa? Por que *you* não ligou? Vocês me deixaram lá... – Minha voz falhou.

– Assim que fiquei sabendo que algo estava errado, eu disse a ela que deveríamos informar a polícia imediatamente. Mas o cara que emprestou dinheiro disse que, se ela desse com a língua nos dentes, os tiras iriam atrás dele. Ameaçou retalhar a cara da sua mãe e quebrar minhas pernas. E ainda mandaria matar o Dwight na prisão. Prometemos que iríamos à polícia que o pagamento tinha sido feito com nosso próprio dinheiro, mas ele fazia questão de receber o dele... e nunca receberia o dinheiro se sua mãe e eu fôssemos em cana. E, mesmo que acabássemos presos, ele comentou que nos pegava dentro da cadeia.

Eu me dei conta de que aquela talvez fosse a conversa mais demorada que tive com meu padrasto, nossa primeira conversa franca, e o teor dizia respeito à minha mãe ter mandado alguém me sequestrar e me estuprar.

– Você não achou que o cara pudesse me *fazer mal*? Que eu pudesse ser *assassinada*?

O semblante dele parecia arrasado.

– Todos os dias, mas eu não podia fazer nada. Se tentasse ajudar você, acabaria prejudicando a Lorraine. Enquanto você esteve desaparecida, ela enrolou o agiota, fazendo alguns pagamentos com o dinheiro da venda das suas coisas, e tentou conseguir alguém que se interessasse em fazer um filme... mas foi tudo em vão. Estávamos quase duros quando você voltou para casa.

Ele respirou fundo.

– Depois que vi você no hospital, fiquei muito abalado. Mas a Lorraine disse que precisávamos seguir em frente e ser fortes, para o seu bem. E o agiota ainda estava no nosso rastro. A Lorraine disse a ele que nós ganharíamos dinheiro quando você vendesse sua história, mas você não colaborava. Ela fez tudo para manter a imprensa interessada.

Eu me lembrei das vezes que os repórteres sabiam exatamente onde eu estava

e que, desde o começo, eles contaram com informações privilegiadas.

– Todo o dinheiro que a imprensa nos deu foi para pagar nossa dívida. Porém, mais ou menos um mês atrás, o cara disse que, se não pagássemos a dívida toda, ele acabaria com a gente.

– Espere um minuto... aquele sujeito que tentou me pegar na rua... foi o agiota, ou o Dwight?

Wayne fixou o olhar nos próprios pés.

– Vocês contrataram alguém para me sequestrar *de novo*?

– Não. – A voz dele estava tão baixa que eu mal pude ouvir. – Fui eu.

– *Você?* Deus do céu! Wayne, você quase me matou de medo... você me *machucou*!

Ele virou de frente para mim e começou a falar rápido:

– Eu sei, eu sei... sinto muito. Não era *essa* a minha intenção. Não era para você ter caído no chão... e eu não imaginava que você fosse lutar tanto. Sua mãe disse que a imprensa estava perdendo o interesse. Não tínhamos outra opção... estávamos ferrados, Annie.

– *Vocês* estavam ferrados? Não, Wayne... *estar ferrado* é ser estuprado quase todas as noites. Estar ferrado é ter que lutar, chorar e *gritar*, porque isso fazia o cara gozar mais depressa. É ter que mijar em horários estabelecidos. Sabe o que ele fazia quando me pegava mijando fora de hora? Ele me obrigava a beber a água da privada. *Da privada*, Wayne. As pessoas não deixam nem os cachorros fazerem isso. *Isso* é estar ferrado.

Com lágrimas nos olhos, Wayne concordou.

– Minha filha *morreu*, Wayne. – Estiquei o braço, peguei uma das mãos dele e virei com a palma para cima. – A cabeça dela não era maior que a palma da sua mão... e ela está *morta*. E você está me dizendo que minha própria *família* fez isso comigo? Vocês são as pessoas em quem supostamente eu devo confiar, e vocês...

Nesse momento, ouvi minhas próprias palavras e sucumbi.

Curvada, abracei minhas pernas, pois uma grande pressão se abateu sobre meu peito e minha cabeça parecia estar sendo espremida num torno. Tentei respirar fundo, enquanto Wayne batia nas minhas costas, repetindo várias vezes que sentia muito. A voz dele era de quem estava chorando. Minha visão ficou turva. Meu corpo escorregou para a frente.

Wayne me deu um abraço e me endireitou no banco.

– Que merda! Annie, por favor, não desmaie.

Passados alguns minutos, recuperei o fôlego, mas ainda tremia e tinha calafrios pelo corpo. Ergui a cabeça e me livre dos braços de Wayne. Respirei fundo mais uma vez, me levantei e fiquei andando de um lado para outro diante do banco, envolta em meus próprios braços.

– Foram vocês que arrombaram minha casa, também?

– Sim... estava combinado que sua mãe entraria logo em seguida, para salvar você. Mas, quando cheguei no seu quarto, você não estava lá. Então o alarme disparou e eu fugi pela janela. E, quando sua mãe passou a noite na sua casa, você disse a ela que costumava correr de manhã...

A noite em que minha mãe me trouxe os cookies e minhas fotos. Eu precisei sentar.



Ficamos sentados por algum tempo, olhando um para o outro, nada dizendo, tudo compreendendo. Ao menos *eu* compreendia tudo. Por fim, rompi o silêncio.

– Você sabe que vai ter que se entregar, certo?

– Acho que sim.

Olhamos para a área dos brinquedos. Não havia nenhuma criança. O sol tinha desaparecido atrás de uma nuvem, e fazia frio à sombra. Uma brisa leve movia os balanços para a frente e para trás. O ar estava saturado do barulho das correntes do brinquedo e do perfume de uma tempestade que se aproximava.

– Eu amo sua mãe, sabia?

– Sabia.

Ele respirou fundo, e então guardou o baralho na caixa. Eu queria segurar sua mão, dizer “Vamos jogar pela última vez”. Mas era tarde demais. Tarde demais para tudo.

– Eu vou até a delegacia com você – ele disse.

Gary tinha acabado de chegar do tribunal e ficou irritado quando me viu acompanhada de Wayne. No entanto, assim que meu padrasto disse que queria fazer uma confissão, Gary apontou para mim e disse:

– Não saia daqui.

Em seguida retirou-se, levando Wayne consigo.

Passsei algumas horas andando pela delegacia, folheando revistas e olhando para as paredes, contando rachaduras, manchas. A traição da minha própria família doía mais que qualquer outra coisa que o Maníaco havia feito comigo. A dor me atingia num local que ele jamais conseguiu tocar. Eu queria correr para bem longe daquela dor.

Finalmente, Gary apareceu.

– Você não deveria ter falado com ele, Annie. Se o tiro saísse pela culatra...

Entreguei a fita.

– Mas não saiu.

– Não vamos poder utilizar esta...

– Vocês não precisam, não é verdade? – interpelei. Eu não estava pedindo desculpas.

Gary balançou a cabeça e disse que, após falar com um advogado, Wayne

tinha decidido fazer um depoimento detalhado e incriminar minha mãe, em troca de uma sentença mais branda. Já estava preso, acusado de cumplicidade em sequestro, extorsão e negligência. Ficaria detido até a audiência em que seria discutida a fiança.

Gary disse que os documentos enviados pelo banco deveriam chegar naquela mesma tarde ou na manhã seguinte. Na realidade, eles não eram mais necessários para o mandado de prisão a ser expedido contra minha mãe, mas ele queria verificar a autenticidade das declarações de Wayne antes de interrogá-la. Além disso, faltava o resultado do exame dos elásticos de cabelo. Mas o laudo talvez só chegasse na manhã seguinte. A polícia não achava que minha mãe pudesse fugir. Ela não tinha carro, nem representava um risco para a sociedade. Portanto, a menos que surgisse algum imprevisto, ela seria presa em menos de 24 horas.

Wayne foi instruído a telefonar para minha mãe e dizer que iria até o norte da ilha, a fim de ver um negócio promissor que estava à venda. Se ficasse muito tarde para voltar dirigindo, passaria a noite na casa de um amigo. Então, mencionou que tinha se encontrado comigo, e disse que eu já estava de volta à cidade, cansada de dirigir, e que iria direto para casa. Ela acreditou.

Mais tarde, Gary me acompanhou até meu carro.

– Está tudo bem com você? – perguntou. – Deve ter sido difícil escutar tudo aquilo.

– Não sei mais quem sou... é tudo tão... sei lá. – Sacudi a cabeça. – Você ouviu falar em alguma mãe que fez algo semelhante?

– Muitas vezes, as pessoas fazem coisas terríveis a quem amam. Qualquer crime que você puder imaginar foi praticado ao menos uma vez.

– Em todo caso, eu não estou me sentindo melhor.

– Vou tentar ligar para você assim que ela for presa. Quer assistir ao interrogatório?

– Meu Deus! Não sei se tenho estômago para isso.

– Eu sei que ela é sua mãe, e deve ser muito difícil entender o que ela fez. Mas preciso contar com sua coragem. Você só pode falar com ela depois que nós falarmos, está bem?

– Acho que sim.

– Estou falando sério, Annie. Quero que você vá direto para casa. Eu não deveria ter dito tudo o que acabei de dizer, mas não me agrada deixá-la por fora das coisas. Talvez você seja tentada a avisar sua mãe, mas creio que você irá agir corretamente. Não me decepcione. Lembre-se do que ela fez com você.

Eu não precisava que me lembrassem.



Bem, eu atendi em parte ao pedido de Gary. Segui direto para um

determinado lugar. Mas não foi para minha casa, e sim para seu consultório. Pouco me importava se alguém me visse. Contrariando toda e qualquer lógica, eu tinha esperanças de que aquilo tudo não passasse de um grande engano.

VIGÉSIMA QUINTA SESSÃO

Você deve ter lido os jornais... voltei a ser manchete. No caminho de casa, depois da nossa última sessão, pensei o tempo todo na minha mãe. Às vezes, ela é uma verdadeira megera, egoísta, e sem dúvida acha que o mundo gira ao seu redor. Mas como ela foi capaz de fazer uma coisa dessas?

Naquela noite, quando cheguei em casa, encontrei um recado do Luke na secretária eletrônica. Claro, ele é educado demais para dizer, na cara: “Onde você se meteu?” Em vez disso, o recado pedia que eu o avisasse quando chegasse em casa. Não liguei de volta... não sabia o que dizer.

E naquela noite, dentro do closet, pensei na minha mãe... Gary ainda não tinha telefonado... e eu a vi sentada na frente da TV, fumando e bebendo, sem fazer a menor ideia de que a merda estava feita, e que em breve iria descer a ladeira. Por mais magoada e traída que me sentisse, em nada me agradava saber que ela nem sequer desconfiava do que estava prestes a acontecer.

Então me lembrei de que ela havia me telefonado no dia do plantão de vendas. Ela me fez sentir culpada por causa de uma máquina de cappuccino sabendo que um ex-presidiário me sequestraria poucas horas depois. Sem falar na maneira como cuidou de mim após a segunda tentativa de sequestro. Eu me senti *amada*, e minha mãe tinha armado tudo. Naquele momento, me dei conta de que precisava assistir ao interrogatório. Eu precisava ouvir por que ela fez aquilo comigo.



Na manhã seguinte, por volta das 10 horas, Gary me telefonou. Os documentos da movimentação bancária de minha mãe tinham chegado de manhã cedo. Os dados confirmavam as declarações de Wayne e, com base na análise da tinta, os elásticos de cabelo rosa pertenciam ao mesmo lote. Ela havia sido presa, fato que deve ter provocado um frenesi no conjunto de trailers onde morava. Agora, ela estava na delegacia, aguardando minha chegada. Não demorei muito, embora, ao longo de todo o trajeto, minha vontade fosse dar meia-volta.

Só notei que estava tremendo quando cheguei à delegacia e Gary me ofereceu seu casaco, que ainda estava quente e tinha seu perfume. Quem me dera poder me enfiar naquele casaco e desaparecer. Num cubículo, ao lado da sala onde minha mãe estava, observei-a através de uma vidraça supostamente espelhada do outro lado. Dois policiais me acompanhavam. Mas, quando encarei um deles, este desviou o olhar para o chão.

Minha mãe estava sentada na beirada da cadeira, as mãos embaixo das coxas.

Os pés mal tocavam o chão. A maquiagem estava esmaecida e borrada – provavelmente havia sido aplicada no dia anterior – e o rabo de cavalo estava desarrumado. Então constatei que uma pálpebra se mostrava ligeiramente mais caída. Ela não parecia bêbada, mas era certo que naquela manhã tinha tomado a habitual vodca com suco de laranja. Gary entrou no cubículo e se posicionou ao meu lado.

– Você está bem?

Apoiei uma das mãos no meu ombro. O peso me transmitiu firmeza e calor.

– Para quê tudo isso? Vocês têm todas as provas.

– Provas nunca são demais. Vi muitos casos que considerávamos resolvidos irem para o buraco. Seria bom se ela admitisse algum envolvimento.

– Quem vai interrogá-la?

– Eu.

Os olhos dele brilharam. Se fosse um cavalo, estaria espumando.



Minha mãe se animou no instante em que Gary entrou na sala. Meu estômago deu um nó.

Ele começou dizendo que a conversa estava sendo gravada e ela sorriu para a câmara. Em seguida, pediu que ela dissesse nome, endereço e a data. Minha mãe não sabia em que dia do mês estava.

Depois dessas preliminares, ele informou:

– Os oficiais que a trouxeram aqui hoje leram para a senhora seus direitos, mas quero repetir que a senhora tem direito a assistência jurídica antes de falar conosco. A senhora não tem obrigação de dizer coisa alguma, mas qualquer declaração que fizer poderá ser utilizada num tribunal.

Minha mãe balançou a cabeça:

– Isso é uma grande bobagem. Quem os senhores acham que eu sequestrei?

Gary suspendeu uma sobrancelha:

– Sua filha.

– Annie não foi *sequestrada*. Um sujeito a levou.

Na certeza de que dar a definição de sequestro seria perda de tempo, e eu era obrigada a concordar com ele, Gary prosseguiu:

– Temos uma confissão assinada pelo Wayne descrevendo exatamente o que ocorreu e a participação de cada um de vocês no caso. – Abriu uma pasta sobre a mesa, retirou a confissão e apontou um item no documento. – Também temos um extrato do seu cartão de crédito, que comprova que a senhora alugou uma van numa locadora fora da cidade um dia antes do sequestro da Annie. Temos aqui a fatura, discriminando uma van *branca*, com *sua* assinatura. Temos uma testemunha que viu a senhora e Simon Rousseau num hotel em Eagle Glen.

Confirmamos que um elástico de cabelo, encontrado entre os pertences de Simon Rousseau, coincide com elásticos que a senhora tem em casa. Sabemos do seu envolvimento.

Os olhos de minha mãe se arregalaram e ela ficou tensa na cadeira, mas logo relaxou e começou a mexer na barra da saia. Em seguida, voltou a atenção para uma das unhas da mão.

Apoiando as mãos sobre a mesa, Gary curvou-se para a frente.

– Sabe, meus superiores acham que a senhora não queria que a Annie desaparecesse por apenas uma semana. Foi isso que a senhora disse ao Wayne, mas eles acreditam que a senhora contratou Simon Rousseau para matá-la. A Annie tinha seguro de vida na imobiliária, e tenho certeza de que a senhora sabia que era a única beneficiária da apólice. Os planos da senhora foram por água abaixo: a Annie sobreviveu.

A cada frase, o corpo da minha mãe se contraía e os olhos se arregalavam. Ela começou a gaguejar:

– Não... não... é claro que não... *matar* minha filha? *Não...* eu nunca seria capaz...

– Acho que você não está entendendo, Lorraine. A polícia não apenas *acha* que você contratou Simon Rousseau para matá-la, a polícia *quer* que seja assim, porque isso vai fazer uma grande diferença no tempo de condenação.

Observei o rosto da minha mãe enquanto ela passava a língua nos lábios. Para Gary, aquilo seria um nítido sinal de nervosismo, mas eu conhecia minha mãe, e passar a língua nos lábios era indicação de que ela estava tentando limpar a mente perturbada pela vodca.

– A polícia quer que eu seja culpada?

– Muito tempo e dinheiro dos *contribuintes* foram gastos neste caso. Meus superiores não estão nada contentes com isso. E a população? As pessoas que passaram os fins de semana fazendo buscas pela mata, distribuindo folhetos, enquanto o tempo todo você sabia o que tinha acontecido com a Annie? Ora! As pessoas estão querendo ver sangue. Por isso, elas não apenas querem que alguém pague pelo crime, elas *precisam* que alguém pague.

– É bom mesmo que alguém pague. A pessoa que fez isso *tem* que pagar. – Os olhos se encheram de lágrimas. – Quando penso no que a Annie passou...

– Escute, Lorraine – disse Gary, em tom gentil. – Eu estou do seu lado. Minha intenção é ajudá-la a sair dessa enrascada. Eles não querem apenas incriminá-la, Lorraine. Eles querem arrancar seu couro. Por isso, a menos que você me ofereça algo com que eu possa trabalhar, você vai ser condenada por contratar alguém para matar sua própria filha... e eu não vou conseguir impedir a condenação.

As duas pálpebras caíram enquanto ela observava Gary, cheia de cautela. Não parecia disposta a se arriscar na ratoeira e morder o queijo. Ela apenas farejava

o ar. Fiquei observando os dois, horrorizada e fascinada ao mesmo tempo, mas distante, como se aquela fosse a mãe de outra pessoa, e aquele, algum policial que eu não conhecesse.

– Eu estive naquele hospital com você, Lorraine... e vi como sofreu. Sei o quanto você ama sua filha... Você faria qualquer coisa por ela. – Minha mãe começou a chutar o ar, embaixo da mesa. – Mas às vezes a Annie é bastante teimosa, eu sei, e, por melhor que seja o conselho, ela não ouve, não é mesmo? – Eu não estava gostando do rumo da conversa. – Ninguém ouve seus conselhos, não é? Nem sua filha nem o Wayne. Não deve ser fácil ver o Wayne desperdiçar oportunidade após oportunidade, nada de bom revertendo para você.

– Aquele homem não conseguiria mover um palha sozinho, a menos que eu estivesse ao lado dele. – Sacudindo o rabo de cavalo, ela engrenou: – Tem homem que precisa de um estímulo para perceber seu potencial.

Gary ofereceu um sorriso melancólico:

– Mas você não deveria ter que servir de estímulo para ele, Lorraine. Se o Wayne fosse um marido melhor, colocasse dinheiro em casa... você não precisaria ter feito tudo isso, não é?

Ela começou a balançar a cabeça em sinal de assentimento, mas controlou-se e logo parou.

– E nós dois sabemos que o Wayne deveria ter resolvido a situação com o agiota, para que você pudesse salvar a Annie. Mas ele não resolveu, não foi? Não, ele esperou que você tomasse as rédeas da situação. E agora ele está colocando *tudo* nas suas costas.

Ele se inclinou na direção dela, até que os narizes de ambos quase se tocassem. Ela lambeu o lábio, como se tentasse sorver os derradeiros resquícios de álcool. Ela queria falar, queria contar tudo. Só precisava de um pequeno empurrão.

Com a voz transbordando solidariedade, Gary continuou:

– O Wayne foi uma decepção para você, sem dúvida. Mas *nós* podemos ajudá-la, Lorraine. *Nós* podemos tirar você dessa. Não é sua culpa que as coisas tenham fugido ao controle.

E, com aquele empurrãozinho, ela tombou, com o rosto vermelho e os olhos febris.

– Era para o Simon ficar com ela durante uma semana. Ele me disse que o chalé era confortável. Ele levou mais de um mês preparando tudo para a Annie, mas não quis me dizer onde ficava o chalé, alegando que eu seria mais convincente se não soubesse a localização do cativo. O Simon usaria uma droga que deixaria a Annie calma, para ela não sentir medo... ela ficaria dormindo a maior parte do tempo... e tudo seria totalmente seguro. Ao fim de uma semana, ele deixaria minha filha no porta-malas de um carro e me telefonaria para dizer onde o veículo estava, e eu faria uma denúncia anônima para a polícia. Mas *não ligou*, e o celular que ele me deu não funcionava mais.

Eu nada pude fazer para salvar minha filha. O agiota disse que retalharia meu *rosto*. – Com os olhos arregalados, ela levou as mãos à face. – Mandei o Wayne falar com o sujeito, e ele piorou tanto as coisas que acabamos devendo *mais ainda*.

– Você deu isto ao Simon? – Gary empurrou na direção dela a foto que eu tinha encontrado no chalé.

– Foi a única foto decente que eu pude encontrar... ela sempre franze a testa nas fotos que eu bato.

– Então você acreditava que era importante que ele achasse a Annie atraente?

– Ele tinha visto fotos dela na cela do Dwight, tiradas quando ela era pequena. Ele queria saber como a Annie havia ficado depois que cresceu.

Gary, que estava tomando um gole de café, engasgou-se e teve um acesso de tosse. Em seguida, respirou fundo e pigarreou, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, minha mãe apresentou o argumento final.

– Então, como o senhor pode ver, a culpa *não é* minha... Se o sujeito tivesse seguido *meu* plano, ela nada sofreria. Mas, agora que eu contei tudo, o senhor pode falar com seus chefes e acertar tudo direitinho. – Ela deu um sorriso cheio de graça e esticou o braço por cima da mesa, cobrindo a mão de Gary com a dela. – O senhor sempre me pareceu ser o tipo de homem que sabe cuidar de uma mulher. Eu gostaria de lhe oferecer um jantar bem gostoso, para demonstrar minha gratidão. Inclinou a cabeça e deu mais um sorriso.

Gary bebericou o café durante um tempo. Então, depositou a xícara sobre a mesa e recolheu a mão que estava entre os dedos da minha mãe.

– Lorraine, você está presa. Você não vai a lugar algum... durante muito tempo.

Ela pareceu surpresa. Em seguida, confusa. Por fim, magoada.

– Mas achei que o senhor estava entendendo.

Gary se empertigou.

– Eu estou entendendo, Lorraine. Entendo que você cometeu um crime, descumpriu a lei, várias leis, e não fez nada para corrigir a situação. Entendo que você entregou sua *filha* a um *assassino*. Entendo que o assassino engravidou a Annie e então matou a filha dela. Que ela foi aterrorizada, abandonada, surrada, estuprada e seviciada... sem saber se sobreviveria. Sem saber *por que* aquilo estava acontecendo. Agora, finalmente, eu posso dar a ela uma resposta, mas quem dera não fosse essa a resposta.

No momento em que, retirando-se da sala, Gary passou por ela, minha mãe se levantou e segurou seu braço. Com lágrimas brilhando em seus olhos azuis, ela pressionou os seios contra o braço dele.

– Mas eu *não sabia* que ele era um assassino. Nunca tive intenção de fazer mal a ela... eu sou uma boa mãe... o senhor não entende? – A voz não saiu quando ela

pronunciou a última palavra.

Gary segurou-a pelos ombros, afastou-a lentamente e prosseguiu na direção da porta.

– Isso não é justo!

À porta, ele se virou e disse:

– O que não é justo é a Annie ter uma mãe como a senhora.



Ele entrou no cubículo e se posicionou ao meu lado. Em silêncio, observamos minha mãe através do espelho. Durante alguns segundos após a saída de Gary, a fisionomia dela era de raiva, mas as pálpebras se ergueram no momento em que a coragem se esvaiu e as últimas palavras de Gary foram assimiladas. Ela ficou pálida e cobriu a boca com as mãos. Nada de choro falso agora. O corpo começou a tremer violentamente enquanto ela soluçava. Desesperados, os olhos percorreram a sala vazia. Ela deu um passo atrás, tropeçou e caiu sentada na cadeira, encarando a porta.

– Você quer entrar e falar com ela? – perguntou Gary.

– Agora não posso.

Eu tremia.

Quando perguntei o que iria acontecer em seguida, ele disse que minha mãe e Wayne ficariam detidos até a audiência. Então, seria estabelecida uma fiança. Eu ainda não tinha pensado que o caso pudesse ir a julgamento. Minha mãe, sem dúvida, iria colaborar com a Promotoria. Embora soubesse que não deveria me importar com o que acontecesse a ela, eu me perguntava se minha mãe contrataria um advogado e como eles conseguiriam pagar os honorários.

– E o tal agiota? Eles correm perigo?

– Vamos investigar isso agora. Vamos cuidar para que eles estejam seguros.

Nenhum de nós dois disse uma única palavra enquanto Gary me acompanhava até o carro. Eu com certeza não sabia o que dizer: *Obrigada por prender minha mãe e interrogá-la com tanta perícia... você soube muito bem acabar com ela.*

No momento em que me virei para entrar no meu carro, ele disse:

– Tenho uma coisa para você. – E me entregou um baralho. – Isso estava no bolso do Wayne quando ele foi preso, e ele me pediu que entregasse a você. O Wayne quer que você saiba que ele sente muito. – Gary parou e me olhou com atenção. – Eu também sinto muito, Annie.

– Não se preocupe... isso faz parte do seu trabalho, e você é um ótimo profissional. – Eu sabia que o meu tom de voz expressava amargura, e ele parecia arrasado. – Teria sido ainda pior se ela tivesse escapado – eu disse, embora naquele momento não fizesse a menor ideia se a afirmação era

verdadeira ou falsa.

Eu precisava entender que ele era mais que o homem que, conforme eu havia constatado, tinha acabado de incriminar minha mãe.

– Me conte algo que ninguém sabe a seu respeito.

– O quê?

– Alguma coisa... *qualquer coisa*.

Nós nos olhamos dentro dos olhos.

– Tudo bem – disse ele. – Às vezes, quando não consigo dormir, vou até a geladeira e como creme de amendoim direto do pote.

– Creme de amendoim... é isso? Preciso experimentar qualquer dia.

– Vale a pena... ajuda.

Continuamos nos encarando. Então entrei no carro e fui embora. Pelo retrovisor, vi que ele me olhava, até que dois policiais se aproximaram, deram um tapinha nas costas dele e apertaram sua mão. Acho que aquele dia seria comemorado pelos tiras. Olhei para o lado, vi o baralho no banco do carona e me dei conta de que ainda estava usando o casaco do Gary.



Os jornais farejaram a coisa mais rápido do que minha mãe era capaz de servir um drinque, e meu telefone não para de tocar. Surpreendi um repórter espionando minha janela ontem. Emma pôs o sujeito para correr. Agora não sou apenas a garota que desapareceu. Agora sou a garota cujo sequestro foi encomendado pela própria mãe. Não sei se vou conseguir lidar com toda essa merda novamente.

Telefonei para o Luke ontem porque queria contar o que aconteceu antes que ele lesse a notícia no jornal. Ele estava em casa e, por um segundo, pensei ter ouvido uma voz de mulher ao fundo, mas talvez tenha sido a TV.

Disse a ele o que minha mãe havia feito e que ela estava presa.

De início, ele ficou horrorizado e perguntou mais de uma vez se eu tinha certeza. Mas, quando repeti a versão que ela apresentou, ele disse:

– Essa não! Ela deve estar se sentindo muito mal... parece que ela perdeu totalmente o controle da situação.

Ele teve pena *dela*? Onde estava a indignação pelo que tinha acontecido comigo? Senti vontade de repreender o Luke. Mas reagi com indiferença.

Depois que desliguei, vi uma foto de nós dois num porta-retrato em cima da lareira. Parecíamos tão felizes.

No dia seguinte, telefonei para Christina e contei tudo. Ela respirou fundo e disse:

– *Deus do céu*, Annie. Você está bem? Não, como poderia estar? Vou até aí agora mesmo. Vou levar uma garrafa de vinho... vai ser suficiente? Não,

precisamos de uma caixa. Sua mãe? Sua própria mãe fez isso?

– Pois é... a coisa ainda não entrou na minha cabeça. Será que a gente pode pular o vinho? Eu só preciso... só preciso de um tempo.

Ela fez uma pausa e disse:

– É claro, sim, é claro... se precisar de mim, é só telefonar, certo? Eu largo tudo e vou imediatamente.

– Eu ligo, sim... e obrigada.



Eu não disse à Christina nem ao Luke que não fui acampar e nem vou dizer. Também não vou dizer à Christina que minha mãe tentou incriminá-la. Nos últimos dias, ouço um lamento constante na minha mente. E não consigo parar de chorar.

VIGÉSIMA SEXTA SESSÃO

Peço desculpa por ter faltado à última sessão, mas visitei minha mãe e precisei de um tempo para me recuperar. Quer saber de uma coisa? É engraçado: depois que eu a vi, senti muita vontade de dormir no closet. Fiquei em pé diante da porta durante um bom tempo, o travesseiro nas mãos, mas eu sabia que entrar ali significava um retrocesso. Então dei meia-volta, deitei na cama e fiquei me lembrando do seu consultório. Imaginei que estava no seu divã e que você estava cuidando de mim. Foi assim que peguei no sono.



Minha mãe foi trazida de volta à sala de entrevistas. Os olhos dela cruzaram com os meus por um instante e depois se desviaram, no momento em que ela sentou diante de mim. As mangas do macacão largo e cinzento estavam enroladas e a cor do uniforme dava à pele um tom meio cinza. Fazia anos que eu não via minha mãe de rosto lavado. Os cantos da boca pareciam caídos e, sem o batom rosa-chiclete, os lábios estavam tão pálidos que se mesclavam à pele.

Meu coração pulava dentro do peito, enquanto minha mente se debatia para encontrar o que dizer... *Oi, mãe. Puxa vida... que negócio é esse de me sequestrar?...* e para saber se de fato eu queria ouvir a resposta a essa pergunta. Mas, antes que eu pudesse abrir a boca, ela disse:

– O que a Val anda falando por aí?

Pega de surpresa, eu respondi:

– Ela deixou um recado, mas eu não...

– Não diga a ela *coisa alguma*.

– Como?

– Só fale com ela depois que nós decidirmos o que vamos fazer.

– *Nós?* Você está sozinha nessa parada, mãe. Estou aqui só para você me explicar por que fez isso comigo.

– O Gary disse que você foi informada sobre tudo. Você *tem* que me ajudar, Annie... você é minha única chance de...

– Por que diabos eu ajudaria *ocê?* Você *paga* alguém para me sequestrar, para me *fazer mal*, e ainda...

– NÃO! Eu não quis fazer mal a você... a coisa... tudo... saiu errado... está *tudo* errado, e agora... – Ela enfiou a cabeça entre as mãos.

– E agora minha vida está ferrada, e você está na cadeia. Que maravilha, mãe!

Ela levantou a cabeça e olhou em volta, com um olhar desesperado.

– Isto não está certo, Annie. Eu não posso ficar aqui. Eu vou *morrer*. – Curvou-se sobre a mesa e agarrou minha mão. – Mas se você falar com a polícia... você pode dizer que não vai formalizar a queixa, ou pode explicar que entende por que eu tive que...

– Eu *não* entendo, mãe. – Puxei a mão.

– Eu não tive escolha... você sempre ficava em *segundo lugar*.

– A culpa foi *minha*?

– Você via como a Val me tratava. Como ela nos desprezava.

– E via como você tratava sua irmã, mas ela não mandou sequestrar a filha, mandou?

Com os olhos cheios de lágrimas, ela disse:

– Você não faz ideia, Annie. *Não faz ideia* do que tenho passado... – Ela se calou.

– Tem a ver com o Dwight, não é?

Silêncio.

– Se você não me contar, eu vou ter que perguntar à tia Val.

Minha mãe se apoiou sobre a mesa.

– Você **NÃO PODE FAZER ISSO COMIGO**. Ela vai usar isso para...

A porta se abriu e foi possível ver o rosto de um policial.

– Tudo bem por aqui?

– Tudo bem – respondi.

Minha mãe concordou com a cabeça e o policial fechou a porta.

– Como você pode imaginar, a imprensa já está falando com a tia Val.

Os ombros dela ficaram rígidos.

– Os repórteres vão querer saber detalhes a seu respeito: que tipo de criança você foi, o que aconteceu na sua infância para você se tornar uma mãe tão medíocre.

– Eu sou uma *ótima* mãe, bem diferente da minha. E a Val nunca vai falar sobre nossa infância. Ela não quer que as pessoas do mundinho perfeito dela descubram o que ela fez – O tom de voz se tornou reflexivo. – Para ela, isso seria horrível... – Começou a bater com a unha no tampo da mesa.

Fiquei apavorada.

– Mãe, não torne a situação pior do que...

Ela se inclinou sobre a mesa.

– Ela era a filhinha predileta do papai, entende? Mas era ainda *mais querida* pelo nosso padrasto. – Exibiu um sorriso amargo. – Quando minha mãe percebeu que o marido estava transando com uma das filhas dela, a Val disse que era comigo. De repente, minhas coisas estavam no meio da rua e nosso padrasto fugiu da cidade. Se não fosse o Dwight, eu teria que morar dentro de uma caixa de papelão.

– O Dwight?

– Quando fui expulsa de casa, fui morar com ele. Eu trabalhava como garçõnete e ele como pedreiro, quando tivemos a ideia do banco. – Os olhos dela brilharam. – Depois que ele foi preso, eu mal conseguia sobreviver, e olha que eu trabalhava em dois turnos. Então a Val apareceu, trazendo um sujeito que havia acabado de conhecer, se gabando da casa dos pais do cara, do sucesso que era a joalheria deles...

– Meu pai.

Ficamos caladas por alguns segundos.

– Depois que o Dwight foi solto, combinamos ficar juntos... o problema é que precisávamos de dinheiro. Mas ele foi preso de novo e eu disse a ele que tinha que tocar a minha vida... e foi o que fiz: casei-me com o Wayne. – Sacudiu a cabeça. – Só quando pareceu que você ganharia aquele empreendimento é que pensei que as coisas melhorariam para mim. Então fiquei sabendo que a Christina seria sua concorrente. E ela era uma corretora muito mais competente que você. – A frase foi pronunciada entre dentes. – Se você perdesse, a Val iria se sentir superior pelo resto da minha *vida*.

– Então, você resolveu arruinar minha vida...

– Meu plano teria *ajudado* você... você teria dinheiro pelo resto da vida. Mas nada deu certo. O Wayne foi um inútil, mas o Dwight ao menos tentou fazer alguma coisa.

– Ele roubou aquela loja a seu pedido?

Ela assentiu.

– Eu dei o número do seu telefone àquele produtor de cinema, mas você estava desperdiçando um tempo precioso e eu precisava fazer um pagamento ao agiota. Não sei onde o Dwight está agora.

– Você não se incomoda nem um pouco com o que me fez passar?

– Odeio o que aquele sujeito fez com você, mas era para você ter ficado desaparecida *só uma semana*, Annie. O que aconteceu depois foi um acidente.

– Como você pode dizer que foi um acidente? Você contratou um homem que me estuprou, que causou a morte da minha filha!

– Foi a mesma coisa quando você quis sorvete e pediu ao seu pai que fosse comprar.

Foi preciso alguns segundos até que eu pudesse assimilar aquelas palavras, e outros tantos para encontrar minha voz.

– Você está se referindo ao acidente?

Ela assentiu com a cabeça.

– Sua *intenção* não era matar os dois.

Meu peito se contraiu e todo o ar escapou do meu corpo. A dor foi tão intensa que pensei estar sofrendo um enfarte. Em seguida, comecei a suar frio e tremer. Procurei no semblante dela alguma indicação de que eu tinha entendido mal,

mas ela parecia satisfeita, *vingada*.

Meus olhos se encheram de lágrimas, e eu disse, engasgada:

– Você... você culpa *a mim* pela morte deles. Foi por isso então que você...

– É claro que não!

– É sim. Você *sempre* me culpou. – Comecei a chorar. – Foi por isso que você achou que era certo...

– Você não está me ouvindo, Annie. Eu sei que você só queria sorvete... você não planejou a morte deles. E eu nunca quis lhe fazer mal algum. Eu só queria que a Val parasse de se sentir superior a mim.

Eu ainda estava zozna quando minha mãe disse:

– Mas ela não vai ficar por cima durante muito tempo. Amanhã vem um advogado falar comigo. – Levantou-se e começou a caminhar diante da mesa. Notei que seu rosto estava vermelho. – Vou contar a ele o que foi crescer tendo a Val como irmã, o que ela fez com nosso padrasto, o que foi minha vida depois que fui expulsa de casa... vou dizer que ela sempre me diminuiu... isso é *assédio moral*. – Parou de repente e virou-se para mim. – Eu me pergunto se ela vai comparecer ao tribunal. Se for, ela vai ser obrigada a ver meu advogado...

– Mãe, se o caso for a júri, minha vida vai ser arruinada... mais uma vez. Eu vou ter que falar sobre o que aconteceu. Vou ter que *descrever* como ele me estuprou.

Ela continuou andando de um lado para outro.

– É isso! Precisamos fazer com que ela seja obrigada a depor e descrever o que ela fez!

– MÃE!

Ela parou e olhou para mim.

– Não faça isso comigo – pedi.

– Isso nada tem a ver com você, Annie.

Abri a boca para argumentar, mas fiquei paralisada, pois as palavras dela faziam sentido. Ela estava certa. No fim das contas, não importava se ela havia feito tudo por dinheiro, para chamar atenção ou se vingar da irmã de uma vez por todas. Nada tinha a ver comigo. *Nunca* teve a ver comigo. Nem com ela nem com o Maníaco. Eu nem sabia qual dos dois era mais perigoso.

No momento em que me levantei e me dirigi à porta, ela perguntou:

– Aonde você vai?

– Para casa.

Continuei andando.

– Annie, *pare*.

Dei meia-volta, preparada para lágrimas, desculpas e pedidos de “não me abandone”.

– Não diga nada a ninguém antes que eu tenha uma chance – recomendou. –

Isso precisa ser conduzido da maneira certa, senão...

– Que merda! Você ainda não entendeu, não é mesmo?

Ela olhou para mim sem qualquer expressão.

Balancei a cabeça.

– E nunca vai entender!

– Quando você voltar, traga um jornal, para eu poder...

– Eu não vou voltar, mãe.

Os olhos dela se arregalaram.

– Mas eu preciso de você, Annie querida.

Bati na porta e disse:

– Ora! Acho que você vai se virar muito bem. – O policial de plantão abriu a porta. Enquanto ele trancava minha mãe, desabei num banco encostado à parede oposta. O policial me perguntou se eu estava bem e se eu queria que ele chamasse o Gary. Eu disse que só precisava de alguns minutos, e o policial me deixou sozinha.

Contei os tijolos da parede até meus batimentos cardíacos voltarem ao normal. Então fui embora da delegacia.



Os jornais ficaram sabendo da minha visita à cadeia, e as primeiras páginas do dia seguinte traziam especulações nas manchetes. Christina deixou um recado pedindo que eu ligasse para ela caso quisesse conversar, a qualquer hora do dia ou da noite. Ela tentou disfarçar, mas pelo tom de voz pude perceber que estava magoada porque eu nada tinha dito sobre a visita. Tia Val também deixou uma mensagem um tanto evasiva, que me fez indagar o quanto ela sabia. Mas não liguei de volta para nenhuma das duas. Não telefonei para *ninguém* que me deixou mensagem do tipo “ligue para mim se quiser conversar”. Conversar sobre *o quê?* Estava tudo acabado. Tinha sido minha mãe. Ponto final.

Alguns dias depois, coloquei o folheto da escola de arte na mesinha de cabeceira. Quando olhei para o papel no dia seguinte, pensei: *Foda-se... se vou atrás do meu sonho, preciso de dinheiro*. Então me rendi e telefonei para a produtora de cinema. Tivemos uma boa conversa. Eu estava certa: ela parecia ser uma pessoa sensível e, pelo jeito, respeitaria minha vontade. Embora seja de Hollywood, ela fala como uma pessoa normal.

Um lado meu ainda não quer o filme, mas não tenho dúvida de que ele vai ser feito. E, se alguém vai se beneficiar de uma produção sobre minha vida, que esse alguém seja eu. Além disso, o filme não será exatamente sobre mim, mas sobre uma versão hollywoodiana da minha pessoa. Quando chegar às telas, será apenas um filme. Não será minha vida.

Concordei em me encontrar com a produtora e o chefão dela na semana

seguinte. Estão falando em valores elevados, tão elevados que terei condições de viver com tranquilidade pelo resto da vida.



Assim que saí do telefone, liguei para Christina. Eu tinha certeza de que ela pensaria que eu estava telefonando para falar sobre minha mãe. Por isso, quando eu disse que finalmente deixaria a cidade para estudar, interpretei o silêncio como sinal de surpresa. Mas, quando o silêncio perdurou, eu disse:

– Lembra? Aquela escola, nas Montanhas Rochosas, que eu sempre comentava quando estávamos no colégio?

– Lembro, sim. Só não sei por que você vai agora.

O tom de voz era tranquilo, mas pude notar certa decepção. Mesmo na época da escola ela nunca me incentivou a estudar fora, mas eu achava que era só porque ela sentiria minha falta. Eu não sabia qual o motivo desta vez, nem queria saber.

– Porque eu quero – respondi. – E ficaria muito grata se você colocasse minha casa à venda.

– Sua casa? Você já vai vender a casa? Tem certeza de que não prefere alugar, por...

– Absoluta. Quero dar um jeito na casa nas próximas semanas. Mas eu gostaria de cuidar logo da papelada. Então, quando você pode passar aqui?

Ela ficou calada por algum tempo e respondeu:

– Acho que posso dar uma chegada aí no fim de semana.



No sábado pela manhã ela apareceu na minha casa. Enquanto preenchíamos os formulários, eu falei a respeito da escola e disse que estava contando as horas para partir, que no dia seguinte iria de carro até lá para dar uma olhada, e seria muito bom deixar toda aquela merda para trás. Ela não disse nada de negativo, mas sua reação não foi entusiasmada.

Após cuidarmos das questões burocráticas, nós nos sentamos lado a lado nos degraus da varanda, sob o sol da manhã. Eu queria falar com ela sobre outro assunto.

– Acho que sei o que você queria me dizer naquela noite que veio aqui em casa e me fez pintar as paredes – comentei. Os olhos dela se arregalaram e o rosto ficou vermelho. – Pode esquecer... não estou zangada com você... nem com o Luke. Essas merdas acontecem.

– Foi só uma vez, eu juro – disse ela, num tom de voz agitado. – A gente bebeu um pouco... mas aquilo não significou nada. Estávamos muito angustiados com sua situação, e ninguém sabia o que a gente estava sentindo...

– Tudo bem, eu entendo. Por causa dessa situação toda, fizemos coisas das quais nos arrependemos, mas não quero que você se arrependa *disso*. Talvez precisasse acontecer mesmo. Em todo caso, já não importa.

– Você tem *certeza*? Porque eu sinto que...

– Eu superei essa questão. De verdade. Agora, você poderia por favor superar isso também? – Dei um leve esbarrão no ombro dela e fiz uma cara engraçada. Ela retribuiu a careta e nos calamos, observando um jovem casal que passava com um carrinho de bebê pela frente da casa.

– Ouvi dizer que sua mãe andou espalhando que eu tentei derrubar você naquele empreendimento, antes de você ser sequestrada – disse ela depois de algum tempo.

– Pois é, ela disse que sua assistente contou a uma amiga dela que você era minha concorrente, mas sei que era mais uma mentira.

– Acontece que isso tem um fundo de verdade. Os construtores pediram que eu montasse uma proposta e chegamos a nos reunir algumas vezes. Eu sabia que eles estavam contatando outra corretora, mas só fiquei sabendo que você estava no páreo quando me contou. Eu saí da disputa imediatamente e eles só me procuraram depois do seu desaparecimento.

– Você saiu? Por quê?

– É preciso trabalhar com ética. Sua amizade era mais importante.

– Foi uma pena você não ter dito nada, pois eu teria saído, deixando o empreendimento para você. Você tinha muito mais experiência e esperou mais tempo que eu por um negócio como aquele.

– Foi por isso que fiquei quieta – disse Christina. – Eu sabia que acabaríamos brigando para decidir quem desistiria!

Começamos a rir, mas Christina logo se calou, ao contemplar meu jardim.

– Esta casa é tão boa!

Que merda! Eu sabia qual seria o rumo da conversa.

– É, sim, e tenho certeza de que alguém vai adorar.

– Mas *você* adora esta casa, Annie... e vai ser mesmo uma pena...

– Christina, chega.

Ela ficou calada por alguns segundos, com o corpo contraído ao lado do meu. Em seguida, balançou a cabeça.

– Não. Desta vez, não. Eu respeitei suas vontades nesses últimos meses, fiquei quieta enquanto você lutava com toda essa coisa sozinha, mas não vou deixar você fugir, Annie.

– Fugir? Quem falou em fugir? Estou finalmente encontrando meu caminho, Christina. Eu esperava que você fosse ficar feliz com a notícia.

– Vender a casa que você ama? Estudar arte nas Montanhas Rochosas quando uma das melhores faculdades fica a uma hora daqui? Isso não é encontrar o caminho. Você mesma disse que vai deixar tudo para trás.

– Eu quero estudar nessa faculdade desde criança e esta casa me faz lembrar de tudo na minha vida, inclusive da minha mãe.

– Exatamente, Annie. Você vem querendo fugir da sua mãe desde criança. Acha que isso vai fazer a dor ir embora? Você não vai conseguir apagar tudo o que aconteceu.

– Você está me gozando? Pensa que estou tentando esquecer o que me aconteceu?

– Sim, acho que sim, mas você não vai conseguir. Todos os dias você pensa no que aconteceu, não é? E eu fico muito chateada porque você não confia em mim o suficiente para me contar o que aconteceu. Fico chateada porque você acha que não tenho condições de lidar com a coisa.

– Isso não tem nada a ver com *você*. Tem a ver comigo. *Eu* não tenho condições de lidar com isso. Eu mal consigo falar no assunto com minha terapeuta. E contar *em voz alta* a alguém que me conhece... contar o que ele fez, o que *eu* fiz... ver nos seus olhos...

– Você sente vergonha? É isso? O que aconteceu não foi culpa sua, Annie.

– É, sim... você não entende? Não, você não entende... não poderia entender. Porque você nunca permitiria que uma coisa dessas acontecesse com você.

– É *isso* o que você pensa? Deus do céu! Annie, você sobreviveu durante um ano ao lado de um maníaco, teve que *matar* o cara para conseguir fugir, e eu não consigo nem fugir do meu casamento.

– Do seu casamento? O que está acontecendo com seu casamento?

– O Drew e eu... a coisa não está nada boa. Estamos falando em divórcio.

– Que merda! Você nunca disse...

– Você queria falar de amenidades, lembra? Não tem muita amenidade num casamento que está acabando. – Ela deu de ombros. – Nós já estávamos tendo problemas antes de você ter sido sequestrada, mas neste último ano a coisa piorou.

– Por minha causa?

– Em parte, sim. É que eu fiquei obcecada pela ideia de encontrar você... mas mesmo antes disso... você sabe que no nosso trabalho não sobra tempo para muita coisa. Eu achava que a nova casa ajudaria, mas... – Deu de ombros novamente.

Um mês antes do meu sequestro, eles tinham comprado uma casa, e ela não parava de falar nos móveis novos que os dois estavam comprando. Eu achava que o relacionamento deles fosse excelente.

– Tanta coisa mudou, Annie. Depois do seu desaparecimento, eu tive pesadelos todas as noites, durante quase um mês. Não faço mais plantões sozinha. Na semana passada, um estranho me telefonou pedindo para ver uma casa vazia, e eu o encaminhei a outro corretor. Durante um ano inteiro, tudo girou em torno das tentativas de encontrar você. Por fim, o Drew me convenceu a fazer aquele

cruzeiro, e eu não estava aqui para lhe dar apoio quando você ficou hospitalizada. E, agora que você voltou para casa, eu ainda não pude curtir sua volta... eu sinto sua falta. E não dá mais para ignorar a situação do meu casamento. O Drew quer fazer terapia de casal, e eu não sei que *merda* eu quero fazer...

Começou a chorar. Fixei os olhos no gramado e pisquei para conter as lágrimas.

– Essa *coisa*... essa coisa *horrível*... não afetou apenas você. Afetou *todo mundo* que gosta de você. E mais, afetou a cidade inteira... afetou mulheres por todo o país. A vida de muita gente mudou, não apenas a sua.

Comecei a contar as folhas na grama.

– *Nada* disso é culpa sua. Eu só quero que você saiba que não está sozinha. Outras pessoas também estão sofrendo. É por isso que eu entendo por que você quer fugir. Eu também quero fugir, mas você precisa fincar o pé e encarar a situação. Eu amo você, Annie, como uma irmã. Mas desde que nos conhecemos você mantém uma distância entre nós. E agora você está prestes a aumentar essa distância. Você desistiu. Como ele desistiu...

– Ele quem?... Que merda! Christina, por favor, você não está me comparando com aquele babaca.

– Mas a coisa era demais para ele, certo? Conviver com outras pessoas? Então, ele fugiu...

– Eu não estou *fugindo*. Estou seguindo em frente e construindo uma nova vida para mim. *Jamais* compare isso com o que ele fez. Chega desse papo. – Ela me encarou. – Na verdade, acho melhor você ir embora.

– Está vendo? Lá vai você, fugindo. Estou fazendo você *sentir* alguma coisa, mas você não aguenta, não consegue encarar a realidade. Então, a única coisa que consegue fazer é me mandar embora.

Eu me levantei, entrei em casa e bati a porta. Alguns minutos depois, ouvi o carro dela se afastando.



Gary me telefonou naquela noite, para dizer que o agiota tinha sido localizado e que a polícia estava preparando uma acusação contra o cara. Disse também que minha mãe vinha recebendo várias visitas e dando entrevistas a qualquer um.

– Isso não é surpresa para mim – comentei. – Mas tenho uma surpresa para você. – Disse a ele que finalmente correria atrás de um sonho.

– Que bom, Annie! Parece que você está no caminho certo.

Feliz ao constatar que ele não concordava com Christina, afirmei:

– Estou chegando lá. E você?

– Também tenho pensado na vida. Um dos caras que me treinou está abrindo uma consultoria e me convidou para ser sócio. Posso morar onde quiser, posso

vijar, fazer apresentações, folgar quando quiser.

– Pensei que você gostasse do seu trabalho.

– Eu também, mas depois que concluímos seu caso comecei a me questionar... e agora, com o divórcio... não sei, não... Mas parece ser um bom momento para mudar de vida.

Eu ri.

– Pois é, entendo exatamente o que está dizendo. Ainda estou com seu casaco, sabia?

– Eu sei, não estou com pressa. Acabei de comprar um carro novo, sabia? Um Yukon Denali...

– Nossa! Você está mesmo a fim de mudar de vida. Então é verdade que caras que estão passando pela crise da meia-idade gostam de carros esportivos?

– Ei! Quando tomo uma decisão, eu vou fundo. Mas o que eu estava querendo dizer, sua sabidinha, é que eu pretendo fazer uma viagem com o carro novo qualquer fim de semana. Se eu for lá para seus lados, ou quando você voltar aqui na época do julgamento, eu gostaria de convidá-la para um café ou almoço.

– Eu vou estar muito ocupada com as aulas.

– Como eu disse, não estou com pressa.

– Você leva o creme de amendoim?

– Quer saber? Talvez eu leve mesmo. – Ele riu.

– Acho que eu tenho algumas colheres.



Na manhã seguinte, acordei cedo e fui de carro até a escola. Que sensação agradável... sair dessa cidade ainda que por alguns dias. As Rochosas são deslumbrantes nesta época do ano e, ao observar aqueles picos imensos, lançando-se ao céu, quase esqueci a discussão com Christina. Fiz a viagem toda de janelas abertas, para que o perfume dos pinhões invadissem meu carro. Emma viajou no banco traseiro, com a cabeça para fora da janela, quando não estava tentando lamber meu pescoço. A viagem até a escola e o encontro com o belo edifício em estilo Tudor, com as Rochosas como cenário, me deixaram eufórica. As coisas seriam diferentes ali.

Depois que estacionei, Emma e eu demos uma volta pelo campus. Quando passei por duas garotas sentadas no gramado, desenhando, uma delas olhou para mim e trocamos um sorriso. Eu tinha esquecido como era agradável ganhar um sorriso de um desconhecido. Mas em seguida o olhar se fixou e percebi que ela havia me reconhecido. Desviei a atenção no momento em que ela cutucou a colega. Voltei ao carro com Emma e procurei o departamento de admissão.

Era tarde demais para iniciar os estudos em setembro. Preenchi então a papelada para as aulas de janeiro. Eu não tinha levado meu portfólio, mas mostrei meus esboços ao professor encarregado de orientar os novos alunos. Ele

disse que não via problemas quanto à minha admissão e sugeriu os trabalhos que eu deveria submeter. Fiquei decepcionada por ter que esperar, mas o professor disse que eu poderia assistir a algumas aulas noturnas a fim de me preparar para o curso.

A caminho de casa, comecei a fazer planos para a mudança iminente, mas, ao me aproximar de Clayton Falls, as palavras de Christina – “Você está fugindo” – me assustaram. Eu mal podia acreditar que ela havia se atrevido a dizer aquilo. Que diabos ela estava pensando? E aquela coisa de me dizer que não estou sozinha? É claro que estou sozinha. Minha filha morreu, meu pai morreu, minha irmã morreu e minha mãe... era como se tivesse morrido. Quem era Christina para julgar qualquer ato meu?

Você está fugindo.



Horas mais tarde, estacionei diante da casa de Christina, andei até a porta da frente e bati com força.

– Annie!

– O Drew está em casa?

– Não, ele está passando uns tempos na casa de um amigo. O que houve?

– Escute, sei que você está passando por um momento difícil, Christina. Mas isso não lhe dá o direito de se meter na minha vida. A vida é minha, *minha*. Não é sua.

– Tudo bem, Annie... eu só...

– Por que você não me *deixa* em paz? Você não faz ideia do que eu passei.

– Não, não faço. Até porque você se recusa a me contar.

– Como você pôde me dizer aquelas coisas? Minha mãe mandou me *sequestrar*, Christina.

– É... mandou mesmo.

– Ela mentiu para mim.

– Mentiu para todo mundo.

– Ela me deixou naquela montanha. Sozinha.

– Completamente sozinha.

– Minha própria mãe fez isso comigo.

– Sua *mãe*, Annie.

– E agora ela está na cadeia. Não tenho mais ninguém. Ninguém.

– Você tem a mim.

Então desabei.



Christina não me abraçou enquanto eu chorava. Ela sentou ao meu lado, com o

ombro encostado ao meu, enquanto eu desfiava as queixas contra minha mãe. Cada injustiça que ela cometeu contra mim desde a infância, cada sonho frustrado, cada desejo insatisfeito. E, depois de cada desabafo, Christina não dizia: “Sim, ela fez isso. Foi um grande erro. Você foi vítima disso tudo.”

Por fim, os soluços se transformaram em suspiros e uma estranha serenidade se abateu sobre mim.

– Por que você não pega a Emma no carro e a gente toma um chá? – disse Christina.

Resolvemos colocar pijamas. Christina me emprestou um e disse, abrindo um sorriso:

– É de seda.

– Claro – respondi, sorrindo timidamente.

Em seguida, diante de um bule cheio de chá, sentamos à mesa da cozinha. Respirei fundo.

– Minha bebê? O nome dela era Esperança.

AGRADECIMENTOS

Meu Deus! A quanta gente sou grata pelo apoio que recebi ao escrever este livro! É impossível citar os nomes em ordem de importância, então vou começar pelo início, onde todas as boas histórias começam.

Minha tia, Dorothy Hartshorne, por ter lido todas as versões, discutido comigo aspectos da psicologia e me incentivado. Minhas leitoras “cobaías”, Lori Hall, Tracy Taylor, Beth Helms e Clare Henderson, por terem achado tempo para ler meu livro e partilhar suas ideias. Minha incrível mentora, Renni Browne, pela sutileza de seus insights e por acreditar em mim. Peter Gelfan e Shannon Roberts também deram opiniões valiosas que me ajudaram a levar *Identidade roubada* a um patamar superior.

Por compartilharem comigo seu conhecimento profissional, sou grata aos policiais B. D. McPhail, H. Carlson e J. Moffat, bem como ao sargento J. D. MacNeill, ao Dr. E. Weisenberger, a Peter Gallacher e Stephanie Witzaney. Eventuais equívocos e exageros são de minha inteira responsabilidade.

Agradeço à minha fantástica agente, Mel Berger, por ter respondido a todas as minhas perguntas com paciência e sabedoria – e Deus sabe quantas perguntas fiz! Um grande “muito obrigada” à minha editora, Jen Enderlin, que gostou tanto do livro a ponto de publicá-lo, e trabalhou comigo para fazê-lo cruzar a linha de chegada. Minha gratidão ao restante da equipe de Editora St. Martin, que tornou esta experiência grandiosa: Sally Richardson, George Witte, Matthew Shear, Matthew Baldacci, John Murphy, Dori Weintraub, Ann Day, Lisa Senz, Sarah Goldstein, Sara Goodman, Elizabeth Catalano, Nancy Trypuc, Kim Ludlam, Anne Marie Tallberg, bem como às equipes de vendas que trabalham no escritório da Broadway e da Quinta Avenida. Agradeço também a Tom Best, Lisa Mior e a todo o pessoal da H. B. Fenn.

Sou grata a Don Taylor e Lisa Gardner pela ajuda na divulgação do livro.

Quero agradecer a todos os amigos e parentes que acreditaram em mim, mesmo quando eu ameaçava atear fogo ao manuscrito. Com todo o meu amor, agradeço ao meu marido, Connel, que sempre faz com que eu me sinta a mulher mais sortuda do mundo.

Embora Vancouver Island exista no mapa do Canadá, todas as cidades mencionadas neste livro, inclusive Clayton Falls, são fictícias.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga-nos no Twitter @editoraarqueiro.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e
sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para o Twitter @editoraarqueiro.

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br